

## Desenvolvimento do Texto Dissertativo-Argumentativo

O objetivo do desenvolvimento em um texto dissertativo-argumentativo é fundamentar e comprovar a tese, reafirmando-a por meio de argumentos pertinentes e coerentes entre si. Nessa parte do texto, composta de dois a três parágrafos em média, é necessário esclarecer as afirmações feitas, sem deixar essa tarefa para o leitor.

Ao desenvolver a argumentação, podem ser utilizadas as estratégias que explicitam o projeto do texto e o raciocínio que fundamenta o ponto de vista defendido. Assim, organizam-se os argumentos por meio da relação de causa e consequência; da referência a fatos ou situações historicamente relevantes, que marcaram a sociedade e serão associados à atualidade; da utilização de discurso de autoridade, com citação de declarações de pessoas de reconhecido saber e legitimadas social ou academicamente. A referência a pesquisas, dados estatísticos, entre outras informações colhidas em fontes confiáveis e públicas, também é uma forma de dar consistência aos argumentos e demonstrar um repertório sociocultural. É mais coerente e eficaz focar um argumento em cada parágrafo de desenvolvimento, a fim de que as ideias sejam bem trabalhadas.

O desenvolvimento está diretamente relacionado à **introdução**, funcionando como expansão e aprofundamento daquilo que foi tratado inicialmente. Ele também está condicionado ao **projeto de texto**, ou seja, ao **planejamento da escrita** implícito à redação (a organização prévia das ideias que se reflete no modo como o autor cumpre o que anuncia na introdução e na tese).

É no desenvolvimento, portanto, que a argumentação será construída.

Argumentar é apresentar razões, discutir com objetividade e raciocínio lógico, visando conduzir o interlocutor (leitor / avaliador) à certeza das evidências apresentadas.

A argumentação, no texto dissertativo-argumentativo, deve ocorrer para convencer da pertinência e da fundamentação do posicionamento defendido, de modo a influenciar o leitor a aderir a um ponto de vista ou aceitá-lo, ainda que não concorde com ele.

Nesse sentido, é preciso atenção para não confundir argumento com adjetivação, qualificação de uma realidade. É preciso apresentar um conjunto de fatores que confirmem o que foi afirmado, demonstrando que houve um raciocínio lógico para sustentar o ponto de vista.

Para o exercício da argumentação, não basta expor as ideias que se tem sobre determinado tema; é preciso trazer o conflito das vozes (opiniões sobre o que é abordado), consolidar uma posição e dar consistência aos argumentos. É necessário, desse modo, mobilizar, simultaneamente, as seguintes habilidades no desenvolvimento do texto:

**Selecionar:** Escolher os fatos, opiniões, informações e argumentos relevantes contidos no repertório dos textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo da vida escolar, relacionados ao tema e ao ponto de vista defendido.

**Relacionar:** Associar os fatos, opiniões, informações e argumentos selecionados para guiar o leitor / avaliador em direção ao ponto de vista defendido. Isso significa encadear as ideias de forma progressiva, coerente, desenvolvendo o que foi selecionado para construir de fato a argumentação. Argumentos não desenvolvidos exigem que o próprio leitor relacione as ideias, o que compromete muito o texto.

**Organizar:** Expor de forma hierarquizada os fatos, opiniões, informações e argumentos selecionados. Trata-se de colocar em primeiro plano as ideias mais importantes e, em torno delas, as secundárias (complementares). Fazer esse encadeamento ordenado das ideias é fundamental para garantir um projeto de texto bem-sucedido.

**Interpretar:** Explicar, justificar os fatos, opiniões, informações e argumentos utilizados, contextualizando-os em torno do tema e do ponto de vista defendido. Isso significa ir além da mera afirmação do argumento; é preciso evidenciar a consistência e a pertinência do que foi dito em relação ao tema e ao posicionamento defendido.

Desse modo, é exatamente no espaço do desenvolvimento que se deve definir a melhor maneira de apresentar ideias, dados, informações e opiniões selecionadas no planejamento, estabelecendo como elas serão relacionadas e quais os recursos que utilizaremos para isso.

Nesse sentido, o desenvolvimento do texto é importante para demonstrar a coerência, a capacidade argumentativa e, principalmente, a **autoria**.

Um texto autoral é aquele em que o produtor é capaz de se posicionar em relação aos dados e às informações apresentados, analisando-os e criticando-os. A autoria relaciona-se ao cumprimento do projeto de texto, ou seja, à capacidade de selecionar, relacionar, organizar e interpretar dados, informações e opiniões para fundamentar o ponto de vista defendido.

A seguir, foram elencadas algumas estratégias que vão contribuir para a elaboração do percurso argumentativo do seu texto. Leia-as analisando os exemplos apresentados.

## Fazer pergunta e apresentar resposta

Algumas vezes, no desenvolvimento do texto, podemos fazer perguntas para, ao respondê-las, reafirmarmos a tese que estamos construindo e defendendo. No texto a seguir, o autor reflete sobre o papel da comunidade científica para superar o desafio de educar a sociedade sobre a importância da ciência e, assim, reverter o quadro de desvalorização da área, do ponto de vista das políticas públicas.

### **Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre**

**A divulgação científica sempre foi deficiente no Brasil, mas nunca fez tanta falta quanto agora.** A crise orçamentária que foi imposta à ciência brasileira nos últimos anos escancarou o abismo de comunicação que existe entre a comunidade científica-acadêmica e a sociedade da qual ela faz parte e à qual ela deveria servir. Um abismo que sempre existiu, mas nunca incomodou, porque nenhum dos lados fazia muita questão de conversar com o outro. Os cientistas não precisavam do apoio da sociedade para conseguir recursos para suas pesquisas – bastava impressionar seus pares nas agências de fomento, publicar um *paper* no final, e estava tudo certo. A sociedade, por sua vez, nunca enxergou (nem foi ensinada a enxergar) a importância ou a relevância da ciência para as suas vidas; portanto, não havia muito sobre o que conversar.

Agora, a conversa é outra. **O dinheiro secou, e os cientistas se viram obrigados a fazer algo que nunca precisaram fazer antes: convencer as pessoas de que a ciência é importante e merece (precisa!) ser financiada pelo poder público, para o bem de todos.** Não basta mais convencer os seus pares do mérito científico de seus projetos – “pregar para os convertidos”, por assim dizer. Agora, é preciso convencer também os ateus, agnósticos e desinformados de todo tipo, incluindo (em especial e em última instância) a classe política do nosso país – que, convenhamos, mal sabe o que fazer ciência significa e, mesmo que soubesse, tem outras prioridades na agenda.

A comunidade científica, sozinha, não tem poder de fogo para convencer a classe política de nada. Precisa da sociedade. De nada (ou quase nada) adianta escrever cartas e manifestos às autoridades, se quando vossas excelências olharem pela janela de seus gabinetes não virem uma multidão enfurecida, dizendo que não votará mais neles se não investirem mais dinheiro na ciência – figurativamente falando. **Qual é o custo político de se cortar o orçamento da ciência hoje em Brasília? Muito baixo, infelizmente. Os cientistas vão ficar furiosos, é claro; mas e daí? Se a sociedade não se importa com a ciência, por que vossas excelências deveriam se importar? Ninguém vai perder uma eleição por causa disso.**

Argumentos, modelos e estatísticas não faltam para provar, por A mais B, que sem investimento em ciência, tecnologia e inovação não existe desenvolvimento econômico, social ou intelectual. [...]. Mas as pessoas não sabem disso. [...]

ESCOBAR, Herton. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. *Comciência*. Dossiê Divulgação Científica. Disponível em: <http://comciencia.br/divulgacao-cientifica-faca-agora-ou-cale-se-para-sempre/>. Acesso em: 28 ago. 2019. [Fragmento]

Depois de um título provocativo e incisivo (*Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre*), o autor introduz o texto com a declaração (frase em negrito) de que a divulgação científica se tornou mais do que necessária no atual contexto, afirmando de imediato o seu posicionamento (tese) e, na sequência, contextualizando essa perspectiva. Esse ponto de vista é reafirmado no segundo parágrafo (frase em negrito), em que o autor aponta a razão da necessidade de mudança na postura da comunidade científica em relação à divulgação, para a sociedade, do importante papel exercido pela ciência.

Em parte do desenvolvimento do tema e do seu ponto de vista, ele faz perguntas com respostas (destaque em vermelho), que contribuem para reafirmar a crítica à existência de uma dissociação entre a comunidade científica e a sociedade em geral, o que se reflete na falta de apoio político e de financiamento público ao setor. É como se o autor transpusesse questionamentos / objeções de um interlocutor imaginário e as respostas que ele (autor) daria a essa interpelação.

As perguntas têm, assim, o propósito de reforçar no desenvolvimento, de modo contundente, o conflito de vozes (opiniões) e o cenário crítico da pesquisa no país, provocado, segundo o autor, pela postura da comunidade científica de não dialogar com a sociedade. Ele conduz o leitor, desse modo, na direção da defesa de seu ponto de vista de que é preciso os cientistas mudarem sua relação com a sociedade para conseguirem o fundamental apoio à ciência e a consequente valorização da área no país.

## Levantar problema e propor solução

Outra maneira de desenvolver um texto argumentativo é por meio da problematização de um assunto, ou seja, a apresentação de determinado tema como sendo um problema e de uma proposta de solução para ele – o que, inclusive, é uma exigência do Enem. Essa proposta pode vir ao final da argumentação, como uma solução possível para todas as questões discutidas, ou intercalada aos problemas apresentados no desenvolvimento do texto.

No texto a seguir, há uma reflexão sobre como transformar o conhecimento em riqueza. Para tanto, o autor parte de uma declaração (que indica o ponto de vista defendido) e desdobra essa perspectiva em perguntas que evidenciam o propósito do texto e seu projeto de desenvolvimento: apresentar os desafios relacionados a essa transformação e propor como se pode superá-los.

### A utilidade do conhecimento

**Um dos grandes desafios do mundo contemporâneo é, ao lado do chamado desenvolvimento sustentável, a transformação do conhecimento em riqueza. Como estabelecer padrões de produção e de consumo que atendam às demandas das populações crescentes em todos os cantos da Terra, preservando a qualidade de vida e o equilíbrio do meio ambiente no planeta? Esta é, em resumo, a pergunta que nos põe o assim chamado desafio ecológico. Como transformar conhecimento em valor econômico e social, ou, num dos jargões comuns ao nosso tempo, como agregar valor ao conhecimento?**

Responder a essa pergunta é aceitar o segundo desafio acima mencionado e que poderíamos chamar de desafio tecnológico. **Para enfrentar essa tarefa, própria do que também se convencionou chamar economia ou sociedade do conhecimento, deveríamos estar preparados, entre outras coisas, para cumprir todo um ciclo de evoluções e de transformações do conhecimento. Ele vai da pesquisa básica, produzida nas universidades e nas instituições afins, passa pela pesquisa aplicada e resulta em inovação tecnológica capaz de agregar valor comercial, isto é, resulta em produto de mercado.**

**Os atores principais deste momento do processo do conhecimento já não são mais as universidades, mas as empresas. Entretanto, para que a atuação das empresas seja eficaz, é necessário que tenham no seu interior, como parte de sua política de desenvolvimento, centros de pesquisa próprios ou consorciados com outras empresas e com laboratórios de universidades. O importante é que a política de pesquisa e desenvolvimento seja da empresa e vise às finalidades comercialmente competitivas da empresa. Sem isso, não há o desafio do mercado, não há avanço tecnológico e não há, por fim, inovação no produto.**

Um dos pressupostos essenciais da chamada sociedade ou economia do conhecimento é, pois, para muito além da capacidade de produção e de reprodução industriais, a capacidade de gerar conhecimento tecnológico e, por meio dele, inovar constantemente para um mercado ávido de novidades e nervoso nas exigências de consumo.

[...]

VOGT, Carlos. A utilidade do conhecimento. *Comciência*. Disponível em: <http://comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/2004/11/01.shtml>. Acesso em: 30 ago. 2019. [Fragmento]

O desenvolvimento desse texto está organizado de modo a articular o problema / desafio (trecho sublinhado) e as propostas de ações, apresentando o que fazer, quem vai fazer, como e por que fazer (em vermelho). No Enem ou em vestibulares, quando o tema exige, de forma explícita ou implícita, a superação de determinada realidade problemática, como ocorreu nas propostas de redação do Enem 2016 (“Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil” / “Caminhos para combater o racismo no Brasil”), pode-se desenvolver a redação como no exemplo citado. Trata-se de uma estratégia que contribui para garantir a abordagem completa do tema.

Convém ficar atento, no entanto, a que a redação do Enem deve apresentar pelo menos uma proposta detalhada, ou seja, uma medida de intervenção em que se exponha o que vai ser feito, quem vai fazer, como (com que meios), por que e para quê. Caso você adote esse desenvolvimento, pode fazer uma dessas propostas completas em um dos parágrafos de desenvolvimento ou na conclusão.

## Confrontar argumentos favoráveis e argumentos contrários

Ao desenvolver um texto dissertativo-argumentativo, um dos propósitos é influenciar as representações ou convicções do leitor, de modo a modificá-las buscando adesão ao ponto de vista de quem escreve. Nesse sentido, o texto será mais convincente se apresentar o debate de ideias, ou seja, afirmar o posicionamento por meio da refutação ou do contraponto a outras opiniões.

Em geral, os temas do Enem e de vestibulares, por abordarem realidades complexas, trazem a expectativa de que o candidato exponha esse “conflito de vozes” como recurso para a tomada de posição contra determinada perspectiva ou a favor dela, sendo possível apresentar argumentos com pontos de vista opostos.

Esse confronto de ideias pode vir em blocos, em que, de um lado, são mostradas as posições favoráveis e, de outro, as contrárias, sendo fundamental explicitar e sustentar qual é o lado defendido no seu texto, afirmando seu posicionamento.

Outro modo de desenvolver a discussão é mostrado no texto a seguir, em que a autora discute o cultivo de transgênicos, defendendo a tese de se considerarem os diversos interesses envolvidos na questão e contrapondo-se à ideia de que avaliações técnico-científicas seriam neutras, isentas de interesse. Ela rebate as convencionais alegações que validam o uso da recombinação genética para o aumento da cultura de transgênicos. Observe como a autora realiza essa estratégia de discutir ideias contrárias às que defende:

**Tecnociência, natureza e sociedade:  
o caso dos cultivos transgênicos**

**As aplicações das tecnologias de DNA recombinante para a produção de novas variedades de cultivos transgênicos constitui uma problemática complexa, cuja discussão não pode se restringir à avaliação de argumentos técnico-científicos, mas sim deve incorporar a consideração do impacto econômico, social, ambiental, e na saúde humana, assim como o quadro jurídico, ético e político em que se inscreve o problema.** Ao mesmo tempo, na hora de avaliar criticamente as distintas posições em jogo, se deve ter em conta que os atores envolvidos – empresas transnacionais de biotecnologia, produtores agropecuários, ONGs, comunidade científica, cidadãos como sujeitos políticos e como consumidores, e o próprio Estado – constituem uma trama diversa e intrincada que nem sempre é visível nos debates.

Geralmente a discussão se apresenta fragmentada e polarizada, e os interesses dos distintos atores aparecem encobertos ou mimetizados. Isto é especialmente notado quando as empresas biotecnológicas se expressam por meio do discurso dos cientistas. Frequentemente são os cientistas que, autolegitimados no lugar de autoridade em que pretendem situar a ciência, utilizam argumentos enganosos e alheios às suas especialidades, tais como “a necessidade de resolver o problema da fome no mundo”, “aumentar a competitividade” ou “a urgência de encontrar novas variedades”, para justificar a necessidade da rápida adoção dessas tecnologias. Mascaram assim a existência de uma disputa na qual competem distintos interesses em jogo – entre os que se contam o de sua própria corporação – e carregam bandeiras das empresas transnacionais de agrobiotecnologia, assumindo que a mudança tecnológica é um acontecimento inevitável e inerentemente progressivo.

Se se aceita que, no problema em questão, estão envolvidos diversos atores com distintos interesses, quando se discute a conveniência de adotar essas tecnologias, é indispensável definir, ao mesmo tempo, quais são os objetivos e interesses que se pretende satisfazer. Assumindo que esta – como toda nova tecnologia – envolve riscos ainda não dimensionados, para dar uma resposta a este problema a partir de uma posição equilibrada e socialmente responsável, é indispensável avaliar quem são os beneficiados pela mudança tecnológica e quem é afetado por impactos negativos e riscos associados.

Dado que os cultivos transgênicos disponíveis atualmente no mercado não apresentam nenhuma vantagem para os consumidores, os únicos beneficiados são, em princípio, as empresas que os comercializam e aqueles produtores que aspiram aumentar sua rentabilidade adotando o pacote tecnológico, assim como o interesse “de curto prazo” do governo, através dos impostos que geram sua exportação. **Em contrapartida, fica claro que a introdução de cultivos transgênicos em ambientes abertos e a incorporação maciça de alimentos que contêm organismos geneticamente modificados (OGMs) na dieta envolvem riscos que afetam toda a sociedade e comprometem a qualidade de vida de gerações atuais e futuras. [...]**

MASSARINI, Alicia. Tecnociência, natureza e sociedade: o caso dos cultivos transgênicos. *Comciência*. Disponível em: <http://comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/2004/11/08.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2019. [Fragmento]

Observe que, já no início do artigo, a autora expõe o posicionamento (trecho em negrito), enunciando a tese de que é necessário analisar amplamente os impactos dos transgênicos, desde o ponto de vista econômico até a perspectiva política, contrapondo-se ao discurso hegemônico de que bastariam as alegações técnico-científicas para validar a cultura de produtos geneticamente modificados. Para corroborar esse ponto de vista, ela argumenta (trechos em vermelho) que a discussão sobre o tema é baseada em extremos ideológicos, fundamentada em estratégias pseudocientíficas, pois advêm de cientistas que utilizam argumentos enganosos e alheios às suas áreas de conhecimento. Essa estratégia, para a autora, esconde os interesses dos próprios cientistas e de empresas de biotecnologia. Na sequência, ela reafirma a tese de se analisar o papel dos diversos atores sociais envolvidos na questão e argumenta sobre quem sairia ganhando e quem sairia perdendo nessa correlação de forças. Os argumentos constroem, ao longo do texto, um posicionamento crítico ao uso do discurso científico para escamotear interesses de determinados grupos no cultivo de organismos geneticamente modificados.

## Estabelecer comparação

Na comparação, é possível apresentar semelhanças e diferenças que fortalecem o ponto de vista. No texto a seguir, ao comparar diferenças no acesso a remédios para dor crônica, a autora estabelece dois focos: contrastar a abordagem jornalística sobre o tema, a partir de matérias de grandes jornais e, também, estabelecer as diferenças entre o Brasil e outros países no acesso a essas medicações, bem como em seu consumo. Ela desenvolve o texto fazendo esse duplo paralelismo para sustentar um ponto de vista crítico à realidade brasileira e ao tratamento midiático dado ao tema, o que é indicado desde o título.



**Entre o alívio e o vício**

A Sociedade Brasileira de Médicos Intervencionistas em Dor realizou seu congresso de 19 a 22 de setembro, na cidade de Campinas (SP), e o evento rendeu algumas notícias, incluindo reportagens em dois grandes jornais de circulação nacional, o *Estadão* e *O Globo*. **Os textos – que não são exatamente sobre o Congresso, mas sobre dor e seu tratamento – ilustram um dos processos pelo qual um assunto pode virar pauta: no caso, a partir da realização de um grande evento e, provavelmente, do trabalho de uma assessoria de imprensa influente. Ilustram, também, como um fato, olhado a partir de diferentes pontos de vista, pode gerar histórias completamente diferentes.**

**A matéria do *Estadão* traz uma solução:** intitulada “Medicina aposta em novas técnicas para tratar paciente com dor crônica”, apresenta dois grupos de novas abordagens terapêuticas da dor, a neuromodulação e a medicina regenerativa, avaliadas como muito promissoras. **Já *O Globo* apenas registra esses tratamentos como uma possibilidade emergente, mas tem foco em um problema:** o subtratamento da dor no Brasil, com uso insuficiente de analgésicos opiáceos, que são as substâncias consideradas mais adequadas ao tratamento de dores crônicas. Segundo a matéria, este é um problema histórico que tende a se agravar diante da crise dos opiáceos nos Estados Unidos.

[...]

**No Brasil, a presença dos opiáceos ilegais é ínfima em comparação com outras drogas com maior distribuição e menor preço no país, como a cocaína e, principalmente, o crack. No caso das substâncias legais, a questão é mais complexa. Embora, no caso dos Estados Unidos, as prescrições legais de opiáceos sejam compreendidas como uma das principais causas do problema do vício nessas substâncias, a ausência dos analgésicos tem um lado perverso, como vemos na matéria de *O Globo*, que fala em 77 milhões de brasileiros com dor crônica e mais alguns milhões com episódios agudos de dor. [...]**

**A questão dos opiáceos também traz à tona a desigualdade no acesso a serviços de saúde no Brasil e no mundo. Como destaca matéria publicada no *Nexo*, por exemplo, enquanto países desenvolvidos como os EUA, Canadá e Austrália consomem muito mais opiáceos do que o considerado necessário, é nos países pobres que milhões sofrem pela falta de acesso a medicamentos para combate à dor. Também há narrativas mais ou menos reforçadoras da desigualdade. No caso das nossas duas matérias iniciais, por exemplo, o *Estadão* aborda tratamentos de ponta – alguns inclusive ainda em fase experimental – disponíveis apenas para alguns privilegiados, enquanto *O Globo* traz um olhar mais voltado à saúde pública.**

No caso dos Estados Unidos, um artigo publicado no *The Guardian* analisa como a disseminação entre a população branca de um problema que sempre afligiu a população negra levou à classificação das overdoses de opiáceos como epidemia e à distinção entre “viciados” – negros – e “vítimas” – brancas. [...]

PEZZO, Mariana. Entre o alívio e o vício. *Laboratório Aberto de Interatividade* – Labi. Disponível em: <http://www.labi.ufscar.br/2018/09/28/entre-o-alivio-e-o-vicio/>. Acesso em: 30 ago. 2019. [Fragmento]

**Apresentar exemplos**

Em um texto dissertativo-argumentativo, os exemplos são muito estratégicos e cumprem a função de ilustrar o posicionamento assumido na argumentação. Consequentemente, eles dão força persuasiva ao desenvolvimento e ajudam a esclarecer o argumento. A exemplificação consiste no relato de um pequeno fato e pode ser usada principalmente quando a tese defendida é mais abstrata ou ampla e precisa de esclarecimentos mais concretos, ou se pretende ilustrar um ponto de vista, dando-lhe mais legitimidade.

No texto a seguir, a comparação e a exemplificação são eixos do desenvolvimento do ponto de vista que será defendido, enunciado na declaração inicial do texto: as formas de as pessoas estarem juntas mudou e, conforme se percebe ao longo do texto, para pior. O autor cita situações de convívio mais gerais, aplicáveis a quaisquer culturas (encontros casuais, ao redor de uma mesa), que não eram acompanhadas por dispositivos móveis, como o celular, que, hoje, interfere no modo de as pessoas interagirem, tornando a dispersão o aspecto central desses encontros. A esse exemplo mais genérico, segue-se o posicionamento crítico do autor e a sugestão de uma forma de recuperar a atenção perdida, por meio de um exemplo historicamente situado: a festa de uma figura da nobreza que marcou a cultura de uma época.

**Como faço para que me escutem?**

**Nossa forma de estar com outras pessoas mudou radicalmente nos últimos 25 anos.** Até meados da década de 1990, quando os telefones celulares se popularizaram, as reuniões eram puramente analógicas. Quando duas ou mais pessoas se encontravam ao redor de uma mesa, não chegavam mais informações além daquelas fornecidas pelos próprios participantes. Se alguém fazia uma chamada telefônica a um participante, este ficava sabendo ao voltar para casa e ouvir a mensagem na secretária eletrônica. Ou então a pessoa ligava novamente.

Isso fazia com que, fosse um almoço informal, uma reunião de trabalho ou uma festa de família, os participantes estivessem presentes no que se falava, sem outras distrações além daquelas geradas pela própria mente quando se confunde.

Hoje em dia a comunicação é de muito menor qualidade, pois nossa atenção escapa através do nosso *smartphone*. Se somos educados, talvez não olhemos para ele quando estamos acompanhados, mas o dispositivo está lá, provocando uma tensão que nos afasta da conversa. Ao notar que vibra, nos perguntamos quem está escrevendo, o que estará acontecendo. Talvez haja uma boa notícia, uma oportunidade a ser aproveitada. Talvez até mesmo iremos ao lavabo para responder. Embora não percebamos, estamos mais lá do que aqui.

Esse fenômeno faz com que seja cada vez mais difícil reunir com sucesso um grupo de pessoas. Se, como o gato de Schrödinger, vivo e morto ao mesmo tempo, todos os que estão presentes ao mesmo tempo não estão, será impossível compartilhar qualquer coisa de valor. Nos tempos atuais de dispersão, é uma verdadeira arte fazer com que uma reunião seja um sucesso. Além de conseguir que os participantes guardem e silenciem seus dispositivos móveis, teremos de capturar sua atenção, desgastada pelos inúmeros estímulos da era digital.

[...]

Um dos mestres dessa arte no século XX foi o conde Étienne de Beaumont. A ele se atribui a frase: "As festas são dadas especialmente para aqueles que não são convidados". Suas celebrações sempre tinham um *leitmotiv* e isso fazia com que fossem lembradas e comentadas por muito tempo. Organizava bailes nos quais os convidados tinham de se vestir com motivos de "quadros famosos", por exemplo, e, em uma festa em 1949 de "reis e rainhas", Christian Dior apareceu fantasiado de leão, o rei dos animais. [...]

MIRALLES, Francesc. Como faço para que me escutem? *El País Brasil*. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/estilo/1566208800\\_116616.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/estilo/1566208800_116616.html). Acesso em: 11 nov. 2019. [Fragmento]

É importante ressaltar que a exemplificação será mais eficiente se remeter a fatos ou situações relevantes, comprováveis na realidade objetiva e importantes para fundamentar o ponto de vista. O exemplo deve fortalecer a argumentação.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01.



(UEMA-2021) Leia o texto a seguir para responder à questão.

**Racismo no Brasil: todo mundo sabe que existe, mas ninguém acha que é racista, diz Djamila Ribeiro**

Em entrevista à BBC News Brasil, a autora do *Pequeno Manual Antirracista* diz o que deve ser feito por quem quer combater o racismo e sobre o papel dos pais na educação antirracista de seus filhos. Segundo a escritora: "Não basta só reconhecer o privilégio, precisa ter ação antirracista de fato. Ir a manifestações é uma delas, apoiar projetos importantes que visem à melhoria de vida das populações negras é importante, ler intelectuais negros, colocar na bibliografia. Quem a gente convida para entrevistar? Quem são as pessoas que a gente visibiliza?"

Djamila Ribeiro é mestre em filosofia política pela Unifesp e uma das vozes mais influentes do movimento pelos direitos das mulheres negras no Brasil. Ela está na lista da BBC de 100 mulheres mais influentes e inspiradoras do mundo.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil> (Adaptação).

A fala da escritora Djamilia Ribeiro, citada no texto, é encerrada com duas interrogativas que corroboram seu argumento contra o racismo. As interrogativas retóricas, em relação ao argumento, produzem no texto um sentido de

- retificação, ao denunciar a presença de personalidades negras em programas de entrevista.
- ratificação, ao retratar, equanimemente, o acesso de brancos e de negros nos meios de comunicação.
- negação, ao destacar a ausência de uma postura racista em eventos de maior visibilidade social.
- indefinição, ao sugerir, de modo vago, os indivíduos sociais ausentes na mídia brasileira.
- reiteração, ao chamar a atenção para a invisibilidade de pessoas negras na sociedade.

**Instrução:** Leia com atenção o texto a seguir para responder às questões de 02 a 04.

**Consumidor controlado: um produto à venda**

O capitalismo contemporâneo se ergue sobre uma imensa capacidade de processamento digital e metaboliza as forças vitais e as práticas da vida cotidiana com voracidade inaudita, criando necessidades e lançando constantemente novas mercadorias, serviços e subjetividades.

5

Estas últimas constituem produtos muito especiais, que são adquiridos e de imediato descartados pelos diversos tipos de consumidores aos quais se destinam, alimentando uma espiral de consumo em aceleração crescente. Assim, a ilusão de uma identidade fixa e estável, característica da sociedade moderna e industrial, vai cedendo terreno aos “kits de perfis-padrão” ou “identidade *prêt-à-porter*”, segundo as denominações da psicanalista brasileira Suely Rolnik. Trata-se de modelos subjetivos efêmeros, descartáveis, sempre vinculados aos voláteis interesses do mercado.

Atualmente, tanto as noções de massa e de povo quanto a própria ideia de indivíduo moderno estão perdendo força. No lugar dessas figuras, outras emergem. O papel do consumidor, por exemplo, assume relevância cada vez maior. Mais do que integrar uma massa ou um povo – como os cidadãos dos Estados-nação da era industrial –, ele faz parte de diversas amostras, nichos de mercado, segmentos de público e bancos de dados.

O sujeito da sociedade contemporânea detém cada vez mais cartões, *chips* e senhas de acesso – todos dispositivos digitais. De maneira crescente, a identificação do consumidor passa pelo seu perfil: uma série de dados sobre sua condição socioeconômica, seus hábitos e suas preferências de consumo. Todas essas informações se acumulam por meio do preenchimento de fichas de cadastro e formulários de pesquisa, que são processados digitalmente para serem armazenados em bancos de dados conectados em rede. Estes, por sua vez, serão acessados, vendidos, comprados e usados pelas empresas em suas estratégias de marketing. Desse modo, o consumidor passa a ser, ele mesmo, um produto à venda.

Uma amostra desse processo é uma tendência bem atual que se verifica, sobretudo, na Internet, onde as empresas mais cotadas do momento oferecem uma variedade de serviços gratuitos a grandes quantidades de usuários, em troca dos quais estes devem fornecer dados sobre seus perfis. Tais informações são muito valiosas em termos de marketing, pois permitem enviar publicidade direcionada de acordo com cada tipo de consumidor, além de terem uma infinidade de outros usos, atuais e futuros. Assim, sem pedir dinheiro em troca, são oferecidos serviços cada vez mais fundamentais para os sujeitos contemporâneos: contas de correio eletrônico ou páginas nas redes sociais, espaço para armazenar ou compartilhar arquivos, bem como para publicar *sites* ou *blogs*, acesso ao conteúdo de revistas e jornais, sistemas de busca de informações, inclusive a própria conexão à Internet. Mas, em todos esses casos, o produto comprado e vendido é ele: o consumidor.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015. p. 34-36 (Adaptação).

02.

RLB1



(UEG-GO) De acordo com a argumentação da autora, o sujeito social contemporâneo

- A) investe uma grande quantidade de recursos financeiros na aquisição de produtos tecnológicos e digitais como meios para alcançar a realização pessoal.
- B) elabora seus projetos particulares, especialmente aqueles relacionados à carreira profissional e ao lazer, tendo como base modelos culturais tradicionais.
- C) tem sua identidade e seu valor constituídos a partir dos dados presentes em seus perfis digitais e dos papéis que ocupa na sociedade de consumo.
- D) fundamenta sua trajetória social na noção de divisão de classes, cada vez mais enfatizada pelos modos de consumo da sociedade contemporânea.
- E) constrói sua imagem corporal a partir dos cuidados com o corpo e com a manipulação das imagens fotográficas exibidas no mundo digital.

03.

NL3N



(UEG-GO) O quarto parágrafo do texto desempenha a seguinte função argumentativa:

- A) Desenvolve uma contra-argumentação à ideia defendida pela autora.
- B) Expõe um quadro comparativo para contrastar duas ideias opostas.
- C) Exemplifica a ideia apresentada no final do parágrafo anterior.
- D) Explica, a partir de conceitos abstratos, o cenário social.
- E) Apresenta uma síntese conclusiva das ideias do texto.

04.

X79A



(UEG-GO) O enunciado “metaboliza as forças vitais e as práticas da vida cotidiana com voracidade inaudita” (linhas 2-4), usando termos da biologia para caracterizar a sociedade contemporânea, é construído a partir da seguinte figura de linguagem:

- A) Ironia
- B) Metáfora
- C) Metonímia
- D) Sinestesia
- E) Catacrese

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões 01 e 02.

### **Não é só efeito da pandemia: por que 19 milhões de brasileiros passam fome**

Está na Constituição: alimentação é um direito social do brasileiro. Essa previsão, que pode parecer óbvia à primeira vista, foi incluída pelo Congresso Nacional em 2010. E de óbvia não tem nada. De lá para cá, ao mesmo tempo em que exportações do agronegócio brasileiro ganharam força, o direito à alimentação tem sido realidade para menos brasileiros.

5

10 A partir de 2020, o aumento da fome no Brasil foi impactado pela pandemia, como em outros países. Mas não é só o efeito da Covid que explica a piora no nível de segurança alimentar dos brasileiros, que já vinha piorando antes do Coronavírus. O alastramento da fome no Brasil é reflexo também do fim ou esvaziamento de programas voltados para estimular a agricultura familiar e combater a fome, além de defasagem na cobertura e nos valores do Bolsa Família, segundo especialistas em segurança alimentar, políticas públicas e desigualdade ouvidos pela BBC News Brasil.

20 São 19 milhões de brasileiros em situação de fome no Brasil, segundo dados de 2020 da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Penssan). A comparação com 2018 (10,3 milhões) revela que são 9 milhões de pessoas a mais nessa condição. Olhando dados mais antigos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é possível ver que em 2013 o Brasil teve o melhor nível de segurança alimentar da série histórica (Pnad), com mais de 77% dos domicílios nessa condição. Em 2014, o Brasil, inclusive, deixou o chamado Mapa da Fome da ONU.

30 Cerca de quatro anos depois, no entanto, a Pesquisa de Orçamento Familiar (2017/2018) do IBGE mostrou que a situação de segurança alimentar era vivenciada por apenas 63,3% dos domicílios pesquisados. Nesse intervalo, houve aumento na quantidade de domicílios em todos os níveis de insegurança alimentar — leve (preocupação com quantidade e qualidade dos alimentos disponíveis), moderada (restrição quantitativa de alimento) e grave (identificada como fome).

40 “A fome é consequência de uma série de erros de políticas públicas e de destruição de políticas públicas”, diz Kiko Afonso, diretor executivo da ONG Ação da Cidadania, fundada por Betinho. A socióloga Letícia Bartholo afirma que “a desestruturação das políticas públicas voltadas aos mais vulneráveis foi agravada com a pandemia, mas ela ocorre desde antes”. Antes e além da pandemia, quais fatores levaram o Brasil, segundo maior exportador de alimentos do mundo, a ver crescer a quantidade de famílias em situação de fome?

50 Parte da explicação está na cobertura e nos valores do maior programa de transferência de renda, o Bolsa Família, segundo a socióloga Letícia Bartholo, que estuda políticas públicas de combate à pobreza e à desigualdade e foi secretária nacional adjunta de renda e cidadania (2012-2016). O primeiro problema, diz ela, é a defasagem da chamada linha de pobreza (ou seja, o corte que define quais famílias têm direito ao benefício). Hoje têm direito ao benefício famílias com renda familiar per capita de até R\$ 178. No começo do programa, esse valor era de R\$ 100. Se estivesse atualizado, segundo os cálculos de Bartholo, o valor deveria estar hoje em torno de R\$ 250.

65 “Essa desatualização é preocupante porque cria duas filas no Bolsa Família: já temos um problema da fila por falta de orçamento, das famílias que cumprem os critérios e não são atendidas, e aí tem uma outra fila — de pessoas que são pobres, passam fome, mas não são consideradas pobres administrativamente”, explica.

70 Bartholo diz que parte dessas famílias contam com o auxílio criado durante a pandemia, mas lembra que 400 mil famílias que estão na fila de espera do Bolsa Família também não recebem o auxílio emergencial, como mostrou reportagem da Folha de S. Paulo. “A desatualização da linha de pobreza do programa cria um achatamento fictício da pobreza. O número de pobres, na realidade, é muito maior do que o número de pobres considerados do ponto de vista administrativo”, diz Bartholo.

75 Outro ponto — que vem sendo discutido em Brasília — é a falta de reajuste nos valores do benefício, que varia em função da renda, do número de pessoas na família e idade delas. O governo disse que pretende ampliar de R\$ 190 para R\$ 250 o valor médio pago a beneficiários do Bolsa Família. Outros valores, inclusive mais altos, já foram levantados, mas o governo ainda não apresentou uma proposta. O Ministério da Cidadania disse à reportagem que trabalha na reformulação do programa (...), que “tem alcançado os mais vulneráveis” (...).

85 O auxílio emergencial, benefício criado durante a pandemia, tem sido reconhecido como importante ferramenta para combater fome e pobreza (ainda que insuficiente). No entanto, Bartholo lembra que ele terá um fim e que é necessário, finalmente, desenhar esta transição. “O auxílio vai findar. A gente não pode mais empurrar o problema com a barriga. Desde o ano passado estamos pensando: e quando o auxílio acabar? Vamos continuar tendo fila no Bolsa Família? Vamos continuar com linhas de pobreza absolutamente defasadas? O auxílio é emergencial, portanto, não corrige falhas estruturais das políticas públicas”, diz Bartholo.

ALEGRETTI, Laís. 28 jun. 2021.

Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/06/4934228-nao-e-so-efeito-da-pandemia-por-que-19-milhoes-de-brasileiros-passam-fome.html>. Acesso em: 3 jul. 2021 (Adaptação).

01. (UPE–2022) Uma das teses defendidas no texto é a de que o atual aumento da fome na população brasileira não tem relação apenas com a pandemia. Assinale a alternativa que apresenta um argumento do texto que sustenta essa tese.
- A) As exportações do agronegócio têm ganhado força, mesmo no período da pandemia.
  - B) A Constituição garante a alimentação como direito social da população brasileira.
  - C) A fome no Brasil aumentou mais significativamente a partir da pandemia.
  - D) A desestruturação das políticas públicas de combate à fome é anterior à pandemia.
  - E) O auxílio emergencial é uma importante ferramenta para combater a fome e pobreza.

- 02.** (UPE-2022) Quando um autor cita, de modo explícito, o discurso de outros autores ou instituições para, assim, fortalecer os seus argumentos, as marcas linguísticas do discurso citado podem aparecer na superfície do texto. Assinale a alternativa em que tais marcas estão corretamente destacadas.
- A) “De lá para cá, **ao mesmo tempo em que** exportações do agronegócio brasileiro ganharam força, o direito à alimentação tem sido realidade para menos brasileiros”. (1º parágrafo)
- B) “Mas não é só **o efeito da Covid que explica** a piora no nível de segurança alimentar dos brasileiros, que já vinha piorando antes do Coronavírus”. (2º parágrafo)
- C) “O alastramento da fome no Brasil é reflexo também do fim ou esvaziamento de programas voltados para estimular a agricultura familiar (...), **segundo especialistas em segurança alimentar.**” (2º parágrafo)
- D) “**Nesse intervalo,** houve aumento na quantidade de domicílios em todos os níveis de insegurança alimentar – leve (preocupação com quantidade e qualidade dos alimentos disponíveis), moderada (restrição quantitativa de alimento) e grave (identificada como fome)” (4º parágrafo)
- E) “Antes e além da pandemia, quais fatores levaram o Brasil, **segundo maior exportador de alimentos do mundo,** a ver crescer a quantidade de famílias em situação de fome?” (5º parágrafo)

- 03.** (ESPM-SP)

### Os emojis são a linguagem universal?

Os *Dicionários Oxford* anunciaram a palavra do ano, a escolha de 2015 recaiu num *emoji*, mais concretamente na “carinha com lágrimas de alegria”.

Sete anos depois de darem as caras (literalmente) no teclado dos *smartphones* ocidentais, eles são considerados uma espécie de idioma universal pela Geração Z (jovens nascidos a partir da década de 1990).

Especialistas da linguagem dizem que os *emojis* produzem sentido nas práticas discursivas no meio digital e são capazes de tomar a interação virtual mais afetiva e dinâmica, proporcionando rapidez nas trocas de informações.

O professor de linguística da Universidade da Califórnia, Neil Cohn, especialista em comunicação visual, acredita que o triunfo da língua franca dos *emojis* é fruto de seu poder de síntese que acaba aproximando as pessoas por conseguirem captar experiências e expressões de uma conversa pessoal.

*Revista Galieu e Veja.com (Adaptação).*

Proposta: Com base nas informações do texto e em outras de seu conhecimento sobre o assunto, elabore um texto dissertativo que apresente considerações sobre a seguinte questão:

**Tendo em vista que a palavra do ano foi um emoji, que é um recurso visual, podemos afirmar que esta dinâmica, por meio dos dispositivos móveis, relaciona-se a um modismo estilístico ou é uma alteração que amplia o recurso da linguagem?**

- 04.** (IFCE) Redija um texto dissertativo-argumentativo abordando o tema: **A falta de segurança não é problema recente. Parece estar enraizada na educação e até na cultura do país. Como explicar isso e quais as propostas de solução a curto e longo prazo?**







**05.** (UPF-RS) O Brasil, nos últimos meses, tem vivido intensas manifestações populares nas quais se busca algo que nem todos sabem ao certo o que é (políticas sociais, reforma política, etc.). Através das mídias sociais, muitas pessoas têm participado intensamente desse momento histórico pelo qual passa o Brasil.

Quando questionado acerca do papel das redes sociais no sentido de dar voz ao povo, Zygmunt Bauman, escritor e sociólogo polonês, responde dizendo: *Nas redes, é tão fácil adicionar e eliminar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha*<sup>1</sup>.

O escritor italiano Umberto Eco, após uma cerimônia na Universidade de Turim, em 2015, afirmou: *As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Disponível em: <http://pplware.sapo.pt/informacao/zygmunt-bauman-defende-que-as-redes-sociais-sao-uma-armadilha/>. Acesso em: abr. 2016.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/5-frases-memoraveis-do-escritor-umberto-eco-sobre-redes-sociais-e-tecnologia.html>. Acesso em: abr. 2016.

Considerando as últimas manifestações populares pelo país e os depoimentos de Zygmunt Bauman e Umberto Eco, escreva um texto dissertativo-argumentativo, respondendo à seguinte questão: **Qual o papel das mídias sociais na formação da opinião pública?**

## SEÇÃO ENEM

**01.** (Enem–2022) Pisoteamento, arrastão, empurra-empurra, agressões, vandalismo e até furto a um torcedor que estava caído no asfalto após ter sido atropelado nas imediações do estádio do Maracanã. As cenas de selvageria tiveram como estopim a invasão de milhares de torcedores sem ingresso, que furaram o bloqueio policial e transformaram o estádio em terra de ninguém. Um reflexo não só do quadro de insegurança que assola o Rio de Janeiro, mas também de como a violência social se embrenha pelo esporte mais popular do país. Em 2017, foram registrados 104 episódios de violência no futebol brasileiro, que resultaram em 11 mortes de torcedores. Desde 1995, quando 101 torcedores ficaram feridos e um morreu durante uma batalha campal no estádio do Pacaembu, autoridades brasileiras têm focado as ações de enfrentamento à violência no futebol em grupos uniformizados, alguns proibidos de frequentar estádios.

Porém, a postura meramente repressiva contra torcidas organizadas é ineficaz em uma sociedade que registra mais de 61.000 homicídios por ano. “É impossível dissociar a escalada de violência no futebol do panorama de desordem pública, social, econômica e política vivida pelo país”, de acordo com um doutor em sociologia do esporte.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em: 22 jun. 2019 (Adaptação).

Nesse texto, a violência no futebol está caracterizada como um(a)

- A) problema social localizado numa região do país.
- B) desafio para as torcidas organizadas dos clubes.
- C) reflexo da precariedade da organização social no país.
- D) inadequação de espaço nos estádios para receber o público.
- E) consequência da insatisfação dos clubes com a organização dos jogos.

**02.** (Enem–2022) Ora, sempre que surge uma nova técnica, ela quer demonstrar que revogará as regras e coerções que presidiram o nascimento de todas as outras invenções do passado. Ela se pretende orgulhosa e única. Como se a nova técnica carresse com ela, automaticamente, para seus novos usuários, uma propensão natural a fazer economia de qualquer aprendizagem. Como se ela se preparasse para varrer tudo que a precedeu, ao mesmo tempo transformando em analfabetos todos os que ousassem repeli-la.

Fui testemunha dessa mudança ao longo de toda a minha vida. Ao passo que, na realidade, é o contrário que acontece. Cada nova técnica exige uma longa iniciação numa nova linguagem, ainda mais longa na medida em que nosso espírito é formatado pela utilização das linguagens que precederam o nascimento da recém-chegada.

ECO, U.; CARRIÈRE, J.-C. *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010 (Adaptação).

O texto revela que, quando a sociedade promove o desenvolvimento de uma nova técnica, o que mais impacta seus usuários é a

- A) dificuldade na apropriação da nova linguagem.
- B) valorização da utilização da nova tecnologia.
- C) recorrência das mudanças tecnológicas.
- D) suplantação imediata dos conhecimentos prévios.
- E) rapidez no aprendizado do manuseio das novas invenções.

**03.** (Enem-2022)**Texto I**

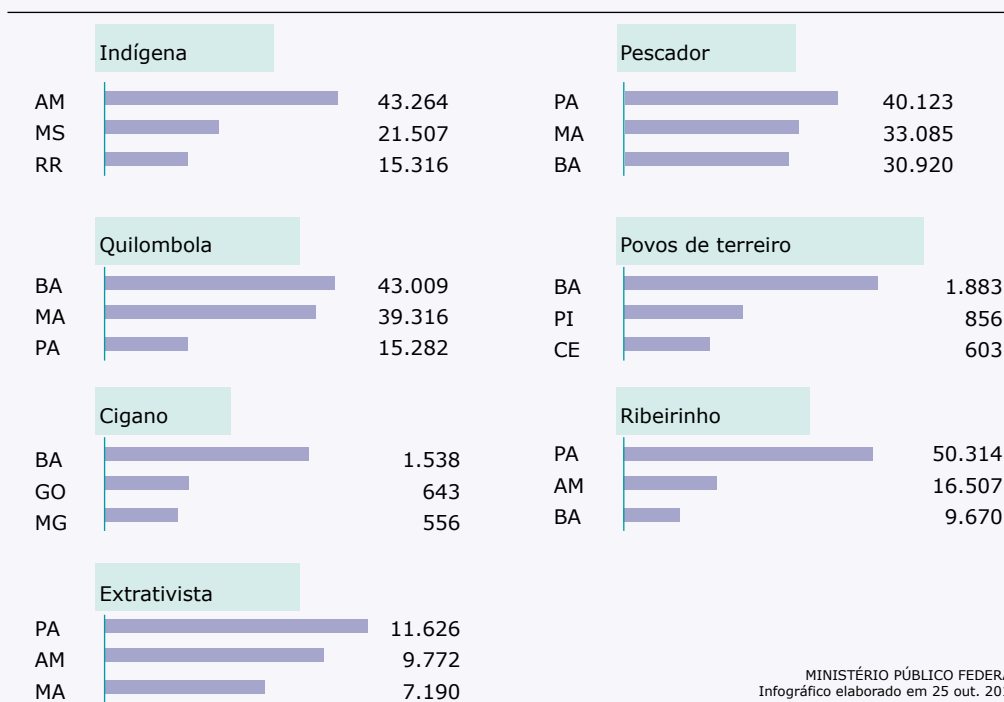
Você sabe quais são as comunidades e os povos tradicionais brasileiros? Talvez indígenas e quilombolas sejam os primeiros que passam pela cabeça, mas, na verdade, além deles, existem 26 reconhecidos oficialmente e muitos outros que ainda não foram incluídos na legislação. São pescadores artesanais, quebradeiras de coco babaçu, apanhadores de flores sempre-vivas, caatingueiros, extrativistas, para citar alguns, todos considerados culturalmente diferenciados, capazes de se reconhecerem entre si.

Para uma pesquisadora da UnB, essas populações consideram a terra como uma mãe, e há uma relação de reciprocidade com a natureza. Nessa troca, a natureza fornece “alimento, um lugar saudável para habitar, para ter água. E elas se responsabilizam por cuidar dela, por tirar dela apenas o suficiente para viver bem e respeitam o tempo de regeneração da própria natureza”, diz.

Disponível em: <https://g1.globo.com>.  
Acesso em: 17 jun. 2022 (Adaptação).

**Texto II**

**Povos tradicionais do Brasil**  
Estados com a maior concentração de famílias



Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 17 jun. 2022 (Adaptação).

**Texto III****Povos e comunidades tradicionais**

O Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) preside, desde 2007, a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), criada em 2006. Fruto dos trabalhos da CNPCT, foi instituída, por meio do Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2017, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). A PNPCT foi criada em um contexto de busca de reconhecimento e preservação de outras formas de organização social por parte do Estado.

Disponível em: <http://mds.gov.br>.  
Acesso em: 17 jun. 2022 (Adaptação).

**Texto IV****Carta da Amazônia 2021****Aos participantes da 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26)**

Não podia ser mais estratégico para nós, Povos indígenas, Populações e Comunidades Tradicionais brasileiras, reafirmarmos a defesa da sociobiodiversidade amazônica neste momento em que o mundo volta a debater a crise climática na COP26. Uma crise que atinge, em todos os contextos, os viventes da Terra!

Nossos territórios protegidos e direitos respeitados são as reivindicações dos movimentos sociais e ambientais brasileiros.

Não compactuamos com qualquer tentativa e estratégia baseada somente na lógica do mercado, com empresas que apoiam legislações ambientais que ameaçam nossos direitos e com mecanismos de financiamento que não condizem com a realidade dos nossos territórios. Propomos o que temos de melhor: a experiência das nossas sociedades e culturas históricas, construídas com base em nossos saberes tradicionais e ancestrais, além de nosso profundo conhecimento da natureza.

Inovação, para nós, não pode resultar em processos que venham a ameaçar nossos territórios, nossas formas tradicionais e harmônicas de viver e produzir.

Amazônia, Brasil, 20 de outubro de 2021.

Entidades signatárias: CNS; Coiab; Conaq; MIQCB; Coica; ANA Amazônia e Confrem

Disponível em: <https://s3.amazonaws.com>.  
Acesso em: 17 jun. 2022 (Adaptação).

**PROPOSTA DE REDAÇÃO**

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa de seu ponto de vista.

- 04.** (Enem) A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. [...] O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia. Por sorte ainda aparece nos campos, [...] algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade.

GALEANO, E. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1995 (Adaptação).

O texto indica que as mudanças nas práticas corporais, especificamente no futebol,

- A) fomentaram uma tecnocracia, promovendo uma vivência mais lúdica e irreverente.
- B) promoveram o surgimento de atletas mais habilidosos, para que fossem inovadores.
- C) incentivaram a associação dessa manifestação à fruição, favorecendo o improvisado.
- D) tornaram a modalidade em um produto a ser consumido, negando sua dimensão criativa.
- E) contribuíram para esse esporte ter mais jogadores, bem como acompanhado de torcedores.

**05.** (Enem)**Você pode não acreditar**

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os leiteiros deixavam as garrafinhas de leite do lado de fora das casas, seja ao pé da porta, seja na janela.

A gente ia de uniforme azul e branco para o grupo, de manhãzinha, passava pelas casas e não ocorria que alguém pudesse roubar aquilo.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os padeiros deixavam o pão na soleira da porta ou na janela que dava para a rua. A gente passava e via aquilo como uma coisa normal.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que você saía à noite para namorar e voltava andando pelas ruas da cidade, caminhando displicentemente, sentindo cheiro de jasmim e de alecrim, sem olhar para trás, sem temer as sombras.

Você pode não acreditar: houve um tempo em que as pessoas se visitavam airosoamente. Chegavam no meio da tarde ou à noite, contavam casos, tomavam café, falavam da saúde, tricotavam sobre a vida alheia e voltavam de bonde às suas casas.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que o namorado primeiro ficava andando com a moça numa rua perto da casa dela, depois passava a namorar no portão, depois tinha ingresso na sala da família. Era sinal de que já estava praticamente noivo e seguro.

Houve um tempo em que havia tempo.

Houve um tempo.

SANT'ANNA, A. R. *Estado de Minas*, 5 maio 2013.  
[Fragmento]

Nessa crônica, a repetição do trecho “Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que...” configura-se como uma estratégia argumentativa que visa

- A) surpreender o leitor com a descrição do que as pessoas faziam durante o seu tempo livre antigamente.
- B) sensibilizar o leitor sobre o modo como as pessoas se relacionavam entre si num tempo mais aprazível.
- C) advertir o leitor mais jovem sobre o mau uso que se faz do tempo nos dias atuais.
- D) incentivar o leitor a organizar melhor o seu tempo sem deixar de ser nostálgico.
- E) convencer o leitor sobre a veracidade de fatos relativos à vida no passado.

- 06.** (Enem) Riscar o chão para sair pulando é uma brincadeira que vem dos tempos do Império Romano. A amarelinha original tinha mais de cem metros e era usada como treinamento militar. As crianças romanas, então, fizeram imitações reduzidas do campo utilizado pelos soldados e acrescentaram numeração nos quadrados que deveriam ser pulados. Hoje as amarelinhas variam nos formatos geométricos e na quantidade de casas. As palavras “céu” e “inferno” podem ser escritas no começo e no final do desenho, que é marcado no chão com giz, tinta ou graveto.

Disponível em: [www.biblioteca.ajes.edu.br](http://www.biblioteca.ajes.edu.br).  
Acesso em: 20 maio 2015 (Adaptação).

Com base em fatos históricos, o texto retrata o processo de adaptação pelo qual passou um tipo de brincadeira. Nesse sentido, conclui-se que as brincadeiras comportam o(a)

- A) caráter competitivo que se assemelha às suas origens.  
B) delimitação de regras que se perpetuam com o tempo.  
C) definição antecipada do número de grupos participantes.  
D) objetivo de aperfeiçoamento físico daqueles que a praticam.  
E) possibilidade de reinvenção no contexto em que é realizada.

- 07.** (Enem) O tema da velhice foi objeto de estudo de brilhantes filósofos ao longo dos tempos. Um dos melhores livros sobre o assunto foi escrito pelo pensador e orador romano Cícero: *A arte do envelhecimento*. Cícero nota, primeiramente, que todas as idades têm seus encantos e suas dificuldades. E depois aponta para um paradoxo da humanidade. Todos sonhamos ter uma vida longa, o que significa viver muitos anos. Quando realizamos a meta, em vez de celebrar o feito, nos atiramos a um estado de melancolia e amargura. Ler as palavras de Cícero sobre envelhecimento pode ajudar a aceitar melhor a passagem do tempo.

NOGUEIRA, P. Saúde & bem-estar antienvelhecimento. *Época*, 28 abr. 2008.

O autor discute problemas relacionados ao envelhecimento, apresentando argumentos que levam a inferir que seu objetivo é

- A) esclarecer que a velhice é inevitável.  
B) contar fatos sobre a arte de envelhecer.  
C) defender a ideia de que a velhice é desagradável.  
D) influenciar o leitor para que lute contra o envelhecimento.  
E) mostrar às pessoas que é possível aceitar, sem angústia, o envelhecimento.

## SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



### GABARITO

Meu aproveitamento 

#### Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. E  
 02. C  
 03. D  
 04. B

#### Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. D  
 02. C  
 03. Nessa proposta, o que se propõe é uma reflexão sobre a dinâmica da comunicação por meio de *emojis*, questionando se se relaciona a um modismo estilístico ou se é uma alteração que amplia o recurso da linguagem. É possível argumentar que a comunicação via *emojis* se tornou parte da linguagem atual, ampliando sua forma de manifestação. É importante fornecer argumentos claros e coerentes de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.  
 04. A proposta delimita o ponto de vista a ser defendido, visto que assevera que a falta de segurança não é um problema recente e está enraizada na educação e na cultura. Partindo dessa ideia, deve-se elaborar um texto dissertativo-argumentativo discorrendo sobre as possíveis causas dessa enraização da violência e propondo ações sociais, de acordo com os direitos humanos, para minimizar ou extinguir o problema.

05. A proposta de redação em análise solicita a produção de um texto dissertativo-argumentativo discorrendo sobre o papel das mídias sociais na formação da opinião pública. Observa-se que, no texto motivador, os dois escritores demonstram posicionamento crítico em relação ao papel das mídias sociais na formação de opinião pública. Independentemente do posicionamento escolhido, é importante fornecer argumentos claros e coerentes de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. C
02. A
03. O tema da redação do Enem 2022 foi "Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil". Nessa proposta, espera-se que sejam citadas as contribuições dos povos e comunidades tradicionais à memória, à identidade e à nação brasileira, bem como os obstáculos, empecilhos e impeditivos à efetiva afirmação dos direitos e da cultura desses segmentos sociais invisibilizados. Para tanto, os textos motivadores abriram interessantes janelas de sugestão para a formulação da tese, além de trazerem esclarecimentos importantes quanto às especificidades do tema. Para a discussão, linhas de argumentação possíveis envolveriam, por exemplo, os seguintes desafios:
- I) Expansão do agronegócio e da mineração e consequentes conflitos fundiários com os povos e comunidades tradicionais.
- II) As mudanças climáticas como fatores de desequilíbrio aos ecossistemas, o que acarreta prejuízos ao modo de vida desses grupos.
- III) O desmonte da política de fiscalização e a preservação do meio ambiente nos últimos anos.
- IV) A desinformação da maior parte da população sobre a situação, o modo de vida, os valores e a cultura dos grupos abordados na proposta de redação.
- V) A percepção estereotipada e distorcida sobre os povos originários e tradicionais.
- VI) A ausência e / ou ineficiência de políticas públicas voltadas à proteção econômica, linguística e cultural dos grupos tratados.
- VII) A ameaça representada pela desnutrição e por doenças diversas, fatos evidenciados durante a pandemia.
- VIII) A manutenção de um processo histórico de invisibilidade das questões vinculadas a tais segmentos da população.
- IX) A escassa representatividade política desses grupos minoritários no quadro parlamentar brasileiro.
04. D
05. B
06. E
07. E

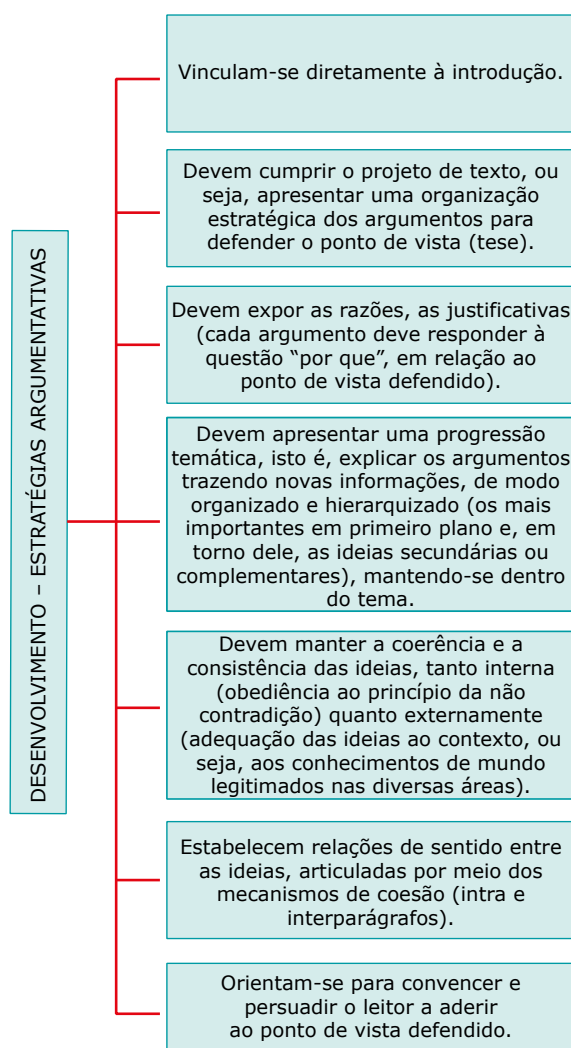


Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %



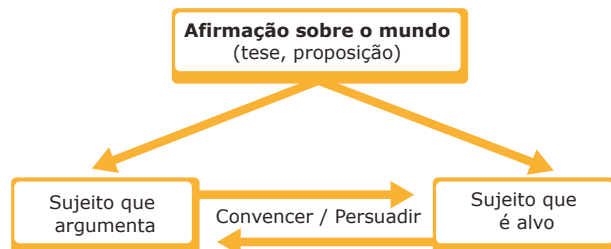
## Estratégias Argumentativas, Contra-Argumentação e Falhas Argumentativas

A elaboração do desenvolvimento do texto dissertativo-argumentativo deve contemplar determinados critérios, em especial a escolha adequada das estratégias argumentativas para fundamentar a tese e validar o posicionamento defendido. A seguir, são retomados os fatores que configuram o desenvolvimento da dissertação argumentativa e suas estratégias. Você pode usá-los como referência para verificar a adequação das estratégias argumentativas escolhidas ao fazer seu texto, lembrando-se de que ele deve atender a todos esses requisitos:



Um dos fatores essenciais do desenvolvimento do texto é a adoção de estratégias argumentativas adequadas à fundamentação da tese e ao cumprimento do projeto de texto, sinalizado na introdução, para conduzir a uma conclusão necessária (válida). Nesse sentido, é importante você atentar ao fato de que, no Enem e nos vestibulares, a avaliação da argumentação, na tipologia dissertativa-argumentativa, orienta-se pela abordagem lógica e dialética do tema (capacidade de o texto explorar diferentes perspectivas na defesa do ponto de vista para se chegar a uma conclusão). Trata-se de considerar a validade dos argumentos por seu “meio de prova” (a sua força, a sua intensidade, a sua consistência), para definir, por exemplo, se as proposições são verdadeiras ou falsas (avaliação material); se são convincentes e persuasivas (avaliação retórica); se são válidas ou inválidas e concludentes ou inconcludentes (avaliação lógica). Há, assim, a verificação da competência argumentativa do texto, com base nas razões (argumentos) e nas estratégias argumentativas utilizadas.

Outro aspecto relevante na argumentação, que influencia na escolha das melhores estratégias para fundamentar seu ponto de vista e desenvolver os argumentos, é considerar o perfil de leitor a que o texto se destina, ou seja, quem escreve deve estar atento não somente ao tema, mas também ao seu interlocutor, para que a comunicação ocorra de forma adequada. Em vista disso, é possível representar a perspectiva da argumentação no esquema seguinte:



A forma de convencer e persuadir é responsável pela estruturação do texto, pois é a partir dela que se definem as estratégias argumentativas para defender a tese.

Serão apresentadas, assim, algumas orientações para que você tenha maior consciência das possibilidades discursivas ao tentar convencer seu leitor.



### TÁ NA MÍDIA

Acesse o QR Code a seguir e veja a diferença entre opinião e argumento.



## NATUREZA DOS ARGUMENTOS



Em textos dissertativo-argumentativos, o produtor do texto deve sempre ter a intenção de apresentar ideias que conduzam a uma conclusão já prevista e objetivada por ele. É comum haver textos dissertativo-argumentativos que tratam do mesmo assunto de modos distintos, dependendo do tema, do objetivo, do perfil do leitor, do projeto de texto (sugerido na introdução e realizado no desenvolvimento), do suporte onde são publicados, entre outros fatores.

O artigo publicado em uma revista de grande circulação, destinada a adultos, por exemplo, pode não ser parecido com o que foi publicado sobre o mesmo tema em uma revista cujo público-alvo seja composto por adolescentes. Uma reportagem de um jornal não confessional certamente terá uma abordagem diferente daquela veiculada em um jornal de uma instituição religiosa, isso porque, em cada caso, os leitores serão distintos e terão expectativas diferentes em relação ao suporte e às publicações nele veiculadas. Considerando esses fatores na produção do texto, veja a seguir algumas estratégias úteis ao desenvolvimento da dissertação argumentativa.

### Argumentação de causas ou razões (justificativas) e consequências

Os exemplos a seguir servem para ilustrar a natureza dos argumentos em função da situação sociocomunicativa na qual o texto se insere. Além disso, mostram uma das mais produtivas estratégias argumentativas para redação do Enem e de vestibulares: a apresentação de causas ou razões (justificativas) e consequências no desenvolvimento da tese e na abordagem do tema.

O primeiro é um texto dissertativo-argumentativo da prova de redação do Enem de 2014, cujo tema foi "A publicidade infantil em questão no Brasil". O candidato deveria se posicionar sobre a resolução do Conselho Nacional dos Direitos das Crianças (Conanda), que considerou abusiva toda publicidade destinada ao público infantil.

O segundo texto é um artigo de opinião, publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, na seção Tendências / Debates, em que se propôs a seguinte pergunta: A publicidade infantil deve ser proibida por lei?. O texto é de autoria de Gilberto Canela, mestre em Ciência Política da USP e, na época, coordenador de Relações Acadêmicas da Andi (Agência de Notícias dos Direitos da Infância).

#### Texto I

##### **Publicidade infantil: um desafio ético e político**

*"O progresso roda constantemente sobre duas engrenagens. Faz andar uma coisa esmagando sempre alguém." A frase, do escritor e pensador francês Vitor Hugo, exprime a ideia de que o sistema capitalista funciona baseando-se na exploração constante dos indivíduos. Analisando esse conceito atrelado à conjuntura atual, nota-se que a publicidade direcionada às crianças, no Brasil, possui um caráter predatório, funcionando como meio de criação de futuros consumistas e explorando a relativa facilidade de se persuadir uma criança, através do uso de elementos do universo infantil.*

*A necessidade de criação de uma lei só existe quando um conceito de ética que já deveria ser parte do senso comum é ausente. Dessa forma, nota-se que a criação de leis que proíbem ou normatizam a publicidade infantil nos países considerados desenvolvidos revela que esse setor da mídia não age de maneira ética. Isso se deve ao fato de que, com o advento do Neoliberalismo, houve a necessidade de difusão do consumismo, e a publicidade, como a principal forma de imposição desse ideal, passou a explorar a ingenuidade do imaginário infantil para adaptar as crianças a esse formato, incentivando sempre o desejo.*

*O resultado desse processo é a criação de uma infância voltada para o consumo. As crianças, alienadas pela mídia, são incorporadas ao capitalismo antes mesmo de possuírem consciência e discernimento para compreendê-lo. Suas vidas passam a ser ditadas pelos desejos que lhes foram impostos, tornando tudo – inclusive as datas comemorativas, as quais perdem seu sentido – uma forma de exigir produtos. Essas crianças, sem conceito de real necessidade, crescem para se tornarem adultos egoístas, totalmente submissos ao capitalismo e utilitaristas, estabelecendo como objetivo maior o acúmulo de capitais, visando à satisfação dos desejos e transmissão desses ideais aos seus filhos.*

*O Estado, como defensor dos direitos da população e do bem-estar social, deve criar leis que impeçam a dominação das crianças pelo consumismo, impedindo a associação entre produtos e elementos atrativos a elas. Deve-se utilizar da educação, principal elemento transformador da sociedade, para criar nas crianças o discernimento entre o frívolo e o necessário, coibindo o egoísmo e estimulando a solidariedade. A sociedade, por sua vez, deve conscientizar-se, limitando o consumo das crianças para impedir o desenvolvimento da cultura de consumo. Dessa forma, será possível criar um corpo social ético, harmonioso e saudável.*

BRASIL. MEC; INEP; DAEB. *Redação no Enem 2014* – Cartilha do participante. Brasília-DF: [s.n.], 2016. p. 40. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/guia\\_participante/2016/manual\\_de\\_redacao\\_do\\_enem\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2016/manual_de_redacao_do_enem_2016.pdf). Acesso em: 10 ago. 2019.

## Texto II

### Que crianças queremos formar?

“Proibir ou não a publicidade dirigida a crianças e adolescentes”, tal como outros temas na ordem do dia das democracias contemporâneas, é mais uma escolha que a sociedade brasileira, por meio de seus representantes eleitos, poderá fazer no futuro próximo.

Uma estratégia relevante para eleger a melhor direção na encruzilhada aqui posta – vamos pela rota do “sim” ou do “não”, afinal? – se encontra na reflexão acerca de uma questão anterior: “Que crianças e adolescentes queremos formar?”.

Se a resposta envolve uma preocupação essencial com o desenvolvimento de uma população infanto-juvenil menos voltada para o consumo, com maior capacidade de decisão, consciente da diversidade que nos une a todos e todas e inclinada a aderir a uma sociedade pautada por valores que não os associados a um modelo único de beleza corporal, à posse de determinados bens e serviços, à competição exacerbada – então, adentraremos confiantes a rota do “sim”.

Eleger uma programação televisiva livre de conteúdos publicitários direcionados a crianças e adolescentes é uma opção por colocar os direitos dessas populações acima de outros interesses. É tratá-las antes como cidadãos e cidadãs em processo de desenvolvimento do que como consumidores e consumidoras. É fortalecer as famílias, ampliando o seu poder de escolha ao eliminar a influência da publicidade no diálogo com os filhos.

É, de uma vez por todas, fazer valer o artigo 227 da Constituição: crianças e adolescentes são prioridade absoluta. Portanto, numa situação que coloca os interesses das crianças em lado oposto ao dos anunciantes, precisamos ter plena clareza sobre qual prato da balança deve pesar mais.

Ao refletir sobre o tema, convidamos o leitor ou a leitora a estarem atentos para alguns parâmetros fundamentais de discussão. Primeiro: o princípio da liberdade de expressão e informação não se aplica à publicidade. Não existe algo como “liberdade de expressão comercial”, e, não por outra razão, democracias contundentemente mais consolidadas do que a nossa no que diz respeito à liberdade de imprensa já proibiram a publicidade direcionada para crianças. E nossa sociedade já optou, por exemplo, por proibir a publicidade de cigarros. Um segundo ponto importante é que a autorregulação, ou seja, realizada pelos próprios anunciantes, mesmo que embebida de princípios corretos e louváveis, carece de um elemento fundamental para a promoção e proteção dos direitos humanos: “*enforcement*”. Instituições autorregulatórias não são dotadas do poder de fazer valer os princípios que norteiam os direitos da infância e adolescência, caso alguém não deseje cumpri-los.

Além do mais, há uma percepção cada vez maior de que a valorização de determinados padrões de consumo e beleza – sobretudo em uma sociedade desigual como a nossa – tem sido um dos fatores responsáveis por sérios problemas de saúde pública, como a obesidade infantil e transtornos na forma como os / as adolescentes lidam com seu próprio corpo. Por último, deve-se destacar que há um consciente e explícito reconhecimento do mercado publicitário – ver as declarações públicas de Cheryl Idell, executiva do setor de pesquisa de mercado nos EUA – de que se valer das crianças como instrumentos capazes de azucrinar (“*nagging*”) as famílias é caminho eficaz para que os pais adquiram os produtos em oferta.

Isso não pode, de forma alguma, estar em harmonia com a ética centrada nos direitos humanos. Somos, assim, a favor da proibição.

Países como Suécia, Noruega, Itália, Irlanda, Grécia, Dinamarca e Bélgica, segundo estudo do professor Edgar Rebouças (UFPE), já proíbem, ainda que com algumas diferenças entre si, a publicidade direcionada para crianças. Algumas dessas nações proíbem até mesmo toda e qualquer publicidade durante a programação infantil.

Quais valores o caro leitor ou a caríssima leitora entende que devemos transmitir a nossas crianças e adolescentes? Responder a essa pergunta é condição prévia para decidir sobre a proibição ou não da publicidade infantil. O debate está aberto.

CANELA, Guilherme. Que crianças queremos formar? *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2110200609.htm>. Acesso em: 30 ago. 2019.

Veja, no quadro a seguir, como se organiza a orientação argumentativa dos dois textos, com identificação da(s) estratégia(s) argumentativa(s) utilizada(s) pelos autores para fundamentar a tese.

Aspectos	Texto I (redação do Enem)	Texto II (artigo da Folha de S.Paulo)
<b>Tema</b>	Regulação da publicidade infantil	Proibição da publicidade infantil
<b>Objetivo</b>	Posicionar-se em relação à questão da regulação da publicidade infantil no Brasil	Posicionar-se em relação à proibição da publicidade infantil
<b>Público-alvo</b>	Avaliador (especialista) da redação do Enem	Leitores do jornal

**Ponto de vista / Tese**

**Favorável à regulação da publicidade:**

"Analisando esse conceito atrelado à conjuntura atual, nota-se que a publicidade direcionada às crianças, no Brasil, possui um caráter predatório, funcionando como meio de criação de futuros consumistas e explorando a relativa facilidade de se persuadir uma criança, através do uso de elementos do universo infantil."

**Frase que sintetiza a tese desenvolvida:**

"A necessidade de criação de uma lei só existe quando um conceito de ética que já deveria ser parte do senso comum é ausente."

**Favorável à proibição da publicidade infantil:**

"Uma estratégia relevante para eleger a melhor direção na encruzilhada aqui posta – vamos pela rota do 'sim' ou do 'não', afinal? – se encontra na reflexão acerca de uma questão anterior: 'Que crianças e adolescentes queremos formar?'"

**Frase que sintetiza a tese desenvolvida:**

"Se a resposta envolve uma preocupação essencial com o desenvolvimento de uma população infantojuvenil menos voltada para o consumo, com maior capacidade de decisão, consciente da diversidade que nos une a todos e todas e inclinada a aderir a uma sociedade pautada por valores que não os associados a um modelo único de beleza corporal, à posse de determinados bens e serviços, à competição exacerbada – então, adentraremos confiantes a rota do 'sim'."

**Estratégia(s) argumentativa(s) / Argumentos**

**Estratégia de apresentar causa e consequência**

**Tese:** A criação de leis, como é o caso da proibição ou normatização da publicidade infantil, está condicionada à ausência de conceitos éticos →

**Causa:** Falta de ética da mídia, em função do advento do neoliberalismo →

**Consequências:** Infância voltada para o consumo / Incorporação das crianças ao capitalismo sem que tenham discernimento para isso / imposição de desejos de consumo / Formação de perfil de adultos egoístas e utilitaristas →

**Conclusão:** O Estado deve criar leis para impedir o consumismo na infância.

**Comentário:** O autor inicia o texto com uma citação que antecipa a perspectiva adotada no texto. Ele apresenta, então, a premissa de que o capitalismo, com a publicidade infantil, baseia-se na exploração do indivíduo. Esse preâmbulo encaminha para a tese de que há relação entre ausência de ética e esse tipo de publicidade, por isso o autor defende a sua regulação. Ele fundamenta esse ponto de vista na apresentação da causa dessa necessidade de regulação (o neoliberalismo tem, na publicidade, o eixo da divulgação do consumismo e explora a ingenuidade das crianças). Essa causa traz consequências negativas ao comportamento infantil, como a alienação, a imposição de desejos, o que transformará as crianças em adultos egoístas, consumistas e utilitaristas. Esse raciocínio conduz à conclusão de que é necessário o Estado intervir no problema, por meio da regulação da publicidade infantil. A conclusão busca validar, assim, a proposição inicial e a tese.

**ATENÇÃO!**

Há, no texto, algumas generalizações (como dizer que as crianças se tornam adultos "totalmente" submissos ao capitalismo) e a pouco consistente relação causal de que as crianças submetidas à influência da publicidade, necessariamente, serão alienadas e se tornarão adultos egoístas. É preciso relativizar esse tipo de relação de causa e consequência, usando, por exemplo, estruturas linguísticas de possibilidade, hipótese. Exemplo: "Essas crianças, sem conceito de real necessidade, **podem se tornar** adultos egoístas, submissos aos valores capitalistas e utilitaristas, estabelecendo como objetivo maior o acúmulo de capitais, visando à satisfação dos desejos e à transmissão desses ideais aos seus filhos".

**Estratégias de apresentar razões / justificativas**

**Tese:** A preocupação com a formação de uma população infantojuvenil menos consumista, mais atuante, ética e tolerante à diversidade cultural e social torna adequada a proibição da publicidade infantil.

**Razão 1:** Os direitos dessa população devem estar acima dos interesses comerciais.

**Razão 2:** Fazer valer o artigo 227 da Constituição, que coloca a proteção aos direitos das crianças como prioridade absoluta.

**Razão 3:** O princípio da liberdade de expressão (direito humano) não é o mesmo que liberdade de expressão comercial.

**Razão 4 / uso de conceito:** Autorregulação pelos próprios anunciantes não tem poder de aplicação legal (enforcement).

**Razão 5:** Valorização de determinados padrões de beleza gera problemas de saúde em crianças e adolescentes.

**Razão 6 / discurso de autoridade:** Reconhecimento de representante do próprio setor publicitário (Cheryl Idell, executiva do setor de pesquisa de mercado nos EUA) sobre o poder da publicidade infantil no consumo das famílias.

**Conclusão:** Por todas essas razões, a proibição da publicidade infantil é adequada, a exemplo do que ocorre em outros países.

Os leitores devem, assim, refletir sobre os valores a serem transmitidos às crianças e aos adolescentes ao debaterem o tema.

**Comentário:** O autor parte do questionamento sobre qual perfil de crianças e adolescentes a sociedade deseja formar para, assim, discutir a polêmica medida de proibição da publicidade infantil e se posicionar.

Para fundamentar a tese, o autor apresenta uma série de razões, cujo eixo é o respeito aos direitos das crianças e dos adolescentes.

Ele apresenta a razão constitucional (princípio legal) desses direitos, bem como a distinção entre liberdade de expressão (direito humano) e liberdade comercial (direito privado).

A ineficácia da autorregulação em garantir o respeito a tais direitos e a falta de reconhecimento do próprio mercado publicitário de que os anúncios existem para influenciar o comportamento das crianças, junto à família, são justificativas apresentadas pelo autor para sustentar seu ponto de vista.

Ele conclui, reafirmando essa perspectiva e usando como mais um recurso de convencimento a informação de que países desenvolvidos já adotam essa regulação.

O autor mantém a estratégia da introdução de questionar o leitor sobre o tema, ao propor, no final do texto, uma pergunta retórica sobre o debate.

Ao elaborar um texto dissertativo-argumentativo, você deve ter em mente que escreve para um leitor cujo perfil é parecido com o de um leitor de uma revista ou de um jornal de grande circulação, ou seja, provavelmente letrado e capaz de julgar a consistência e a relevância das ideias apresentadas no texto. Desse modo, evite que a emotividade ou o dogmatismo, por exemplo, possam comprometer sua estratégia persuasiva.

Lembre-se também de que seu texto vai ser avaliado por especialistas, a partir de critérios determinados, o que implica um leitor mais exigente. Além desses fatores contextuais, é fundamental pensar que a tese ou a(s) premissa(s) inicial(is) deve(m) ser válida(s), ou seja, ter(em) valor de verdade e conduzir(em) a razões (argumentos) para se chegar a uma conclusão também válida / verdadeira.

## Argumentos de valor universal

São aqueles de difícil refutação, pois, como o próprio nome já sugere, são universalmente aceitos e comprovados, os quais permitem ao autor obter prontamente a adesão do receptor. Quando se afirma, por exemplo, que só se pode considerar como realmente alfabetizada a pessoa que consegue entender o que lê, tem-se um argumento de valor universal. Observe um exemplo:

Problemas de saúde como artrite, diabetes, perda de memória e outros tantos são comuns em pessoas com idade mais avançada. As queixas são muitas e bastante preocupantes nos consultórios médicos, pois parece que a cada dia os problemas aumentam de proporção e outros surgem para dificultar ainda mais um diagnóstico preciso. Mas as pessoas se esquecem – principalmente os mais jovens – de que hábitos alimentares saudáveis, exercícios físicos regulares, seis a oito horas de sono por noite e pouco estresse na juventude contribuem para uma boa saúde e, possivelmente, para uma velhice tranquila e saudável.

No exemplo apresentado, os argumentos utilizados para enfatizar que os bons hábitos na juventude colaboram para uma boa saúde na velhice apresentam um valor universal, ou seja, há um consenso científico e social de sua validade, pois está estabelecido que uma vida desregrada pode ser prejudicial para a saúde tanto na juventude quanto na velhice.

De forma contrária, dizer que a falta de recursos econômicos obriga as pessoas a entrarem no mundo do crime não seria um bom argumento, porque se fundamenta em uma concepção parcial e não se aplica a todos os casos. Estabelece-se uma relação de causa e consequência, baseada no senso comum (preconceituoso) de que, por ser pobre, a pessoa se tornará criminosa. Evite, portanto, fazer afirmações baseadas em visões pré-concebidas e / ou perspectivas emocionais, sentimentos e crenças, pois são argumentos de natureza pessoal que não garantem a consistência do texto.

## Dados colhidos na realidade

São dados empíricos de conhecimento público. Em uma situação concreta de produção de texto, para obter esses dados, você pode utilizar seu conhecimento de mundo ou encontrar pistas deixadas nos textos motivadores.

Vale observar, entretanto, que dados não são apenas aqueles expressos em números e porcentagens; podem ser também referências históricas, políticas, filosóficas, etc. Sendo assim, será capaz de argumentar melhor aquele que souber selecionar na realidade ou nos textos motivadores as informações corretas para fundamentar seu ponto de vista. Você deve ter sempre em mente que uma boa argumentação não pode basear-se em informações cuja comprovação não possa ser feita. Considere o seguinte exemplo:

De tempos em tempos, surgem críticas à Justiça do Trabalho descrevendo-a, erroneamente, como onerosa e improdutivo. A conclusão desse discurso seria sua absorção pela Justiça Federal, no todo ou em parte.

Contextualização do tema (já sinalizando o ponto de vista do autor)

Todavia é equivocado, é inconstitucional, pensar em fundir ramos do Poder Judiciário tão distintos como a Justiça do Trabalho e a Federal. Só o desconhecimento ou a má-fé poderiam justificar essa abordagem.

Tese (frase-núcleo)

Confirmação da tese e indicação da estratégia argumentativa (apontar as causas da abordagem)

A Justiça do Trabalho foi responsável por injetar R\$ 29 bilhões na economia brasileira no ano passado, segundo o Tribunal Superior do Trabalho, em repasses a trabalhadores que tiveram direitos reconhecidos. Arrecadou, ainda, R\$ 3,6 bilhões para a União, entre contribuições previdenciárias e Imposto de Renda pagos em condenações custas, emolumentos e multas de fiscalização do Trabalho.

Estratégia argumentativa de exposição de dados

[...]

Ainda assim, dados estatísticos do CNJ atestam que a Justiça do Trabalho é a mais produtiva. Segundo a publicação Justiça em Números, a produtividade dos Tribunais Regionais do Trabalho atingiu 90% do IPC-jus (Índice de Produtividade Comparada), bem superior aos 62% dos Tribunais Regionais Federais e também acima dos Tribunais de Justiça dos Estados, com 88%.

Estratégia argumentativa de exposição de dados

PORTO, Noemia; CALLADO, Ronaldo. Para que uma Justiça do Trabalho? *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/07/para-que-uma-justica-do-trabalhos.html>. Acesso em: 2 set. 2019. [Fragmento]



Os dados reais, de fontes que pesquisam, noticiam e informam ou, então, dados que se sabe pelo conhecimento adquirido nas aulas, nas leituras ou na Internet têm valor para fundamentar a argumentação. Contudo, a fonte deve sempre ser indicada corretamente, como no exemplo apresentado, cujos dados são do Tribunal Superior do Trabalho e do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), portanto, podem ser verificados e comprovados.

## Citações de discurso de autoridade

São afirmações de pessoas cuja autoridade em determinada área é conhecida e, portanto, conferem credibilidade à argumentação utilizada pelo autor do texto.

Para que você seja capaz de fazer citações, procure manter-se informado, ler, prestar atenção às notícias e aos temas que estão em evidência. A referência a uma afirmação de um especialista ou de uma autoridade política é exemplo de informações que podem ser usadas para argumentar. Em uma redação, não é preciso citar exatamente aquilo que foi dito, mas situar o leitor para que ele possa confiar na informação. Vale ler também os autores clássicos, literários ou não, para citá-los, mas será preciso saber relacioná-los à temática proposta de forma pertinente. Utilize no texto um repertório sociocultural produtivo. Atente para a utilização de conceitos de outras áreas do conhecimento que fundamentem suas ideias, servindo ao propósito de provar o ponto de vista, como a seguir:

É comum ouvirmos de muitos adultos por aí a frase “odeio Matemática”. Muitos adultos até conseguem fazer uma conta de multiplicação bem rápido, mas não conseguem explicar o que são números naturais ou racionais, por exemplo.

[...]

**Priscila Monteiro, coordenadora do Instituto Avisa Lá e coordenadora da Pós-Graduação em Didática da Matemática no Instituto Superior Vera Cruz, defende que “saber matemática é uma forma de dialogar com o mundo, e não apenas saber fazer contas”.** É, portanto, uma linguagem! Conversamos com a especialista sobre essa outra maneira de se relacionar com o que não sabemos.

**Segundo Priscila, essa é uma conversa urgente.** Os dados mais recentes mostram exatamente isso: de acordo com a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apenas 35% dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental têm conhecimento adequado na disciplina. Além dos entraves cognitivos que esses índices representam, eles evidenciam também a exclusão de milhões de cidadãos ainda na infância. [...]

FALZETTA, Ricardo. Por que nossas crianças não vão bem em matemática? *O Globo*. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/todos-pela-educacao/post/por-que-nossascrianças-nao-vaio-bem-matematica.html>. Acesso em: 3 dez. 2019. [Fragmento]

A apresentação de um discurso de autoridade, ou seja, a citação de um conceito ou uma ideia de alguém reconhecido na sua área de atuação, traz mais credibilidade ao argumento,

desde que as ideias estejam devidamente conectadas e a citação realmente acrescente uma informação relevante para o desenvolvimento do texto. No caso do exemplo apresentado, para abordar os motivos pelos quais as crianças não aprendem matemática de maneira satisfatória, o autor citou uma especialista em Didática da Matemática, trazendo confiabilidade e embasamento à argumentação.

Um cuidado em relação à citação é não utilizar essa estratégia somente para dizer que fez referência a um discurso de autoridade, sem dominar o conteúdo do que é dito, sem conseguir explicá-lo ou articulá-lo à tese e aos argumentos. Citações equivocadas (atribuir a determinada pessoa o pensamento de outra) ou interpretações errôneas do que disse a autoridade também comprometem muito a argumentação.

## Exemplos e ilustrações

São exemplos conhecidos, fatos que podem servir para ilustrar seu posicionamento, sua explicação ou sua análise. Novamente, nesse caso, é preciso manter-se bem informado sobre os acontecimentos da atualidade. As referências históricas também podem ser usadas para ilustrar suas ideias. Entretanto, independentemente do exemplo escolhido, não se esqueça de que você deve sempre procurar relacioná-lo ao tema a ser discutido na proposta e escolher fatos relevantes, de conhecimento público. Citar fatos particulares, como história de familiares, sem que isso tenha sido notícia, enfraquece a argumentação, pois se trata de um repertório sociocultural não legitimado (é algo particular, privado).

No excerto a seguir, o autor apresenta projetos desenvolvidos por professores e alunos a fim de corroborar sua tese acerca da necessidade de ensinar cultura afro-brasileira nas escolas.

Projetos que valorizem a literatura negra, os artistas e a história africana na escola podem ser um divisor de água para muitos jovens. Nunca é demais lembrar que a lei obriga o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras. Iniciativas como a do professor Jayse Antônio da Silva Ferreira, que mostrou que qualquer etnia tem beleza, ou ainda a da educadora Mariana Soares, que usou contos maravilhosos para povoar o imaginário da turma da Pré-escola com princesas negras, são válidas.

A mobilização pode envolver também os próprios alunos. Novos formatos para a discussão da identidade negra têm privilegiado o protagonismo dos estudantes, como foi o caso do coletivo “Solta esse Black”, liderado por alunas do Ensino Médio, ou como o do coletivo “Encrespados”, que une comunidade, jovens da periferia e escolas locais para debater temáticas relacionadas à negritude.

FALZETTA, Ricardo. Por que devemos ensinar a cultura afro-brasileira na escola? *O Globo*. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/todos-pela-educacao/post/por-que-devemos-ensinar-cultura-afro-brasileira-na-escola.html>. Acesso em: 3 dez. 2019. [Fragmento]

## Relato e descrição

O relato de fatos, histórias marcantes ou situações relevantes de conhecimento público, além da descrição de imagens, cenas, objetos, lugares, épocas, é também estratégias argumentativas eficazes para ilustrar o argumento. No relato há a exposição de eventos e / ou ações que se sucedem, constituindo um acontecimento e encaminhando para uma mudança em relação à situação inicial. Na descrição, são apresentadas informações que levam o leitor a construir imagens mentais de um objeto ou uma situação com base em um ponto de vista. Por isso, a tipologia descritiva é geralmente associada a uma dimensão espacial, como se o olhar do leitor fosse conduzido a um “passeio” por determinados lugares ou para a observação de coisas e pessoas. Em relação a isso, leia o texto a seguir, da arquiteta e urbanista Raquel Rolnik, sobre o tombamento de um imóvel como patrimônio público.

### Tombamento não pode ser o único instrumento de preservação da cidade

1§ Mais novo capítulo desta triste história de destruição sistemática das referências históricas culturais e simbólicas de São Paulo, a demolição de um conjunto de sobrados da Vila João Migliari, vem nos mostrar **o quanto é falível a estratégia do poder público de delegar apenas à gestão do patrimônio histórico, com suas complexas formas de controle e gestão, a regulação das formas de uso e ocupação do território.**

2§ A mando do proprietário, que em fevereiro já havia demolido **20 das 60 casas que compõem a vila, no bairro do Tatuapé, outras 35 caíram** no dia 1 de setembro. **Casas geminadas, de aluguel, construídas nos anos 1950**, que, assim como centenas de outras, estão sendo derrubadas todo todos os dias em São Paulo, para dar lugar a torres comerciais ou residenciais.

3§ Graças à indignação dos paulistanos, principalmente dos moradores do Tatuapé, a operação foi interrompida e ainda resta de pé um conjunto de cinco sobrados. **São casas comuns, sem nenhuma fantasia arquitetônica que lhes confira excepcionalidade** – e que não haviam sido, até hoje, reconhecidas na categoria “patrimônio histórico” e, portanto, protegidas de sua destruição.

4§ Foi exatamente um movimento de moradores da região, inconformados com a perda do lugar – porque, sim, os lugares carregam valores, e estes são parte fundamental do existir na cidade –, que desde maio havia pedido para a prefeitura um estudo de tombamento da vila, que motivou a sanha destruidora do conjunto.

5§ Explicando: o proprietário, temendo que o estudo do tombamento fosse acolhido pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpres), o que efetivamente ocorreu no dia seguinte à demolição, a segunda-feira [02/09/2019] [...], correu para impedir, na prática, as restrições decorrentes da abertura do processo.

7§ Para além dos elementos éticos e legais envolvidos nesta história, é preciso reconhecer que o tombamento procura enfrentar um desafio que está muito além de suas possibilidades e capacidades. E revela que os instrumentos atuais de planejamento urbano utilizados pela cidade, particularmente planos diretores e leis de zoneamento, apresentam apenas duas possibilidades de mudança do espaço existente: transformar tudo em prédios altos nos eixos de estruturação urbana ou em prédios de até oito andares nas demais áreas da cidade.

[...]

10§ É fundamental que a prefeitura, responsável pelas regras de uso e ocupação do solo, com o apoio dos moradores de São Paulo, desenvolva (o que nunca foi feito) outras formas de manter transformando. Ou transformar mantendo. Antes que seja tarde demais.

ROLNIK, Raquel. Tombamento não pode ser o único instrumento de preservação da cidade. *Blogosfera UOL*. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/tombamento-nao-pode-ser-o-unico-instrumento-de-preservacao-da-cidade/>. Acesso em: 30 ago. 2019. [Fragmento]

No primeiro parágrafo, a autora faz uma declaração que afirma o posicionamento que ela vai defender ao longo do texto, em relação à preservação de um patrimônio público tombado. Ela parte de um fato (a demolição de um conjunto de sobrados históricos da cidade de São Paulo) para qualificar esse acontecimento como um exemplo de destruição das referências históricas, culturais e simbólicas da cidade. Esse fato ilustra a tese (em negrito) de que a estratégia de o poder público somente gerir o patrimônio público, sem regular as formas de uso e ocupação do território, é falível para proteger esse patrimônio. O acontecimento também já antecipa a estratégia adotada pela autora para desenvolver o texto: o relato, com algumas descrições (trecho em vermelho), desse episódio.

Nos segundo, terceiro, quinto e sexto parágrafos, a autora vai relatando a sucessão de eventos (note que ela coloca inclusive a data dos acontecimentos), iniciados com a ação de demolir essas construções, tomada pelo proprietário do conjunto de sobrados. Rolnik encadeia essa sequência de acontecimentos, confirmando a proposição inicial de se tratar de um “capítulo da triste história” da demolição da cidade. Perceba que não se trata de narrar uma história com princípio, meio e fim (como nas narrativas tradicionais), afinal o propósito não é contar uma história, mas sim expor os eventos que se sucedem no tempo, os quais motivaram o texto.

Além disso, ao longo do relato, a autora vai fazendo julgamentos críticos, a começar pela escolha de palavras como “destruição”, “demolido”, “derrubadas”, que trazem uma carga semântica negativa. Outras afirmações e expressões, como “centenas de outras estão sendo derrubadas todos os dias em São Paulo, para dar lugar a torres comerciais ou residenciais”, “graças à indignação dos paulistanos”, “porque, sim, os lugares carregam valores e estes são parte fundamental do existir na cidade”, em meio ao relato, evidenciam o posicionamento da autora contra a derrubada do patrimônio.

Ainda no texto, há algumas passagens descritivas dos locais a que ela se refere (em vermelho), que criam a imagem das construções na mente do leitor. Essas estratégias desenvolvem a tese da autora de que não basta o poder público somente gerir o patrimônio histórico, é preciso pensar a regulação das formas de uso e ocupação do território.

No sétimo parágrafo, a autora faz a avaliação crítica do episódio relatado, desenvolvendo a tese, por meio da sugestão do que é necessário fazer para superar o problema. Na conclusão, ela identifica os agentes responsáveis por uma ação de intervenção e confirma, com essas propostas, a tese explicitada.

Ao usar o relato de um fato ou acontecimento e a descrição na dissertação argumentativa, é muito importante atentar à necessidade de essas estratégias estarem a serviço do seu posicionamento, da defesa de uma tese, para não haver o predomínio de uma tipologia que não é a dissertação argumentativa.

No texto a seguir, observe como a estratégia da descrição foi usada para construir o ponto de vista crítico da autora. Ela pretende fazer uma analogia entre corpo humano e máquina, a fim de defender a ideia de que essa aproximação cumpre o propósito de tornar o corpo “moldável”, ao “normalizá-lo”, “endireitá-lo”, a partir das intervenções tecnológicas que visam esse tipo de manipulação. Para chegar a essa tese / conclusão, ela parte de uma analogia com imagens de intervenções técnicas em plantas (a primeira ilustrando uma manipulação mais manual; a segunda, mais tecnológica).

#### O corpo como máquina: da normalização à otimização

**1§ A ideia de que o corpo humano consiste numa estrutura comparável a uma máquina não é nova, mas tampouco é tão velha assim. Trata-se de uma metáfora moderna, nascida junto com os primeiros suspiros do industrialismo.** E, embora tenha se mantido vigente ao longo dos últimos séculos, não o fez sem sofrer algumas mutações bastante significativas, sobretudo nas décadas mais recentes. Para sondar essas transformações e tentar desvendar seus sentidos, vale recorrer a um par de imagens que são emblemáticas de duas configurações históricas bem diferentes.

2§ Em primeiro lugar, convocaremos a **figura de uma árvore cujo tronco cresce de modo torto, inclinado para um dos lados. Em função desse desvio, procura-se endireitá-lo com uma estaca ou um tutor**, que com o tempo irá forçá-lo a se desenvolver de forma cada vez mais reta. Pelo menos, é isso o que se espera com essa operação, embora não exista nenhuma garantia de sucesso. **De fato, esse método de intervenção na matéria viva tem certas características que o associam ao ideal mecânico e, observado a partir de uma perspectiva contemporânea, poder-se-ia dizer que usa uma técnica analógica, em oposição à aparelhagem digital que hoje vigora entre nós.**

**3§ Em síntese, essa empreitada reflete uma vontade de esculpir ou lavrar um organismo que possui certa flexibilidade, mas que ao mesmo tempo é duro, rígido e opaco. Trata-se de uma matéria que resiste diante da ação desses procedimentos técnicos que pretendem normalizá-la ao endireitá-la. Por tudo isso, trata-se de um método árduo e lento, também um tanto bruto e inclusive cruel, cujos resultados são incertos:** não é uma estratégia cem por cento eficaz. Apesar de todos os cuidados e dos avanços obtidos ao longo dos séculos nas técnicas usadas para atingir objetivos desse tipo, não se sabe ao certo se no final a planta ficará erguida; nem quando isso ocorrerá, se é que de fato irá acontecer.

4§ A segunda imagem a ser evocada, para contrastar com a anterior, mostra o broto de uma **semente cujo genoma foi alterado**. Assim, convertido num organismo transgênico, o vegetal que surgirá desse grão estará **projetado ou programado geneticamente** para ser de determinada maneira e não de outra. Não só para que ele não cresça de modo defeituoso, mas também para que possua **algumas características específicas, tais como a tolerância a um herbicida, por exemplo, certo tamanho ou determinada cor, ou então a adição de uma série de nutrientes**. Tudo isso pode ser conseguido porque o código genético da semente em questão foi **programado** para que a planta desenvolva tais traços.

[...]

**5§ A distância entre as estratégias exercidas sobre os dois tipos de vegetais descritos nos parágrafos anteriores poderia resumir, de algum modo, a história da intervenção técnica na matéria orgânica, seja humana ou não humana.** Pelo menos, até agora. Em sentido tanto literal como metafórico ou simbólico, essas duas imagens sintetizam a “evolução” das formas com que usamos a tecnologia para alterar a vida. Cada uma dessas imagens condensa uma forma de implementar determinados saberes e ferramentas, que foram inventados para transformar os organismos vivos com o propósito de satisfazer objetivos, necessidades ou desejos humanos. Nesse conjunto de seres alterados tecnicamente se inclui, é claro, o corpo vivo da espécie humana. [...]

SIBILIA, Paula. O corpo como máquina: da normalização à otimização. *Comciência*. Disponível em: <http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=120&id=1462>. Acesso em: 30 ago. 2019. [Fragmento]

No primeiro parágrafo, a autora já anuncia o propósito de abordar a ideia da manipulação do corpo orgânico (parte em negrito) usando para isso a analogia com imagens que demonstram procedimentos técnicos e tecnológicos para “corrigir” ou “criar” organismos dentro de determinados padrões. Nos segundo e terceiro parágrafos, ela descreve as plantas e as técnicas para manipulá-las (em **vermelho**), criando para o leitor as imagens de como ocorrem, de duas formas distintas, os processos de reconfiguração desses organismos. Observe como predomina o uso de adjetivos ou orações adjetivas na caracterização dessas imagens. Nesses parágrafos, as partes em negrito expõem a análise da autora acerca desses procedimentos, para defender a perspectiva de que o corpo humano é visto como uma máquina, sujeito a manipulações, ou seja, é moldável para atender a determinados propósitos. Assim, a descrição, bem como a analogia, tem papel central na estratégia argumentativa do texto.

## QUADRO-RESUMO DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

O quadro a seguir apresenta uma síntese das estratégias argumentativas que lhe permitirão desenvolver melhor sua argumentação e, assim, seu texto. Atente para a aplicabilidade de cada uma dessas estratégias e alguns dos marcadores sintáticos que permitem introduzi-las.

Tipo	Aplicabilidade	Marcadores sintáticos
<b>Exemplificação</b>	Busca justificar o ponto de vista defendido por meio de exemplos. Permite hierarquizar informações e dados estatísticos.	Mais importante que, superior a, de maior relevância que, considerando os dados, conforme informações recentes.
<b>Apresentação de causas e consequências</b>	Permite a explicação e / ou a justificativa de um fenômeno qualquer ao evidenciar as relações estabelecidas.	Porque, visto que, por causa de, em virtude de, em vista de, de tal modo que.
<b>Explicitação</b>	Tem como finalidade o esclarecimento do ponto de vista apresentado.	Isto é, haja vista, na verdade, considera-se, denomina-se, segundo, do ponto de vista.
<b>Enumeração</b>	Consiste na apresentação de uma sequência de elementos que provêm de uma opinião emitida.	Primeiro, segundo, antes de, depois de, ao redor, no sul, no norte, ainda, em seguida.
<b>Comparação</b>	Consiste na aproximação de fenômenos, buscando estabelecer entre eles uma relação de identidade ou distinção.	Da mesma forma, tal como, assim como, ao contrário, por um lado, por outro lado, mais que, menos que, em contraste.
<b>Utilização de perguntas retóricas</b>	Consiste no levantamento de questões dirigidas ao leitor, as quais permitem o direcionamento para a resposta pretendida pelo autor.	Frases interrogativas, uso de vocativo e da 1ª pessoa do plural.
<b>Levantamento de objeções já previstas</b>	Consiste na antecipação de objeções que poderiam servir à contra-argumentação, para refutá-las e evitar contraposição.	Orações subordinadas adverbiais concessivas.
<b>Alusão histórica</b>	Consiste na referência ao passado por meio de recortes que estabelecem relações intertextuais, viabilizando a problematização e o aprofundamento do tema.	Durante o período, em meados do século, desde, prova disso é, historicamente.
<b>Argumento de valor artístico-cultural</b>	Consiste na referência a linguagens artísticas, indústria cultural ou cultura popular como recurso de desenvolvimento do argumento.	O romance <i>Cidade de Deus</i> (1997), de Paulo Lins, adaptado para o cinema em 2002, mostra como fatores socioeconômicos estão ligados à violência.
<b>Raciocínio lógico</b>	Consiste em um conjunto de regras que visam formar afirmações categóricas para representar um raciocínio válido.	Orações coordenadas assindéticas conclusivas.

Cabe destacar que, como foi visto nas análises anteriores, um texto não apresenta somente uma estratégia argumentativa (pode haver uma predominante); ele articula diferentes formas de desenvolver a argumentação e de fundamentar a tese. Observe como o autor do texto da redação nota 1 000 a seguir, um texto sobre o tema “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na Internet”, defende sua tese (em **negrito**) por meio de estratégias argumentativas variadas, como apresentação de causas e consequências (em **azul**), explicitação (em **verde**), discurso de autoridade e argumento de valor artístico-cultural (em **vermelho**), raciocínio lógico (em **roxo**), levantamento de problema e proposta de solução (em **laranja**).

*O advento da Internet possibilitou um avanço das formas de comunicação e permitiu um maior acesso à informação. No entanto, a venda de dados particulares de usuários se mostra um grande problema. Apesar dos esforços para coibir essa prática, o combate à manipulação de usuários por meio de controle de dados representa um enorme desafio. Pode-se dizer, então, que a negligência por parte do governo e a forte mentalidade individualista dos empresários são os principais responsáveis pelo quadro.*



Em primeiro lugar, deve-se ressaltar a ausência de medidas governamentais para combater a venda de dados pessoais e a manipulação do comportamento nas redes. Segundo o pensador Thomas Hobbes, o Estado é responsável por garantir o bem-estar da população, entretanto, isso não ocorre no Brasil. Devido à falta de atuação das autoridades, grandes empresas sentem-se livres para invadir a privacidade dos usuários e vender informações pessoais para empresários que desejam direcionar suas propagandas. Dessa forma, a opinião dos consumidores é influenciada, e o direito à liberdade de escolha é ameaçado.

Outrossim, a busca pelo ganho pessoal acima de tudo também pode ser apontado como responsável pelo problema. De acordo com o pensamento marxista, priorizar o bem pessoal em detrimento do coletivo gera inúmeras dificuldades para a sociedade. Ao vender dados particulares e manipular o comportamento de usuários, empresas invadem a privacidade dos indivíduos e ferem importantes direitos da população em nome de interesse individuais. Desse modo, a união da sociedade é essencial para garantir o bem-estar coletivo e combater o controle de dados e a manipulação do comportamento no meio digital.

Infere-se, portanto, que assegurar a privacidade e a liberdade de escolha na Internet é um grande desafio no Brasil. Sendo assim, o Governo Federal, como instância máxima de administração executiva, deve atuar em favor da população, através da criação de leis que proíbam a venda de dados dos usuários, a fim de que empresas que utilizam essa prática sejam punidas e a privacidade dos usuários seja assegurada. Além disso, a sociedade, como conjunto de indivíduos que compartilham valores culturais e sociais, deve atuar em conjunto e combater a manipulação e o controle de informações, por meio de boicotes e campanhas de mobilização, para que os empresários sintam-se pressionados pela população e sejam obrigados a abandonar a prática.

Afinal, conforme afirmou Rousseau: "a vontade geral deve emanar de todos para ser aplicada a todos".

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2019*: cartilha do participante. Brasília, 2019. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2019/redacao\\_enem2019\\_cartilha\\_participante.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem2019_cartilha_participante.pdf). Acesso em: 04 dez. 2019.

## CONTRA-ARGUMENTAÇÃO

Os mais diversos assuntos despertam posições favoráveis e desfavoráveis e muitos argumentos contra e a favor. Saber contra-argumentar, apresentando premissas, fazendo ressalvas ou refutando as ideias do outro, é fator primordial para construir argumentos fortes e defender com segurança a tese proposta.

O Enem e os vestibulares, em geral, propõem temas de conteúdo social, político ou cultural, que apresentam perspectivas diversas, sendo temáticas de cunho ideológico (estão no campo das ideias, dos conceitos), ou seja, expressam valores e crenças científicas, jurídicas, humanistas, etc., o que exige o debate de ideias no texto.

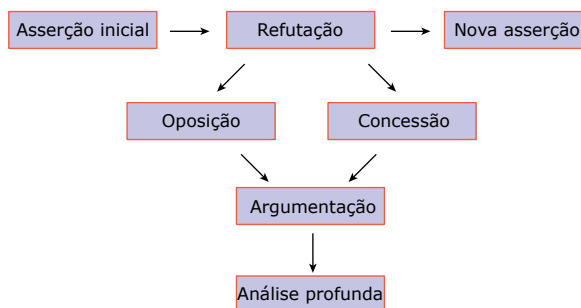
Com base nisso, para fazer um bom texto dissertativo-argumentativo, é preciso:

- expor claramente uma tese;
- apresentar argumentos diversos para sustentar a tese exposta;
- demonstrar os efeitos benéficos da adoção da tese;
- mostrar que a tese tem opositores (opiniões, posicionamentos contrários);
- ter como objetivo diminuir o valor dos argumentos contrários.

Existem algumas estratégias que podem ser empregadas com essa finalidade. São elas:

- mostrar que há um "problema" que gera debate ou polêmica / controvérsia (é preciso despertar o interesse dos leitores pelo tema e por suas ideias);
- explorar as razões (justificativas) para sustentar um ponto de vista;
- fazer concessões para que se possa apontar restrições (ressalvas aos argumentos do interlocutor);
- concordar parcialmente com o interlocutor, reconhecendo, assim, a validade de parte da tese que ele defende;
- refutar a tese ou o argumento de opiniões contrárias, mostrando as inconsistências ou incoerências dessas ideias.

O esquema a seguir ilustra como acontece a ação de contra-argumentação.



SANTOS, Marcos Bispo. Contra-argumentação e discurso: uma abordagem transdisciplinar. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 2 233-2 250, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14n3p2233>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Na contra-argumentação, há inicialmente a asserção do argumento a ser contestado; em seguida, a refutação, que pode ser por oposição ou por concessão (ação que implica aceitar / contrapor parcialmente o argumento). Essa contestação deve ser argumentada e justificada, ou seja, deve-se explicar o porquê da discordância, apresentando os argumentos, expondo e discutindo o ponto de vista.

A seguir, leia o artigo "Por que precisamos rotular melhor os alimentos no Brasil", sobre a polêmica acerca da mudança da rotulagem nutricional que vem nas embalagens dos alimentos ultraprocessados. O propósito é colocar rótulos na parte frontal dos produtos, indicando a presença em excesso de substâncias prejudiciais à saúde, como açúcar, sódio, etc. Essa proposta gerou polêmica e refutação dos argumentos da indústria alimentícia. Observe a análise a seguir:

### Por que precisamos rotular melhor os alimentos no Brasil

Está em debate no Brasil a adoção de novas regras de rotulagem nutricional. Especialistas de todo o mundo apontam que o modelo de advertências – aquele que inclui um alerta na parte da frente das embalagens dos alimentos ultraprocessados, sinalizando a presença em excesso de nutrientes críticos como sódio, açúcar e gordura – é o mais eficaz em informar os consumidores sobre as reais características de um produto.

É o que diz, também, um relatório técnico da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) elaborado após exaustiva análise das evidências científicas e debate com diferentes atores dos setores público e privado. Mas a indústria de alimentos não parece satisfeita.

Uma projeção feita por uma consultoria a pedido de representantes do setor de alimentos não saudáveis busca enfraquecer o relatório da Anvisa, afirmando que a implementação do modelo de advertências traria consequências como retração do consumo interno e prejuízo às exportações, impactando na produção, emprego, renda e geração de tributos.

Os argumentos, porém, são inconsistentes, imprecisos e estão baseados em estimativas que contêm erros metodológicos graves. Não resistem a uma análise criteriosa e atenta e não devem ser levados em consideração pelos tomadores de decisão.

Um dos argumentos mais frágeis utilizados pelos fabricantes é o de que o modelo de advertências poderia causar uma retração de 10% no consumo interno porque os brasileiros não ficariam satisfeitos com as mudanças implementadas nos rótulos. A estimativa, porém, é totalmente incompatível com dados divulgados pela própria indústria, que apontam que apenas 6,4% dos consumidores alegam que os rótulos são determinantes no consumo. Ainda assim, esses consumidores tenderiam a trocar de produto, em busca de uma opção sem advertências nas embalagens, mas sem deixar de consumir – o que enfraquece ainda mais o argumento de retração do consumo.

Além disso, associar a escolha dos produtos ao simples fato de estarem supostamente em desacordo com um modelo de rotulagem que ocupa menos de 5% das embalagens é, no mínimo, questionável.

[...]

Além disso, o impacto econômico estimado está baseado em uma pesquisa da empresa de opinião e comportamento Ibope Inteligência (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), realizada em 2017 e que não é representativa da população brasileira. A proporção de indivíduos nas distintas faixas etárias, nos níveis de escolaridade e na condição de municípios difere substancialmente quando a pesquisa IBOPE é comparada com dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios), levantamento populacional oficial realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas).

**Contextualização do tema:** Discussão sobre mudanças na forma de expor os componentes dos alimentos ultraprocessados (rótulos das embalagens), com a exposição do posicionamento dos especialistas, da Anvisa e da indústria.

**Estratégia utilizada para introdução:** Apresentação do fato motivador do texto.

**Comentário:** Perceba que, já nessa contextualização, as autoras expõem o conflito de interesses em torno do tema. Preparam, assim, o leitor para o propósito do texto, que é discutir um tema polêmico de interesse público.

**Tese** (ponto de vista das autoras): Defesa da nova rotulagem das embalagens, a partir da contestação dos argumentos do setor de alimentos, enunciados no parágrafo anterior.

**Estratégia:** As autoras contestam os argumentos do setor alimentício, considerando-os “falaciosos” (um raciocínio falso que busca simular uma verdade). Há, assim, o posicionamento favorável à nova rotulagem.

**Comentário:** Para a contra-argumentação funcionar, será necessário que as autoras demonstrem a inconsistência, a imprecisão e o erro metodológico das alegações da indústria, a fim de não correrem o risco de deslegitimar a contestação.

**Contra-argumentação:** As autoras refutam a afirmação do setor alimentício de que a nova rotulagem diminuiria o consumo. Elas buscam demonstrar a “inconsistência” e a “imprecisão” das proposições do setor. Nesse caso, a contra-argumentação é eficiente porque as autoras usam dados produzidos pela própria indústria para mostrar a inconsistência do que ela defende.

**Estratégia argumentativa:** Exposição de dados estatísticos contraditórios, produzidos pelo próprio setor alimentício.

**Operadores argumentativos para marcar a contraposição das ideias:** “porém”, “ainda assim” e “mas”.

**Argumento complementar:** As autoras enunciam mais um argumento que, devido ao uso do operador discursivo “além disso”, assume a força de um ponto decisivo, apresentado como um acréscimo ao que foi dito. Aparentemente “secundário”, esse argumento serve, justamente, para confirmar as falhas na argumentação da indústria.

**Contra-argumentação:** Apresentação dos “erros metodológicos graves” da pesquisa, na qual se baseou o setor alimentício para alegar o impacto econômico negativo da nova rotulagem dos produtos. Aqui, a credibilidade de uma pesquisa do IBGE sobrepõe-se à de um instituto privado – Ibope –, o que reforça a contestação.

**Estratégia argumentativa:** Comparação entre metodologias dos institutos Ibope e IBGE.

**Operadores argumentativos:** “além disso” (indica a introdução de mais um argumento, também “decisivo”). Internamente, a comparação é configurada pelo uso do verbo “difere” e do modalizador “substancialmente”.



[...]

O que a indústria também parece ignorar é que o modelo de advertências estimula a reformulação de produtos não saudáveis para que deixem de exibir o selo de alerta. Esse também é um movimento que tem sido observado no Chile. Se levada em conta a possibilidade de reformulação, o impacto no consumo e, conseqüentemente, na produção da indústria de alimentos seria bem menor.

Por fim, impactos positivos potenciais devem ser considerados. Reduzir o consumo de nutrientes críticos, por exemplo, traz ganhos sobretudo para a saúde e o bem-estar geral da população. Obesidade, diabetes, problemas do coração e câncer estão entre as doenças mais comuns ligadas ao consumo excessivo de produtos ultraprocessados. Esses aspectos afetam a saúde da população e devem ser pesquisados para se saber o impacto das políticas de rotulagem de alimentos.

Se existem evidências de que um modelo de rotulagem frontal seja mais efetivo para atingir os benefícios esperados pela política, esses impactos positivos devem ser considerados na análise de custo-benefício do modelo a ser adotado.

ALVES, Denise; STEFFENS, Camila. Por que precisamos rotular melhor os alimentos no Brasil. *Nexo*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2019/Por-que-precisamos-rotular-melhor-os-alimentos-no-Brasil>. Acesso em: 30 ago. 2019. [Fragmento]

**Razões (justificativas):** As autoras não contestam diretamente um argumento do setor alimentício, mas reafirmam a ideia de que a oposição desse segmento ao novo modelo de rótulo não considera a importância da rotulagem para a saúde do consumidor. Elas deixam implícita, assim, a avaliação de que o setor é negligente em relação ao bem-estar da população.

**Estratégia argumentativa:** Apresentação de razões (justificativas) e impactos positivos para se reformular os rótulos nas embalagens dos produtos, além da citação de um exemplo (Chile).

**Operadores argumentativos:** “também”, “conseqüentemente”, “por fim”, “por exemplo”.

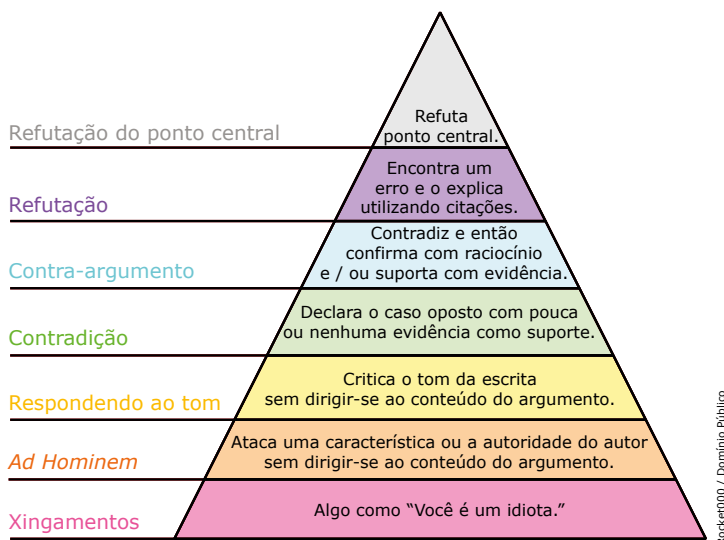
**Conclusão:** As autoras reafirmam o posicionamento favorável à nova rotulagem das embalagens dos produtos ultraprocessados, tomando como parâmetro os impactos positivos que tal mudança traria.



**PARA REFLETIR**

Para uma discussão ser eficiente, como foi demonstrado, é preciso contestar a ideia central do posicionamento do oponente. A esse respeito, em 2008, o cientista da programação e investidor britânico, Paul Graham, publicou um ensaio em que apresenta uma hierarquia da discordância.

**A pirâmide de desacordo de Graham**



RocketHub / Domínio Público

Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Graham%27s\\_Hierarchy\\_of\\_Disagreement-pt.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Graham%27s_Hierarchy_of_Disagreement-pt.svg). Acesso em: 2 dez. 2019.

Trata-se de uma pirâmide em que há a identificação dos níveis de uma argumentação, começando pelas formas mais baixas (portanto, condenáveis) de discordar, que incluem o “xingamento” (ofensa gratuita), o discurso “*Ad hominem*” e “respondendo ao tom” (critica-se a forma do texto, o estilo, e não as ideias). Outro nível ainda falho de argumentar é a contradição, em que apenas se posiciona contrariamente à proposição original, sem rebatê-la; não se argumenta sobre isso. Exemplo: *Há pessoas que defendem não haver racismo no Brasil, mas ele existe sim*. Apresentar o contraditório (“mas ele existe sim”) e não contestar os argumentos de quem defende não haver racismo coloca a argumentação no nível frágil da contradição. Somente se está negando o que o outro defendeu.

Uma boa discussão de ideias, segundo Graham, vai se estabelecer a partir do nível do “contra-argumento” e, mais elevados ainda, os níveis da “refutação” e da “refutação do ponto central”. A diferença entre esses dois tipos de refutação (bem sutis) é que o primeiro contesta parte das ideias, sem atacar o argumento principal.



### TÁ NA MÍDIA

Para entender mais sobre os níveis de argumentação da pirâmide de Graham, assista ao vídeo disponível no QR Code ao lado.



## FALHAS ARGUMENTATIVAS

Muitas vezes, ao se discutir a respeito de determinado assunto, não se consegue convencer o interlocutor acerca do ponto de vista apresentado porque não são utilizados argumentos lógicos, ou “persuasivos”; então, ocorrem falhas que enfraquecem a argumentação. Essas falhas, como as “falácias”, são elementos facilmente encontrados em jornais, revistas e outras fontes. É preciso, portanto, atentar aos textos para identificar os raciocínios falaciosos, corrigi-los ou refutá-los. As falhas de argumentação são erros típicos de estrutura, composição, coerência, aceitabilidade ou fundamentação de argumentos, como os apresentados a seguir:

### Generalização

Trata-se de uma qualificação ou padronização instintiva de pessoas ou grupos. Pode aparecer na forma de estereótipos, em que se rotula um grupo ou um indivíduo de maneira preconceituosa ou, ainda, em tom elogioso. Leia um trecho de uma redação do Enem, sobre o tema “Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado”, proposto em 2011, que apresenta esse problema.

*Câmeras que gravam qualquer movimento, telas transmitindo notícias a todo minuto, o Estado e a mídia controlando os cidadãos. O mundo idealizado por George Orwell em seu romance 1984, onde aparelhos denominados teletelas controlam os habitantes de Oceania vem se tornando realidade. Com a televisão e, principalmente, a Internet, somos influenciados – para não dizer manipulados – todos os dias.*

*Tal influência ocorre, majoritariamente, através da mídia e da propaganda. Com elas, padrões de vida são disseminados a uma velocidade assombrosa, fazendo a sociedade, muitas vezes privada de consciência crítica, absorvê-los e incorporá-los como ideais próprios. Desse modo, deixamos de ter opinião particular para seguir os modelos ditados pelo computador, acreditando no que foi publicado, sem o devido questionamento da veracidade dos fatos apresentados.*

*Com isso, as novas redes sociais, surgidas nesse início do século XXI, se tornam os principais vetores da alienação cultural e social da população, uma vez que todos possuem um perfil virtual com acesso imensurável a todo o tipo de informações. Por isso, diversas empresas e personalidades se valem da criação de perfis próprios, atraindo diversos seguidores, aos quais impõe sua maneira de agir e pensar. Esses usuários, então, se tornam mais vulneráveis e suscetíveis à manipulação virtual. [...]*

BRASIL. MEC; INEP; DAEB. *Redação no Enem 2012 – Cartilha do participante*. Brasília-DF: [s.n.], 2012. p. 33. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2012/guia\\_participante\\_redacao\\_enem2012.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/guia_participante_redacao_enem2012.pdf). Acesso em: 10 ago. 2019. [Fragmento]

O autor parte da analogia entre o mundo ficcional criado no livro 1984, de George Orwell, e a realidade atual para caracterizar as formas de controle da população pelo Estado e pela mídia. A tese é de que há uma constante manipulação das pessoas pelos meios de comunicação. Na argumentação, o autor faz generalizações que fragilizam o ponto de vista defendido, ao afirmar que “a sociedade” (ou seja, todas as pessoas) ficaria privada de “consciência crítica” e, também, que as pessoas deixam de ter opinião e seguem, acriticamente, modelos impostos pelo “computador”.

O fato de se refletir sobre essa situação, como objetiva o tema proposto, já evidencia o problema da generalização como argumento. Ao estender o poder de influência da televisão e da Internet à “população”, não há espaço para grupos sociais que questionam a mídia e combatem suas formas de atuação. Do mesmo modo, não se pode afirmar que essas mídias destituem as pessoas de consciência crítica ou de opinião própria, pois isso significa afirmar que elas não têm autonomia de pensamento. Cabe ressaltar que, Internet e televisão não são as únicas referências para as pessoas construírem suas visões de mundo; elas também são influenciadas por outros fatores, como família, amigos, outras culturas, cinema, livros, música, etc.

Outra generalização está na afirmação de que toda a população tem perfil virtual. Nesse caso, não se considerou que há uma significativa desigualdade de acesso à Internet no país. Além disso, estar conectado não significa, necessariamente, ter perfis em redes sociais. As generalizações podem comprometer, assim, a consistência dos argumentos, ao revelarem uma perspectiva simplista sobre um tema complexo.

## Slogans, palavras de ordem, provérbios e frases feitas

Geralmente, esse tipo de expressão contribui pouco para a informatividade do texto, já que repete pensamentos de outrem, com valores e conceitos preestabelecidos ou “clichês”. Podem, também, transmitir o sentido de um discurso panfletário, defendendo ideologias ou posicionamentos de maneira incisiva e pouco crítica ou reflexiva. Por causa disso, devem ser evitados em textos dissertativo-argumentativos.

O texto a seguir, sobre a padronização estética no Brasil, seria um exemplo de dissertação argumentativa bem redigida, não fossem as generalizações e os clichês (texto em negrito) usados pelo autor no desenvolvimento e a frase feita presente na conclusão, que enfraqueceram o texto.

### **O corpo ideal**

*Esse trabalho é uma "sessão fotográfica que representa e critica a padronização estética corporal e a exclusão dos que não fazem parte dela", analisa Matheus Diniz, fotógrafo brasileiro, sobre seu projeto que expõe a perfeição plástica cultuada nas mídias sociais, além de apresentar também pessoas consideradas fora do padrão e que, no entanto, esbanjam autovalorização e empoderamento. É uma crítica de enorme valia, visto que todas as mídias e veículos de comunicação (televisão, cinema, Internet – sobretudo as redes sociais) sempre atuaram e ainda atuam como ferrenhas disseminadoras da ideia de um modelo físico, americano, a ser seguido. É importante frisar que o corpo considerado perfeito não é sinônimo de saúde e que essa idealização é muito perigosa.*

*O culto a um padrão de beleza existe no Brasil desde o Período Colonial. Daquele tempo até parte do século XIX, as influências provinham da Europa, mas eram predominantemente ligadas às vestimentas. Em seguida, as inspirações passaram a ter origem americana, chegando, então, ao panorama atual, em que a globalização e a tecnologia permitem a entrada no Brasil dos diferentes padrões de beleza **impostos pelo mundo**. O turbilhão de informações acerca da estereotipização induzem inúmeras pessoas, **em sua grande maioria mulheres jovens**, a se submeterem a dietas radicais, cirurgias plásticas, exercícios físicos em demasia e procedimentos estéticos diversos.*

*Algumas fazem, ainda, o uso de medicamentos, anabolizantes e esteroides, tudo isso em busca do corpo perfeito. Esses procedimentos que objetivam o corpo idealizado **quase nunca são orientados por profissionais ou realizados de forma correta**, o que provoca malefícios múltiplos. Os mais comuns são a anorexia e a bulimia, causadas por dietas extremamente restritivas ou pobres em elementos essenciais, mas existem muitos outros. O uso de medicamentos, por exemplo, pode provocar disfunção de glândulas, acarretando a infertilidade, impotência, diabetes e até câncer. As demais iniciativas podem suscitar também desnutrição, estresse, disfunções, erros cirúrgicos irreparáveis ou até mesmo levar à morte. Ainda, **de um modo geral, a não aceitação do próprio corpo pode provocar no indivíduo um quadro depressivo por ele estar sempre insatisfeito consigo mesmo.***

*Diante disso, sugerem-se aos influenciadores digitais que proponham, a exemplo do fotógrafo Matheus Diniz, campanhas, veiculadas nas redes sociais de maior acesso no Brasil e no mundo, pregando a autoaceitação e o zelo pela vida e pela saúde, **pois só assim, juntos, poderemos acabar com a ideia de padronização corporal, enaltecendo as pessoas de fato saudáveis, fazendo, assim, com que sejam felizes.***

## Senso comum e lugar-comum

Você já deve ter ouvido falar em “senso comum” e “lugar-comum”, bem como já recebeu a orientação de não se basear neles em seus textos. Mas você sabe qual é a diferença entre “senso comum” e “lugar-comum”?

Usa-se a expressão “senso comum” para fazer referência a concepções conhecidas e consideradas válidas pela maioria das pessoas. O senso comum é caracterizado por representar uma visão superficial, óbvia e pouco crítica da realidade.

São exemplos de ideias de senso comum:

- Há mais criminalidade em lugares onde existe maior desigualdade social.
- A estrutura tradicional das famílias modificou-se ao longo dos últimos 20 anos.
- Não será possível acabar com a corrupção no Brasil se não houver punições efetivas àqueles que a praticam.
- O sistema carcerário no Brasil não reabilita os infratores para o convívio social.

Todo texto apresenta certa previsibilidade, afinal, deve pautar-se na realidade, na qual também está fundamentado o senso comum. Entretanto, é bom saber que essas ideias têm baixo nível de informatividade. Em outras palavras, um texto fundamentado apenas no senso comum é previsível, expõe obviedades e não acrescenta muito aos leitores. Por isso, é aconselhável apresentar ideias que ultrapassem o senso comum.

O lugar-comum, por sua vez, deve ser evitado a todo custo em textos dissertativo-argumentativos. Ele se pauta em generalizações e, em alguns casos, expressa preconceitos. São exemplos de lugares-comuns:

- Mulheres não sabem dirigir bem.
- Na favela só há marginais.
- Políticos são corruptos.

Em um texto dissertativo-argumentativo, devem-se apresentar ideias e pontos de vista dentro de uma seleção de conceitos, fatos, dados que possam servir para embasar os argumentos. Ao utilizar somente informações triviais, empregar expressões generalizantes, que denotem preconceito, o autor terá dificuldades em ter seu texto bem avaliado, principalmente em situação de exames como o Enem e os vestibulares.

A redação a seguir é de um aluno do Ensino Médio, sobre o tema "A exposição nas redes sociais: perigo ou interação?". Note que, no desenvolvimento do texto, o autor argumenta com base em lugar-comum, por meio de generalizações e da citação de um provérbio que revela um julgamento de valor também generalizante, o que prejudica a defesa do posicionamento.

#### **Internet, meio de comunicação ou exposição?**

***Estar conectado à Internet hoje passou a ser algo necessário para muitas pessoas, pois só através da mesma pode-se haver uma comunicação entre pessoas distantes ou o uso dela como fonte de trabalho, estudo, entre outras coisas, de uma forma mais rápida e de fácil acesso. Em contrapartida, a rede não impede as pessoas que a acessam de terem sua privacidade preservada.***

***Quando se trata de Internet, muitas pessoas afirmam que não vivem sem e das 24 horas do dia elas passam 24 horas conectadas, pois estas trabalham em muitas coisas: em multinacionais, estudam a distância ou moram longe da família e sem a Internet não haveria uma outra forma para a comunicação.***

*No entanto, nem sempre a Internet serve como comunicação. Há casos em que ela se torna uma rede de exposição onde a privacidade é zero. Artistas ou pessoas famosas já tiveram problemas por causa da rede, como o caso da atriz global que teve suas fotos nuas expostas na Internet. **Outras pessoas expõem toda sua vida nas redes sociais, usando seus "corpinhos de Barbie" para ganhar um "dinheirinho fácil". É aquele ditado: "quem nunca comeu melado, quando como se lambuza".***

*Podemos concluir que a Internet serve como meio rápido de comunicação, mas com cuidado, respeito, preservando a imagem do outro, sendo pessoas conscientes de que também podemos ser vítimas dela. É necessário ter cuidado com o que se publica na Internet e em casos mais graves deve-se acionar a justiça e buscar sempre instruir os usuários de redes sociais no que se deve ou não se expor na Internet.*

## Círculo vicioso

Essa falha acontece quando o argumento é, na verdade, uma repetição do que já foi dito anteriormente. Muitas vezes o autor de um texto, talvez por falta de planejamento ou mesmo por ter um repertório sociocultural pouco produtivo, repete com outras palavras a mesma ideia, causando uma redundância. Por exemplo:

Muitas pessoas não conseguem estudar porque não entendem a matéria ou o que o professor diz. Assim, esses alunos não se desenvolvem nem estudam por falta de compreensão da matéria ensinada pelo professor.

Um texto em que não há um desenvolvimento de ideias quase sempre evidencia falta de planejamento, o que é facilmente identificado, pois o autor faz uma argumentação circular, em que não há progressão ou a análise daquilo que se expõe, voltando sempre ao argumento já apresentado. O resultado é uma produção com baixa informatividade e argumentos frágeis, como o apresentado no tópico sobre senso comum e lugar-comum, em que o autor se repete, nos dois primeiros parágrafos, quanto à necessidade que algumas pessoas têm de estarem sempre conectadas.

## Sofismas

Os sofismas aparecem na forma de um raciocínio equivocado, mostrando um falso argumento como se fosse uma verdade. Normalmente, são elaborados tentando enganar o interlocutor.

Na redação a seguir, pode-se observar como o autor não consegue ampliar e aprofundar a discussão. Para começar, ele volta sempre à ideia de que os seres humanos desenvolveram técnicas de comunicação porque precisam se comunicar, indicando uma argumentação circular e sem progressão (trecho em negrito). Além disso, ele utiliza sofismas (trecho sublinhado), como a ideia de que a Internet vai acabar com os outros meios de comunicação, o que é falso, pois ela existe há décadas e isso não aconteceu. O argumento de que só os países pobres não têm acesso à Internet é também uma falácia, pois, mesmo em países pobres e em locais distantes, ainda que de maneira precária, pode existir acesso à rede mundial de computadores; por outro lado, em países ricos com grandes desigualdades sociais, nem todos os indivíduos têm acesso à Internet.

***Os seres humanos desde sua evolução desenvolveram técnicas de comunicação para melhoria em se comunicar com a sociedade. A comunicação durante anos vem tendo uma grande evolução, conforto e rapidez para os seres humanos, tendo um grande surgimento de comunicação, a Internet, que acabará, daqui a um tempo, com os outros meios de comunicação.***

***A sociedade cada vez mais vem tendo necessidade de se comunicar e de conhecer informações sobre tudo que ocorre no mundo, por isso desenvolveu técnicas de comunicação, ficamos conectados quase o tempo todo nas redes sociais, por meio da Internet e só os países muito pobres e distantes é que não podem ter acesso a ela.***

***A conexão por meio das redes sociais trouxe alguns benefícios: as informações são transmitidas cada vez mais rápido, trazendo muitos conhecimentos aos seres humanos. Com o passar do tempo a Internet trouxe algumas consequências, pesquisas afirmam que muitos perfis falsos foram criados nas redes sociais, principalmente em sites de relacionamentos, namoro. Pessoas estão sendo enganadas e roubadas através da Internet. Fotos íntimas de menores de idade estão sendo divulgadas em sites na Internet, causando graves lesões no psicológico.***

*Para diminuir essas consequências, pesquisadores alertam todas as pessoas a não divulgar documentos, senhas, contas bancárias, por redes sociais. Pedem que os pais tenham muita atenção em seus filhos, no que eles estão vendo e fazendo nas redes sociais, ficar atentos também no comportamento e se ocorrer algo de errado procurar um psicólogo, e lembre-se que todo cuidado é pouco.*

*Fiquem atentos!*

Veja mais exemplos de falhas argumentativas que ocorrem no campo da lógica (um raciocínio equivocados, mas com aparência de verdadeiro). Atente ao que o autor comenta sobre falsa analogia.

#### Argumentos no liquidificador

Alguém com mais tempo deveria começar a fazer uma análise sistemática do discurso dos políticos. Esse povo é talentoso com as palavras, então nem sempre fica claro que, muitas vezes, as palavras bem articuladas só servem para esconder o contorcionismo verbal utilizado para justificar ideias nem sempre sustentáveis. Eles abusam das falácias, aqueles argumentos que aparentam ser sólidos, mas que, quando são analisados, mostram grandes falhas.

[...]

Ao defender a flexibilização da posse de arma, o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni argumentou contra o aumento do risco de acidentes: "Criei quatro filhos com arma dentro de casa e meus filhos nunca foram lá porque eu ensinei para eles o que significava. A gente vê criança pequena botar o dedo dentro do liquidificador e ligar o liquidificador e perder o dedinho. Aí vamos proibir o liquidificador? Não".

[...]

Ele começa com um recurso muito comum na linguagem do dia a dia, presente nos mais variados bate-papos entre amigos. Apresenta-se um fato isolado e tenta-se, a partir desse evento único, concluir algo que se aplique à realidade ampla.

Essa falácia é conhecida como **Generalização precipitada**, porque seu mecanismo é exatamente tentar generalizar uma regra, uma verdade, de forma muito rápida, sem investigação aprofundada dos dados. Quem nunca ouviu algo como "Essa história de cigarro causar câncer é balela. Meus pais contam que meus quatro avós fumaram a vida toda e não tiveram câncer". Por isso essa falácia é também chamada de **Evidência anedótica**, pois sua base não passa de causos, não há evidência formal. No que se refere às armas, por exemplo, os trabalhos epidemiológicos estão cansados de mostrar que a presença de arma em casa eleva em muito o risco de acidentes, homicídios e suicídios. E que, cada vez que uma arma dispara, a chance de um bandido morrer é centenas de vezes menor do que alguém da família. As evidências formais, não anedóticas, apontam para o lado oposto ao do argumento de Lorenzoni.

A segunda falácia presente na argumentação dele é a **Falsa analogia**. A analogia é uma forma legítima de argumentar, quando se comparam duas coisas que, embora sejam diferentes, têm semelhanças que sustentam um ponto. Dizer, por exemplo, que uma cidade é como um organismo vivo ou que namorar é como um jogo. Coisas diferentes têm pontos em comum que ilustram o que se quer enfatizar (o dinamismo da cidade, as reviravoltas dos relacionamentos). Mas a falsa analogia ocorre quando se pesa a mão nessa aproximação, extrapolando-se uma semelhança para variáveis que não podem ser comparadas. Foi o que fez Lorenzoni: acidentes domésticos acontecem; há acidentes com liquidificadores e também com arma de fogo. Ambos são eventos indesejáveis que devem ser evitados pelo cuidado paterno. Mas a analogia acaba aí, pois eles são tão diferentes em termos de gravidade, risco de morte, incidência, e até mesmo em termos de utilidade e representação social e psicológica dos objetos, que – para o ponto que ele queria ilustrar – não podem ser comparados. [...]

BARROS, Daniel Martins de. Argumentos no liquidificador. *Estadão*. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/daniel-martins-de-barros/argumentos-no-liquidificador/>. Acesso em: 30 ago. 2019. [Fragmento]

A partir de uma fala de uma autoridade sobre um tema polêmico, o autor do texto apontou duas falhas argumentativas nas razões apresentadas para defender a flexibilização do porte de armas. Observe que o autor do texto não está se posicionando em relação ao tema em si, mas mostrando como determinados argumentos apresentam falhas lógicas que os invalidam. É preciso estar atento, portanto, ao modo como se sustenta um ponto de vista e às referências usadas para torná-lo válido. O texto é um exemplo também do nível mais elevado de um debate, segundo a pirâmide de Graham: a refutação do ponto central. O autor refutou o argumento principal, mostrando as falhas em sua sustentação.



Argumentação 1 e 2



Essas videoaulas apresentam as estratégias de argumentação.





## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



- 01.** (Unifor-CE-2022) Numa era conturbada, onde a tecnologia testa os limites da ciência e uma pandemia pôs o planeta em xeque, Manes convida à introspecção: "A maior força para o presente e para o futuro não é o computador mais sofisticado ou ter dinheiro ou poder, e sim pensarmos como humanos para combater a mudança climática, a desigualdade e enfrentar os grandes desafios da humanidade".

Disponível em: [https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-09-29/em-cinco-anos-passar-o-dia-no-whatsapp-sera-taomal-visto-quanto-fumar-num-aviao.html?ssm=IG\\_BR\\_CM&utm\\_campaign=later-linkinbio-elpaisbrasil&utm\\_content=later21143817&utm\\_medium=social&utm\\_source=linkin.bio](https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-09-29/em-cinco-anos-passar-o-dia-no-whatsapp-sera-taomal-visto-quanto-fumar-num-aviao.html?ssm=IG_BR_CM&utm_campaign=later-linkinbio-elpaisbrasil&utm_content=later21143817&utm_medium=social&utm_source=linkin.bio). Acesso em: 11 out 2021.

A respeito do uso do "onde" no trecho, marque a opção correta.

- A) Está adequado porque se refere a um período em que a tecnologia reina.
- B) Está inadequado porque não apresenta antecedente locativo.
- C) Está inadequado porque há erro de grafia. O adequado seria "aonde".
- D) Está adequado porque está sendo usado como pronome relativo.
- E) Está inadequado porque não aparece como advérbio de lugar.
- 02.** (PUC-GO-2022) Leia o fragmento do texto *O lugar onde vivo esteve no pódio da Olimpíada de Língua Portuguesa*:

Quarta-feira, dia 20 de outubro: eu chorei diante de centenas de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas de todo o Brasil. Convidado a falar na 7ª Olimpíada de Língua Portuguesa para semifinalistas do concurso, a emoção, literalmente, subiu ao pódio. Todos nós ganhamos.

As lágrimas foram inevitáveis quando a imagem de Deusane e Luzimar, professoras de uma das escolas por onde passei, em Barra do Choça (BA), surgiu logo no começo de minha apresentação. Na imagem de sete anos atrás, elas mostravam em um painel fotos e crônicas usadas para estimular seus alunos na categoria "crônica" da Olimpíada de Língua Portuguesa daquele ano. No painel estava eu.

Os textos retratavam o cotidiano do povoado que havia ficado para trás, assim que me mudei para Paraisópolis, segunda maior favela de São Paulo.

Nesta semana, falar com estudantes na Olimpíada foi resgatar essa lembrança. Foi poder ler de Lucicarla, moradora do povoado onde cresci, na Bahia, a seguinte mensagem: "Eu era dessa época. Você me inspirou a gostar de escrever".

Entre inspirações, tive o prazer de estar acompanhado, nesta Olimpíada, por Cintia Gomes, diretora institucional da Agência Mural.

Ela mostrou, para os estudantes, como um jornal escolar, criado durante o Ensino Médio, foi a fagulha para anos mais tarde, acender a chama pela profissão de jornalista e, assim, poder escrever as histórias não contadas sobre seu bairro.

[...]

A jornalista destacou: "Nascer e estar na periferia é algo que a gente carrega conosco. Nas reportagens da faculdade, eu sempre queria escrever sobre o meu bairro, contar o que via e não encontrava nos grandes veículos" [...].

[...]

Nesta Olimpíada, cujo mote foi "O lugar onde vivo", todos nós ganhamos.

ALENCAR, Vagner de. O lugar onde vivo esteve no pódio da Olimpíada de Língua Portuguesa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 out. 2021. Acesso em: 23 out. 2021 (Adaptação).

Considere o excerto do texto lido e analise as assertivas a seguir:

- I. No fragmento, o autor se vale da argumentação para analisar, avaliar e até responder a uma questão.
- II. Com base na leitura do fragmento, pode-se afirmar que uma das intenções do autor foi relatar sua participação na 7ª Olimpíada de Língua Portuguesa.
- III. Infere-se do texto que o ponto principal de emoção do autor foi o diálogo entre as situações vividas no passado e sua realidade presente.

Em relação às proposições analisadas, assinale a única alternativa correta:

- A) I apenas. C) I e III apenas.
- B) I, II e III. D) II e III apenas.

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de **03** a **04**.

### Quando você significa eu

Outro dia, deitado no divã em uma seção de análise, descrevi meus sentimentos. "Quando sobe a raiva, você perde a capacidade de ser generoso." Antes de terminar a frase, eu me dei conta de que tinha usado "você", apesar de estar descrevendo um comportamento meu. Instintivamente repeti a frase. "Quando sobe a raiva, eu perco a capacidade de ser generoso."

Não me senti bem. Não era o que eu queria expressar. O que seria esse estranho "você" que havia usado falando de mim, e seguramente não me referindo a ele, meu analista, que era o único na sala? Como você sabe, o "você" normal é usado como nessa frase, para se referir ao interlocutor. Descobri que esse estranho "você" é o chamado "você" genérico e pode significar muitas coisas, entre elas "eu e toda a humanidade".

O que eu queria dizer era o seguinte: “Quando sobe a raiva, eu e toda a humanidade perdemos a capacidade de sermos generosos.” Ao usar o “você” genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa.

Imagine qual não foi minha surpresa ao me deparar com um estudo que investiga exatamente em que condições as pessoas usam esse “você” genérico. O prazer é grande quando você (o prazer é meu, mas estou usando o “você” genérico para expressar minha esperança que você também tenha esse prazer) lê sobre algo que já observou.

REINACH, F. *O Estado de S. Paulo*, 8 abr. 2017.

03.



(FGV) De acordo com o texto, não é correto afirmar sobre o “você genérico”:

- A) Serve para o emissor falar de si próprio de maneira disfarçada.
- B) Poderia ser substituído pelo pronome “nós”.
- C) Contém, por parte de quem o emprega, uma pressuposição em relação a seu interlocutor.
- D) Substitui o “você normal” em contextos negativos, ao contrário do que ocorre em contextos positivos.
- E) Pode ser uma maneira de o emissor relativizar sua culpa ou de partilhar sua satisfação.

04.



(FGV) A oração “Ao usar o ‘você’ genérico” (final do segundo parágrafo) expressa ideia de

- A) causa.
- B) consequência.
- C) tempo.
- D) condição.
- E) finalidade.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de 01 a 04.

**“Eu me amo, eu me amo, não posso mais viver sem mim”:** narcisismo, ciberespaço e capitalismo

Caetano Veloso, em tom poético, cantou que “Narciso acha feio o que não é espelho”. O Mito de Narciso é uma história que nos remete à mitologia grega, uma história que fala sobre um jovem que, ao se deparar com sua imagem na lâmina d’água de um lago, apaixonou-se por si mesmo. O mito é utilizado para fazer referência ao apego de muitas pessoas a si mesmas. Essas pessoas são geralmente chamadas de narcisistas ou até mesmo de egocêntricas. Narcisismo e egocentrismo são dois termos de grande difusão social, o que se deve à Psicanálise, que utilizou o mito de Narciso para explicar a dificuldade de muitas pessoas em adiar suas satisfações, guiadas por um sentimento de urgência. Daí surgiu o termo narcisismo, que consiste numa fixação presente nos primeiros estágios do desenvolvimento humano, quando somos guiados pela urgência de satisfazer nossas necessidades.

A criança chora e a mãe dá-lhe o peito. A satisfação quase sempre é imediata. Disso podem resultar registros mentais que levam à busca de satisfação imediata, e, no futuro, a pessoa pode se tornar um adulto que toma a si mesmo como medida de todas as coisas, ou seja, coloca seu “eu” (ego) como centro do universo. Ego é outro termo psicanalítico. Quase um sinônimo de “eu”, o ego seria a estrutura mental responsável por negociar com o id (inconsciente) quando a satisfação de nossos desejos ocorrerá. O ego é regido pelo princípio de realidade, dominado pela razão; já o id é regido pelo princípio do prazer, da busca de satisfação de desejos reprimidos. Um ego frágil vai ceder aos impulsos do id, tendo, portanto, dificuldades de adiar a satisfação dos desejos e de lidar com frustrações. Deriva dessa dificuldade o egocentrismo. Daí a aproximação entre os conceitos de narcisismo e egocentrismo. Essa propensão à intolerância quase sempre é produto de esquemas de reforçamento contínuo. Nesse tipo de esquema, o reforço segue o comportamento praticamente todas as vezes que ele é emitido e costuma estar presente em histórias de pessoas “mimadas”, que tiveram de se esforçar muito pouco para obter a satisfação de suas necessidades e desejos, pois os pais ou outros membros da família quase sempre proviam essa satisfação ao menor sinal de alteração emocional. É sabido que quanto mais imediato um reforço ocorre depois de um comportamento, maior a chance de esse comportamento ser fortalecido.

20

25

30

35

40

45

50

55

60

65

70

Portanto, a intolerância como padrão comportamental pode ter relação com o esquema de reforçamento e com a imediaticidade com a qual os reforços foram apresentados ao longo da história do indivíduo. Sendo assim, pessoas podem se tornar reféns do reforço, tornando-se incapazes de adiar a satisfação de seus desejos e necessidades. São modeladas não somente para ser intolerantes às frustrações, como também para buscar satisfação imediata. Elas se tornam presas fáceis do ciberespaço, onde a satisfação pode ser obtida apenas com um clique. No ciberespaço, tudo parece ser mais fácil. As amizades são virtuais, sendo assim, os aborrecimentos podem ser evitados bloqueando ou excluindo alguém da rede de contatos. O prazer pode ser buscado em *chats* e redes sociais. Talvez seja hora de parar e pensar nos efeitos da cultura digital sobre o comportamento das pessoas. Essa cultura não criaria circunstâncias favoráveis para a modelagem de comportamentos narcisistas? Essa cultura não favorece o fechamento sobre si mesmo, de modo que as pessoas passem a entender que se bastam a si mesmas? Essa cultura não acaba por favorecer o individualismo? Quais são os efeitos da obtenção tão facilitada de reforços com apenas um clique? Se, na vida real, os reforços podem ser adiados por causa de uma série de circunstâncias, no ciberespaço eles são facilmente obtidos. Mas que tipos de comportamentos estão sendo reforçados?

75 Comportamentos de não fazer nada, ou de se empenhar em atividades que concorrem com outras mais produtivas. Muitas empresas bloqueiam o acesso a *chats* e redes sociais, pois navegar em tais redes e *chats* afeta o trabalho e a produtividade, acarretando prejuízos. Não estaria o mundo digital contribuindo para a criação de uma cultura do imediatismo? Creio que não. Talvez esteja apenas fortalecendo contingências que já operavam no mundo antes de sua existência, contingências que fazem parte de um mundo capitalista em que “tempo é dinheiro”, um mundo do “*just in time*”, um mundo regido pela urgência em produzir, pois existe, de outra parte, a urgência em consumir. Um mundo, pois, regido por produção *versus* consumo. Se produzir com urgência é preciso, pois existe premência de consumir o que se produz, cria-se um círculo vicioso em que o consumo é uma satisfação inadiável e é realizado sem que se pense nas consequências, sem consciência das contingências que o determinam. Dessa forma, não se questiona sobre o que está sendo consumido, pois o que importa é consumir para obter prazer. O produto desse ciclo é a construção de pessoas cada vez menos conscientes dos determinantes de seu comportamento, incapazes de assumir um posicionamento crítico sobre seu modo de vida e o mundo em que vivem, inseridas numa teia de consumo em que elas mesmas são um produto à venda em *stands* reais e virtuais. O não pensar nas consequências produz pessoas alienadas, enamoradas por seu prazer, como Narciso por sua imagem refletida no espelho d’água, pessoas que podem ser descritas com o refrão da música do Ultraje a Rigor: “Eu me amo, eu me amo, não posso mais viver sem mim”.

RIBEIRO, Bruno Alvarenga. “*Eu me amo, eu me amo, não posso mais viver sem mim*”: narcisismo, ciberespaço e capitalismo. Disponível em: <http://cafe-com-ciencia.blogspot.com.br/2012/08/eu-me-amoeu-me-amo-nao-posso-mais.html>. Acesso em: 10 jan. 2018 (Adaptação).

- 01.** (UESB-BA) De acordo com o texto, sobre a diferença entre narcisismo e egocentrismo, está correto o que se afirma em:
- O narcisismo é um sentimento de urgência em obter satisfação; o egocentrismo se caracteriza pela focalização exclusiva em si mesmo.
  - O narcisismo é um modo de buscar compensar a falta de beleza; o egocentrismo implica o desejo de superar limitações pessoais.
  - O narcisismo se revela na intolerância e frustração do indivíduo frente à não satisfação de seus desejos; no egocentrismo, o que se destaca é a ausência de consideração do outro como referência de seus atos.
  - No narcisismo, há uma insatisfação do indivíduo com sua própria aparência; já no egocentrismo, predomina, na mente do indivíduo, uma visão de inferioridade, que é compensada pelo ensimesmamento e rejeição da realidade objetiva.

V. O narcisismo consiste na busca de resolução imediata e urgente de necessidades pessoais; já o egocentrismo se caracteriza pela centralização do indivíduo em si mesmo como definidor de suas ações, concepções e decisões.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- |             |                 |
|-------------|-----------------|
| A) I e II.  | D) I, III e V.  |
| B) II e IV. | E) II, III e V. |
| C) IV e V.  |                 |

**02.** (UESB-BA) Sobre o Ego e o Id, tal como são concebidos no texto, está correto o que se afirma em:

- Nos indivíduos narcisistas, há um apagamento do Id pela supremacia absoluta do Ego na tomada de decisões.
- Tanto o Ego como o Id se revelam extremamente fortes nos indivíduos narcisistas, propiciando o controle de impulsos reprimidos.
- O Ego propicia a fuga da realidade, levando o indivíduo à busca desenfreada de satisfação dos seus desejos não revelados pelo Id.
- O Ego, por possuir vínculos com a realidade, negocia com o Id, vinculado ao inconsciente, o momento de satisfazer desejos reprimidos.
- O Id vincula o indivíduo à sua realidade, ajudando-o a controlar e regular seus impulsos ou desejos inconscientes que são explicitados pelo Ego.

**03.** (UESB-BA) Marque com V ou com F, conforme sejam verdadeiras ou falsas as alternativas que apresentam características dos esquemas de reforçamento contínuo apresentadas no texto.

- ( ) O excesso de reforço a comportamentos adequados do indivíduo gera um padrão comportamental marcado pela intolerância.
- ( ) Esquemas de reforçamento contínuo alimentam, nos indivíduos, a tendência à intolerância frente à não satisfação de seus desejos.
- ( ) No reforçamento contínuo, ocorre uma recompensa todas as vezes que o comportamento é evidenciado, o que propicia a sua repetição.
- ( ) O provimento imediato e frequente dos desejos e necessidades de uma pessoa pode fortalecer o comportamento de exigir satisfação imediata de desejos.
- ( ) O comportamento que é reforçado continuamente tende a se extinguir, por força da necessidade de satisfação de outros desejos e prioridades do indivíduo.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é a:

- |              |              |
|--------------|--------------|
| A) F V F V V | D) V F V F V |
| B) V V F V F | E) F V V V F |
| C) V V V F F |              |

04.  
YK19

(UESB-BA) Há uma asserção verdadeira sobre o conteúdo do texto em:

- I. Os trechos de músicas de Caetano Veloso e do Ultraje a Rigor mencionados no texto fazem referência a pessoas narcisistas, cujo principal foco de interesse recai em si mesmas.
- II. O autor considera que a imersão no ambiente do ciberespaço, criado pelo capitalismo, é a principal causa do crescimento de uma cultura do imediatismo e do consumismo.
- III. O “círculo vicioso” mencionado na linha 88 se refere à relação entre a urgência em produzir, marca do capitalismo, e a intensa necessidade consumir de pessoas egocêntricas ou narcisistas.
- IV. A predominância de pessoas egocêntricas e narcisistas no ciberespaço constitui o principal fator de ascensão do capitalismo, cujo princípio fundamental é aumento crescente da produção e do consumo.
- V. Há uma relação de influência recíproca entre “narcisismo, ciberespaço e capitalismo” (título), a qual se vincula à produção de pessoas alienadas num contexto que privilegia rapidez, produção e consumo.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- A) I e II.
- B) II e IV.
- C) IV e V.
- D) I, III e V.
- E) II, III e V.

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de 05 a 07.

### Nós, escravocratas

Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.

Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: “Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão”, como lembrou na semana passada Marcos Vinícios Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem casa, sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de qualidade.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos escravocratas.

Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala. Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. Antes, com a proibição do tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da abolição plena.

Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidez de não abolirmos a escravidão. Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos condenados à falta de educação.

BUARQUE, Cristovam. *O Globo*, 30 jan. 2010. Disponível em: <http://oglobo.globo.com> (Adaptação).

- 05.** (UERJ) “Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão” (l. 8-9).

No início do texto, o autor cita entre aspas as frases de Joaquim Nabuco para, em seguida, se posicionar pessoalmente perante seu conteúdo. Para o autor, a obra da escravidão caracteriza-se fundamentalmente por

- A) manter-se através da educação excludente.
- B) atenuar-se em função da distribuição de renda.
- C) aumentar por causa do índice de analfabetismo.
- D) enfraquecer-se graças ao acesso à escolarização.

- 06.** (UERJ) A expressão “somos escravocratas” é repetida quatro vezes no texto que, embora assinado pelo autor Cristovam Buarque, é todo enunciado na primeira pessoa do plural. O uso dessa primeira pessoa do plural, relacionado à escravidão, reforça principalmente o objetivo de

- A) situar a desigualdade social.
- B) apontar o aumento da exclusão social.
- C) responsabilizar a sociedade brasileira.
- D) demonstrar a importância da educação.

- 07.** (UERJ) No desenvolvimento da argumentação, o autor enumera razões específicas, facilmente constatadas no cotidiano, para sustentar sua opinião, anunciada no título, de que todos nós seríamos ainda escravocratas. Esse método argumentativo, que apresenta elementos específicos da experiência social cotidiana, para deles extrair uma conclusão geral, é conhecido como

- A) direto.
- B) dialético.
- C) dedutivo.
- D) indutivo.

## SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem–2022) É ruivo? Tem olhos azuis? É homem ou mulher? Usa chapéu? Quem jogou *Cara a Cara* na infância sabe de cor o roteiro de perguntas para adivinhar quem é o personagem misterioso do seu oponente.

Agora, o jogo está prestes a ganhar uma nova versão. A designer polonesa Zuzia Kozerska-Girard está desenvolvendo uma variação do *Guess Who?* (nome do *Cara a Cara* em inglês), em que as personalidades do tabuleiro são, na verdade, mulheres notáveis da história e da atualidade, como a artista Frida Kahlo, a ativista Malala Yousafzai, a astronauta Valentina Tereshkova e a aviadora Amelia Earhart.

O *Who’s She?* (“Quem é ela?”, em português) traz, no total, 28 mulheres que representam diversas profissões, nacionalidades e idades.

A ideia é que, em vez de perguntar sobre a aparência das personagens, as questões sejam direcionadas aos feitos delas: ganhou algum Nobel, fez alguma descoberta? Para cada personagem há um cartão com fatos divertidos e interessantes sobre sua vida. Uma campanha entrou no ar com o objetivo de arrecadar dinheiro para desenvolver o *Who’s She?*. A meta inicial era reunir 17 mil dólares. Oito dias antes de a campanha acabar, o projeto já angariou quase 350 mil dólares.

A chegada do jogo à casa do comprador varia de acordo com a quantia doada – quanto mais você doou, mais rápido vai poder jogar.

Disponível em: [www.super.abril.com.br](http://www.super.abril.com.br).  
Acesso em: 4 dez. 2018 (Adaptação).

Ao divulgar a adaptação do jogo para questões relativas a ações e habilidades de mulheres notáveis, o texto busca

- A) contribuir para a formação cidadã dos jogadores.
- B) refutar modelos estereotipados de beleza e elegância.
- C) estimular a competitividade entre potenciais compradores.
- D) exemplificar estratégias de arrecadação financeira pela internet.
- E) desenvolver conhecimentos lúdicos específicos dos tempos atuais.

- 02.** (Enem–2022)

### “Vida perfeita” em redes sociais pode afetar a saúde mental

Nas várias redes sociais que povoam a internet, os chamados *digital influencers* estão sempre felizes e pregam a felicidade como um estilo de vida. Essas pessoas espalham conteúdo para milhares de seguidores, ditando tendências e mostrando um estilo de vida sonhado por muitos, como o corpo esbelto, viagens incríveis, casas deslumbrantes, carros novos e alegria em tempo integral, algo bem improvável de ocorrer o tempo todo, aponta Carla Furtado, mestre em psicologia e fundadora do Instituto Felicidade.

A problemática pode surgir com a busca incessante por essa felicidade, que gera efeitos colaterais em quem consome diariamente a “vida perfeita” de outros. Daí vem o conceito de positividade tóxica: a expressão tem sido usada para abordar uma espécie de pressão pela adoção de um discurso positivo, aliada a uma vida editada para as redes sociais.



Para manter a saúde mental e evitar ser atingido pela positividade tóxica, o uso racional das redes sociais é o mais indicado, aconselha a médica psiquiatra Renata Nayara Figueiredo, presidente da Associação Psiquiátrica de Brasília (APBr).

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br>.  
Acesso em: 21 nov. 2021 (Adaptação).

Associada ao ideário de uma “vida perfeita”, a positividade tóxica mencionada no texto é um fenômeno social recente, que se constitui com base em

- A) representações estereotipadas e superficiais de felicidade.
- B) ressignificações contemporâneas do conceito de alegria.
- C) estilos de vida inacessíveis para a sociedade brasileira.
- D) atitudes contraditórias de influenciadores digitais.
- E) padrões idealizados e nocivos de beleza física.

### 03. (Enem-2022)

#### Texto I

A língua não é uma nomenclatura, que se opõe a uma realidade pré-categorizada, ela é que classifica realidade. No léxico, percebe-se, de maneira mais imediata, o fato de que a língua condensa as experiências de um dado povo.

FIORIN, J. L. Língua, modernidade e tradição.  
*Diversitas*, n. 2, mar.-set. 2014.

#### Texto II

As expressões coloquiais ainda estão impregnadas de discriminação contra os negros. Basta recordar algumas delas, como passar um “dia negro”, ter um “lado negro”, ser a “ovelha negra” da família ou praticar “magia negra”.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com>.  
Acesso em: 22 maio 2018.

O Texto II exemplifica o que se afirma no Texto I, na medida em que defende a ideia de que as escolhas lexicais são resultantes de um

- A) expediente próprio do sistema linguístico que nos apresenta diferentes possibilidades para traduzir estados de coisas.
- B) ato inventivo de nomear novas realidades que surgem diante de uma comunidade de falantes de uma língua.
- C) mecanismo de apropriação de formas linguísticas que estão no acervo da formação do idioma nacional.
- D) processo de incorporação de preconceitos que são recorrentes na história de uma sociedade.
- E) recurso de expressão marcado pela objetividade que se requer na comunicação diária.

04. (Enem) “A Declaração Universal dos Direitos Humanos está completando 70 anos em tempos de desafios crescentes, quando o ódio, a discriminação e a violência permanecem vivos”, disse a diretora-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Audrey Azoulay.

“Ao final da Segunda Guerra Mundial, a humanidade inteira resolveu promover a dignidade humana em todos os lugares e para sempre. Nesse espírito, as Nações Unidas adotaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos como um padrão comum de conquistas para todos os povos e todas as nações”, disse Audrey.

Centenas de milhões de mulheres e homens são destituídos e privados de condições básicas de subsistência e de oportunidades. Movimentos populacionais forçados geram violações aos direitos em uma escala sem precedentes. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável promete não deixar ninguém para trás – e os direitos humanos devem ser o alicerce para todo o progresso.

Segundo ela, esse processo precisa começar o quanto antes nas carteiras das escolas. Diante disso, a Unesco lidera a educação em direitos humanos para assegurar que todas as meninas e meninos saibam seus direitos e os direitos dos outros.

Disponível em: <https://nacoesunidas.org>.  
Acesso em: 3 abr. 2018 (Adaptação).

Defendendo a ideia de que “os direitos humanos devem ser o alicerce para todo o progresso”, a diretora-geral da Unesco aponta, como estratégia para atingir esse fim, a

- A) inclusão de todos na agenda 2030.
  - B) extinção da intolerância entre os indivíduos.
  - C) discussão desse tema desde a educação básica.
  - D) conquista de direitos para todos os povos e nações.
  - E) promoção da dignidade humana em todos os lugares.
05. (Enem) Na sociologia e na literatura, o brasileiro foi por vezes tratado como cordial e hospitaleiro, mas não é isso o que acontece nas redes sociais: a democracia racial apregoada por Gilberto Freyre passa ao largo do que acontece diariamente nas comunidades virtuais do país. Levantamento inédito realizado pelo projeto Comunica que Muda [...] mostra em números a intolerância do internauta tupiniquim. Entre abril e junho, um algoritmo vasculhou plataformas [...] atrás de mensagens e textos sobre temas sensíveis, como racismo, posicionamento político e homofobia. Foram identificadas 393 284 menções, sendo 84% delas com abordagem negativa, de exposição do preconceito e da discriminação.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com>.  
Acesso em: 6 dez. 2017. [Fragmento adaptado]

Ao abordar a postura do internauta brasileiro mapeada por meio de uma pesquisa em plataformas virtuais, o texto

- A) minimiza o alcance da comunicação digital.
- B) refuta ideias preconcebidas sobre o brasileiro.
- C) relativiza responsabilidades sobre a noção de respeito.
- D) exemplifica conceitos contidos na literatura e na sociologia.
- E) expõe a ineficácia dos estudos para alterar tal comportamento.

06.

### Texto I

#### Número de inadimplentes chega a 61,8 milhões e bate recorde, diz Serasa

*No Brasil, 40,3% da população adulta está inadimplente, segundo levantamento.*

O número de consumidores inadimplentes no país chegou a 61,8 milhões em junho, segundo levantamento da Serasa Experian. Trata-se da quinta alta mensal seguida e do maior patamar da série da pesquisa, iniciada em 2016. Na comparação com junho de 2017, quando foram contabilizados 60,6 milhões de inadimplentes, o índice teve aumento de 1,98%.

O montante alcançado pelas dívidas em junho deste ano foi de R\$ 273,4 bilhões, com média de quatro dívidas por CPF, totalizando R\$ 4 426 por pessoa.

Segundo a Serasa, o enfraquecimento do ritmo de crescimento econômico contribui para manter em patamares elevados as taxas de desemprego no país e, consequentemente, os níveis recordes de dívidas atrasadas.

Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/07/19/numero-de-inadimplentes-chega-a-618-milhoes-e-bate-recorde-diz-serasa.ghtml>. Acesso em: 11 dez. 2018. [Fragmento]

### Texto II

#### Falta de planejamento

Se utilizando de um controle financeiro superficial, os consumidores não conseguem detectar onde o dinheiro foi parar no fim do mês. Reflexo da falta de educação financeira, pensar que o descontrole está em grandes gastos também é um pensamento comum.

Para evitar que isso ocorra, o ideal é desenvolver um método onde todos os gastos diários possam ser registrados. Conhecido como apontamento, esse mecanismo pode ser feito em cadernetas ou em uma planilha mensal por três meses, para que o trabalhador conheça os verdadeiros custos do seu cotidiano.

[...]

### Necessidade de status social

A crença de que consumir é importante para **ser aceito socialmente** faz com que as pessoas consumam sem ter condições, o que consequentemente as leva à inadimplência. O ato falho, onde comprar supre dificuldades de relacionamento interpessoal, pode ser reduzido com o estabelecimento de objetivos que evidenciem que o consumo não é importante para a interação social.

BRASIL ECONÔMICO. Disponível em: <https://economia.ig.com.br/2017-08-22/inadimplencia.html>. Acesso em: 11 dez. 2018. [Fragmento]

### Texto III

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa sobre o tema: **O aumento da inadimplência no Brasil**. Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



## GABARITO

Meu aproveitamento 

### Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. B
- 02. B
- 03. D
- 04. C

### Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D
- 02. D
- 03. E
- 04. D
- 05. A
- 06. C
- 07. D

### Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. A
- 02. A
- 03. D
- 04. C
- 05. B
- 06. Nessa proposta, é necessária a escrita de um texto dissertativo-argumentativo que aborde o tema: "O aumento da inadimplência no Brasil". Para elaboração da redação, os textos motivadores devem ser levados em consideração. No primeiro texto, observam-se os dados referentes ao aumento de devedores no país no ano de 2018, sendo possível perceber a relevância do problema e como ele tem se agravado em um cenário de crise econômica. No texto II, discutem-se algumas das causas do problema, como a falta de planejamento e a busca por *status* social. Esse fragmento revela a motivação da contração de dívidas, a necessidade de se discutir a questão e de se pensar sua origem. O último texto apresenta uma campanha pública de negociação de dívidas, o que evidencia uma medida já tomada pelo governo a fim de reduzir os impactos do problema. A partir dessas leituras, espera-se que se problematize a inadimplência, enfocando as razões do seu aumento, palavra-chave do tema que deve ser enfatizada no texto. Para isso, pode-se apresentar noções sobre o capitalismo, o consumismo excessivo e a crise econômica. Além disso, ao se pensar outras causas do problema, pode-se abordar a ausência de uma educação financeira e de planejamento de gastos. Ao se pensar as consequências do problema, pode-se citar os impactos econômicos ao país, a intensificação dos juros a esses consumidores e o prejuízo ao nome dessas pessoas, que as levam a ser rejeitadas pelo mercado consumidor. No que tange à proposta de intervenção, pode-se pensar uma intensificação das políticas de negociação e de acordos de dívidas, assim como a implementação de aulas e palestras de educação financeira pelo Ministério da Educação, por exemplo.



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Estratégias de Leitura

### LER, VERBO TRANSITIVO

Meu avô era um fazendeiro rico que hoje é nome de avenida em Fortaleza. Uma dessas empregadas [da fazenda] – que minha tia mais velha chamava “as negras” – era minha babá, filha de índios, e me alfabetizou clandestinamente. Ela mesma se alfabetizou com uma história comovente: toda vez que passava uma boiada, e ela ouvia a sineta da burra madrinha, abandonava a almofada de fazer renda em que trabalhava, pegava a sua cartilha velha e corria para a porteira da fazenda. Quando chegava o vaqueiro, ela perguntava: “O senhor sabe ler? Então lê pra mim essa frase”. Se ele lesse a frase, ela decorava, e quando voltava ao seu trabalho, ficava repetindo as palavras e soletrando as letras. Considerava como o grande patrimônio da sua vida o saber ler e passou isso para mim. (Ler) não era coisa de mulher, ainda mais de uma empregada. Mas quando eu tinha 4 anos e meio ela cortava pedaços de papelão, escrevia uma sílaba em cada um e juntava. “Que palavra é essa?”. [...] até hoje me lembro da primeira frase que li na cartilha. “Mimi é um gatinho”. Ninguém acreditou. Minha tia mais velha disse: “Ah, essa criança decorou”. Minha babá, apesar de ser uma serva, correu até a mesa, pegou um jornal, botou na minha cara e disse: “Lê, minha filha”. Aí eu li: “Paris está em chamas”. Foi um escândalo. E nunca mais parei de ler. Aos 9 anos, escrevia uma novelinha: “A menina que surgiu do frio”.

STUDART, Heloisa. Entrevista concedida a Ricky Goodwin. *Jornal do Brasil*, 23 out. 2005.

O depoimento de Heloisa Studart retrata como a leitura pode ser um ato revolucionário, que permite o deslocamento de um estado a outro. Sua serva buscava em outras pessoas a informação, decorava-a, recortava-a, desconstruía palavras, rejuntava as sílabas. Também ensinava o que aprendia. E, enquanto ensinava, aprendia.

No caso da serva, a leitura permitiu-lhe estar em um outro lugar, o de quem ensina e acredita: “Minha babá, apesar de ser uma serva, correu até a mesa, pegou um jornal, botou na minha cara e disse: “Lê, minha filha”. A criança foi parabenizada. A babá, não. Mas os louros estavam com ela, em sua conquista, a de, apesar de serva, saber ler e ensinar.

Ler é um ato complexo e desafiador. Sua prática não se dá por meio de receitas e requer a utilização de estratégias. Trata-se de um processo relacionado a sensações de gosto, prazer e gratificação. A história narrada por Heloisa Studart ilustra isso. Você já pensou em como seria viver no mundo contemporâneo sem um mínimo de capacidade leitora?

É sabido que ler é um processo de interação entre o leitor, o autor e o texto. O autor produz determinado texto, configurado por seus objetivos e possíveis leitores. O leitor tem também objetivos que o movem para esse texto.

Pense, por exemplo, em um classificado elaborado para promover a venda de determinado carro, com estratégias que convençam um eventual comprador, apresentando a descrição do veículo e o preço. Agora, pense que esse anúncio pode ser lido: 1) por alguém que queira comprar um carro, portanto, alguém cujos objetivos vão ao encontro do que está proposto; 2) por alguém que queira também vender o próprio carro e está apenas pesquisando o valor de mercado de veículos compatíveis com o seu; 3) por alguém que queira exemplos de classificados com recursos persuasivos para dar aulas sobre gênero textual, caso seja um professor; etc.

A partir de suas **intencões**, o leitor constrói o sentido do texto.

Ou seja, no exemplo apresentado, o leitor pode ou não: 1) encontrar um carro de seu interesse; 2) definir, a partir das informações sobre preço, que valor é mais adequado para o seu próprio carro; 3) encontrar material cuja persuasão seja adequada a seu objeto de estudos.

Assim, fazem parte da leitura:



o autor, que utiliza estratégias orientadas por certos objetos;



o leitor, que se apropria desse texto com objetivos correspondentes ou diferentes dos propostos e que, atendendo a qualquer dos objetivos, usufrui dos recursos presentes no texto, em um constante diálogo.

Ler como prática social de interação com material escrito torna-se verbo transitivo, exige complemento: o alfabetizado, o letrado lê (ou não lê) o quê? lê mal (ou lê bem) o quê? o jornal? o *best-seller*? Sabrina? Machado de Assis? Drummond? a revista *Capricho*? [...] a conta de luz, de água, de telefone? a bula de remédio? o verbete do dicionário, da enciclopédia?

SOARES, Magda. Ler, verbo transitivo. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (org.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Em outras palavras, a leitura é um processo de compreensão de um texto, em que o leitor:

- leva em conta a autoria, a forma e o conteúdo;
- norteia-se pelo acionamento de habilidades de forma a decodificar, fazer previsões;
- aciona seus conhecimentos prévios; infere.

Assim, apoia-se na bagagem que tem e que o capacita a dialogar com aquilo que o texto lhe oferece, construindo uma interpretação. Dessa forma, pratica a leitura cotidiana sempre levando em conta as condições de produção para ser eficiente nela; vale o mesmo para a leitura literária, o que o fará um leitor proficiente.

## Entre o texto e o leitor, uma rede intrigante



REVISTA DO RÁDIO, 1958, acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

*É uma líder – nas ideias, no vestir, no viver. Em proteção higiênica, ela exige Modess. Porque ela exige conforto e segurança em todos os dias do mês. Sua maciez... uma absorvência sem igual e – mais que tudo – a higiene de Modess (usa-se uma vez e joga-se fora), fazem-no indispensável. E o suficiente para um mês custa menos que um vidrinho de esmalte.*

Há muitas leituras possíveis para a peça publicitária em destaque, entre elas, a que é feita pelo leitor contemporâneo à peça, alguém da década de 1950, ou a que é feita pelo leitor de hoje. Pode-se dizer que, no primeiro caso, o público-alvo seja uma mulher, alfabetizada, com acesso a revistas de variedades e que, para lidar com sua higiene íntima nos dias de menstruação, utiliza-se de pequenas toalhas, que lhe dão sensação de insegurança e desconforto, porque não retêm com eficiência o fluido; e dão trabalho, porque têm de ser lavadas e exigem clareamento para serem reutilizadas.

A peça publicitária seleciona elementos não verbais e verbais que apelam para uma mudança de comportamento. Para isso, compõe-se de duas cenas sociais. Uma delas, central, apresenta um casal que entra em um carro, dirigindo-se aparentemente a uma festa. Dela, ressalta-se a personagem feminina, usando um traje requintado – e, principalmente, branco. O homem, menos evidente, veste terno, tudo isso retratando uma classe social privilegiada. De uma janela, em plano superior, menor e ao fundo, há a figura de uma mulher olhando invejosamente para a cena.

A linguagem verbal (“Ela é moderna... Ela sabe viver...”) apela para a valorização de uma modernidade e um “saber viver”, ambos associados à liderança que, no caso da peça (texto na parte inferior), inusitadamente, tem o significado de exigência, busca de conforto e segurança, que se concretizam no uso do absorvente higiênico Modess. Todos esses aspectos oferecidos pelo produto seriam conseguidos rapidamente, conforme indica a expressão “Basta pedir”, uma promessa de realização eficaz. Assim, o uso do absorvente equivale a saber viver e coloca a mulher na liderança, na modernidade.

Esses recursos explicam a presença dos dois planos de imagem: a mulher à janela passa a almejar a condição daquela que está em primeiro plano, mediante o uso do absorvente higiênico. Dessa maneira, a empresa promove o produto, associando-o às classes sociais privilegiadas, tática de venda típica do mundo capitalista, que normalmente fomenta valores ligados à materialidade e ao imediato.

Então, o público-alvo se esclarece: é aquele cujo perfil é o da personagem ao fundo, que passa a desejar a *status* social daquela que está vestida de modo sofisticado, o que significa ser moderna, saber viver, não ter que lavar as toalhinhas íntimas, poder usar uma roupa branca com segurança e conforto, ou seja, usar o produto Modess.

A peça foi feita para atingir esse público-alvo, vendendo o produto e a ideia milagrosa agregada a ele. Entretanto, é possível também que alguém tenha lido o texto, aceitado o absorvente como algo necessário à sua vida, por considerar algo prático, sem necessariamente ter se deixado convencer pela relação uso de absorvente / valor de classe social.



A peça seria lida, ainda, com outras intencionalidades, por exemplo:

uma pessoa mais esclarecida quanto aos propósitos publicitários e que quer apenas comprar um absorvente que lhe torne a vida mais fácil;

uma empresa concorrente que usufrui da peça para produzir outra com recursos semelhantes ou opostos, garantindo uma faixa de compradoras;

um professor que ensina leitura e usa como objeto de estudo as condições de produção de peças publicitárias.

Se o leitor pertence a outro tempo, contemporâneo das primeiras décadas do século XXI, ocorrem outras leituras, para as quais é preciso ativar conhecimentos e valores dos anos 50, o que pressupõe um leitor que não é o público-alvo da peça. Comparativamente, é preciso analisar a materialidade linguística e visual que se apresentam e que sugerem a relação entre modernidade feminina e o usufruto agradável da vida e alguns comportamentos, em especial ser uma mulher que exige para seu uso próprio o absorvente higiênico.

De posse dos conhecimentos das novas tecnologias e com novos valores e comportamentos, a leitura poderia produzir efeito de surpresa e humor ante a informação entre parênteses – “usa-se uma vez e joga-se fora” –, pois talvez o leitor contemporâneo não tenha ideia das dificuldades vividas pelas mulheres de décadas anteriores – insegurança e desconforto – durante seu período menstrual, antes dos atuais produtos de proteção higiênica, resultado de várias tecnologias desenvolvidas ao longo da segunda metade do século XX. Essa comparação pode ser motivada por:

- uma intenção acadêmica, para estudos sobre comportamentos e valores;
- uma intenção mercadológica da própria empresa, para vender sua imagem, ressaltando a evolução de seus produtos;
- uma intenção de conscientização, à semelhança do que poderia ter feito um professor contemporâneo à criação da peça.

Essas reflexões esclarecem sobre o papel do leitor diante de um texto: que perfil de enunciatário passa a ter; com que propósitos toma o texto em mãos; como usufrui das estratégias que o compõem. Para uma mulher que deseja uma vida menos trabalhosa e para um sujeito que quer estudar a manipulação publicitária, o texto tem sua materialidade reconfigurada.

## EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

01. Observe atentamente as peças publicitárias a seguir:

### Texto I

Divulgação

Disponível em: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2019/03/kolynos.html>. Acesso em: 3 dez. 2019.

### Texto II

Divulgação

Disponível em: <https://prismapp.wordpress.com/2008/09/25/cenas-enunciativas/>. Acesso em: 3 dez. 2019.

- A) O enunciador das peças é a empresa Brastemp. A primeira foi produzida na década de 60 do século XX; já a segunda, em 2008. Estabeleça hipóteses:
- Com que intencionalidade elas foram produzidas?
  - Qual é o público-alvo de cada uma? Justifique.
  - Com base nas condições de produção, liste as principais diferenças e semelhanças entre elas.
- B) Construa uma hipótese que explique o ponto de vista e a intenção da empresa quando cada peça foi produzida.
- C) Redija um texto explicitando elementos que promovem leituras diferentes e semelhantes quanto a determinado texto.

Ao se deparar com essa produção, o leitor pode não compreender seu sentido de imediato. Porém, percorrendo as estratégias que a compõem, passa a firmar um diálogo que lhe permite estabelecer hipóteses, (re)construindo o roteiro da composição.

A leitura se realiza mediante as perguntas feitas ao texto, respondidas com a colaboração do próprio leitor, que deve acionar suas habilidades e seu “Google mental”, usufruindo dos efeitos pretendidos.

Assim, diante do fato de que o texto está publicado em um suporte que pertence ao universo virtual – o Twitter, o leitor se estimula para a identificação do gênero textual entre aqueles que por ali circulam, pois a sua frequência ao espaço virtual faz com que ele conviva com gêneros típicos desse meio e, assim, torna-se possível fazer comparações e seleções.

A sensação inicial de não entendimento do texto é parte do processo de leitura. Essa composição é reconhecida como gênero meme, que é comumente baseado em humor, composto de trocadilhos, carregado de oralidade. Essa hipótese é levantada a partir da aparente desorganização, que provoca uma leitura não linear, exigindo do leitor a associação a outras referências.

Em um primeiro momento, o leitor passa os olhos pelo texto no sentido mais convencional: da esquerda para a direita, de cima para baixo. Nesse caso, é visível uma divisão em duas partes: uma pergunta (superior) e uma informação do veículo de imprensa *G1* (inferior). Entendendo essa nítida divisão como uma estratégia textual, passa a segui-la como um roteiro, um fio condutor de interpretação e tenta, assim, decifrar a primeira frase.

1ª parte:



Quem é “ele”? De que batida se trata? O que bateu em quê? O que significa o uso de caixa-alta para a expressão?

Ainda contribui para a busca de sentido a presença de uma expressão típica da linguagem oral – “tá mas...” – que faz pressupor a continuidade de uma conversação, uma resposta em um diálogo, durante o qual alguém, primeiro, teria dito algo. O “tá” garante uma concordância, um entendimento; porém o “mas” já inicia um contraponto. Contudo, o que teria sido dito antes, a que fala a pergunta faria referência? E qual é o motivo do destaque, por meio da caixa alta, ao “em quê”?

## Leitor, um agente fundamental no processo de leitura

Conforme se tem estudado nesta coleção, a construção de um texto ocorre sob a orientação de suas condições sociais de produção: o enunciador (o emissor, de quem parte o texto); o enunciatário (o receptor, a quem o texto é dirigido); o suporte (o meio em que circula o texto); a intencionalidade (a gama de intenções que impulsiona a construção do texto; a gama de intenções que impulsiona a leitura do texto); e as estratégias, os recursos, que concorrem para a efetivação do ato discursivo.

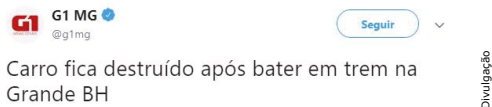
Assim, caso o emissor pretenda promover o riso ao contar uma piada, de que recursos se utiliza? Se um jornal quer noticiar de forma sensacionalista, que planejamento fará? E se optar por uma informação mais precisa? Assim, as intenções determinam a forma como se constituirá o texto. Por sua vez, o leitor, levando em conta essa intencionalidade, propõe-se a sua leitura, inteirando das condições daquela produção e usufruindo dela para os seus interesses, entendendo, compreendendo, interpretando, amparado por seus conhecimentos de ordem linguística, enciclopédica e, ainda, interacional. É no diálogo entre seu arquivo cultural e o que o texto lhe oferece que se dá o processamento da leitura.

Atente para o seguinte texto, veiculado na Internet.



Disponível em: <https://pt.dopl3r.com/memes/engra%C3%A7ado/marina-atmarinajacome-ta-mas-ela-bateu-em-que-g-g1-mg-atg1mg-23h-carro-fica-destruido-apos-bater-em-trem-na-grande-bh-globo2yzxul9-2324-06082019-twitter-for-iphone/755380>. Acesso em: 21 nov. 2019.

Percorrendo o texto, o leitor encontra a sua segunda parte, uma manchete de notícia publicada no veículo de imprensa *GI*:



Associando as partes, ocorre, então, a correspondência entre os termos:

- a pergunta parte de um leitor que leu a manchete e perguntou “tá mas ele bateu EM QUÊ?”;
- o sujeito “carro” se associa ao pronome “ele”;
- o verbo transitivo indireto “bater” e sua flexão no pretérito “bateu” e os termos que completam a transitividade verbal “em trem” e “em quê” apresentam paralelismo.

Nesse momento, ocorre um estranhamento maior: como é possível o leitor da manchete não saber em que o carro bateu, se a manchete deixa claro ter sido em um trem? Por que ele “grita”, usando caixa-alta quando questiona qual teria sido o objeto atingido (“EM QUÊ”)?

É provável, então, haver ali uma incoerência, algo sem sentido, mas, sendo leitor de memes, é preciso notar que há algo a mais. Somente seu conhecimento prévio de mundo e sua capacidade interativa pode fazer com que o sentido do texto seja desvendado: o termo “trem”, para os moradores do estado de Minas Gerais, pode ser sinônimo de “coisa”. Ou seja, para os mineiros, o uso do questionamento incisivo “EM QUÊ” é justificável, pois a manchete estaria informando que o carro bateu em “alguma coisa” e, por isso, ficou destruído. Essa interpretação é corroborada pelo fato de a manchete tratar de uma ocorrência na cidade de Belo Horizonte (BH).

Assim, o meme poderia ter o título “Conversa que só mineiros entendem”, pois pressupõe um diálogo ficcional, no qual um personagem mineiro questiona uma manchete, põe em questão a polissemia da palavra “trem”. Esse *print* foi tirado para provocar efeito de humor, uma vez que, no Twitter, quando é feito um *retweet* com comentário<sup>1</sup>, a aparência é esta do meme: o comentário ganha relevância em cima do *tweet* “original”.

No caso do meme, então, ocorre uma troca na ordem lógica de leitura: em vez de aparecer a exposição da manchete acima e o questionamento abaixo, aparece o contrário, de forma a destacar o questionador e seu tom de fala, exaltada pela interrogação marcada pelo “EM QUÊ”.

<sup>1</sup> Retweet com comentário: você pode adicionar seus próprios comentários, fotos ou um GIF antes de retweetar o Tweet de alguém para seus seguidores. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/glossary>. Acesso em: 22 nov. 2019.

Por esse recurso, fica evidente a intenção de quem fez o *print*: expor a brincadeira que compõe o meme. O riso é o efeito pretendido, proposto pelas estratégias de composição e alcançado pelas habilidades de leitura.

O ato de ler demanda o uso articulado de conhecimentos **linguístico, enciclopédico e interacional**.

## Conhecimento linguístico

O estudo do meme ilustra a importância do conhecimento linguístico como fator de leitura. Ele abrange os saberes gramaticais e lexicais. Por meio desse conhecimento, podemos compreender o funcionamento do material linguístico, a que propósito ele serve, por exemplo, quando o falante escolhe um regionalismo, que efeitos pretende; a coesão, expressa ou oculta, que permite a remissão ou a sequenciação textual, como a escolha da conjunção “mas”. Por isso, o paralelismo morfosintático (“em trem” / “em quê”) propiciou detectar o uso da palavra “trem” de forma humorada.

Na tira de Dahmer a seguir, o elemento linguístico é o que deflagra o efeito de humor:



FOLHA DE S.PAULO, 26 dez. 2001. Cad. Ilustrada, p. 9.

Note que a palavra “carinho” tem duplo sentido – afeto e diminutivo de caro –, denunciando de forma ácida a materialização do mundo contemporâneo.

Esse propósito de humor corrosivo por parte do chargista se efetiva no leitor que sofre o impacto da crueza do comentário da personagem que materializa, por meio de seu discurso, o afeto. Caso o leitor já conheça Dahmer, adentra a leitura com a expectativa de encontrar esse tipo de humor promovido por jogos linguísticos.

## Conhecimento enciclopédico

A leitura do meme deixa clara, ainda, a importância do conhecimento de mundo, o conhecimento enciclopédico – ou “Google mental” –, também composto de vivências e eventos situados no tempo e no espaço. Assim, saber da existência de memes em meios virtuais, da existência de variantes linguísticas, isso associado à especificidade do conhecimento linguístico quanto ao uso da palavra “trem”, determinou o riso.

A capa da revista *Superinteressante* é um exemplo dessa premissa para a construção de uma leitura eficaz, que exige do leitor consultas ao arquivo cultural em busca de informações que tornem coerente a composição.



*O Brasil é o campeão mundial no uso de pesticidas. E o Congresso está se mobilizando para que a agricultura possa usar ainda mais. Entenda por que isso abre brechas perigosas.*

Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/393/>.  
Acesso em: 03 dez. 2019.

A capa – uma caveira sobre cuja cabeça há um enfeite composto de frutas – causa um estranhamento e, portanto, o leitor deve se movimentar para buscar em seu arquivo cultural e / ou fora dele informações que promovam o esclarecimento da imagem. O resultado da busca é a imagem icônica de Carmen Miranda.

Carmen Miranda foi a mais carismática e adorada cantora da música popular brasileira em sua época, especialmente no momento em que o samba era marginalizado. Nascida em Portugal, emigrou para o Brasil ainda criança e se tornou uma das vedetes mais solicitadas e bem pagas de Hollywood. Além disso, foi a artista brasileira que mais sucesso e prestígio alcançou na indústria do entretenimento dos Estados Unidos.

Recebeu diversos pseudônimos, como “A pequena notável” no Brasil e “Brazilian Bombshell” no exterior, sempre conhecida por seus extravagantes figurinos e chapéus com frutas tropicais, usados, principalmente, nos seus filmes estadunidenses em que atuou, o que fez deles sua marca registrada como representação do país no exterior, tornando-a um ícone da cultura brasileira.

Paródica, a capa da revista *Superinteressante* substituiu o rosto de Carmen Miranda pelo de uma caveira. De posse dessas informações, é possível deduzir que a capa anuncia uma reportagem crítica contra a liberação de agrotóxicos. Ela ironiza a liberação do uso, invertendo a tradicional imagem de elogio ao país: de uma mulher famosa a uma caveira; os frutos carregados pela morte são uma metáfora do perigo que corremos e de como a fama do país parte em outra direção, negativa.

## Conhecimento interacional

O estudo do meme também ocorreu mediante o conhecimento das formas de interação por meio da linguagem. Durante a leitura, desencadeia-se o reconhecimento da intencionalidade do texto de acordo com as condições sociais de produção. Fica claro que o sentido não está no texto, mas em ações de busca, seleção, comparação e associação, mediante várias informações que permitam a interpretação (o que é o *G1*, por exemplo); vocábulos que caibam na situação comunicativa (primordialmente, a palavra “trem”); variante linguística adequada ao gênero (o tom de informalidade); certos recursos que se situam nas informações e nos aspectos linguísticos, mas propiciando novos sentidos (a quebra da sequência lógica entre as partes do texto e o uso de maiúsculas para imitar o tom de fala do personagem); a configuração do gênero.

A reportagem a seguir, de Celina Côrtes, permite analisar a interacionalidade. Para ler essa matéria, é preciso que o leitor se disponha a interferir com seu conteúdo sobre arte, formas e suportes de apresentação ao público, incorporando à leitura seu arquivo cultural sobre o tema. E, também, que esteja disposto a lidar com sua composição feita na norma-padrão da Língua Portuguesa, variante adequada para a produção publicada em jornal de grande circulação para público adulto e escolarizado (com vocabulário pertencente ao campo semântico do tema exposto, como Ateliê, visitantes, museu, etc.). Ainda, que dialogue com recursos gráficos, que orientam significados, como os negritos, os destaques, os travessões e as aspas, os quais situam o título, a autoria, a possibilidade de buscar mais informações pelo hipertexto (sublinhado, em azul), o resalte a determinada ideia, a conotação.



### Tendência de exposições digitais leva multidões a “entrar” em quadros

*Mostras em Paris exibem projeções virtuais de obras de Da Vinci e Van Gogh*

Agora que até a “Mona Lisa”, obra-prima de Leonardo da Vinci, será exibida virtualmente no tradicionalíssimo Museu do Louvre a partir do dia 24 de outubro, não restam mais dúvidas: as [exposições imersivas](#) vieram para ficar.

A moda começou a se consolidar no Atelier des Lumières em abril de 2018, com [a exposição de Gustav Klimt e Egon Schiele](#), que em nove meses levou 4 milhões de visitantes ao espaço parisiense.

O Atelier continua provocando filas com [a mostra interativa de Van Gogh](#), que requer compra antecipada de ingressos. Tudo bem, esse tipo de antecipação também é vital nas concorridas exposições de museus convencionais, mas basta falar em experiência imersiva para despertar o interesse de multidões, ávidas em interagir com as obras.

[...]

A sensação de “entrar” [em um quadro de Van Gogh é arrebatadora](#). Um dos pontos altos das imagens projetadas nas paredes de dez metros de altura do galpão é o tremular das águas do quadro “Noite Estrelada”, que dá nome à exposição. A intensidade das pinceladas se torna mais nítida pela ampliação da caótica e poética criação de Van Gogh.

[...]

Durante 35 minutos, tempo de visita que cada pessoa pode repetir quantas vezes quiser – eu fiz três passeios consecutivos –, as imagens, estáticas ou em movimento, são acompanhadas por trilha sonora escolhida a dedo pelos realizadores: de Janis Joplin a Miles Davis, passando por Vivaldi e Puccini.

[...]

CÔRTEZ, Celina. Tendência de exposições digitais leva multidões a “entrar” em quadros. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/08/tendencia-de-exposicoes-digitais-leva-multidoes-a-entrar-em-quadros.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2019. [Fragmento]

A proposta de seduzir para novas formas de convivência com a arte se dá, entre outros recursos, por elementos fáticos, cuja compreensão ocorre pelas habilidades do leitor, capaz de encontrar os significados.

Todas essas produções – meme, tirinha, capa de revista, reportagem – são exemplos que circulam no cotidiano. A leitura de quaisquer outras pressupõe percurso semelhante, sempre com adequação às condições de produção.

Assim, os conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional são naturais em qualquer leitura, porém, diante de determinado suporte, gênero e intenção, os atos do leitor se reconfiguram. Por isso, o meme (texto de Internet), a tira (texto de jornal), a capa (texto de revista) e a reportagem (texto de jornal) implicam ações, interesses e reações distintos. A rapidez de circulação do meme, por exemplo, é diferente da necessária concentração exigida pelo material impresso mais longo. O embate com o texto, então, ganha ou perde sustentação de acordo com os suportes. São textos com marcas de subjetividade, mas provocativos em instâncias diferentes, que almejam do leitor também sua subjetividade, recusando ou aceitando o que está ali proposto, aprofundando-se ou não naquilo que é apresentado.

Leia o texto a seguir sobre a reação das pessoas ao incêndio da catedral de Notre-Dame:

O filósofo e romancista francês Ollivier Pourriol resumiu o sentimento com mais humor.

“Victor Hugo agradece a todos os generosos doadores dispostos a salvar Notre-Dame e propõe que eles façam o mesmo com os Miseráveis”, escreveu ele no Twitter, referindo-se a outra famosa obra de Hugo, sobre a vida dos pobres.

[...]

Disponível em: [http://ijf.org.br/franceses-questionam-generosidade-seletiva-dos-super-ricos-com-doacoes-a-notre-dame/?category\\_name=estudos\\_tecnicos](http://ijf.org.br/franceses-questionam-generosidade-seletiva-dos-super-ricos-com-doacoes-a-notre-dame/?category_name=estudos_tecnicos). Acesso em: 05 dez. 2019.

Para a leitura, cabe ao leitor a busca de informações que deixem claro o teor do comentário. Para isso, é necessário que se estabeleça um diálogo com o texto, fazendo-lhe perguntas, as quais automaticamente se encaminham para sua enciclopédia mental. Veja quatro perguntas a serem feitas de forma que o leitor se encaminhe para a sua compreensão:

1. Quem é Victor Hugo?
2. Quem ou o que é Notre-Dame?
3. Quem ou o que é *Os Miseráveis*?
4. O que teria acontecido para que ocorresse a criação do meme?

Ao acionar seu conhecimento enciclopédico, o leitor ainda tem de fazer seleções. Pense que, em uma primeira leitura, para a primeira pergunta, façam parte dos conhecimentos de determinado leitor três informações: “Victor Hugo” é o nome de algum familiar; também de um colega de sala de aula; e, ainda, de um escritor francês do século XIX, que produziu obras que protagonizavam personagens desprivilegiadas, como *Notre-Dame de Paris* (também conhecida como *O corcunda de Notre-Dame*) e *Os Miseráveis*.



Para a segunda pergunta, as respostas encontradas podem ser: “Notre-Dame” é o mesmo que Nossa Senhora em francês; é o nome de uma catedral parisiense, importante objeto de cultura da França.

Para a terceira, a expressão “Os Miseráveis” pode ser referência a pessoas que vivem em condição abaixo do nível da pobreza e, ainda, ao título de uma obra do autor francês Victor Hugo.

Para a quarta, entretanto, o leitor não tem qualquer informação, o que o deixa ainda sem compreender o meme. Em grupo, faça o papel desse leitor e procure respostas ao 4º questionamento. Registre as fontes consultadas.

Em seguida, redija um texto de até 10 linhas, identificando e descrevendo:

- a intencionalidade desse comentário;
- as estratégias utilizadas para sua construção;
- os perfis do autor e do leitor desse comentário.

Conclua seu texto concordando ou discordando com a crítica feita por meio do comentário.

**02.** Com base nos textos anteriores, responda:

- Quais são os objetivos dos rótulos?
- Observe as embalagens anteriores. Elas se apresentam de forma a alcançar a aceitabilidade do leitor? Justifique.
- Como, provavelmente, se dá a interação entre o leitor e o quadro de informações da embalagem?
- Como deve agir o leitor consciente, diante desse quadro de informações e instruções?
- O uso de letras muito pequenas em rótulos é uma estratégia utilizada pelas empresas. Estabeleça uma hipótese: quais são os objetivos dessa estratégia?

## PACTOS DE LEITURA – DA MERA INFORMAÇÃO AO SENSO CRÍTICO



Os estudos deste módulo têm demonstrado a importância do leitor no processo da leitura. Ele é o responsável por se colocar frente a um texto e manter com este uma interação. Cabe ao leitor tomar as rédeas do texto, situando-o em seu suporte, atentando aos seus recursos, buscando o que eles dizem e em que lhe interessa o que eles dizem.

[...] todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 35.

Assim, embora a maneira de ler os diversos textos pareça a mesma, na verdade, são várias, porque há diversidade de condições de produção e, conseqüentemente, de leituras. Então, o leitor aciona diferentes posturas, por exemplo, uma diante de estratégias que levam ao riso, que é diferente daquela diante de recursos informativos, de cálculo, etc.

Retome os quatro gêneros tratados neste módulo e você perceberá que fez pactos de leitura diferentes com cada um deles, ou seja, o processamento do texto se fez mediante um compromisso com os propósitos ofertados pelo texto e os assumidos pelo leitor.

Veja isso em especial no suporte jornal, que comporta uma coletânea dos mais variados gêneros, desde aquele que assume o perfil do jornal – o editorial –, passando por artigos de opinião, cartas de leitor, reportagens, notícias, charges e tiras, horóscopo, crônicas, poemas, peças publicitárias, ensaios, resenhas, programação de eventos, etc.

## EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

Leia os textos a seguir para responder à questão **02**.

### Texto I

A interatividade é um dos sistemas de conhecimento que possibilita a comunicação por meio da linguagem. As estratégias adotadas na produção de um texto são retomadas ao longo da leitura, funcionando como um guia, um código de instruções. Assim o locutor assegura a compreensão do texto e consegue a aceitação dos objetivos a que se propõe.

### Texto II



Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto/woman-comparing-nutrition-labels-imagem-royalty-free/116362349>. Acesso em: 12 dez. 2019.

Essa variedade de gêneros indica também uma variedade de leitores, com propósitos diante do texto. A leitura de uma notícia, a princípio, se faz em busca de informações sobre determinado fato: o que aconteceu, com quem, onde e quando. O acordo feito entre a autoria do texto e o leitor é de imparcialidade e confiabilidade.

Porém, sabe-se que, nas condições de produção dos textos, há interesses e subjetividades. Assim, cabe ao leitor ler nas entrelinhas, acionando seu arquivo cultural linguístico, enciclopédico e interacional, passando da mera informação para uma visão crítica daquilo que lhe é apresentado.

A leitura demanda levar em conta uma rede de atores. Nesse caso, o jornal, o jornalista, o editor, a agência de notícias, os anunciantes que mantêm o jornal, etc. Além disso, a forma do texto, a organização das ideias, o vocabulário, o espaço que lhe é reservado, se é matéria de capa, por exemplo.

## EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

- 03.** Leia, comparativamente, as duas notícias de jornal a seguir, observando tanto sua perigrafia quanto sua composição interna.

### Texto I

17/03/2015 08h58 – Atualizado em 17/03/2015 08h58

#### Polícia prende traficante com 10 quilos de maconha em Fortaleza

*Polícia encontrou R\$ 10 mil em cédulas de R\$ 2 e uma pistola 380. Ele foi autuado em flagrante por tráfico de drogas e porte ilegal de arma*

Uma ação da Polícia Militar prendeu na noite desta segunda-feira (16) um traficante com dez quilos de maconha no Bairro Conjunto Esperança, em **Fortaleza**. De acordo com a polícia, além da droga foram apreendidos armas, dinheiro e munições dentro da casa do suspeito de 19 anos.

Polícia disse que o homem foi detido em flagrante por tráfico de drogas e porte ilegal de arma de fogo. O suspeito não possuía antecedentes criminais. Ao realizar patrulhamento na região, os policiais desconfiaram da atitude suspeita dele e o abordaram em frente à casa, localizada na Rua 02 no Conjunto Esperança.

[...]

G1. *Polícia prende traficante com 10 quilos de maconha em Fortaleza*. 17 mar. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/03/policia-prende-trafficante-com-10-quilos-de-maconha-em-fortaleza.html>. Acesso em: 19 ago. 2019. [Fragmento]

### Texto II

27/03/2015 10h21 - Atualizado em 27/03/2015 20h29

#### Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio

*Eles foram presos num estacionamento de um prédio na Tijuca. Delegado tenta identificar outros integrantes da quadrilha*

Policiais da 25ª DP (Engenho Novo) prenderam em flagrante, nesta quinta-feira (26), os jovens Pedro Henrique Sequeira e Thyago Barcellos Teixeira. Com eles foram apreendidos cerca de 300 quilos de maconha, duas pistolas, quatro carregadores e um carro Hyundai Santa Fé. Segundo informações da assessoria da Polícia Civil, eles foram presos no estacionamento de um prédio na Tijuca, na Zona Norte.

De acordo com informações do delegado titular da 25ª DP Niandro Ferreira, os rapazes são apontados como integrantes de uma quadrilha de jovens de classe média, que atua no tráfico de drogas do Engenho Novo e Méier, no Subúrbio, e Tijuca, na Zona Norte.

[...]

G1. *Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio*. 27 mar. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html>. Acesso em: 19 ago. 2019. [Fragmento]

- A) O fato relatado em ambos os textos é semelhante: houve a autuação de pessoas que portavam drogas, mas as circunstâncias diferem e, também, a descrição feita dos que cometeram o crime. Compare os elementos que compõem as manchetes. Quais elementos são iguais? Quais elementos são diferentes?
- B) Veja as formas de referência aos autuados. Por que um é chamado de “traficante”, e os outros são chamados de “jovens, rapazes”, se o crime cometido foi o mesmo? Que consequências essa nomeação distinta apresenta?
- C) Atente para os seguintes grupos de informações: Código Penal Brasileiro, artigo 150: é crime “entrar ou permanecer, clandestina ou astuciosamente, ou contra a vontade expressa ou tácita de quem de direito, em casa alheia ou em suas dependências”. Trata-se do crime de invasão de domicílio, punido com pena de detenção de um a três meses ou multa.
- “Ao realizar patrulhamento na região, os policiais desconfiaram da atitude suspeita dele e **o abordaram em frente à casa**, localizada na Rua 02 no Conjunto Esperança.”

“Segundo informações da assessoria da Polícia Civil, eles foram presos **no estacionamento de um prédio** na Tijuca, na Zona Norte.”

Observando os trechos das duas notícias, consegue-se depreender que as pessoas não foram pegas em flagrante dentro de seus domicílios – um, na rua; os outros, na garagem de um prédio. No entanto, no primeiro caso, há a informação de que “De acordo com a polícia, além da droga foram apreendidas armas, dinheiro e munições **dentro da casa do suspeito**” e nada se afirma sobre alguma ocorrência dentro da casa dos suspeitos que foram flagrados no bairro da Tijuca. Por que há essa diferença de ação policial?

- D) Observe o que é noticiado sobre o material encontrado em uma e outra notícia. Comparando os dados, percebem-se: a discrepância entre os objetos flagrados, cuja descrição é precisa (números, funções e marca) quanto ao flagrante II; e a ausência de especificidades no caso do flagrante I. Com base nisso, responda:
- Quais são as pessoas flagradas que apresentam maior potencial de perigo?
  - Por que há imprecisão na descrição dos objetos achados na casa do suspeito noticiado no texto I?
- E) Redija um parágrafo posicionando-se criticamente com relação à produção das duas notícias: são confiáveis? Cumprem o pacto da confiabilidade?

## A OPERACIONALIDADE DA LEITURA



O cotidiano é permeado das mais diversas leituras. Entre elas, existem aquelas feitas apenas com o objetivo de buscar informações que levam a certas decisões. É o caso de programação de cinema, por exemplo.

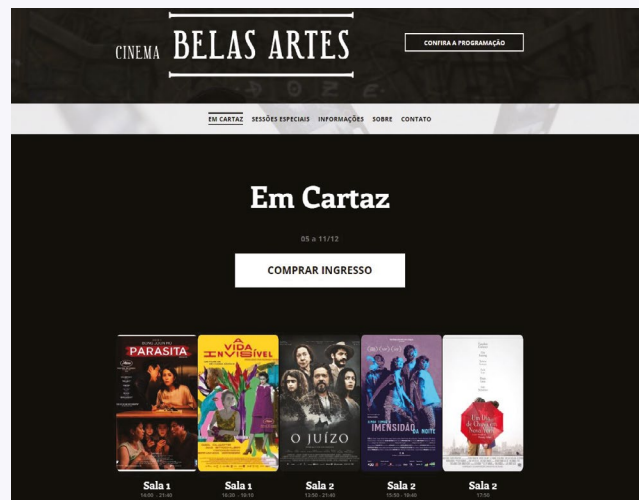
Em meios virtuais, a interação se faz mediante buscas digitais, com cliques sobre ícones. Veja o Guia Folha, que orienta o leitor para escolha de filmes, por exemplo. Clicando sobre a palavra “cinema”, saem imagens e títulos. Clicando sobre as imagens, aparece a sinopse (outro gênero textual), com informações: se o filme é brasileiro ou não, se legendado ou dublado, quais atores representam, e ainda há indicação de salas e horários.

Porém, se a programação é específica de algum cinema, é possível ler o perfil do espaço cultural, a que público atende, que gosto artístico permeia a seleção de películas.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



04. Com base no que foi visto, observe a programação do Cine Belas Artes, de Belo Horizonte.



CINEMA Belas Artes. Em cartaz.

Disponível em: <https://www.belasartescine.com.br/#EMCARTAZ>. Acesso em: 25 nov. 2019.

- A) Procure informações sobre cada um dos filmes apresentados na imagem: *Parasita*; *A vida invisível*; *Um dia de chuva em Nova York*; *UMA – Luz dos Himalaias* e *A revolução em Paris* (origem, se há premiação, nomes de artistas, direção, etc.).
- B) O que essa seleção de filmes informa sobre o Cine Belas Artes? O que os frequentadores desse espaço cultural provavelmente buscam lá?



05. Leia a crônica a seguir que trata do tema deste módulo, a leitura. Ela apresenta algumas reflexões quanto ao perfil do leitor, em especial, do leitor brasileiro contemporâneo. Observe atentamente a perigrafia.

### Inferências acerca do leitor de jornal

*Ao contrário do resto do país, você não está no WhatsApp*

Querido leitor de jornal, você é, antes de tudo, um excêntrico. Ao contrário do resto do país, você não está no WhatsApp. Isso, por si só, denota, senão persistência, alguma excentricidade. Olhe à sua volta. Se houver alguém, está no WhatsApp. Caso pareça que está trabalhando, deve estar no WhatsApp *web*, invenção que tem por único objetivo deixar fingir que se está trabalhando. Você tampouco está na labuta, é verdade –mas existem muitas formas de não trabalhar, e de todas elas você escolheu ler um jornal.

[...]

Caso você tenha um jornal de papel nas mãos, alguém tentará inferir que você tem idade avançada. Ledo engano: os leitores mais velhos estão todos no Facebook. Você já deve ter percebido: a rede social de Zuckerberg tomou o lugar do bingo. Você, leitor analógico, não é necessariamente velho, mas certamente é *vintage*. Você tem nas mãos uma relíquia com os dias contados, como quem segura um canudo de plástico – e não se importa com isso.

Mesmo que você esteja lendo este texto no computador: posso garantir que você é, no mínimo, extravagante. Não bastou ler a manchete. Você clicou num *link*. Nos dias de hoje, uma porcentagem ínfima dos leitores vão além da manchete. E não lembro onde foi que li isso, mas deve ter sido numa manchete.

E mais, de todas as partes do jornal, você está lendo uma crônica. Isso faz de você um excêntrico subversivo do tipo dileitante. Se bem lhe conheço, você não perde tempo com nada que pode servir para alguma coisa.

Você parou um tempo do seu dia pra ler um texto que não informa nem edifica, escrito por um sujeito que não estudou para isso. E mais: você chegou ao fim – a duras penas, talvez, mas chegou. Pode ser um sinal dos tempos, mas hoje em dia fico emocionado com esse tipo de coisa. Olha só que coisa bonita: nós dois aqui, perdendo tempo juntos. É para você, meu igual, meu irmão, que volto a escrever aqui na Folha. Uma coisa eu garanto: não vai lhe acrescentar nadinha. Eu sei que você gosta. Caso contrário não estaria aqui, conversando comigo nesse não lugar do espaço-tempo – enquanto o mundo desaba ao redor.

*Gregório Duvivier é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos.*

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriодuvivier/2019/07/inferencias-acerca-do-leitor-de-jornal.shtml>. Acesso em: 04 dez. 2019.

[Fragmento]

- A) Que informações a perigrafia fornece quanto ao:
- perfil do autor?
  - tema tratado no texto?
  - provável efeito de sentido do texto?
- B) Como Duvivier enxerga o leitor de jornal?
- C) A composição da palavra excêntrico, “ex” (fora) + “cêntrico” (centro), está de acordo com o seu uso na crônica de Duvivier?
- D) Redija um parágrafo, descrevendo seu perfil como leitor: você é como o leitor descrito na crônica de Duvivier? É o leitor descrito em “O perigo da des-leitura”? Faz leitura proficiente em algum gênero, por exemplo, uma notícia, um poema, um editorial, uma charge?

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**Instrução:** Leia os seguintes trechos de entrevista concedida pelos escritores João Ubaldo Ribeiro e Ariano Suassuna ao jornalista Geneton de Moraes Neto para responder às questões de **01** a **03**.

### I

**GMN:** O Brasil é um país que vive uma crise crônica de identidade. Escrever livros como *Viva o Povo Brasileiro* é uma maneira de exorcizar essa crise?

**J. Ubaldo:** Você já coloca uma premissa sobre crise de identidade. Acontece que não acho que o Brasil viva uma crise de identidade permanente. Não sei se vive. Mas não penso nessas questões. Quando uma pessoa escreve algo que repercute, há sempre o impulso natural de enquadrar a obra em categorias pré-fabricadas ou pré-moldadas. Mas a realidade é que as coisas não acontecem assim. Não escrevi pensando em identidade nacional nem em coisa nenhuma. Escrevi – simplesmente. Não sei o que é. *Viva o Povo Brasileiro* não é uma tentativa de entender o Brasil. O que fiz foi escrever um livro. Eu poderia mentir a você abundantemente sobre o que resultou – a partir do que os outros escreveram e pensaram. Mas *Viva o Povo Brasileiro* é só um romance.

### II

**GMN:** Todo escritor, em última instância, escreve para ser lembrado. Isso é que motiva o senhor a escrever?

**A. Suassuna:** A literatura é uma forma de protestar contra a morte. Em minha visão, a literatura – e a arte, de modo geral – é uma forma precária, mas, ainda assim, poderosa de afirmar a imortalidade. O homem não nasceu para a morte: o homem nasceu para a vida e para a imortalidade.

**GMN:** Como é o Brasil dos sonhos de Ariano Suassuna?

**A. Suassuna:** Eu sei que é um sonho – mas sem sonho a gente não vive. É necessário, ao ser humano, um sonho – lá na frente para que a gente não se acomode e procure aquele ideal. O Brasil com que sonho, então, seria um regime no qual a gente realizasse, pela primeira vez na história humana, a fusão de justiça e liberdade.

Disponível em: <http://g1.com>. 18 e 23 jul. 2014.

**01.** (FGV–2022) Em relação às perguntas do entrevistador, as respostas dos entrevistados expressam

- A) indiferença em ambos os casos.  
 B) entusiasmo no primeiro caso e indiferença no segundo.  
 C) discordância em ambos os casos.  
 D) discordância no primeiro caso e concordância no segundo.  
 E) concordância no primeiro caso e discordância no segundo.

- 02.** (FGV-2022) Considerando as respostas de ambos os entrevistados, pode-se afirmar que eles
- ironizam o poder de transformação da literatura e da arte, em geral.
  - duvidam da possibilidade de alimentar algum tipo de utopia acerca do Brasil.
  - adotam uma atitude propositalmente hesitante, com a finalidade de ocultar o que realmente pensam.
  - atenuam algumas de suas próprias convicções sobre a literatura.
  - são evasivos em relação às perguntas do entrevistador.
- 03.** (FGV-2022) Segundo a gramática da língua portuguesa, existem palavras ou expressões que têm função meramente de realce, podendo, inclusive, ser retiradas da frase sem prejuízo para o sentido. É o que ocorre com o trecho sublinhado na seguinte frase do texto:
- "O Brasil é um país que vive uma crise crônica de identidade."
  - "Mas a realidade é que as coisas não acontecem assim."
  - "Não sei o que é."
  - "Isso é que motiva o senhor a escrever?"
  - "Eu sei que é um sonho."

**Instrução:** Leia a crônica a seguir para responder às questões de **04** a **09**.

#### Sons que confortam

Eram quatro da manhã quando seu pai sofreu um colapso cardíaco. Só estavam os três na casa: o pai, a mãe e ele, um garoto de 13 anos. Chamaram o médico da família. E aguardaram. E aguardaram. E aguardaram. Até que o garoto escutou um barulho lá fora. É ele que conta, hoje, adulto: Nunca na vida ouvira um som mais lindo, mais calmante, do que os pneus daquele carro amassando as folhas de outono empilhadas junto ao meio-fio.

Inesquecível, para o menino, foi ouvir o som do carro do médico se aproximando, o homem que salvaria seu pai. Na mesma hora em que li esse relato, imaginei um sem-número de sons que nos confortam. A começar pelo choro na sala de parto. Seu filho nasceu. E o mais aliviante para pais que possuem adolescentes baladeiros: o barulho da chave abrindo a fechadura da porta. Seu filho voltou.

E pode parecer mórbido para uns, masoquismo para outros, mas há quem mate a saudade assim: ouvindo pela enésima vez o recado na secretária eletrônica de alguém que já morreu.

Deixando a categoria dos sons magnânimos para a dos sons cotidianos: a voz no alto-falante do aeroporto dizendo que a aeronave já se encontra em solo e o embarque será feito dentro de poucos minutos.

O sinal, dentro do teatro, avisando que as luzes serão apagadas e o espetáculo irá começar.

O telefone tocando exatamente no horário que se espera, conforme o combinado. Até a musiquinha que antecede a chamada a cobrar pode ser bem-vinda, se for grande a ansiedade para se falar com alguém distante.

O barulho da chuva forte no meio da madrugada, quando você está no quentinho da sua cama.

Uma conversa em outro idioma na mesa ao lado da sua, provocando a falsa sensação de que você está viajando, de férias em algum lugar estrangeiro. E estando em algum lugar estrangeiro, ouvir o seu idioma natal sendo falado por alguém que passou, fazendo você lembrar que o mundo não é tão vasto assim.

O toque do interfone quando se aguarda ansiosamente a chegada do namorado. Ou mesmo a chegada da *pizza*.

O aviso sonoro de que entrou um torpedo no seu celular.

A sirene da fábrica anunciando o fim de mais um dia de trabalho.

O sinal da hora do recreio.

A música que você mais gosta tocando no rádio do carro. Aumente o volume.

O aplauso depois que você, nervoso, falou em público para dezenas de desconhecidos.

O primeiro eu te amo dito por quem você também começou a amar.

E o mais raro de todos: o silêncio absoluto.

MEDEIROS, Martha. *Feliz por nada*. São Paulo: L&PM Editores, 2011.

**04.**

GT65



(UECE-2019) Considerando o propósito da crônica de Martha Medeiros, assinale a afirmação verdadeira.

- O texto tem, como principal objetivo, contar como os sons fazem parte do nosso cotidiano, ora consolando-nos, ora incomodando-nos.
- A crônica tem a preocupação de refletir sobre como variados tipos de sons acompanham inúmeros momentos da nossa vida, trazendo-nos alento.
- O interesse principal da crônica é o de mostrar como a escuta de determinados sons podem trazer grande alegria e alívio aos pais em diferentes fases da vida de seus filhos.
- A finalidade maior do texto de Martha Medeiros é protestar contra nossa exposição involuntária a diversos sons barulhentos ao longo de nossa vida na grande cidade.

**05.**

(UECE-2019) Em relação às particularidades do estilo adotado na crônica "Sons confortantes", não é lícito dizer que

- ao tratar de temas ligados à vida cotidiana, a crônica trata as cenas corriqueiras com banalidade e insignificância.
- há, na crônica, o uso da linguagem coloquial com marcas de oralidade na escrita.
- o texto trata de assuntos relevantes sobre a vida cotidiana com um tom de conversa fiada.
- a crônica constrói uma narrativa com um caráter informal, familiar e, ao mesmo tempo, intimista ao relatar fatos da vida comum.



- 06.** (UECE–2019) A repetição da expressão “E aguardaram. E aguardaram. E aguardaram” imprime ao trecho de onde ela foi extraída o sentido de
- paciência por parte dos membros da família que esperavam calmamente a ambulância chegar para salvar a vida do pai.
  - resiliência dos familiares que souberam, mesmo diante de uma situação crítica, se adaptar ao obstáculo e, dessa forma, superá-lo.
  - ansiedade do garoto que aguardava, aflito, a vinda da ambulância para socorrer o seu pai acometido de um problema cardíaco.
  - morosidade na chegada de socorro médico para acudir o pai que sofria um colapso cardíaco.
- 07.** (UECE–2019) A autora da crônica cria duas categorias para classificar os sons com que nos deparamos no dia a dia: sons magnânimos e sons cotidianos. Leia os trechos da crônica apresentados a seguir e escreva SM se o trecho pertencer à categoria do som magnânimo ou SC se fizer parte da categoria do som cotidiano.
- ( ) “O sinal da hora do recreio.”
- ( ) “O primeiro eu te amo dito por quem você também começou a amar.”
- ( ) “[...] o barulho da chave abrindo a fechadura da porta. Seu filho voltou.”
- ( ) “[...] o recado na secretária eletrônica de alguém que já morreu.”
- ( ) “O toque do interfone quando se aguarda ansiosamente a chegada do namorado.”
- A sequência correta, de cima para baixo, é:
- SC, SC, SM, SM, SC.
  - SC, SM, SC, SM, SC.
  - SM, SM, SC, SC, SM.
  - SM, SC, SM, SC, SM.
- 08.** (UECE–2019) A respeito do verbo flexionado em “Nunca na vida **ouvira** um som mais lindo [...]”, é correto dizer que
- assinala um tempo passado semelhante ao do verbo conjugado no enunciado “Até que o garoto **escutou** um barulho lá fora”.
  - está sendo utilizado no mesmo tempo e modo do verbo destacado na oração “Só **estavam** os três na casa: o pai, a mãe e ele, um garoto de 13 anos.”
  - pode perfeitamente ser substituído pela forma composta **tinha ouvido**.
  - está indicando uma ação passada que ocorreu antes de outra, também no passado, idêntico ao sentido do uso do verbo em destaque na oração “Eram quatro da manhã quando seu pai **sofreu** um colapso cardíaco”.
- 09.** (UECE–2019) Considerando as relações sintáticas e semânticas no uso das orações com gerúndio na crônica, é incorreto dizer que
- no enunciado “Inesquecível, para o menino, foi ouvir o som do carro do médico se aproximando”, a forma gerundial “se aproximando” pode desempenhar tanto a função oracional de advérbio como de adjetivo em relação à oração principal.
  - o verbo da estrutura oracional “quando se aguarda ansiosamente a chegada do namorado” não pode ser transformado na forma de gerúndio na oração “O toque do interfone quando se aguarda ansiosamente a chegada do namorado”.
  - a estrutura oracional “anunciando o fim de mais um dia de trabalho” em “A sirene da fábrica anunciando o fim de mais um dia de trabalho” funciona como um atributo dado à sirene da fábrica.
  - a forma gerundial “avisando que as luzes serão apagadas” no enunciado “O sinal, dentro do teatro, avisando que as luzes serão apagadas e o espetáculo irá começar” cumpre oracionalmente a função de adjetivo, sendo empregada para indicar um processo verbal em curso.

- 10.** (UEG-GO–2020) Observe os quadrinhos a seguir:



Disponível em: <http://psicologia-e-familia.blogspot.com/2012/04/charges-tirinhas-e-cartoons.html>. Acesso em: 31 out. 2019.

O sentido dos quadrinhos, e seu consequente efeito cômico, são obtidos a partir do uso

- do tempo verbal do subjuntivo no primeiro quadrinho, o que confere um grau de incerteza à fala da personagem.
- da expressão “como membro da família”, que para Garfield parece significar pessoa digna de muito respeito e carinho.
- do verbo “pensei” no terceiro quadrinho, que sugere desatenção de Garfield em relação ao pedido feito no primeiro quadrinho.
- de “Ok” no segundo quadrinho, pois no terceiro quadrinho a personagem demonstra ter dúvidas sobre o conteúdo da conversa.
- de uma construção adversativa no terceiro quadrinho, que provoca uma reinterpretação do conteúdo verbal do primeiro quadrinho.

## SEÇÃO ENEM

### 01. (Enem-2022)

#### Texto I

**Projeto Mural Eletrônico desenvolvido no INT, semelhante a um totem, promete tornar o acesso à informação disponível para todos**

A inclusão de pessoas com deficiência se constituiu um dos principais desafios e preocupações para a sociedade ao longo das últimas décadas. E o uso da tecnologia tem se revelado um aliado fundamental em muitas iniciativas voltadas para essa área. Exemplo disso é uma das recentes criações do Instituto Nacional de Tecnologia (INT) – unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Ali, com o objetivo de que as diferenças entre pessoas não sejam sinônimo de obstáculos no acesso à informação ou na comunicação, engenheiros e tecnólogos vêm trabalhando no desenvolvimento do projeto Mural Eletrônico.

O Mural Eletrônico nasceu da necessidade de promover a inclusão nas escolas. Com interface multimídia e interativa, todos têm a possibilidade de acessar o Mural Eletrônico. Por meio do equipamento, podem ser disponibilizados vídeos com Libras, leitura sonora de textos, que também estarão acessíveis em uma plataforma de braille dinâmico, ao lado do teclado.

KIFFER, D. *Inclusão ampla e Irrestrita*. Rio Pesquisa, n. 36, set. 2016 (Adaptação).

#### Texto II

**Projeto Surdonews, desenvolvido na UFRJ, garante acesso de surdos à informação e contribui para sua “inclusão científica”**

Para não permitir que a falta de informação seja um fator para o isolamento e a inacessibilidade da comunidade surda, a jornalista e pesquisadora Roberta Savedra Schiaffino criou o projeto “Surdonews: montando os quebra-cabeças das notícias para o surdo”.

Trata-se de uma página no Facebook, com notícias constantemente atualizadas e apresentadas por surdos em Libras, e veiculadas por meio de vídeos.

A ideia de criar o projeto surgiu quando Roberta, ela própria surda profunda, ainda cursava o mestrado. Para isso, ela procurou traçar um diagnóstico do conhecimento informal entre as pessoas com surdez. Ela entrevistou cinquenta alunos surdos do ensino fundamental e viu que eles tinham muita dificuldade de ler, além de não captar a notícia falada. “Isso é muito grave, pois 90% do saber de um indivíduo vem do conhecimento informal, adquirido em feiras científicas, conversas, cinema, teatro, incluindo a mídia, por todas as suas possibilidades disseminadoras”, explica a pesquisadora. “Prezamos pelo conteúdo científico em nossas pautas. Contudo, independentemente disso, nosso principal trabalho é, além de informar e atualizar, fazer com que os textos não sejam empobrecidos no processo de ‘tradução’ e, sim, acessíveis”.

KIFFER, D. *Comunicação sem barreiras*. Rio Pesquisa, n. 37, dez. 2016 (Adaptação).

Considerando-se o tema tecnologias e acessibilidade, os textos I e II aproximam-se porque apresentam projetos que

- garantem a igualdade entre as pessoas.
- foram criados por uma pesquisadora surda.
- tiveram origem em um curso de pós-graduação.
- estão circunscritos ao espaço institucional da escola.
- têm como objetivo a disseminação do conhecimento.

### 02. (Enem-2022)

**Projeto na Câmara de BH quer a vacinação gratuita de cães contra a leishmaniose**

*A doença é grave e vem causando preocupação na região metropolitana da capital mineira*

Ela é uma doença grave, transmitida pela picada do mosquito-palha, e afeta tanto os seres humanos quanto os cachorros: a leishmaniose. Por ser um problema de saúde pública, a doença pode ganhar uma ação preventiva importante, caso um projeto de lei seja aprovado na Câmara Municipal de Belo Horizonte (CMBH). Diante do alto número de casos da doença na Grande BH, a Comissão de Saúde e Saneamento da CMBH aprovou a proposta de realização de campanhas públicas de vacinação gratuita de cães contra a leishmaniose, tema do PL 404/17, apreciado pelo colegiado em reunião ordinária, no dia 6 de dezembro.

Disponível em: <https://revistaencontro.com.br>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Essa notícia, além de cumprir sua função informativa, assume o papel de

- fiscalizar as ações de saúde e saneamento da cidade.
- defender os serviços gratuitos de atendimento à população.
- conscientizar a população sobre grave problema de saúde pública.
- propor campanhas para a ampliação de acesso aos serviços públicos.
- responsabilizar os agentes públicos pela demora na tomada de decisões.

**03.** (Enem–2019)

Um amor desse  
 Era 24 horas lado a lado  
 Um radar na pele, aquele sentimento alucinado  
 Coração batia acelerado  
 Bastava um olhar pra eu entender  
 Que era hora de me entregar pra você  
 Palavras não faziam falta mais  
 Ah, só de lembrar do seu perfume  
 Que arrepio, que calafrio  
 Que o meu corpo sente  
 Nem que eu queira,  
 eu te apago da minha mente  
 Ah, esse amor  
 Deixou marcas no meu corpo  
 Ah, esse amor  
 Só de pensar, eu grito, eu quase morro

AZEVEDO, N.; LEÃO, W.; QUADROS, R. *Coração pede socorro*. Rio de Janeiro: Som Livre, 2018. [Fragmento]

Essa letra de canção foi composta especialmente para uma campanha de combate à violência contra as mulheres, buscando conscientizá-las acerca do limite entre relacionamento amoroso e relacionamento abusivo. Para tanto, a estratégia empregada na letra é a

- A) revelação da submissão da mulher à situação de violência, que muitas vezes a leva à morte.
- B) ênfase na necessidade de se ouvirem os apelos da mulher agredida, que continuamente pede socorro.
- C) exploração de situação de duplo sentido, que mostra que atos de dominação e violência não configuram amor.
- D) divulgação da importância de denunciar a violência doméstica, que atinge um grande número de mulheres no país.
- E) naturalização de situações opressivas, que fazem parte da vida de mulheres que vivem em uma sociedade patriarcal.

**04.** (Enem–2019)**Texto I****Estratos**

Na passagem de uma língua para outra, algo sempre permanece, mesmo que não haja ninguém para se lembrar desse algo. Pois um idioma retém em si mais memórias que os seus falantes e, como uma chapa mineral marcada por camadas de uma história mais antiga do que aquela dos seres vivos, inevitavelmente carrega em si a impressão das eras pelas quais passou. Se as “línguas são arquivos da história”, elas carecem de livros de registro e catálogos. Aquilo que contém pode apenas ser consultado em parte, fornecendo ao pesquisador menos os elementos de uma biografia do que um estudo geológico de uma sedimentação realizada em um período sem começo ou sem fim definido.

HELLER-ROAZEN, D. *Ecolalias*: sobre o esquecimento das línguas. Campinas: Unicamp, 2010.

**Texto II**

Na reflexão gramatical dos séculos XVI e XVII, a influência árabe aparece pontualmente, e se reveste sobretudo de item bélico fundamental na atribuição de rudeza aos idiomas português e castelhano por seus respectivos detratores. Parecer com o árabe, assim, é uma acusação de dessemelhança com o latim.

SOUZA, M. P. *Linguística histórica*. Campinas: Unicamp, 2006.

Relacionando-se as ideias dos textos a respeito da história e memória das línguas, quanto à formação da Língua Portuguesa, constata-se que

- A) a presença de elementos de outras línguas no português foi historicamente avaliada como um índice de riqueza.
- B) o estudioso da língua pode identificar com precisão os elementos deixados por outras línguas na transformação da Língua Portuguesa.
- C) o português é o resultado da influência de outras línguas no passado e carrega marcas delas em suas múltiplas camadas.
- D) o árabe e o latim estão na formação escolar e na memória dos falantes brasileiros.
- E) a influência de outras línguas no português ocorreu de maneira uniforme ao longo da História.

**SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP****GABARITO**

Meu aproveitamento

**Aprendizagem**

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01.

- A)
  - Intencionalidade: vender um produto; associar a imagem da mulher com servil ou reificada para atingir a um público conservador, machista.
  - Público-alvo: para a primeira, uma sociedade conservadora, que valoriza a mulher do lar; na outra, uma sociedade que parece mais livre, haja vista a garota estar com roupas mais modernas, mas, na verdade, tão machista quanto a primeira).
  - Semelhanças: mulher reificada, posta como um complemento do produto.
  - Diferença: na segunda, a mulher está mais sexualizada.
- B) Intenção de vender o produto, promover o machismo, manter o conservadorismo.
- C) As leituras entre as duas se assemelha, se o leitor compactua com o machismo, o que provavelmente se dava para homens e mulheres em sua maioria na década de 1960. Já a peça mais recente pode ser lida de forma crítica, denunciando o que há de machismo nela, embora também possa ter aceitação dos conservadores.

02.

- A) Informar os componentes do produto; instruir quanto ao modo de usar; esclarecer sobre possíveis problemas, etc.
- B) Embora se perceba um grande número de informações, o tamanho da letra dificulta a leitura. Isso significa que o leitor não é atraído a fazer a leitura do texto.
- C) Os leitores se esforçam para conseguir ler as informações, mas provavelmente não decifram a mensagem, apesar do esforço.
- D) O leitor pode se recusar a comprar o produto, pois corre o risco de sofrer danos ao consumi-lo; pode reclamar no Fale Conosco da empresa ou em órgãos competentes.
- E) Pode-se pensar que a empresa acredita que o leitor não se importa com as informações; ou que as informações não são fidedignas.

03.

- A) O enunciador é o mesmo, o portal *G1*, pertencente ao grupo Globo, de circulação pela Internet. Essas informações contribuem para que se conheça o perfil do enunciador, pois um só é responsável pela promoção das imagens fomentadas pelo fato, atingindo um número infinito de leitores tanto pelo fato de o grupo Globo estar entre os de maior poder de comunicação quanto pelo fato de ser detentor de larga audiência, no caso, aumentada pela acessibilidade que permite o meio virtual, em computadores e celulares. As datas são próximas, 17/03 e 27/03 de 2015, o que garante a postura do veículo em determinado momento. Não é um acaso o tratamento dado aos fatos. O sujeito, agente da ação é o mesmo, a polícia. O verbo que descreve a ação, a ocorrência, é o mesmo, "prende". O complemento do verbo, porém, difere: "traficante com 10 quilos de maconha" e "jovens de classe média com 300 kg de maconha". O espaço das ocorrências difere: em Fortaleza e no Rio de Janeiro.
- B) A resposta provável é a desvalorização da classe pobre, cujos nomes são irrelevantes. Também que, sem noticiar o nome, a pessoa presa fica mais desprotegida, fica mais difícil alguém tomar conhecimento do fato e conseguir tomar providências jurídicas. Claro é o preconceito social: denominações revelam como a sociedade enxerga as classes privilegiadas e as classes não privilegiadas. Os pobres são automaticamente vistos como bandidos. Assim, os jornais são responsáveis pela manutenção e pelo alastramento do preconceito.
- C) O preconceito contra pobres se manifesta de várias formas, entre elas o desrespeito à privacidade do domicílio, mesmo em desobediência ao Código Penal Brasileiro, artigo 150. Para os pobres, a lei é menos cumprida, como se esse grupo social não tivesse direito a ela. Observa-se que o jornal sequer se constrange de informar a ação ilegal. Não há nenhum tom de denúncia quanto a essa prática, posta como apenas mais uma informação.
- D) Embora os dois apresentem risco, os suspeitos do texto II atuam em conjunto, estão melhor aparelhados e têm mais material ilegal para repassar (300 quilos contra dez de maconha); usam carro potente e têm duas pistolas, estas sem descrição. O rapaz de Fortaleza carrega uma pistola 380, mais usada para autodefesa. Pode-se pressupor que nada há de especial nos objetos encontrados, pois a imprensa não perderia a chance de promover mais sensacionalismo caso algo de maior potência fosse encontrado.

- E) Nessa questão, é preciso evidenciar que a forma de noticiar contraria o pacto da confiabilidade. Essa consciência é muito importante, pois isso promove uma leitura crítica não só do veículo de informação, mas do próprio leitor e seu papel social.

04.

- A) *Parasita*: Coreia do Sul, 2019 – 131 min. – 16 anos – Suspense. Distribuição: Pandora. Direção: Joon-ho Bong. Elenco: Kang-Ho Song, Woo-sik Choi, Park So-Dam.

*A vida invisível*: Alemanha, Brasil, 2018 – 139 min. – 16 anos – Drama, Romance. Distribuição: Vitrine Filmes. Direção: Karim Aïnouz. Elenco: Carol Duarte, Julia Stockler, Gregório Duvivier.

*Um dia de chuva em Nova York*: EUA, 2018 – 94 min. – 14 anos – Comédia romântica. Distribuição: Imagem Filmes. Direção: Woody Allen. Elenco: Elle Fanning, Timothée Chalamet, Selena Gomez.

*UMA – Luz dos Himalaias*: Brasil, Índia, 2017 – 73 min. – Livre – Documentário. Distribuição: Espaço Filmes. Direção: Ananda Jyothi.

*A revolução em Paris*: França, 2018 – 121 min. – 16 anos – Drama. Distribuição: Bonfilm. Direção: Pierre Schoeller. Elenco: Adèle Haenel, Louis Garrel, Gaspard Ulliel, Laurent Lafitte.

- B) É possível inferir várias informações, entre elas: a casa valoriza produções de cunho nacional e filmes que não estão no circuito hollywoodiano; opta por gêneros e temas variados; preocupa-se com a qualidade das peças.

05.

- A) Se ele é um dos criadores do Porta dos Fundos, tem um perfil humorista; O tema – o papel do leitor de jornal – está inscrito no endereço eletrônico; Sendo o autor um cronista e um comediante, há possibilidade de o texto ser uma crônica que promove o riso.
- B) Duvivier enxerga o leitor de jornal como um excêntrico, porque está lendo algo fora do Instagram, Facebook ou WhatsApp; também lê um texto inteiro e não apenas a manchete; e ainda é um leitor de crônicas, algo "sem utilidade".
- C) Sim, o leitor de crônicas de jornal está fora do centro, fora da moda.
- D) Nessa questão, é preciso desenvolver um parágrafo com uma autoanálise a respeito do próprio perfil de leitura, com base no que foi tratado ao longo do conteúdo. Se é um leitor que lê apenas manchetes e as repassa, sem responsabilizar-se por seu ato, ou se já fez isso diante de alguns textos, mas não sempre. Se é um leitor qualificado, porque acha trabalhoso fazer as buscas necessárias. Se é um leitor que domina o vocabulário, tem conhecimentos prévios de mundo e de texto, se lê com qualidade, etc.

## Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- |                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|
| <input type="radio"/> 01. D | <input type="radio"/> 06. D |
| <input type="radio"/> 02. D | <input type="radio"/> 07. A |
| <input type="radio"/> 03. D | <input type="radio"/> 08. C |
| <input type="radio"/> 04. B | <input type="radio"/> 09. B |
| <input type="radio"/> 05. A | <input type="radio"/> 10. E |

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- |                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|
| <input type="radio"/> 01. E | <input type="radio"/> 03. C |
| <input type="radio"/> 02. C | <input type="radio"/> 04. C |



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## A Arquitetura do Texto: o Parágrafo

Chega uma hora nas trocas entre professor e aluno em que cada um adota um ponto de vista. O meu é: “Como vocês não entenderam o sentido? O deles é: “Não entendemos. E a gente acha que você está inventando”. Estamos com um problema de comunicação. Basicamente, todos lemos a mesma história, mas não usamos o mesmo aparato analítico. Se você já passou algum tempo numa aula de literatura como aluno ou professor, conhece esse momento. Às vezes, pode parecer que o professor está forjando interpretações etéreas, ou mesmo que está fazendo mágicas de salão, uma espécie de prestidigitação analítica.

De fato, nenhuma das alternativas é o caso; em vez disso, o professor, assim como o leitor que tem um pouco mais de experiência, adquiriu ao longo dos anos o uso de certa “linguagem de leitura”, algo que começa apenas a se apresentar aos estudantes. O que estou falando é de uma gramática da literatura, um conjunto de convenções e padrões, códigos e regras que aprendemos a utilizar ao lidar com uma amostra de texto. Toda linguagem tem uma gramática, um conjunto de regras que governam usos e sentidos [...].

FOSTER, Thomas C. *Para ler literatura como um professor*. São Paulo: Lua de papel, 2010. p. 13.

A leitura se dá com base no conhecimento das condições de produção do texto, que podem ser observadas, dentre outras maneiras, a partir da perigrafia. O texto em destaque avança nessa discussão. Embora as ideias de Thomas C. Foster façam mais referência ao texto literário, o que ele afirma vale para a leitura de qualquer gênero.

Toda leitura é feita mediante o acionamento de uma “gramática” daquela composição textual – um conjunto de regras que governam os usos e sentidos ali produzidos.

Essa “gramática” atua de acordo com o interesse do leitor, sua capacidade de observar, de encontrar aspectos peculiares no material que tem em mãos, com o objetivo, principalmente, de inquiri-los, fazendo-lhes perguntas e buscando respostas.

### O parágrafo

Nos textos em prosa, por exemplo, um dos elementos da “gramática” que os compõe é a “arquitetura” em parágrafos associados entre si, tendo cada um deles sua própria estrutura interna.

A percepção da presença de parágrafos pressupõe que se tenha conhecimento dessa unidade composicional. A frequência a textos, ao longo da vida, promove no leitor a identificação de várias estratégias de composição. Sendo assim, o simples contato com produções em prosa comparativamente a outras formas faz com que esse conhecimento passe a fazer parte do domínio do leitor. Trata-se do acionamento das habilidades de observar e de comparar. Por exemplo, observando este módulo de estudos e o poema “Futebol” a seguir, e comparando-os, fica evidente a forma de um, em parágrafos, e a de outro, em versos.

#### Futebol

Futebol se joga no estádio?

Futebol se joga na praia,

futebol se joga na rua,

futebol se joga na alma.

[...]

ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia errante*.

Para uma leitura proficiente, é importante refletir sobre essas disposições, em versos ou em parágrafos.

O parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia *central*, ou *nuclear*, a que se agregam outras, *secundárias*, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 219.

Essa definição não atende a todos os textos, porque a estruturação de um parágrafo depende de outros fatores, como gênero e intencionalidade. Por isso, há o parágrafo-padrão para textos dissertativo-argumentativos, aquele que apresenta estrutura recorrente em textos dessa natureza e que pode ser seguido como parâmetro de escrita.

De qualquer modo, o parágrafo é, graficamente, indicado por um afastamento da primeira linha da margem esquerda da folha, ou de linhas entre um “bloco” de texto e outro. Ele é composto por ideias coerentes e coesas e se associa a outros, em um raciocínio progressivo. Deve apresentar, então, uma unidade



[...] ampla para conter um processo completo de raciocínio e suficientemente curta para nos permitir a análise dos componentes desse processo, na medida em que contribuem para a tarefa da comunicação (TRAINOR; MCLAUGHLIN, 1963 apud GARCIA, 2010.)

Um parágrafo pode ter curta, média ou longa extensão, correspondendo a um conjunto de ideias, sendo uma delas a central e as outras secundárias, todas associadas. Há elementos nas frases que indicam essa organização.

Veja um exemplo:

[1] Engenhos coloniais eram comandados por homens, seus proprietários, conhecidos como senhores de engenho. [2] Os séculos XVI e XVII, com predominância deste último, foram tempo em que **tais personagens** mandavam e desmandavam, retendo, em suas mãos, o poder decisório que jorrava da força econômica. [3] É inegável que, **nesse cenário**, as mulheres tinham pouca oportunidade para protagonismo: viviam, como regra, trancafiadas em casa, saíam às ruas cobertas por mantilha e apenas para poucas atividades (como ir às igrejas, por exemplo), isso quando não eram mandadas pelos pais para algum convento ou retiro. [4] **Distinções sociais** também significavam distinções no modo de vida das mulheres, embora nunca significassem ampla liberdade e igualdade de direitos em relação aos homens.

[...]

IANSEN, Marta. Disponível em: <https://martaiansen.blogspot.com/search?q=Engenhos+coloniais+eram+comandados+por+homens%2C+seus+propriet%C3%A1rios>. Acesso em: 10 set. 2019. [Fragmento]

A organização do parágrafo de Marta Iansen se faz pela sequência de ideias e pela inscrição de determinadas expressões que garantem essa sequência.

Por exemplo, a segunda frase complementa o conteúdo da primeira, ampliando a ideia "eram comandados", pois explicita como se dava esse comando – mandavam, desmandavam, retinham o poder decisório que jorrava da força econômica. Além de a informação inicial ser complementada, há uma expressão que retoma o agente do comando – tais personagens. A terceira frase dá um novo rumo às ideias, acrescentando-lhes um figurante, as mulheres, que, diferentemente, não tinham voz de comando, embora postas na mesma circunstância histórica que os homens mandatários, o que se comprova pela presença da expressão "nesse cenário". A quarta frase fecha o parágrafo, trazendo uma reflexão que acrescenta informações e ao mesmo tempo abarca o que foi dito nas três frases primeiras.

Há, então, uma sequência lógica entre os períodos que compõem esse parágrafo, tanto em relação ao seu conteúdo quanto à forma, que faz as associações, a partir da primeira frase, a ideia-núcleo, denominada **tópico frasal**.

Todo método requer o uso da divisão, um dos principais instrumentos do conhecimento humano: a pessoa apreende, conhece ou assimila o todo através das partes que o compõem, as quais se acham divididas segundo certos critérios lógicos. [...] No aprendizado de qualquer assunto e disciplina, científicos ou não, ocorre a mesma identificação, porém de modo mais complexo. Na escrita, os parágrafos são as principais partes de determinado texto (artigo, capítulo, entrevista, ensaio, etc.). Para assimilar o texto, o leitor precisa entender as partes, isto é, os parágrafos. [...]

FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *A redação pelo parágrafo*. Brasília: UNB, 1999. p. 12.

## A COMPOSIÇÃO INTERNA DO PARÁGRAFO: A IDEIA CENTRAL E AS IDEIAS SECUNDÁRIAS



A leitura é um ato que pressupõe a operação de muitas habilidades. Entre elas, a de observar, comparar, associar e identificar. Os estudos sobre parágrafo exigem esses movimentos mentais para que se perceba a importância de haver uma ideia central, o tópico frasal, e outra(s), secundária(s), além da relação entre elas, como se desenvolvem e possibilitam a progressão do texto.

A **ideia principal** é aquela que orienta o restante do parágrafo. Ela promove o desejo de se saber mais, cria expectativas sobre o tema, de maneira a tornar o texto dinâmico. Por isso, em torno dela giram **as ideias secundárias**, que contribuem para sua consistência. Observe o parágrafo a seguir:

[1] A rebelião no Centro de Recuperação Regional de Altamira, no Pará, durou menos de cinco horas. [2] Foi o suficiente para uma briga entre facções rivais e um incêndio criminoso deixarem o tenebroso saldo de 57 mortes, 41 por asfixia e 16 por decapitação. [3] O confronto começou na manhã da segunda-feira 29, logo após as celas serem destrancadas para o café. [4] Em disputa com o Comando Vermelho pelo controle de rotas do tráfico de drogas na Região Amazônica, o Comando Classe A atacou o pavilhão dos oponentes. [5] Trata-se do maior morticínio em um mesmo presídio desde o massacre do Carandiru, em 1992, quando 111 detentos foram assassinados durante a violenta incursão da PM de São Paulo para retomar o controle do complexo. [6] Há dois anos, Manaus também protagonizou motins que resultaram em 67 mortes em uma semana, mas nem todos cumpriam pena na mesma unidade prisional.

MARTINS, Rodrigo; OLIVEIRA, Thais Reis. Massacre em presídio de Altamira é o maior desde o Carandiru, em 1992. *Carta Capital*, n. 1 066, p. 32.

O parágrafo anterior compõe-se de seis frases. A primeira informa o confronto dentro de uma prisão e seu tempo de duração. A segunda detalha a violência do fato. A terceira relata o momento em que ocorre o atrito. A quarta enuncia os agentes da disputa. A quinta denuncia o recorrente grau de violência no sistema carcerário brasileiro. A sexta confirma o rotineiro estado de violência nas prisões brasileiras.

Essa composição expõe como ideia central a quinta frase – a acusação do repetido cenário de barbárie no sistema carcerário do país. Verifica-se essa centralização porque as primeiras encarregam-se de descrever o que o conteúdo da quinta denuncia: conflito com duração de cinco horas + saldo de 57 mortos de forma horrenda + o início do evento pela manhã, ou seja, algo já preparado + a causa do confronto, uma disputa entre facções = cenário bestial de violência.

Assim, as quatro frases iniciais vão traçando a denúncia na quinta frase, um evento de explícita barbárie, carregado de antecedentes, como o mais violento motim já visto no Brasil, em 1992, no Carandiru. A frase final ratifica a ideia central, exemplificando, com um evento mais recente e igualmente violento, o que ocorreu em Manaus, há apenas dois anos.

Essa estrutura comprova que a frase cinco contém a ideia central, ela é o tópico frasal. As outras giram em torno dela, são secundárias. Atente para a importância de todas, pois as secundárias complementam a principal, dando consistência a ela.

( ) Ondas intensas de vapor e um cheiro adocicado no ar.

( ) Certamente, quem tem frequentado bares e festas nos últimos meses já percebeu essa realidade cada vez mais presente.

GADELHA, Mylena. *Diário do Nordeste*. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/adeptos-dos-cigarros-eletronicos-ainda-desconhecem-os-riscos-a-saude-1.2146440>. Acesso em: 6 dez. 2019. [Fragmento]



02. Nos parágrafos a seguir, grife de uma cor a ideia central de cada um e, de outra cor, as ideias secundárias. Transcreva cada uma delas e justifique como se associam.

### Texto I

[...]

Sempre que duas coisas acontecem ao mesmo tempo, as pessoas observam essas tendências e acham que elas estão conectadas. Não creio que a história seja essa. A classe média na Ásia está indo muito bem porque a economia cresce.

A classe média nas economias avançadas não vão bem porque a desigualdade está aumentando rapidamente e também devido à natureza do crescimento, que vem muito mais das empresas de tecnologia, que tem um número reduzido de funcionários.

São dois padrões de crescimento simultâneos. Mas as pessoas querem tentar conectar os dois e, como sempre, em qualquer país, diante dos problemas econômicos, a coisa mais fácil para um político é colocar a culpa em alguém.

[...]

CANZIAN, Fernando. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/politicos-usam-caricaturas-da-globalizacao-para-ludibriar-eleitores-diz-ex-chefe-do-banco-mundial.shtml>. Acesso em: 25 nov. 2019. [Fragmento]

### Texto II

As imagens chocaram o país: o jovem negro, de 17 anos, nu e amordaçado, sendo chicoteado por dois homens com fios elétricos trançados, por ter roubado uma barra de chocolate. O fato aconteceu há algumas semanas, nos fundos de um supermercado em Vila Joaniza, zona sul de São Paulo. Mas só agora as cenas vieram a público. Elas nos remetem a um Brasil que ainda não chegou a 1888.

[...]

CASTRO, Ruy. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2019/09/a-vida-vale-pouco.shtml>. Acesso em: 6 dez. 2019. [Fragmento]

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01. Organize as frases independentes a seguir formando parágrafos coerentes.



### Parágrafo I

- ( ) Na passagem, cada motorista recebeu pouco mais de US\$ 25 doados pela Cruz Vermelha para pagar o combustível até a Alemanha Ocidental.
- ( ) Milhares de alemães do Leste com vistos de turismo cruzaram a fronteira entre Hungria e Áustria.
- ( ) Há 30 anos, entre a noite de 10 de setembro de 1989 e a manhã seguinte, o êxodo começou.
- ( ) A história inteira, relida hoje, é um conto sobre a indignidade e o declínio de valores.
- ( ) Ali, começou a ruir o Muro de Berlim, que desabaria dois meses depois, no 9 de novembro.

MAGNOLI, Demétrio. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/30-anos-amanha-23932963>. Acesso em: 25 nov. 2019. [Fragmento]

### Parágrafo II

- ( ) Se antes era algo difícil de identificar, hoje estão bem comuns os vaporizadores, também chamados de cigarros eletrônicos ou *vapers*.

## O PARÁGRAFO COMO PARTE DA COMPOSIÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL



Com relação ao texto como um todo, os parágrafos relacionam-se entre si. Eles se apresentam dinamicamente, de forma que um provoque a existência do outro e contribua para a progressão do texto.

Não há uma forma precisa para a composição de um parágrafo. Ela depende das condições de produção, da natureza do assunto, do tipo e do gênero textual, do estilo do autor.

Veja exemplos de parágrafos que compõem textos de tipologia narrativa, expositiva e argumentativa.

### A tipologia narrativa: os parágrafos do gênero notícia

#### Juiz para partida após gritos homofóbicos e Vasco pode ser punido

Por Surenã Dias – 26 de agosto de 2019

1§ O time do Vasco pode contar com sérios problemas no tribunal, após sua torcida proferir frases homofóbicas no último jogo realizado neste domingo (25), contra o time do São Paulo.

2§ Durante o jogo, o árbitro Anderson Daronco precisou paralisar o jogo após ouvir gritos como “time viado”, vindos da torcida do Vasco. A partida só retornou após uma conversa com o técnico Vanderlei Luxemburgo e depois que o locutor do estádio solicitou que palavras de ódio não fossem proferidas pela torcida.

3§ Ao fim do jogo, que terminou com a vitória de 2 a 0 para o Vasco, Daronco relatou na súmula que ouviu os gritos homofóbicos. “Relato que aos 17 minutos do segundo tempo houve um canto vindo da arquibancada da torcida do Vasco em que dizia: ‘time de viado’. Aos 19 minutos do segundo tempo, a partida foi paralisada para informar ao delegado do jogo e aos capitães de ambas as equipes a necessidade de não acontecer novamente”, disse o juiz.

4§ A regra quanto a discurso de ódio nos estádios é relativamente nova. Nesta rodada os clubes, inclusive, podem perder até três pontos por estas atitudes. Segundo o Superior Tribunal de Justiça Desportiva, os casos se enquadram no artigo 243-G do Código Disciplinar.

5§ Esta não é a primeira vez que a torcida do Vasco se envolve com questões homofóbicas. Na última semana a torcida do Flamengo relatou que foi vítima de homofobia, após dois rapazes serem flagrados se beijando na arquibancada. [...]

DIAS, Surenã. Disponível em: <https://observatoriogol.uol.com.br/noticias/2019/08/juiz-para-partida-apos-gritos-homofobicos-e-vasco-pode-ser-punido>. Acesso em: 9 fev. 2019. [Fragmento]

Atente para as informações da referência, que também precisam fazer parte do mapa de informações do leitor, pois se trata de uma fonte de verificação. Esses dados, se presentes no arquivo cultural do leitor, fazem com ele reconheça o suporte do texto, a empresa brasileira UOL; a coluna, que é de notícias; o assunto, que é o mesmo do título, “juiz para partida após gritos homofóbicos e Vasco pode ser punido”; e a data, que é 2019/08; o que leva à dedução de que o texto apresenta tipo narrativo.

Com esse exercício de antecipação, o leitor parte em busca de saber sobre um fato. E passa ao corpo do texto, preparado para dialogar com suas ideias.

O texto é uma narrativa, portanto, relata um fato, para o que se faz necessária a presença de uma voz que narra o evento, este que se desenvolve por meio da ação de personagens, no tempo e no espaço. Em especial, o fato narrado foi registrado em jornal, com intenção de informar. Trata-se, desse modo, de uma notícia, a qual se compõe de cinco parágrafos.

O parágrafo 1, uma só frase, tem como matéria: a) a possibilidade de o time de futebol Vasco sofrer consequências b) de atos de homofobia c) por parte de sua torcida durante determinado jogo; um resumo do que será desenvolvido nos parágrafos que o seguem. O conjunto de informações abre caminho para outros parágrafos que apresentarão detalhes do fato. Por isso, é considerado o tópico frasal do texto, que provoca curiosidade, orienta as outras informações dos parágrafos seguintes e também é alvo delas. Sendo assim, a frase “governa” todo o texto.

O parágrafo 2, aberto por uma expressão temporal – Durante o jogo – e composto de duas frases, explicita dois detalhes: o fato que faria o time “contar com sérios problemas no tribunal” e as ações do juiz que desencadeariam os sérios problemas.

Essa dupla de frases relativas ao tempo decorrido “Durante o jogo” articula a sequência de fatos no decorrer do evento, conteúdo do parágrafo 3. Com três frases que transcrevem a súmula feita pelo juiz, esse bloco mantém o cerne do primeiro parágrafo enquanto detalha o desencadeamento do fato que faria o time “contar com sérios problemas no tribunal”. Pela transcrição da súmula, a jornalista ratifica todo o relatado, encerrando o conjunto de informações necessárias à matéria. Por isso, os parágrafos 4 e 5 seguintes tomam um rumo distinto da sequência narrativa.

O parágrafo 4 se compõe de três frases cujo teor é a ampliação do fato para o domínio jurídico, de forma que a cena relatada no 1º parágrafo fica posta como algo coerente com o mundo das leis, o que torna a notícia bem fundamentada. Veja que a palavra-núcleo desse parágrafo é “regra”, pois as expressões quanto a “discurso de ódio”; “podem perder até três pontos”; “no artigo 243-G do Código Disciplinar”; se relacionam a ela, explicando-a, detalhando-a.

Já as três frases do 5º parágrafo mantêm em evidência a denúncia contra o time, acrescentando um fato que reafirma a postura incriminadora da torcida.

Cada parágrafo dessa narrativa jornalística se constitui de um conjunto de ideias e contribui para a composição do corpo do texto: apresentam o fato, dão continuidade a ele com retomadas, acréscimos e ratificações.

## A tipologia narrativa: os parágrafos do gênero crônica

O texto a seguir também pertence à tipologia narrativa. Porém, trata-se de uma crônica, gênero que, segundo o crítico literário Antonio Candido (1992), “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”<sup>1</sup>. Foi isso que Gregório Duvivier fez em sua crônica.

### Amizade platônica

1§ Fiquei melhor amigo do Antonio Prata sem que ele soubesse. Li o livro *Douglas e Outras Histórias*, presente do Fernando Caruso, amigo meu que já era melhor amigo do Prata sem que ele soubesse. Não parecia que eu tinha lido o livro, parecia que eu tinha sentado num bar com o Prata e ele tinha me contado o livro inteiro. E falando assim parece que foi chato, mas não foi. Foi muito legal. Tanto é que a gente ficou melhor amigo à primeira vista. Sem que ele soubesse, é claro.

2§ Tive algumas oportunidades de conhecê-lo, mas preferi não chegar às vias de fato, porque isso poderia abalar a nossa relação. Vai que ele tem 1,90 m. Eu não posso andar ao lado de um cara de 1,90 m. Vai parecer que eu tenho 1,30 m. Eu sou muito criterioso em relação à altura das pessoas com quem eu ando. Na amizade platônica, a pessoa tem a altura que você quiser. Você só tem os benefícios da amizade, sem aquela obrigação de ir no chá de panela ou liberar no “Candy Crush”.

3§ Caso vocês estejam se perguntando, ele não é o meu único amigo platônico. Tenho alguns, entre eles o Paul McCartney e o Fred do Fluminense. Mas o Prata era o mais íntimo, mesmo.

4§ Até que, outro dia, preparando-me pra lançar meu segundo livro, *Ligue os Pontos*, o pessoal da Companhia das Letras sugeriu que eu e o Prata lançássemos o livro juntos. E me mandaram o livro dele: *Nu, de Botas*. E descobri que a gente não era melhor amigo. A gente era a mesma pessoa. Li as memórias dele com a impressão estranhíssima de que eram as minhas memórias. E eu garanto que isso vai acontecer com você também. Por mais louca e específica que tenha sido a vida do Prata, por mais louca e específica que tenha sido a sua vida, quando o Prata fala da vida dele, parece que é a sua vida, parece que ele é você e sempre foi. Volta e meia tinha que fechar as páginas e lembrar da minha própria vida, pra não misturar com a vida dele.

5§ Cheguei ao Rio determinado a findar essa relação platônica. Em primeiro lugar, é muito narcisismo você ser melhor amigo de você mesmo. Em segundo lugar, a gente teria que se conhecer, pra lançar o livro juntos.

6§ Aí a gente se conheceu. E parecia que a gente já se conhecia há muito tempo. Porque a gente já se conhecia há muito tempo. E tem coisas que a amizade platônica não pode te dar. Ele tem 1,69 m, igualzinho a mim. Na verdade ele tem 1,68 m e mente que tem 1,69 m. Igualzinho a mim. Viva a amizade. A platônica e as outras.

DUVIVIER, Gregório. Amizade platônica. *Folha de S.Paulo*, 11 nov. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivier/2013/11/1369551-amizade-platonica.shtml>. Acesso em: 11 dez. 2019.

A perigrafia instiga o leitor a pensar que o texto se trata ou de um artigo de opinião ou de uma narrativa que trate do trivial – uma crônica, apostando mais no tom do humor, tendo em vista o autor ser um comediante.

O primeiro parágrafo, composto de sete frases, anuncia que o texto é uma narrativa, pois relata a formação de uma dupla de amigos para o lançamento de seus livros, ou seja, aponta para um enredo. A primeira frase, “Fiquei melhor amigo do Antonio Prata sem que ele soubesse”, evidencia a composição narrativa, pois relata um fato.

Diferentemente da notícia de jornal, o primeiro parágrafo dessa narrativa não traz um resumo do fato narrado, mas um relato, uma abertura sedutora para que o leitor permaneça com os olhos presos ao texto e parta para os blocos de ideias seguintes.

Já o segundo parágrafo é composto de frases cuja função é dar continuidade à ideia inicial de uma amizade que não se constrói rapidamente, algo motivado pelo receio do cronista de que Prata fosse alto, muito mais alto que ele, o que denuncia, com humor, certo complexo de inferioridade (aqui é importante um conhecimento prévio: Duvivier tem baixa estatura). Esse complexo de estatura pode ser uma metáfora do receio de a personagem desconhecida também ter maior estatura quanto à qualidade literária.

No terceiro parágrafo, composto de três frases, há uma certa parada no enredo, para que o cronista destile seu humor, listando mais duas pessoas que são seus amigos imaginários, as quais ele admira muito: um astro do *rock* e um astro do futebol. Mais um passo é dado na composição do enredo da crônica, a explicitação da ideia de que a amizade entre o cronista e Antonio Prata perdurou como algo imaginário.

No quarto parágrafo, a narrativa volta a ter continuidade, desencadeada pelas expressões “Até que, outro dia”, ambas demonstrando a passagem do tempo, quando novas ações se dariam, quando a amizade se torna real, pois o cronista descobre que Mário Prata e ele muito se parecem, ainda sem que se encontrassem, por meio da leitura da obra daquele que viria mesmo a ser amigo real do cronista. Nesse momento, o humor se acentua, pois, vendo-se tão semelhante a Prata, o cronista percebe seu narcisismo.

<sup>1</sup> CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés do chão*. In: A crônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

Assim, no quinto e último parágrafo, encerra-se a narrativa. Apresenta-se, então, finalmente, o momento em que Duvivier e Prata se conhecem de perto, e o cronista confirma a amizade que começou distanciada e acaba por se concretizar.

Duvivier produziu uma crônica: uma simples história de amigos que vai aos poucos se revestindo de grandeza, algo acentuado no parágrafo final, quando, num misto de humor e filosofia, os escritores se igualam: ambos têm a mesma estatura – quer física, quer profissional.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 03.** Qual é o núcleo da narrativa de Duvivier? Que passagens ilustram esse núcleo?
- 04.** Compare os textos de Surenã Dias e de Duvivier. Há um modelo de parágrafo a seguir? Em qual deles se manifesta de maneira evidente o ponto de vista do autor? Justifique.

Não há semelhanças quanto à composição dos parágrafos entre os textos até aqui estudados – “Juiz para partida após gritos homofóbicos e Vasco pode ser punido” e “Amizade platônica” –, embora ambos sejam narrativas. No parágrafo, explicita-se o assunto, a dimensão de cada um, o número de frases de sua composição, as relações que estabelecem entre si, tudo isso se ajusta ao gênero e sua situação de comunicação, sem que haja uma receita para essas produções.

Em sua manifestação, os gêneros da tipologia narrativa, quer seja uma notícia, uma crônica, uma piada, uma parábola, etc., têm suas características constituintes e os parágrafos fazem parte dessa constituição, sendo estratégias textuais que garantem a identificação do núcleo do texto, a perspectiva em que se coloca o autor, o quadro de informações, as reflexões, etc.



### PARA REFLETIR

Observe dois parágrafos iniciais de dois gêneros distintos, ambos narrativos. Qual deles indica que o gênero do texto é uma notícia? Qual deles indica que o gênero do texto é uma crônica? Justifique suas respostas, levando em conta a perigrafia, a intenção, a forma, a sequência de ideias e o que anuncia cada um.

#### Texto I

[...]

Um princípio de incêndio assustou alunos da UFF (Universidade Federal Fluminense) na noite desta sexta (6), no centro de Niterói (RJ), durante um evento em homenagem a Fernando Santa Cruz, estudante desaparecido em fevereiro de 1974 após ser preso por órgãos de repressão da ditadura militar (1964-1985).

[...]

BARBON, Júlia. Fogo em estátua que lembra alunos mortos na ditadura assusta estudantes da UFF. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/fogo-em-estatueta-que-lembram-alunos-mortos-na-ditadura-assusta-estudantes-da-uff.shtml>. Acesso em: 06 dez. 2019. [Fragmento]

#### Texto II

[...]

O que há de política? É a pergunta que naturalmente ocorre a todos, e a que me fará o meu leitor, se não é ministro. O silêncio é a resposta. Não há nada, absolutamente nada. A tela da atualidade política é uma paisagem uniforme; nada a perturba, nada a modifica. Dissera-se um país onde o povo só sabe que existe politicamente quando ouve o fisco bater-lhe à porta.

[...]

ASSIS, Machado. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938. Publicado originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, de 01/11/1861 a 05/05/1862. Disponível em: [http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/61\\_31588f38b2cdca0afb1c56e15b408e4f](http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/61_31588f38b2cdca0afb1c56e15b408e4f). Acesso em: 17 dez. 2019. [Fragmento]

## A tipologia expositiva: os parágrafos do gênero artigo especializado

O gênero artigo especializado, que pertence à tipologia expositiva, é um texto cuja intencionalidade é expor ideias, explanar sobre determinado assunto, utilizando-se de recursos objetivos, como a conceituação, a definição, a descrição, a comparação, a informação, a enumeração, sem expor opinião, sem querer o embate com o leitor. A organização dessa modalidade também se dá em parágrafos, com apresentação, retomadas e impulsões de ideias.

### A descoberta de uma nova espécie de pterossauro abre uma rara janela para se entender o ecossistema de um deserto do Cretáceo

1§ Imagine a seguinte cena: um deserto, mais especificamente um oásis. A água era pouca, mas havia plantas nas proximidades das margens da nascente e animais bem diferentes dos atuais vivendo por ali. Lagartos esquisitos, como o *Gueragama*, faziam tocas para se abrigar do sol.



Na vegetação arbustiva, frutificações atraíam vários répteis voadores da espécie *Caiuajara*. De longe, um grupo de dinossauros *Vespersaurus* ficava à espreita, procurando uma oportunidade para se aproximar dos répteis alados, que eram a sua base alimentar. De repente, um som longínquo corta o silêncio e uma sombra passa pela areia. Todos os animais se voltam para cima. Era um pterossauro de mais de três metros. Este aterrissa em cima de uma carcaça de dinossauro. Olha ao redor e, minutos depois, inicia o seu “almoço”.

2§ Cenas que mostram a relação entre organismos extintos são comumente retratadas em filmes sobre a pré-história, em especial envolvendo os dinossauros. O que poucos sabem é que essas relações entre as espécies fósseis são inferidas sem muita comprovação, sobretudo quando se fala nos pterossauros, que foram os primeiros vertebrados a desenvolverem o voo ativo, conquistando os céus do passado longínquo do nosso planeta. Até hoje, eram conhecidas apenas três acumulações em grandes quantidades desses répteis alados concentradas em um mesmo nível: uma na Argentina, outra na China e uma no Brasil. Em todas foi encontrada apenas uma única espécie. Mas agora pesquisadores (incluindo este colunista) acabam de anunciar a descrição de um novo pterossauro, que foi encontrado associado a outra espécie de réptil voador já conhecida e a um dinossauro. O trabalho foi publicado em destaque nos *Anais da Academia Brasileira de Ciências*.

3§ O novo pterossauro, *Keresdrakon vilsoni*, foi encontrado em um sítio denominado “cemitério dos pterossauros”, que fica nos arredores da cidade Cruzeiro do Oeste, no Paraná. Em 2014, foram descritos os primeiros fósseis desse depósito: centenas de ossos do pterossauro *Caiuajara*! Era a primeira acumulação em massa – também chamada de *bonebeds* – de pterossauros no Brasil. Depois, foi encontrado o lagarto *Gueragama* e, mais recentemente, o dinossauro *Vespersaurus*, do qual já se tinha conhecimento antes da publicação. Aliás, existem muitos exemplares desse dinossauro bastante interessante depositados no Centro Paleontológico da Universidade do Contestado (CENPALEO), em Mafra (Santa Catarina), que estão sendo estudados. E agora temos o *Keresdrakon*.

4§ A importância do trabalho não se limita a apresentar uma nova espécie. O mais interessante nesse estudo – e que pode passar despercebido por alguns pesquisadores – é o fato de se encontrar uma sucessão de três horizontes com grande concentração de ossos (os *bonebeds*) com a associação de duas espécies de pterossauros, cada uma especializada em um modo de vida e hábito alimentar.

5§ O *Caiuajara* pertence ao grupo chamado Tapejarinae, considerado frugívoro e que devia se alimentar de pequenas frutificações. Como foi encontrado em grande quantidade, esse réptil alado deve ter vivido em bandos. Já o novo pterossauro, o *Keresdrakon*, encontrado em menor quantidade, deve ter tido um hábito solitário. Muito provavelmente se alimentava de ovos, filhotes ou indivíduos muito jovens de *Caiuajara*.

Alternativamente, ele também poderia ter sido uma espécie carniceira, se alimentando de carcaças de pterossauros, bem como do dinossauro *Vespersaurus*. Ou seja, dois hábitos alimentares bem distintos, algo que se espera de espécies que dividem o mesmo espaço geográfico.

6§ O estudo ainda apresenta novos dados sobre o *Vespersaurus*. Esse dinossauro, encontrado em abundância, mas em menor quantidade que o *Caiuajara*, também deveria ter vivido em pequenos bandos e se alimentado do *Caiuajara*. Seria mais difícil para ele caçar o *Keresdrakon*, que, com os seus 3 metros de abertura alar, era bem maior.

7§ O nome *Keresdrakon* é a junção de *Keres*, que, na mitologia grega, são espíritos que personificaram a morte violenta, e *drakon*, que significa dragão ou grande serpente, em grego antigo. Já o nome *vilsoni* é uma justa homenagem ao Sr. Vilson Greinert, que dedicou horas do seu tempo à preparação de fósseis, inclusive os que estão expostos em Cruzeiro do Oeste. Justiça está sendo feita a esse grande incentivador da paleontologia! Esse trabalho é fruto da união de cientistas de diferentes instituições, que, além de fazer essa importante descoberta, estão auxiliando na reconstrução do Museu Nacional / UFRJ.

Alexander W. A. Kellner. *Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Ciências*.

KELLNER, Alexander W. A. *Ciência hoje*. Disponível em: <http://cienciahoje.org.br/artigo/um-novo-dragao-alado-do-brasil/>. Acesso em: 10 set. 2019.

Desta vez, parte da descrição da composição dos parágrafos será feita por você, começando pelos dados da perigrafia.

1. Que informações estão explícitas nesses dados? A partir deles, que hipóteses podem ser estabelecidas quanto ao gênero e a algumas de suas estratégias?
2. O título do texto confirma alguma das hipóteses feitas na questão anterior?
3. Observe o segundo parágrafo: seu início trata de cenas que mostram a relação entre organismos extintos. O autor refere-se a cenas retratadas em filmes, ficcionalmente, expondo espécimes fósseis sem existência comprovada, justamente o que é descrito no primeiro parágrafo. Assim se estabelece a relação entre os dois primeiros parágrafos: o primeiro ilustra o que será tratado no segundo. Mas, se as cenas são fictícias, se apresentam situações que ilustram inferências e não certezas, por que tratar delas em um texto que expõe ideias científicas?
4. Divida o segundo parágrafo em duas partes, de acordo com as observações feitas na questão anterior, demonstrando: a) como o conteúdo dessas partes se apresenta com a finalidade de expor a ideia-chave do texto; b) como se associam os dois parágrafos iniciais.

Feitas as análises dos dois primeiros parágrafos, observe que o terceiro parágrafo compõe-se da descrição das descobertas feitas pelos pesquisadores. Sendo assim, dá continuidade à ideia central do parágrafo anterior. Isso leva à dedução de que a passagem **“agora pesquisadores (incluindo este colunista) acabam de anunciar a descrição de um novo pterossauro, que foi encontrado associado a outra espécie de réptil voador já conhecida e a um dinossauro”** se materializa nas ideias que lhe seguem, o que faz dela o tópico frasal. Todo o texto se refere a ela, desenvolvendo-a, complementando-a.

5. Descreva a composição de ideias dos parágrafos de número 4§ a 7§, de forma a verificar a validade da dedução do tópico frasal destacado anteriormente.

Embora o 5§ se relacione com os parágrafos anteriores e contribua para a garantia do tópico frasal, ele tem, em seu interior, uma estrutura específica: uma ideia central e outra(s) secundária(s). Observe:

[1] O *Caiuajara* pertence ao grupo chamado Tapejarinae, considerado frugívoro e que devia se alimentar de pequenas frutificações. [2] Como foi encontrado em grande quantidade, esse réptil alado deve ter vivido em bandos. [3] Já o novo pterossauro, o *Keresdrakon*, encontrado em menor quantidade, deve ter tido um hábito solitário. [4] Muito provavelmente se alimentava de ovos, filhotes ou indivíduos muito jovens de *Caiuajara*. [5] Alternativamente, ele também poderia ter sido uma espécie carniceira, se alimentando de carcaças de pterossauros, bem como do dinossauro *Vespersaurus*. [6] Ou seja, dois hábitos alimentares bem distintos, algo que se espera de espécies que dividem o mesmo espaço geográfico.

6. Divida o parágrafo em três partes, colorindo cada uma de uma cor, e responda: a) qual dessas três partes é o tópico frasal desse 5§? Justifique; b) qual é a relação entre esse 5§ e o tópico frasal do texto como um todo?

Pode-se concluir, então, que um parágrafo tem uma estrutura interna: uma ideia central, um tópico frasal, em torno da qual giram ideias secundárias. Também pode-se inferir que esse mesmo parágrafo pode ser parte de um todo, com a função de completar, ampliar, confirmar o tópico frasal desse todo. Nesse caso, ele será também um bloco de ideias secundárias.

7. Redija um texto informando se há ou não parcialidade do autor quanto ao tema tratado. Justifique, considerando a tipologia e o gênero em que o texto se enquadra.

## A tipologia argumentativa: os parágrafos do gênero artigo de opinião

O gênero artigo de opinião, que pertence à tipologia argumentativa, tem como intencionalidade expor opinião para efeito de promoção do embate, debate, discussão. Isso é feito por meio de argumentos, com as mais diversas composições, como conceituação, definição, descrição, comparação, presença de dados, enumeração e referências a nomes, livros, filmes, etc. A organização dessa modalidade também se dá em parágrafos, com apresentação, retomadas e impulsões de ideias.

Leia atentamente o texto, começando pela perigrafia a seguir. Que informações estão explícitas nesses dados? Por eles, é possível estabelecer hipóteses quanto ao gênero e algumas de suas estratégias?

Marcelo Gleiser Professor de física e astronomia na Universidade Dartmouth (EUA), autor de *A Simples Beleza do Inesperado*.

GLEISER, Marcelo. Flertando com o desconhecido. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/2018/06/flertando-com-o-desconhecido.shtml>. Acesso em: 9 set. 2019.

Os dados deixam claro o nome do autor e sua área de atuação; o título do texto; o suporte. É possível estabelecer a hipótese de que se tratará de texto científico (o autor é um cientista), expositivo ou argumentativo (textos dessa ordem discorrem sobre fatos da natureza, mas também podem defender certas ideias), com linguagem objetiva (a interpretação de suas informações deve ser literal).

Com base nisso, torna-se possível o leitor adentrar os parágrafos do texto, confirmando ou negando suas hipóteses e ainda complementando-as, num constante exercício de reflexões.

### Flertando com o desconhecido

1§ Muita gente acha que a ciência é uma atividade sem emoções, destituída de drama, fria e racional. Na verdade, é justamente o oposto. A premissa da ciência é a nossa ignorância, nossa vulnerabilidade em relação ao desconhecido, ao que não sabemos.

2§ A ciência é um flerte com o não saber, com o desconhecido que nos cerca. Existe sempre uma sensação de insegurança, de não termos certeza se estamos indo na direção certa. Nos casos mais comuns, quando experimentos revelam novos aspectos da natureza que sequer haviam sido conjecturados, a enorme surpresa, a sensação de tatearmos no escuro, pode levar ao desespero.

3§ E agora? Se nossas teorias não podem explicar o que estamos observando, como ir adiante?

4§ Nenhum exemplo na história da ciência é mais revelador desse drama do que o nascimento da física quântica, que descreve o comportamento dos átomos e das partículas subatômicas, e que essencialmente está por trás de toda a revolução digital que rege a sociedade moderna.

5§ Ao final do século 19, a física estava com muito prestígio. A mecânica de Newton, a teoria eletromagnética de Faraday e Maxwell, a compreensão dos fenômenos térmicos, tudo levava a crer que a ciência estava perto de chegar ao seu objetivo final, a compreensão de toda a natureza.

6§ Ao menos assim pensavam vários físicos eminentes. Grande engano. Para a surpresa de muitos, experimentos revelaram fenômenos que não podiam ser explicados pelas teorias da chamada era clássica.

7§ Não se entendia por que corpos aquecidos acima de certas temperaturas brilhavam com aquela luz avermelhada que vemos nas brasas de uma boa fogueira. Não se entendia por que a luz violeta podia tornar uma placa metálica eletricamente carregada enquanto a luz amarela nada fazia, deixando a placa neutra. Não se sabia se átomos eram ou não entidades reais, já que a física clássica previa que seriam instáveis, com os elétrons espiralando em direção ao núcleo.

8§ Gradualmente, ficou claro que uma nova física era necessária para lidar com o mundo do muito pequeno. Mas que física seria essa? Ninguém queria mudanças muito radicais. Ou quase ninguém.

9§ A primeira ideia da nova era veio de Max Planck. Em 1900, propôs que átomos recebem e emitem energia em pequenos pacotes, que chamou de “quanta”. Antes disso, todos achavam que qualquer sistema emitia e recebia energia continuamente, como quando aquecemos um bule de água.

10§ Eis como Planck relatou seu estado emocional ao propor a ideia do *quantum*: “resumidamente, posso descrever minha atitude como um ato de desespero, já que por natureza sou uma pessoa pacífica e contrária a aventuras irresponsáveis ... quaisquer que fossem as circunstâncias, qualquer que fosse o preço a ser pago, eu tinha que obter um resultado positivo”.

11§ O uso da palavra “desespero” é revelador. Planck viu-se forçado a propor algo de fundamentalmente novo, que ia contra tudo o que havia aprendido até então e que acreditava ser correto sobre a natureza. Abandonar o velho e propor o novo requer muita coragem intelectual. E muita humildade, algo que faltava aos que achavam que a física estava quase completa.

12§ Planck o fez, pois sabia que a Física tinha como missão explicar o mundo natural, mesmo que a explicação contrariasse seus preconceitos. Os experimentos não deixavam dúvida de que algo de novo era necessário. Planck, um modelo da integridade de um cientista, sabia que seu compromisso com a natureza era o único que importava.

13§ Nunca devemos supor que nossas ideias tomam precedência sobre o que a natureza nos diz. A ciência é um jogo de pega-pega, e a natureza está sempre na nossa frente.

14§ Como o exemplo de Planck, existem muitos outros cientistas que, deparados com resultados misteriosos e surpreendentes, lutam para propor e aceitar ideias que vão contra o que acreditam ser correto.

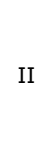
15§ Talvez essa seja a lição mais importante da ciência: a natureza nem sempre corresponde aos nossos anseios e precisamos encará-la com a humildade de quem sabe muito pouco.

*Marcelo Gleiser Professor de física e astronomia na Universidade Dartmouth (EUA), autor de A Simples Beleza do Inesperado.*

GLEISER, Marcelo. Flertando com o desconhecido. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/2018/06/flertando-com-o-desconhecido.shtml>. Acesso em: 9 set. 2019.

Para compreender o texto, é preciso buscar sua ideia central, aquela em torno da qual giram todas as outras, as secundárias. No primeiro parágrafo, há uma estrutura que permite estabelecer essas relações. Veja o jogo de setas feito para ilustrar a relação entre as três frases que o compõem.

I. Muita gente **acha que a ciência** é uma **atividade sem emoções, destituída de drama, fria e racional**.



II. Na verdade, é justamente o oposto.

III. **A premissa da ciência** é a **nossa ignorância, nossa vulnerabilidade** em relação ao desconhecido, ao que não sabemos.

Tem-se a afirmativa I. A afirmativa II nega a afirmativa I e abre espaço para a afirmativa III, promovendo um diálogo entre elas. A III explica a II, de forma a anular a I. Negada, a afirmativa I perde força no parágrafo.

Agente da negação, a afirmativa III ocupa o lugar de tópico no parágrafo, por meio de palavras de campo semântico contrário ao da primeira:

atividade sem emoções, destituída de drama,  
fria e racional

X

a emoção da ciência está em sua busca do saber,  
sua ignorância e vulnerabilidade assumidas.

Ela sinaliza, assim, que os parágrafos seguintes se encarregarão de comprová-la, sendo então o tópico frasal.

A serviço desse “período-tópico”, os parágrafos trarão ideias que o comprovem: a ciência atua orientada pela vulnerabilidade, pela ignorância, pela incerteza.

Uma das formas de se verificar isso é observando a repetição ou retomada de palavras-chave por meio de expressões sinônimas ou de mesmo campo de significado. No segundo parágrafo, são várias: “um flerte com o não saber, com o desconhecido”; “sensação de insegurança, de não termos certeza”; “a enorme surpresa”; “sensação de tatearmos no escuro”.

As retomadas gerenciam as ideias do parágrafo, no qual o autor explicita a emoção que acompanha cientistas quando têm revelações em suas pesquisas.

No parágrafo 4, ocorre a mesma recuperação do período-tópico, com a palavra “drama”. O parágrafo também dá início a uma forma de comprová-lo: um exemplo que ilustra a emocionante vulnerabilidade da ciência, nos parágrafos seguintes. Trata-se da frustração dos cientistas ante sua expectativa de que finalmente “a ciência estava perto de chegar ao seu objetivo final, a compreensão de toda a natureza”, conforme relatam os parágrafos 5 a 12, carregados de passagens, expressões, palavras que ilustram a ignorância e vulnerabilidade da ciência. Veja:

6§ “Ao menos assim pensavam [...] Grande engano. Para a surpresa de muitos [...]”

7§ “Não se entendia [...] Não se entendia [...] Não se sabia.”

8§ “Gradualmente, ficou claro [...] Mas que física seria essa?”

9§ “[...] propôs [...] todos achavam que [...]”

10§ “[...]” resumidamente, posso descrever minha atitude como um ato de desespero [...]”

11§ “Planck viu-se forçado a propor algo de fundamentalmente novo, que ia contra tudo o que havia aprendido até então e que acreditava ser correto sobre a natureza. Abandonar o velho e propor o novo requer muita coragem intelectual. E muita humildade [...]”

12§ “[...] a Física tinha como missão explicar o mundo natural, mesmo que a explicação contrariasse seus preconceitos. seu compromisso com a natureza era o único que importava”.

A “gramática” dos parágrafos contribui para a garantia do tópico frasal, pois denotam imprecisão, como a seleção de verbos (“pensavam”) e de adjuntos adverbiais (“ao menos assim”). Também a descrição do pensamento e das atitudes de Planck, que se vê tendo de assumir mudança de postura e pensamento.

O último bloco encerra a argumentação, considerando que a humildade é um dos atributos do cientista, um retorno ao tópico frasal: “A premissa da ciência é a nossa ignorância, nossa vulnerabilidade em relação ao desconhecido, ao que não sabemos”.

Trata-se de uma composição circular, que parte de uma frase-chave, que se apresentou em um parágrafo introdutório. Segue para o desenvolvimento dessa frase-chave, comprovando-a – nesse caso, por meio de um relato de experiência que exemplifica a ideia central. Encerra esse desenvolvimento, retornando à frase-chave, que se apresenta em um parágrafo.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

05. Leia o texto a seguir:

### Guga poderia virar um assassino?

1§ Dois jovens, quase a mesma idade, poucos meses de diferença, comoveram, na semana passada, o Brasil.

2§ Um deles é branco, 23 anos, ganhou fama com uma raquete de tênis na mão. Outro, negro, 22 anos, ganhou fama com um revólver na mão.

3§ Na segunda-feira, Gustavo Kuerten, o Guga (\*), cercado de fãs, se deixava fotografar em frente à Torre Eiffel, com o troféu que levou no torneio de Roland Garros, que projetou-o para o primeiro lugar do *ranking* mundial – e o deixou U\$ 600 mil mais rico.

4§ Naquele mesmo dia, Sandro do Nascimento (\*\*), cercado de policiais, depois de um atabalhoado sequestro, era jogado num camburão, onde morreu sufocado – ele queria R\$ 1 mil.

5§ Ambos foram acompanhados, minuto a minuto, em tempo real, seja na quadra de tênis ou no ônibus. Cada qual ficou em seu palco, quase quatro horas, conectados pela TV. Mas o suspense provocado pela raquete de Guga, nas quase 4 horas que precisou para derrotar o adversário, nos ensina sobre o que melhor podemos ser, graças à união da técnica, talento e perseverança.

6§ O suspense de Sandro, também quatro horas no ônibus em que tinha o mundo adversário e uma refém nos braços, nos ensina sobre o que pior podemos ser, graças à união da falta de técnica, despreparo e omissão.

7§ Pelo seu jeito desengonçado, Guga não inspirava confiança quando ganhou pela primeira vez Roland Garros e rompeu a barreira do anonimato.

8§ Sandro nunca inspirou confiança e só rompeu a barreira do anonimato quando sequestrou, matou e foi assassinado – seu único dia de notoriedade foi também seu último dia de vida, ele que escapara da notória chacina da Candelária.

9§ Se, numa hipótese absurda, jogássemos Guga, naquele mesmo ano em que nasceu, no ambiente que levou Sandro para a rua, provavelmente estaria preso ou morto. Guga chegou aonde chegou porque recebeu apoio, estímulo e orientação.

10§ Vimos, pela TV, que, encerrado o jogo, domingo passado, ele quis saber onde estava seu técnico e, estilo menino travesso, subiu as cadeiras para abraçá-lo.

11§ Nas saudações, falou de seus familiares e, num simpático gesto provinciano, mandou pelas câmeras beijos para os parentes. Sabia que, por trás do troféu, estavam os familiares e o técnico.

12§ Todo grande vencedor tem uma grande dívida com alguém que o ajudou a prosperar. Sandro chegou aonde chegou porque, ao contrário, lhe faltou apoio, estímulo e orientação.

13§ Não teve ajuda da família, da escola ou de instituições públicas. Pior, elas apenas serviram para marginalizá-lo, mantendo-o deseducado e, por consequência, desempregado.

14§ Por trás do corpo asfíxiado estava a família desestruturada, devastada pela violência e drogas.

15§ Todo grande derrotado também têm um grande crédito com alguém ou algo que o ajudou a afundar.

16§ Nessa quadra chamada Brasil, Guga e Sandro estavam divididos exatamente pelas linhas que incluem e excluem, que dão ou tiram chances, que fazem prosperar ou regredir.

17§ A quadra faz derrotados e perdedores.

[...]

18§ Se temos mais medo e vergonha do Brasil do que orgulho e confiança é porque nossas linhas divisórias criam mais espaço para gerar Sandros do que Gugas.

[...]

20§ Os números mostram, com clareza, como o desemprego atinge, mais pesadamente, em particular aqueles com baixa escolaridade.

21§ E também mostram como a renda está caindo especialmente nas regiões metropolitanas.

[...]

24§ Vamos seguir produzindo mais chances de Sandros do que Gugas.

25§ Somos, enfim, uma nação de perdedores.

DIMENSTEIN, Gilberto. Guga poderia virar um assassino? *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/gilberto/gd180600.htm>. Acesso em: 12 set. 2019. [Fragmento]

(\*) Gustavo Kuerten, conhecido como Guga, é um ex-tenista profissional brasileiro, condecorado com posição no Hall da Fama da Associação de Tenistas Profissionais.

(\*\*) Sandro Barbosa do Nascimento, também conhecido como Alê da Candelária, foi um sobrevivente do massacre da Candelária, em 1993. Sete anos mais tarde Sandro sequestrou o ônibus 174, fato que foi televisionado para todo o país e até mesmo para o exterior.

Fonte: Wikipédia.

A) O texto de Gilberto Dimenstein foi dividido em três partes. Dê um título a cada uma dessas partes:

1ª parte: \_\_\_\_\_

2ª parte: \_\_\_\_\_

3ª parte: \_\_\_\_\_

B) Cada uma dessas partes possui um tópico frasal. Identifique-os e transcreva-os:

1ª parte: \_\_\_\_\_

2ª parte: \_\_\_\_\_

3ª parte: \_\_\_\_\_

C) Não há um espaço definido para o parágrafo no qual se apresenta o tópico frasal, ou seja, quem “manda” no texto é o autor, que escreve de forma a atender seus objetivos. Gilberto Dimenstein explicita sua posição, conforme demonstram as ideias-núcleos de cada parte. Entre esses três tópicos frasais, há algum que norteie todo o texto, ou seja, que seja sua ideia-núcleo, aquela à qual servem todos os outros parágrafos? Justifique.

D) Gilberto Dimenstein também utiliza recursos expressivos para demonstrar sua visão de mundo a respeito do tema, por exemplo, ao fazer um quadro comparativo de semelhanças, diferenças e oposições entre duas personagens. Outro recurso pode ser verificado pelos termos destacados no parágrafo a seguir. Analise-os de forma a deixar claro seus efeitos de sentido quanto à parcialidade do autor.

- Se, **numa hipótese absurda, jogássemos** Guga, naquele mesmo ano em que nasceu, no ambiente que levou Sandro para a rua, provavelmente estaria preso ou morto. Guga chegou aonde chegou porque recebeu apoio, estímulo e orientação.

06. Leia a reportagem a seguir para identificar critérios que evidenciam a parcialidade em um texto.

#### Filme que venceu Gramado é um dos afetados por fim de programa da Ancine

1§ Vencedor do Festival de Gramado deste ano, *Pacarrete* foi um dos filmes prejudicados pela decisão da Ancine, a Agência Nacional do Cinema, de suspender provisoriamente seu programa de apoio a produções brasileiras em eventos internacionais.

2§ O filme, dirigido por Allan Deberton – produtor de uma das séries de um edital de TVs públicas censurado pelo governo no final de agosto – teve o pedido de apoio para ser exibido no Festival de Bogotá, na Colômbia, negado.



3§ Publicada nesta terça (10) e tomada pelos únicos dois membros remanescentes na diretoria do órgão após o afastamento de Christian de Castro da presidência – o que a torna *ad referendum*, isto é, sujeita a uma aprovação colegiada posterior, a decisão é parte de uma deliberação que dita a prioridade do pagamento da contribuição anual ao Ibermedia, programa de estímulo à promoção e à distribuição de filmes ibero-americanos.

4§ Cineastas responsáveis por outras cinco produções, entre curtas e longas-metragens, dizem ter sido lesados pela decisão da diretoria. Isso porque, tendo tido seus pedidos de apoio aprovados pela Ancine, compraram passagens aéreas para os respectivos festivais de que participariam. Só depois receberam o aviso de suspensão do programa.

[...]

6§ A mineira Juliana Antunes conta ter recebido o aval da agência para levar seu curta *Plano Controle* ao New York Film Festival (NYFF), com início em 27 de setembro, isto é, daqui a duas semanas.

7§ Além dela, a única outra produção de DNA completamente nacional na programação era o *hit Bacurau*, de Juliano Dornelles e Kléber Mendonça Filho. Ganhador do prêmio do júri do Festival de Cannes deste ano, marcou um ano em que a crítica internacional voltou seus olhos para o Brasil.

8§ Antunes também negociava apoio para ir ao Viennale, que acontece no final de outubro em Viena, e para o Festival Internacional de Cinema de Mar del Plata, na Argentina, em novembro. “Como virar dinheiro da noite pro dia e arcar com uma viagem para a qual não tenho a menor condição financeira?”, questiona a diretora, acrescentando que o NYFF não arca com despesas de hospedagem e alimentação.

9§ Diretora de *Entre*, curta que compete no BFI London, Ana Carolina Marinho Dantas apelou para uma vaquinha virtual para conseguir apresentar seu filme na capital britânica. Além disso, conseguiu negociar com o festival uma ajuda de custo de 200 libras (cerca de R\$ 1 000) que tinha sido negada por causa do apoio da Ancine. Agora, articula uma ação jurídica conjunta contra o órgão junto com outros cineastas prejudicados.

10§ A suspensão do programa acontece em um momento de crise na agência.

11§ Além de sucessivas tentativas de controle por parte do presidente Jair Bolsonaro, que anunciou a mudança do órgão do Rio para Brasília e defende a implementação de “filtros” de conteúdo às produções nacionais, há duas semanas o diretor Christian de Castro foi afastado e acusado de um conluio para manchar a imagem dos outros membros da diretoria.

BALBI, Clara. Filme que venceu Gramado é um dos afetados por fim de programa da Ancine. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/filme-que-venceu-gramado-e-um-dos-afetados-por-fim-de-programa-da-ancine.shtml>. Acesso em: 15 set. 2019.

[Fragmento]

- A) Caso a jornalista Clara Balbi, no 1§, tivesse usado a palavra “atingidos” no lugar da palavra “prejudicados”, qual seria o efeito de sentido?
- B) A palavra “afastamento” (3§), neste texto, é usada como um eufemismo. Explique essa afirmativa.
- C) “Remanescentes” (3§) significa “restantes”. O verbete, associado à informação sobre o afastamento de Christian de Castro de seu cargo de presidente, traz qual informação subjacente? Essa informação revela a intencionalidade da autora?
- D) Além da seleção vocabular, outros recursos evidenciam a posição do autor, entre eles a estrutura do texto. Observe como são compostos os parágrafos de 4§ a 10§. Note que, dos 11 parágrafos do texto, 7 apresentam depoimentos. Como essa composição afeta a parcialidade do texto?
- E) O último parágrafo apresenta uma expressão e um sinal gráfico que deixam clara a posição da jornalista Clara Balbi. Grife-os no texto e transcreva-os a seguir. Em seguida, escreva um parágrafo explicando o que esses recursos insinuam.



#### PARA REFLETIR

Observe a imagem:

FOLHA DE S.PAULO

☰  Buscar

**cotidiano**

**tragédia no rio doce**

**Tragédia de Mariana**  
~~já~~ **SO** **custou R\$ 655**  
**milhões para**  
**mineradora Samarco**  
**ATÉ AGORA**

ESTEVÃO BERTONI  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA  
JOSÉ MARQUES  
DE BELO HORIZONTE  
15/10/2016 02h00

CANETA desmanipuladora. Disponível em: <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora/photos/a.245804172452703/324004467966006/?type=3&theater>. Acesso em: 15 set. 2019.

O *blog* Caneta Desmanipuladora tem como finalidade denunciar, por meio da ironia, a parcialidade de alguns veículos de comunicação.

Assim como o *blog* mencionado, selecione manchetes e altere-as, de forma a evidenciar a parcialidade dos veículos de comunicação. Busque mais exemplos nos quais você possa se inspirar.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**01.** (Unicamp-SP-2022) Numa questão da 1ª Fase do vestibular Unicamp 2022, você leu que, na tradição dos povos indígenas, todo conhecimento de plantas, de cura, de mitos e narrativas é produzido de maneira oral, transmitido por seus anciãos e anciãs; deste modo, tal conhecimento precisa ser registrado e mantido pelos jovens. Leia, agora, o texto a seguir:

Em junho de 2020, o pesquisador Fernando Cespedes transformou sua tese de doutorado (USP-2019) em *podcast* para levá-la a um público mais amplo. “É muito importante criar um ambiente sonoro de alta-fidelidade e que faça o ouvinte mergulhar nos sons, porque a ideia é recriar uma experiência de contação de histórias”, explica. Assim como o texto escrito, os sons são elementos narrativos, e tanto o ritmo quanto o desenho de som são essenciais para revelar o ser-sonoro e captar a atenção do ouvinte.

“A escuta nos obriga a reconhecer tudo o que está ao redor, já que ela não reconhece barreiras”, reflete o pesquisador. E aponta a dominação histórica da visão, no mundo europeu, como responsável por isolar e transformar em objeto tudo que está fora. “Não há pálpebras nos ouvidos. Então, o principal ganho de cultivarmos uma relação mais sonora com o mundo é nos aproximarmos e nos incluímos nele, abandonarmos a ideia de um mundo externo, fora de nós. Foi essa noção de um mundo externo – que pode ser domado ou conquistado – que guiou o colonialismo e a pior face do capitalismo. Não é à toa que sociedades nas quais a escuta é elemento central são mais sustentáveis e integradas aos seus ambientes.”

PRADO, Luiz. *Podcasts* revelam como a música cria o mundo e a humanidade. *Jornal da USP*, 31 ago. 2020 (Adaptação).

- Considerando o primeiro parágrafo do texto, cite uma proposta que poderia contribuir para a conservação da memória das narrativas dos povos indígenas e justifique sua resposta.
- Indique dois ganhos e duas perdas em nossas relações com os mundos sonoros e visuais, mencionados no segundo parágrafo.

**Instrução:** Leia o trecho inicial do conto “A doida”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder às questões de **02** a **06**.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os são, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar<sup>1</sup> a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrehados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebrandando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos racontos<sup>2</sup> antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativoiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando.

Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão<sup>3</sup>.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

*Contos de aprendiz. 2012.*

<sup>1</sup> lapidar: apedrejar.

<sup>2</sup> raconto: relato, narrativa.

<sup>3</sup> irrisão: zombaria.

- 02.** (UNIFESP–2019) De acordo com o segundo parágrafo,
- os garotos, ao descerem a rua, tinham como principal objetivo provocar a doida.
  - as explicações dadas pelas mães para condenar as provocações à doida não comoviam os garotos.
  - as provocações dos garotos à doida não comoviam ninguém.
  - as mães, apesar de dizerem o contrário, consideravam as provocações dos seus filhos à doida uma mera brincadeira.
  - as mães, por considerarem a doida responsável por sua loucura, não repreendiam seus filhos.
- 03.** (UNIFESP–2019) “Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão.” (4º parágrafo)

Ao empregar a expressão “Deus sabe por que razão”, o narrador reforça, em relação à história divulgada, o seu caráter

- fantasioso.
- dramático.
- religioso.
- incerto.
- popular.

- 04.** (UNIFESP–2019) No trecho “Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os são, fomos aquinhoados” (2º parágrafo), em respeito à norma-padrão, estaria correto o uso da preposição “a” em lugar de “com” se a expressão sublinhada fosse substituída por

- fazemos jus.
- recebemos.
- somos merecedores.
- estamos satisfeitos.
- nos orgulhamos.

- 05.** (UNIFESP–2019)



- “loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo” (4º parágrafo)
- “Ninguém tinha ânimo de visitá-la” (4º parágrafo)
- a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso” (5º parágrafo)

Os termos sublinhados foram empregados, respectivamente, em sentido

- literal, literal e literal.
- figurado, literal e figurado.
- literal, literal e figurado.
- figurado, figurado e literal.
- figurado, figurado e figurado.

- 06.** (UNIFESP–2019) “Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.” (5º parágrafo) Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado expressa ideia de

- finalidade.
- causa.
- proporção.
- comparação.
- consequência.

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões de 07 a 09.

### A roda e a civilização

Considerando-se tudo o que ela proporcionou de forma direta, tudo o que dela derivou e tudo o que ela ajudou a ser possível, a roda foi a principal invenção humana. Sua história remonta a alguns milênios: estima-se em 6 000 anos o conhecimento de seu uso pela civilização sumeriana, às margens do Eufrates. Desde lá, milhões de rodas, pequenas ou grandes, vêm dotando a vida de mais energia e movimento. “Um dos principais indicadores do progresso consumista de um país costuma ser medido pela facilidade com que seus habitantes podem se locomover e transportar produtos – em outras palavras, pelo número de rodas que fazem o país girar”, lê-se num *site* da Internet.

Na origem de tudo estaria o movimento de troncos de árvores, utilizados para deslocar, com menor esforço e atrito, grandes blocos de pedra. Não tardou que os rolos se transformassem em discos providos de eixos, e a evolução foi natural: passou-se a proteger as rodas de madeira com ferro, com borracha sólida, associou-se a roda à tração animal, e por fim aos motores. A roda passou a moer grãos, a gerar energia mecânica e elétrica. Além de economizar trabalho humano, aliou-se ao nosso lazer: quantos já não curtiram a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira ou um longo passeio de bicicleta? No século XIX, John Boyd Dunlop, veterinário escocês, tornou a bicicleta de seu filho muito mais confortável, inventando o pneumático.

Pense-se na roda transportando o cavalo de Troia e os canhões de Napoleão, o açúcar nos carros de boi e os trabalhadores boias-frias empoleirados em velhos caminhões, os migrantes, os turistas dos confortáveis trens europeus e as toneladas de carga nos vagões de uma centopeia de ferro... Os aviões supersônicos, que furam as nuvens, requerem rodas para ganhar impulso na pista. A visão bucólica dos moinhos, girando suas pás pela força da água ou do vento, alimenta nossa imaginação e nos faz figurar o próprio tempo como uma roda que gira interminavelmente. E como esquecer as rodas dentadas que até hoje propulsionam com precisão os relógios, dos de pulso aos das grandes catedrais? No centro de complexas engrenagens, as rodas constituíram o cenário principal de uma obra-prima do cinema, *Tempos modernos*, que Charlie Chaplin dirigiu e protagonizou em 1936. Nesse filme, o operário (Carlitos) é apresentado, literalmente, como peça de uma engrenagem que parece devorá-lo, numa evidente crítica ao produtivismo desumano.

Num laboratório de Química, na projeção de um filme, nas corridas alucinadas de fórmula 1, no carrossel infantil, nos instrumentos de precisão, na tecelagem, nas gigantescas atrações dos parques, a roda se metamorfoseia e atende a um número incalculável de funções específicas. Para isso, tem apenas que rodar:

“roda mundo, roda gigante, roda moinho, roda pião, a vida (*sic*) rodou num instante nas voltas do meu coração”, cantou Chico Buarque, na peça *Roda viva*. Essa expressão, aliás, tanto nomeia o movimento estafante da rotina (“estou numa roda-viva”) como a dinâmica prometida por um conhecido programa de debates da TV. Além de imprescindível para a vida prática, o que há de expressivo na roda se manifesta ludicamente nos jogos e cantigas de rua, nas “cantigas de roda”. E também já assumiu tristes funções, como no caso da “roda dos enfeitados”: à entrada de alguns conventos, uma roda de pedra, giratória, recolhia algum recém-nascido indesejado, entregue, por pessoa não identificável, aos cuidados das irmãs.

De madeira, de ferro, de borracha, primitivas ou sofisticadas, movidas mecânica ou eletronicamente, as rodas são vistas como símbolos poderosos: elas expressam a criação contínua, o recomeçar permanente, o movimento criador, a evolução. Um dos prazeres humanos consiste em usar os músculos para acionar rodas: as de uma bicicleta, as de um patinete, as de um *skate*. Quando alguém corre muito, dizemos: “Ele está voando”. Em nossa imaginação, as rodas são também asas. Como esquecer aquele carrinho que rodou na superfície de Marte, provido de uma câmera? E muita gente assistiu a essa cena graças a um filme que se desenrola na roda de um velho projetor de cinema.

“No universo da ciência o centro está em toda parte”, diz um conhecido aforismo. No centro da civilização, a roda segue onipresente.

VILLARES, Alcebiades.

### 07. (PUC-Campinas-SP) No primeiro parágrafo,

- as informações contidas em “tudo o que dela derivou” e “tudo o que ela ajudou a ser possível” legitimam a compreensão de que nesses segmentos estão subentendidas, respectivamente, as ideias de “diretamente” e “de modo indireto”.
- o pronome “Sua”, em “Sua história”, pode remeter a mais de um elemento da frase anterior, o que gera ambiguidade prejudicial à clareza do texto.
- o emprego de “costuma” (em “costuma ser medido”) sinaliza que o autor da frase que circula na Internet tem alguma dúvida a respeito do que está informando sobre um dos indicadores do progresso consumista de um país.
- a presença concomitante dos segmentos “remonta a alguns milênios” e “estima-se em 6 000 anos” produz certo desajuste na comunicação, pois o sentido preciso da segunda expressão contraria a indeterminação da primeira.
- os dois-pontos conectam termos que, na organização do texto, correspondem, respectivamente, a uma causa e sua consequência.

**08.** (PUC-Campinas-SP) Análise do modo como está estruturado o parágrafo 2:

- A) Mostra que essa unidade do texto articula evidências, dando exclusividade a fatos historicamente confirmados; probabilidades e convites à imaginação do leitor são lançados somente no parágrafo 3.
- B) Prova que a expressão “Não tardou” exprime a surpresa do autor pela rapidez das transformações citadas, espanto justificado pelo fato de considerá-las fruto de necessários e longos processos de especulação.
- C) Evidencia que John Boyd Dunlop foi citado porque constitui argumento a favor da ideia de que a evolução do movimento de troncos de árvores foi natural.
- D) Sinaliza que a expressão “por fim” traduz o objetivo último do processo iniciado com o movimento de troncos de árvores.
- E) Revela que, no segmento “energia mecânica e elétrica”, a conjunção correlaciona atributos que ocorrem necessariamente em concomitância.

**09.** (PUC-Campinas-SP) Além de economizar trabalho humano, aliou-se ao nosso lazer: quantos já não curtiram a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira ou um longo passeio de bicicleta?



Considerada a frase anterior, em seu contexto, é correto afirmar:

- A) A expressão “Além de economizar” equivale a “Mesmo economizando”.
- B) A frase em que se tem ponto de interrogação equivale a uma assertiva: “muitos já curtiram a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira ou, então, um longo passeio de bicicleta”.
- C) A palavra “curtiram” constitui uso informal da linguagem, do mesmo modo que o emprego de “carrinho de rolimã”.
- D) A presença de “já” dá à frase sentido equivalente a “quantos não curtiram até a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira...?”
- E) Se a conjunção “ou” fosse repetida – “quantos já não curtiram ou a aventura de um carrinho de rolimã numa ladeira ou um longo passeio de bicicleta” –, o sentido original não estaria preservado.

## SEÇÃO ENEM

**01.** (Enem–2022) São vários os fatores, internos e externos, que influenciam os hábitos das pessoas no acesso à internet, assim como nas práticas culturais realizadas na rede. A utilização das tecnologias de informação e comunicação está diretamente relacionada aos aspectos como: conhecimento de seu uso, acesso à linguagem letrada, nível de instrução, escolaridade, letramento digital etc.

Os que detêm tais recursos (os mais escolarizados) são os que mais acessam a rede e também os que possuem maior índice de acumulatividade das práticas. A análise dos dados nos possibilita dizer que a falta de acesso à rede repete as mesmas adversidades e exclusões já verificadas na sociedade brasileira no que se refere a analfabetos, menos escolarizados, negros, população indígena e desempregados. Isso significa dizer que a internet, se não produz diretamente a exclusão, certamente a reproduz, tendo em vista que os que mais a acessam são justamente os mais jovens, escolarizados, remunerados, trabalhadores qualificados, homens e brancos.

SILVA, F. A. B.; ZIVIANE, P.; GHEZZI, D. R. *As tecnologias digitais e seus usos*. Brasília; Rio de Janeiro: Ipea, 2019 (Adaptação).

Ao analisarem a correlação entre os hábitos e o perfil socioeconômico dos usuários da internet no Brasil, os pesquisadores

- A) apontam o desenvolvimento econômico como solução para ampliar o uso da rede.
- B) questionam a crença de que o acesso à informação é igualitário e democrático.
- C) afirmam que o uso comercial da rede é a causa da exclusão de minorias.
- D) refutam o vínculo entre níveis de escolaridade e dificuldade de acesso.
- E) condicionam a expansão da rede à elaboração de políticas inclusivas.

**02.** (Enem–2019) Com o enredo que homenageou o centenário do Rei do Baião, Luiz Gonzaga, a Unidos da Tijuca foi coroada no Carnaval 2012.

A penúltima escola a entrar na Sapucaí, na segunda noite de desfiles, mergulhou no universo do cantor e compositor brasileiro e trouxe a cultura nordestina com criatividade para a Avenida, com o enredo “O dia em que toda a realeza desembarcou na Avenida para coroar o Rei Luiz do Sertão”.

Disponível em: [www.cultura.rj.gov.br](http://www.cultura.rj.gov.br). Acesso em: 15 maio 2012 (Adaptação).

A notícia relata um evento cultural que marca a

- A) primazia do samba sobre a música nordestina.
- B) inter-relação entre dois gêneros musicais brasileiros.
- C) valorização das origens oligárquicas da cultura nordestina.
- D) proposta de resgate de antigos gêneros musicais brasileiros.
- E) criatividade em compor um samba-enredo em homenagem a uma pessoa.

**03.** (Enem–2019) Os subúrbios do Rio de Janeiro foram a primeira coisa a aparecer no mundo, antes mesmo dos vulcões e dos cachalotes, antes de Portugal invadir, antes do Getúlio Vargas mandar construir casas populares.



O bairro do Queím, onde nasci e cresci, é um deles. Aconchegado entre o Engenho Novo e Andaraí, foi feito daquela argila primordial, que se aglutinou em diversos formatos: cães soltos, moscas e morros, uma estação de trem, amendoeiras e barracos e sobrados, botecos e arsenais de guerra, armarinhos e bancas de jogo do bicho e um terreno enorme reservado para o cemitério. Mas tudo ainda estava vazio: faltava gente.

Não demorou. As ruas juntaram tanta poeira que o homem não teve escolha a não ser passar a existir, para varrê-las. À tardinha, sentar na varanda das casas e reclamar da pobreza, falar mal dos outros e olhar para as calçadas encardidas de sol, os ônibus da volta do trabalho sujando tudo de novo.

HERINGER, V. *O amor dos homens avulsos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

Traçando a gênese simbólica de sua cidade, o narrador imprime ao texto um sentido estético fundamentado na

- A) excentricidade dos bairros cariocas de sua infância.
- B) perspectiva caricata da paisagem de traços deteriorados.
- C) importância dos fatos relacionados à história dos subúrbios.
- D) diversidade dos tipos humanos identificados por seus hábitos.
- E) experiência do cotidiano marcado pelas necessidades e urgências.

- 04.** (Enem) Tanto os Jogos Olímpicos quanto os Paralímpicos são mais que uma corrida por recordes, medalhas e busca da excelência. Por trás deles está a filosofia do barão Pierre de Coubertin, fundador do Movimento Olímpico. Como educador, ele viu nos Jogos a oportunidade para que os povos desenvolvessem valores, que poderiam ser aplicados não somente ao esporte, mas à educação e à sociedade. Existem atualmente sete valores associados aos Jogos. Os valores olímpicos são: a amizade, a excelência e o respeito, enquanto os valores paralímpicos são: a determinação, a coragem, a igualdade e a inspiração.

MIRAGAYA, A. *Valores para toda a vida*. Disponível em: [www.esporteessencial.com.br](http://www.esporteessencial.com.br). Acesso em: 9 ago. 2017 (Adaptação).

No contexto das aulas de Educação Física escolar, os valores olímpicos e paralímpicos podem ser identificados quando o colega

- A) procura entender o próximo, assumindo atitudes positivas como simpatia, empatia, honestidade, compaixão, confiança e solidariedade, o que caracteriza o valor da igualdade.
- B) faz com que todos possam ser iguais e receber o mesmo tratamento, assegurando imparcialidade, oportunidades e tratamentos iguais para todos, o que caracteriza o valor da amizade.

- C) dá o melhor de si na vivência das diversas atividades relacionadas ao esporte ou aos jogos, participando e progredindo de acordo com seus objetivos, o que caracteriza o valor da coragem.
- D) manifesta a habilidade de enfrentar a dor, o sofrimento, o medo, a incerteza e a intimidação nas atividades, agindo corretamente contra a vergonha, a desonra e o desânimo, o que caracteriza o valor da determinação.
- E) inclui em suas ações o *fair play* (jogo limpo), a honestidade, o sentimento positivo de consideração por outra pessoa, o conhecimento dos seus limites, a valorização de sua própria saúde e o combate ao *doping*, o que caracteriza o valor do respeito.

- 05.** (Enem)

#### ABL lança novo concurso cultural:

##### “Conte o conto sem aumentar um ponto”

Em razão da grande repercussão do concurso de Microcontos do Twitter da ABL, o Abletras, a Academia Brasileira de Letras lançou no dia do seu aniversário de 113 anos um novo concurso cultural intitulado “Conte o conto sem aumentar um ponto”, baseado na obra *A cartomante*, de Machado de Assis.

“Conte o conto sem aumentar um ponto” tem como objetivo dar um final distinto do original ao conto *A cartomante*, de Machado de Assis, utilizando-se o mesmo número de caracteres – ou inferior – que Machado concluiu seu trabalho, ou seja, 1 778 caracteres.

Vale ressaltar que, para participar do concurso, o concorrente deverá ser seguidor do Twitter da ABL, o Abletras.

Disponível em: [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acesso em: 18 out. 2015 (Adaptação).

O Twitter é reconhecido por promover o compartilhamento de textos. Nessa notícia, essa rede social foi utilizada como veículo / suporte para um concurso literário por causa do(a)

- A) limite predeterminado de extensão do texto.
- B) interesse pela participação de jovens.
- C) atualidade do enredo proposto.
- D) fidelidade a fatos cotidianos.
- E) dinâmica da sequência narrativa.

## SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



## GABARITO

Meu aproveitamento 

## Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. Parágrafo I: (3), (2), (1), (5), (4).  
Parágrafo II: (3), (1), (2).
02. No texto I, a ideia central está posta em duas frases complementares: "Não creio que a história seja essa" e "Mas as pessoas querem tentar conectar os dois e, como sempre, em qualquer país, diante dos problemas econômicos, a coisa mais fácil para um político é colocar a culpa em alguém". O restante são frases secundárias que se associam de modo a complementar o sentido da ideia central. No texto II, a ideia central é "Elas [as imagens que chocaram o país] nos remetem a um Brasil que ainda não chegou a 1888".
03. O núcleo da narrativa de Duvivier aborda a construção de uma amizade. Há vários trechos que apontam para isso, entre eles: "Tanto é que a gente ficou melhor amigo à primeira vista. Sem que ele soubesse, é claro".
04. Ao comparar ambos os textos, nota-se que não há um modelo de parágrafo a seguir. A crônica tem como uma de suas estratégias a subjetividade. Já a notícia traz a voz da jornalista de forma sutil e objetiva.
- 05.
05. A) 1ª parte: Perfil e ações de Guga e Sandro, comparativamente.  
2ª parte: A importância da base familiar e afetiva.  
3ª parte: O Brasil e os cidadãos que produz.
- B) 1ª parte: 1§ Dois jovens, quase a mesma idade, poucos meses de diferença, comoveram, na semana passada, o Brasil.  
2ª parte: 9§ Se, numa hipótese absurda, jogássemos Guga, naquele mesmo ano em que nasceu, no ambiente que levou Sandro para a rua, provavelmente estaria preso ou morto.  
3ª parte: 16§ Nessa quadra chamada Brasil, Guga e Sandro estavam divididos exatamente pelas linhas que incluem e excluem, que dão ou tiram chances, que fazem prosperar ou regredir.
- C) A ideia-núcleo de todo o texto é esta: "16§ Nessa quadra chamada Brasil, Guga e Sandro estavam divididos exatamente pelas linhas que incluem e excluem, que dão ou tiram chances, que fazem prosperar ou regredir." O autor responsabiliza o país pelo rumo tomado na vida das pessoas.
- D) Em "numa hipótese absurda", o autor dialoga com o leitor que considera impossível a troca de lugares, como se evitasse o embate com alguém que contra argumentasse alienadamente, de forma a não perder tempo com um leitor resistente à tese.

06.

- A) A palavra "atingidos" é menos explícita do que a palavra "prejudicados". O vocábulo "prejudicados" revela o embaraço imposto.
- B) O vocábulo "afastamento" encobre a informação de que Christian de Castro foi retirado de seu cargo, demitido.
- C) A combinação desses usos avisa que mais pessoas foram demitidas de seu cargo, o que permite deduzir a crítica da autora quanto a essas demissões em número tão relevante.
- D) Esses parágrafos se compõem de depoimentos de cineastas que têm seus trabalhos prejudicados pela decisão do governo. O espaço dedicado a reclamações por parte de cineastas revela a prioridade que a jornalista deu a essas vozes, o que revela sua corroboração.
- E) Em "As sucessivas tentativas de controle", a jornalista denuncia as insistentes ações do governo que indicam autoritarismo. O uso de aspas em "filtros" sugere certa ironia que denuncia a censura nas ações do governo.

## Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01.

- A) Uma proposta que poderia contribuir para a conservação da memória das narrativas dos povos indígenas seria a gravação dessas histórias. Com isso, o som das narrativas seria mantido e passado adiante, preservando a memória de maneira fidedigna.
- B) No segundo parágrafo, podemos apontar duas perdas em nossas relações com o mundo visual: a dominação da visão restringe a interação com o mundo por isolá-lo como algo externo, recortado pela visão. Além disso, a ideia de um mundo externo, possibilitada pelo domínio da visão, leva a uma ideia de que ele pode ser dominado, o que resulta no colonialismo e na lógica de dominação capitalista.
02. B                      05. B                      08. C  
03. D                      06. B                      09. B  
04. A                      07. A

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. B  
02. B  
03. B  
04. E  
05. A



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## O Período Composto

Em Língua Portuguesa, o período é a sentença constituída de núcleo oracional com significado completo. Quando o período é constituído de uma única oração (presença de verbo), trata-se de um período simples, como estudado no módulo anterior. Quando, contudo, o período apresenta mais de uma oração, tem-se um período composto. Este, por sua vez, organiza-se em duas categorias: a coordenação e a subordinação. Esse conteúdo é de inquestionável importância para a produção de textos, uma vez que o ato de redigir implica necessariamente articular frases, orações e períodos de forma lógica, clara, organizada.

### A COORDENAÇÃO

O período composto por coordenação é aquele em que se apresentam orações coordenadas, ou seja, orações, do ponto de vista sintático, independentes entre si.



Nessa tirinha, tem-se, no segundo quadro, exemplos de orações coordenadas. A oração "Hoje estamos aqui", apesar de estar unida à oração "mas... até quando", não depende sintaticamente desta. Elas poderiam estar separadas por um ponto final. Destaca-se que o verbo "estamos" está implícito na segunda oração; ele foi suprimido pelo uso das reticências. Nesse período, a primeira oração não traz em sua estrutura uma conjunção, por isso classifica-se como **coordenada assindética**. Já a segunda oração é introduzida pela conjunção "mas"; assim, classifica-se como **coordenada sindética**.

Em coordenação, o encadeamento de orações gera determinados efeitos de sentido ou relações semânticas, os quais são introduzidos pela conjunção. Isso significa que toda oração coordenada sindética configura uma relação de sentido evidenciada pela conjunção e pelo contexto de uso. Na tirinha, por exemplo, o "mas" explicitou a ideia de oposição.

As orações coordenadas sindéticas podem estabelecer cinco relações de sentido, como você verá a seguir:

### Oração coordenada sindética aditiva

Exprime uma ideia de adição ao período em que se encontra.

- Os prognósticos para a educação brasileira não são bons, e a educação básica, nesse contexto, precisa de maior atenção das políticas públicas.

Destacada em azul, tem-se uma oração coordenada assindética; em vermelho, uma sindética aditiva.

Para explicitar a adição, o falante pode recorrer às seguintes conjunções ou locuções conjuntivas:

e, nem, bem como, não só... mas também, além disso, ademais

### Oração coordenada sindética adversativa

Exprime uma ideia de oposição, de adversidade ao contexto.

- Depois de doze horas de trabalho, ele estava exausto, **mas resolveu ir ao aniversário do único sobrinho.**

A oração em destaque traz um contraste à expectativa criada na oração assindética.

A seguir, conjunções que estabelecem relação de oposição:

Mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, todavia

### Oração coordenada sindética explicativa

Exprime uma explicação, uma justificativa para o que se disse na oração anterior a ela.

- Devemos assumir práticas ambientais mais sustentáveis, **porque as gerações futuras precisam de um planeta saudável.**

A oração em destaque justifica a ideia presente na oração anterior.

Para estabelecer explicações, existem as seguintes conjunções e locuções:

Porque, já que, visto que, porquanto, que, pois (anteposto ao verbo)

**Observação:** o “pois” é um conector de dupla função semântica, já que pode marcar explicação ou conclusão. No primeiro caso, ele deve posicionar-se antes do verbo; no segundo, deve ser colocado após o verbo, estando, assim, entre vírgulas.

- Os noivos não podem se casar, **pois** a documentação está errada. (explicação)
- A documentação está errada; os noivos não podem, **pois**, casar-se. (conclusão)

## Oração coordenada sindética conclusiva

Exprime uma conclusão, uma continuidade lógica a respeito do fato expresso na oração anterior.

- A Terra é a nossa morada no universo, **portanto é inquestionável o dever de cuidarmos dela.**

A oração em destaque é uma inferência, dedução lógica para o que se expressou na oração anterior.

Como possibilidade de explicitar conclusões nos textos, existem as seguintes conjunções ou locuções conjuntivas:

Logo, assim, então, portanto, dessa forma, em vista disso, por isso, por conseguinte, pois (posposto ao verbo)

## Oração coordenada sindética alternativa

Exprime uma ideia de alternância entre os fatos, ou seja, se um ocorrer, não há como outro também acontecer; é uma escolha.

- Na última noite, **ora ouvia gritos, ora o silêncio se apresentava longamente.**

As orações exprimem alternância entre si. É importante reiterar que, nesse tipo de oração, deve-se manter o paralelismo, ou seja, repetir a conjunção, tal qual fez o exemplo.

Servem para exprimir alternância:

Ou...ou, ora...ora, quer...quer, seja...seja

No fragmento do romance *Amar, verbo Intransitivo*, de Mário de Andrade, percebe-se que o encadeamento de orações coordenadas gera certos efeitos de sentido.

[...]

Era a clave de fá de Sousa Costa. Barítono enfarado, de quem não gosta de se amolar nem passar pitos. Elza consolava a pecurrucha, com meiguice emprestada. Não sabia ter meiguice. Mais questão de temperamento que de raça, não me venham dizer que os alemães são ríspidos. Tolice! conheci. Carlos descia a escada rindo. Se explicava. Limpava o sangue na outra mão, esfregando a mordida. Era exagero só pra evitar pito maior. Elza viu ele descer, equilibrado, brincando com os degraus. Aquele “A senhora é a governanta...” Percebeu que o menino era um forte. Machucador apenas.

[...]

ANDRADE, Mario. *Amar, verbo intransitivo*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2013. p. 16.

Nesse excerto, predomina a coordenação, ou seja, uma sintaxe paratática, a qual vai gerar uma certa velocidade à narração e, por conseguinte, à leitura. Ainda, as frases entrecortadas pela independência das orações coordenadas alude a um certo clima de tensão, dado o contexto da narrativa. O narrar entrecortado, fragmentado do narrador, remonta ao “nervosismo” das personagens envolvidas na cena, a qual retrata um momento em que Aldinha morde Carlos e a mão deste sangra.

## A SUBORDINAÇÃO

Por subordinação, entende-se a relação de dependência sintática entre as orações do período composto. Diferentemente da coordenação, quando não há dependência e, por isso, as orações não desempenham função sintática, mas apenas relações de sentido, na subordinação, as orações vão desempenhar, além de dependência semântica, funções sintáticas em relação à oração principal.

Além de funções sintáticas, elas assumem comportamentos de: substantivo, adjetivo e advérbio, que são funções morfológicas.



Nessa charge, a primeira fala traz uma relação de subordinação. Isso porque em “[...] se você não tem nada, por que tá na fila do SUS?” existem dois núcleos verbais – “ter” e “estar”. Estes são dependentes entre si, pois a oração iniciada pela conjunção “se” ficaria vaga, sem sentido, se não houvesse a oração “por que tá na fila do SUS”. Percebe-se também que a pergunta enunciada está contextualizada numa circunstância condicional, revelada pelo conectivo “se”. Isso significa que a oração tem valor adverbial, pois apresenta, tal quais os advérbios, uma circunstância – nesse caso, de condição. A crítica derivada do efeito de humor é acionada justamente pela condição imposta pelo “se” à oração adverbial, ou seja, a personagem já está na fila, pois é provável que ficará doente e, por isso, precaveu-se devido à demora de atendimento no SUS. Assim, consolida-se uma crítica à morosidade do atendimento à saúde pública no Brasil.

Além do valor adverbial, as subordinadas podem assumir comportamento de substantivo e de adjetivo, ou melhor, podem classificar-se como orações subordinadas substantivas e como orações subordinadas adjetivas.

Ainda na tirinha de Duke, a segunda fala também traz uma relação de subordinação. Em “[...] é provável que eu fique doente”, existe dependência entre as orações “é provável” e “eu fique doente”, as quais estão conectadas pela conjunção integrante “que”. A oração “é provável” não teria sentido se isolada; ela solicita a oração “eu fique doente” para que o período tenha um sentido completo. Diferentemente de um comportamento adverbial, nesse caso, tem-se um comportamento substantivo. Observa-se, por exemplo, que a oração “que eu fique doente” pode ser substituída, sem perda substancial de sentido, pela expressão “meu adoecimento” – “[...] é provável meu adoecimento”. A oração pode, portanto, ser substituída por um núcleo substantivo (adoecimento). Ela é, então, subordinada substantiva.

Nessa imagem, por exemplo, a oração iniciada pela palavra “que” assume valor de adjetivo, pois o objetivo dela é caracterizar o substantivo “propagandas”, como se a oração pudesse ser substituída pelo adjetivo “chamativas” (5 propagandas chamativas).

Em suma, as orações subordinadas podem ser:

- Substantivas, quando assumirem o comportamento de um substantivo. Nesse caso, basta trocar a oração subordinada pelo pronome “isso” (pois o pronome substitui o substantivo. Assim, se cabe o “isso”, a oração tem valor de substantivo).
- Adjetivas, quando caracterizarem um substantivo da oração principal – essas orações têm como articulador o pronome relativo.
- Adverbiais, quando indicarem uma circunstância (tempo, causa, comparação, condição, etc.) para a oração principal.

## As orações substantivas

Como já visto, as orações substantivas equivalem a substantivos, além disso vão exercer uma função sintática (sujeito, predicativo, objeto, etc.) em relação à oração principal. Quando em forma desenvolvida, ou seja, articulada por uma conjunção, apresentam como conectivo as conjunções integrantes “que” ou “se”. A conjunção integrante é aquela que liga as orações sem, contudo, agregar um valor semântico; contribuem, nesse caso, para a fluidez e a prosódia da frase.

A classificação das orações subordinadas substantivas ocorre conforme a função sintática que elas desempenham em relação à oração principal. Veja a síntese no quadro:

Oração subordinada substantiva	Função sintática no período composto
Subjetiva	Sujeito da oração principal
Objetiva direta	Objeto direto de um verbo da oração principal
Objetiva indireta	Objeto indireto de um verbo da oração principal
Predicativa	Predicativo do sujeito da oração principal
Completiva nominal	Complemento nominal de um nome da oração principal
Apositiva	Aposto de um substantivo da oração principal





Modernamente, pode-se dizer apenas sujeito oracional, objeto direto oracional, predicativo oracional. Isso porque as orações subordinadas substantivas são, decerto, essas funções sintáticas, cujos núcleos são verbos. Por exemplo, a oração subordinada substantiva objetiva direta é um objeto direto de núcleo verbal, logo um objeto direto oracional – na forma de oração.

Exemplos:

- É importante **que os pais fiscalizem, ao menos na infância e na adolescência, o uso da Internet pelos filhos.**

A oração em destaque equivale a “é importante a fiscalização dos pais quanto ao uso da Internet pelos filhos”. Fazendo a inversão “a fiscalização... é importante”, claramente a oração se revela como sujeito da principal, sendo então uma **oração subordinada substantiva subjetiva**.

- O importante é **que os pais fiscalizem, ao menos na infância e na adolescência, o uso da Internet pelos filhos.**

Há uma diferença na estruturação dos exemplos, apesar de parecerem iguais. A presença do artigo antes do adjetivo “importante” transforma esse termo em substantivo e, assim, em sujeito. Sabe-se que o papel do verbo de ligação é o de ligar o sujeito ao predicativo, logo, se “O importante” é o sujeito do verbo “é” (ligação), falta-lhe o predicativo. Este está representado pela oração subordinada à frente, ou seja, uma **oração subordinada substantiva predicativa**. Outra dica sobre a construção dessa oração é o verbo ser seguido de conjunção integrante.

Agora veja o seguinte exemplo:

- O presidente disse **que a empresa não será atingida pela crise econômica.**

A oração em destaque se conecta ao verbo “dizer” da oração principal; o verbo é transitivo direto, assim a oração é um objeto direto para o verbo e se classifica como **oração subordinada substantiva objetiva direta**.

- O juiz e o promotor necessitaram **de que fosse repetido o depoimento da testemunha principal.**

A oração em destaque se liga ao verbo “necessitar” da oração principal, complementando a sua ideia. Como esse verbo é, no contexto, transitivo indireto, a oração funciona como objeto indireto e, assim, classifica-se como **oração subordinada substantiva objetiva indireta**.

- O juiz e o promotor tiveram necessidade **de que fosse repetido o depoimento da testemunha principal.**

Percebe-se que não há diferença semântica entre essa oração e a anterior, o que as difere, contudo, é a estrutura sintática. No segundo enunciado, a oração destacada se liga ao substantivo abstrato “necessidade”, de forma a complementar sua ideia. É, portanto, um completo nominal, e a oração se classifica como **oração subordinada substantiva completiva nominal**.

- Nos natais em família, o patriarca repetia sempre o mesmo discurso, **que o consumo havia corrompido o espírito natalino.**

A oração em destaque mantém uma relação de igualdade com um substantivo da oração principal, ou seja, “o discurso” era “a corrupção do natal pelo consumo”. Quando há relação de igualdade entre dois termos, tem-se o aposto. Assim, a oração será classificada como **oração subordinada substantiva apositiva**.

Em todos os exemplos, observa-se a presença da conjunção integrante, o que configura uma estrutura de orações subordinadas desenvolvidas. Essas orações podem também apresentar-se na forma reduzida. Para isso, retira-se a conjunção e preserva-se o verbo no infinitivo, ou seja, não o flexiona nem em tempo nem em modo.

Esse recurso de reduzir a oração é uma excelente estratégia para diminuir o excesso de conjunções, por exemplo, o “queísmo” nos textos.

Reveja os exemplos:

- É importante **que os pais fiscalizem, ao menos na infância e na adolescência, o uso da Internet pelos filhos.**

Reduzindo, assim ficaria: É importante os pais **fiscalizarem**, ao menos na infância e na adolescência, o uso da Internet pelos filhos.

- O presidente disse **que a empresa não será atingida pela crise econômica.**

Reduzindo, ficaria: O presidente disse não **atingir** a empresa a crise econômica.

Salienta-se que a forma reduzida, por vezes, soa mais sofisticada e rebuscada, sendo preferível, portanto, em textos que exigem essa linguagem. Em outros contextos, porém, pode apresentar-se como uma alternativa à redução do número de “quês” no texto.

É importante lembrar, ainda, que a troca da desenvolvida pela reduzida pode configurar nuances semânticas diferentes. Ao dizer, por exemplo, que “é necessário que o Estado invista na educação” ou dizer, por exemplo, que “é necessário o Estado investir na educação”, percebem-se modalizações diferentes.

No primeiro, há uma ênfase na sugestão, por haver emprego do subjuntivo, expressando um desejo; no segundo, há uma assertividade maior, um tom de obrigação. A postura do falante muda de um caso para outro.

## As orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas exprimem uma caracterização para um termo, geralmente substantivo, presente na oração principal. Não significa, necessariamente, que essa oração seja substituível por um substantivo, mas sim que traga uma caracterização relacionada à oração principal. Quanto à estruturação, na forma desenvolvida, é ligada à principal por um pronome relativo; na forma reduzida, pode vir expressa no particípio, no gerúndio ou no infinitivo.



Nesse cartaz tem-se um período composto por subordinação, pois a oração “que você joga na rua” existe, no contexto, para caracterizar um termo presente na oração principal “o lixo acaba voltando para dentro de sua casa”. Como a subordinada caracteriza o substantivo “lixo”, diz-se que seu comportamento se assemelha ao de um adjetivo; sendo, portanto, uma **oração subordinada adjetiva**.

As orações subordinadas adjetivas dividem-se em duas categorias, tipificadas pela presença ou pela ausência de vírgulas. Quando as vírgulas isolam a oração adjetiva, ela é chamada de **oração subordinada adjetiva explicativa**; quando, contudo, não existem as vírgulas, o nome é **oração subordinada adjetiva restritiva**.

Quanto ao sentido, a **explicativa** traz uma generalização da ideia, como se explicitasse uma característica típica do substantivo a que se refere; **a restritiva**, por sua vez, limita, especifica o termo a que se refere.

No cartaz anterior, por exemplo, a oração é restritiva; a ausência das vírgulas gera o sentido que somente o lixo jogado na rua volta para dentro de casa. Isso significa que existem outros lixos, por exemplo, os que não são jogados na rua. Estes, em princípio, não retornariam para dentro de casa.

O cartaz, ao separar essas duas naturezas de lixo, assume uma postura educativa, pois o lixo jogado na rua metaforiza um descarte inadequado do lixo, o que implica problemas no espaço urbano, como mostrado na imagem, a presença de insetos, de ratos e, conseqüentemente, a potencialização dos riscos à saúde. Ao insinuar, por outro lado, que há lixos que não retornam para dentro de casa, o texto faz alusão a um descarte adequado, menos agressivo ao meio ambiente, ao espaço urbano.

Observe os exemplos a seguir:

- Minha irmã **que foi aprovada no vestibular de Música** fará uma comemoração hoje à noite.
- Minha irmã, **que foi aprovada no vestibular de Música**, fará uma comemoração hoje à noite.

As duas orações constroem nuances semânticas diferentes, pois há restrição na primeira e explicação na segunda. Ou seja, entende-se da primeira que o enunciador tem mais de uma irmã, a que foi aprovada no vestibular irá fazer uma comemoração; entende-se da segunda que o enunciador tem apenas uma irmã, e que ela foi aprovada no vestibular e fará uma comemoração.

Percebe-se que a demarcação dessa presença ou dessa ausência de vírgula não é determinada pela estrutura sintática, mas sim pela coerência de mundo. Deve-se observar, então, o que se quer e o que se pode afirmar, a fim de se evitar cometer uma incoerência textual. Por exemplo, dentro da lógica cristã, a frase “Deus, que é fiel, perdoa aos homens” deve sempre ser virgulada, pois o cristianismo é uma cultura monoteísta. Ao retirar a vírgula dessa frase, daria a entender que existem outros deuses, mas o enunciador se refere, àquele momento, ao deus fiel.

Em redações dissertativas ou argumentativas, é imprescindível ter essa atenção às orações adjetivas para não se cometer o erro da incoerência externa, ou seja, de construir nos textos informações que negam verdades sociais.

## As orações adjetivas reduzidas

Como dito, reduzem-se as orações para uma economia de conectivos, para um encurtamento de informações. Por vezes, a redução enfatiza a característica trazida na oração para o substantivo a que se refere.

- O primeiro calouro foi o único **que emocionou os jurados**.

Reduzida de infinitivo: O primeiro calouro foi o único **a emocionar os jurados**.

- Durante o evento, prestigiei o espetáculo dos alunos **que dançam**.

Reduzida de gerúndio: Os alunos dançando, prestigiei-lhes o espetáculo.

- O funcionário que **foi demitido** processou a empresa.

Reduzida de participio: O funcionário demitido processou a empresa.



### Orações subordinadas adjetivas

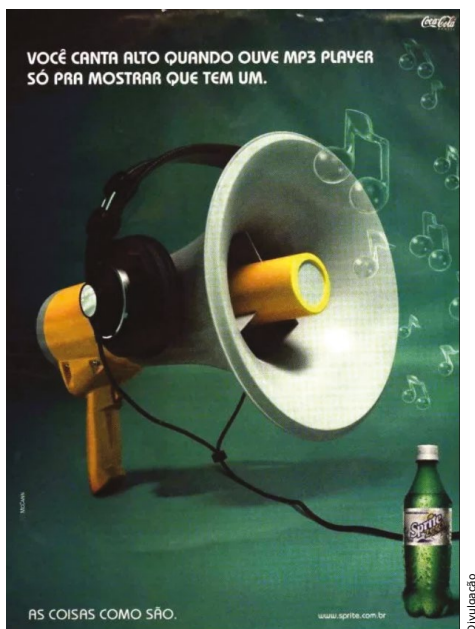
Nessa videoaula, você vai conhecer um pouco mais sobre as orações subordinadas adjetivas e ver alguns exemplos.



YXRH

## Orações subordinadas adverbiais

Essa categoria de orações agrupa os enunciados verbais responsáveis por construir circunstancialidades ao período e, por extensão, aos textos. Dizer, por exemplo, “telefone-me, assim que chegar em casa”, ou “telefone-me, para saber o horário da festa”, ou “telefone-me, se chegar cedo em casa” enunciam circunstâncias diferentes para o pedido de telefonar (telefone-me). Há tempo, finalidade e condição, respectivamente. As orações adverbiais são, portanto, importantíssimas para construções e transformações semânticas na comunicação.



Nessa publicidade, as orações adverbiais marcam processos semânticos importantes. Existe uma ideia principal, marcada pela oração “Você canta alto”.

A essa ideia acrescenta-se o momento em que ela ocorre – “quando ouve MP3 player” – e a finalidade – “pra mostrar que você tem um”. O anúncio joga com a ideia de que é um distintivo social ter um MP3 player, já que se canta alto quando o usa, e a motivação disso é mostrar que tem um – uma questão de orgulho. Dessa maneira, a publicidade valoriza o MP3 para valorizar também o anunciante, que faz uma promoção, relacionando o consumo do refrigerante à possibilidade de ser premiado com um MP3 player. No fim do cartaz, a frase “as coisas como são” refere-se à ideia de que “as coisas são como devem ser”, ou seja, uma oração de valor conformativo. No contexto, assume o valor de ser incontestável o prazer (cantar alto) de ter um MP3 e, por extensão, de consumir o refrigerante. Em síntese, toda a intenção comunicativa do anúncio se edificou com base nas circunstâncias expressas pelas orações de valor adverbial.

## Classificação das orações adverbiais

- O governo enrijeceu tanto a lei antidrogas **que o índice de presidiários sem antecedentes criminais dobrou**.

A oração em destaque introduz uma consequência para a ideia da oração principal; é, portanto, **oração subordinada adverbial consecutiva**.

- **Porque o governo enrijeceu a lei antidrogas**, o índice de presos sem antecedentes criminais aumentou.

A oração em destaque revela a causa para a ideia expressa na oração principal, o que a faz ser classificada como **oração subordinada adverbial causal**.

Esses exemplos levam a entender que causa e consequência são indissociáveis. O que faz, portanto, classificar a oração como causal ou como consequência é o que se escolhe enfatizar – a consequência ou a causa. A ênfase marca-se pela presença da conjunção. Na primeira, por exemplo, o conectivo “que” foi colocado na consequência; na segunda, o conector “porque” assentou-se na causa.

- O problema da violência urbana no Brasil se inicia **quando a política pública não supera as desigualdades sociais**.

A oração em destaque marca o momento, o tempo em que ocorre a ideia expressa na oração principal. Diante disso, a oração se classifica como **oração subordinada adverbial temporal**.

- O aluno terá sucesso no vestibular **se souber equilibrar ansiedade e confiança**.

A oração destacada traz uma condição para o sentido trazido na oração principal, o que lhe torna uma **oração subordinada adverbial condicional**.

- **Ainda que os indícios todos o apontassem como o assassino**, ele negava o crime.

A oração destacada traz uma exceção, uma concessão, para a ideia expressa na oração principal. Essa oração classifica-se, então, como **oração subordinada adverbial concessiva**.

As orações adverbiais concessivas e as coordenadas adversativas são próximas quanto à essência semântica, pois ambas revelam um fato inesperado, uma expectativa, de certa forma, quebrada. Porém, o fato de uma ser, sintaticamente, coordenada, e a outra, subordinada confere substanciais mudanças de efeito comunicativo. A contradição revela uma quebra de expectativa, uma ênfase na oposição; a concessão suaviza o inesperado, mostrando que, apesar de inesperado, é possível. No exemplo anterior, a ideia de que os indícios todos o apontam como o assassino não é uma garantia irrevogável de que ele seja o assassino. Caso se estruturasse, entretanto, o enunciado numa adversativa – Ele negava o crime, **mas** os indícios todos o apontavam como o assassino –, a ideia seria a de que é contraditório ele negar ser o criminoso quando os indícios o condenam. Ou seja, enfatizam-se os indícios como indicadores inquestionáveis no assassino. Em suma, a adversativa focaliza a contradição; a concessiva suaviza, concede.

- A primeira candidata dançou **tão bem quanto a terceira**.

A oração em destaque introduz uma comparação ao que foi dito na ideia principal. Nota-se que o verbo está implícito na oração em destaque (tão bem quanto a terceira candidata dançou). Tem-se, dessa forma, uma **oração subordinada adverbial comparativa**.

- Durante a partida, o árbitro puniu dois jogadores rigorosamente, **como previa o regulamento do campeonato**.

A oração em destaque é **subordinada adverbial conformativa**, pois traz uma conformidade em relação a ideia da oração principal. A ideia de conformidade revela uma concordância, o cumprimento de acordos.

- Durante a partida, o árbitro puniu dois jogadores rigorosamente, **como previa o regulamento do campeonato**.

A oração em destaque sinaliza a finalidade, o objetivo do conteúdo veiculado na oração principal. Por esse comportamento, classifica-se como **oração subordinada adverbial final**.

- **À medida que se tentava falar mais alto**, a voz desaparecia.

A oração destacada expõe uma proporcionalidade em relação à ideia da oração principal, ou seja, o ato de a voz desaparecer era proporcional à tentativa de falar mais alto – como se a voz fosse sumindo proporcionalmente ao esforço para se falar.

A locução conjuntiva “à medida que” confunde-se, por vezes, com a conjunção conjuntiva “na medida em que”. Esta evidencia causa; aquela, proporção. São ideias diferentes, em que o uso de uma no lugar da outra pode mudar ideias ou gerar informação confusa. Em “na medida que falava alto, a voz desaparecia”, marca-se a causa do sumiço da voz; em “à medida que falava alto, a voz sumia”, marca-se o processo de perder a voz, o qual se dá gradualmente, proporcionalmente ao falar alto.



#### Orações subordinadas substantivas e adverbiais

Assista a essa videoaula para saber mais sobre as orações subordinadas substantivas e adverbiais.

WVZH



## A SUBORDINAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NOS TEXTOS



O texto a seguir é a letra da canção “Quando eu estiver cantando”, de Cazuza.

Tem gente que recebe Deus quando canta

Tem gente que canta procurando Deus

Eu sou assim com a minha voz desafinada

Peço a Deus que me perdoe no camarim

Tem gente que recebe Deus quando canta

Tem gente que canta procurando Deus

Eu sou assim com a minha voz desafinada

Peço a Deus que me perdoe no camarim

Eu sou assim

Canto pra me mostrar

De besta

Ah, de besta

Eu sou assim  
 Canto pra me mostrar  
 De besta  
 Ah, de besta

Quando eu estiver cantando  
 Não se aproxime  
 Quando eu estiver cantando  
 Fique em silêncio  
 Quando eu estiver cantando  
 Não cante comigo  
 Porque eu só canto só  
 E o meu canto é a minha solidão  
 É a minha salvação

[...]

CAZUZA. Quando eu estiver cantando. In: *Burguesia*. LP. Polygram, 1989. [Fragmento]

O trabalho com a subordinação no texto é bastante rico, o eu lírico explora as orações substantivas, as adjetivas e as adverbiais. Cada uma dessas categorias instaura efeitos distintos na canção.

Os dois primeiros versos trazem orações adjetivas restritivas – “que recebe Deus” e “que canta” – e adverbiais – “quando canta” e “canta procurando”. As restritivas separam as pessoas em duas categorias, as que cantam ao encontrarem Deus e as que cantam para encontrarem Deus. Como são restritivas, sinalizam que existem outras razões para o cantar; ele, o eu lírico, por exemplo, se encaixa nesse outro grupo, o não relacionado ao encontro divino. O eu lírico canta para se mostrar um sujeito que aprecia o estar só, a solidão. Esse gosto pelo só se revela numa oração coordenada explicativa (porque eu só canto só), associada a uma sequência de coordenadas assindéticas (não se aproxime, fique em silêncio, não cante comigo), contextualizadas numa relação temporal expressa pela oração subordinada adverbial “quando eu estiver cantando”. Essa sequência cria um efeito semântico de que o momento do canto praticado pelo eu poemático revela seu momento de estar só, voltado para si mesmo, indiferente ao outro; numa espécie de autoconhecimento, em que se busca purgar-se, salvar-se da maldade e externar o amor (porque meu canto é pra quem me ama). As duas últimas estrofes retomam, sinteticamente essas ideias. A marcação temporal “quando eu estiver cantando”, seguida pela oração principal “fiquem em silêncio”, revela que o fato de ele cantar evoca o silêncio, ou seja, a necessidade de estar só, de se salvar e, enfim, de sentir-se vivo, o que está expresso na explicativa “porque o meu canto é a minha solidão” e na aditiva “e o que me mantém vivo”. O cantar é, então, o motivo da existência do eu lírico, pois é o que lhe faz conhecer a si mesmo, uma metáfora para o autoconhecimento.

	Expressam	Conjunções
Causais	Causa	porque; que; porquanto; visto que; uma vez que já que; pois que; como
Consecutivas	Consequência	que; tanto que; tão que; tal que; tamanho que; de forma que; de modo que; de sorte que; de tal forma que
Finais	Finalidade	a fim de que; para que; que
Temporais	Tempo	quando; enquanto; agora que; logo que; desde que; assim que; tanto que; apenas
Condicionais	Condição	se; caso; desde; salvo se; desde que; exceto se; contando que
Concessivas	Contraste	embora; conquanto; ainda que; mesmo que; se bem que; posto que
Comparativas	Comparação	como; assim como; tal; qual; tanto como
Conformativas	Conformidade	conforme; como; consoante; segundo
Proporcionais	Proporcionalidade	à proporção que; à medida que; ao passo que; quanto mais... mais



## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



**01.** (UFC-CE) Identifique o valor semântico da conjunção “e” nos períodos a seguir:



- I. O poeta nasceu ao final das duas primeiras décadas deste século **e** ainda continua perplexo dentro deste mundo atormentado.
- II. As pessoas conviviam com personalidades de todos os matizes **e** aprendiam a lidar com gente boa e gente má.
- III. Por amar Fortaleza, o poeta fez-lhe um canto de amor **e** o leu ao receber o título de “Cidadão de Fortaleza”.

Assinale a alternativa cuja sequência corresponde à relação existente entre as orações dos períodos I, II e III.

- A) Adição – conclusão – consequência
- B) Oposição – oposição – adição
- C) Adição – conclusão – finalidade
- D) Oposição – conclusão – finalidade
- E) Adição – consequência – explicação

**02.** (UFU-MG) Na frase “Argumentei **que** não é justo **que** o padeiro ganhe festas”, as orações introduzidas pela conjunção “que” são, respectivamente,



- A) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
- B) ambas subordinadas subjetivas.
- C) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
- D) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
- E) subordinada substantiva objetiva e subordinada substantiva predicativa.

**03.** (UFAM) Assinale a alternativa em que está incorreta a classificação da oração em destaque.



- A) A estrela brilhava no eterno azul **como uma vela**. (subordinada adverbial comparativa)
- B) A Lua dizia **que a claridade do Sol resumia toda a luz**. (subordinada substantiva objetiva direta)
- C) **Como estava enfiado de sua enorme e desmedida umbela**, o Sol invejava o vaga-lume. (subordinada adverbial causal)
- D) A Lua admirava a auréola de nune **que o sol ostentava**. (subordinada adjetiva restritiva)
- E) **Enquanto bailava no ar**, o inquieto vaga-lume fitava com ciúme da estrela. (subordinada adverbial proporcional)

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**01.** (Unicamp-SP-2022) O censo de 2010 foi o primeiro a mapear a presença dos povos indígenas em todo o país. O item 6.04 do questionário do censo pede que se responda: “A sua cor ou raça é: 1. branca; 2. preta; 3. amarela; 4. parda; 5. indígena”. A pergunta seguinte, 6.05 – “você se considera indígena?” –, e as perguntas subsequentes, que indagam sobre a(s) etnia(s), sobre a(s) língua(s) indígena(s) falada(s) e se o entrevistado fala português, só foram aplicadas em terras indígenas.

Ativistas indígenas criticam o uso do termo “pardo” no item 6.04. Eles afirmam que esse termo tem sido usado para tornar as identidades indígenas “invisíveis”, principalmente em áreas urbanas, nas quais muitos moradores se autodeclararam “pardos” para fugirem do preconceito.

Como o termo “pardo”, mesmo criticado, ainda vai permanecer no censo de 2022, a questão “você se considera indígena?” será aplicada também para todos os indígenas que vivem em áreas urbanas.

MENDES, Karla. “Não sou pardo, sou indígena”: mobilização indígena para a autodeterminação no censo de 2022. *Mongabay*, 30 jun. 2021 (Adaptação).

Mantendo o mesmo sentido, o terceiro parágrafo do texto pode ser reescrito da seguinte maneira:

- A) Quando for aplicada a pergunta “Você se considera indígena?”, o termo “pardo” vai ser omitido no censo de 2022.
- B) Já que o termo “pardo” vai permanecer no censo de 2022, vai ser usada a pergunta “Você se considera indígena?” nas áreas urbanas.
- C) Enquanto a pergunta “Você se considera indígena?” for aplicada, o termo “pardo” vai precisar ser mantido no censo de 2022.
- D) Para que o termo “pardo” ainda seja usado no censo de 2022, a pergunta “Você se considera indígena?” não precisa mais ser aplicada.

**Instrução:** Leia o fragmento da crônica para responder à questão **02**.

## O pavão

Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d’água em que a luz se fragmenta como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos.

De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade. Considerei, por fim, que assim é o amor, oh! minha amada; de tudo que suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me cobre de glória e me faz magnífico.

BRAGA, Rubem.

02. (UFF-RJ) Não só conectores, mas também pausas, marcadas pelos sinais de pontuação, assinalam diferentes tipos de relações sintático-semânticas.

Em "Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos", a pausa marcada pelo ponto final no primeiro período estabelece com o segundo período uma relação de

- A) explicação. D) conformidade.  
B) temporalidade. E) comparação.  
C) condicionalidade.

03. (EsPCEEx-SP) Assinale a alternativa que analisa corretamente a oração sublinhada na frase a seguir:



"Os animais que se alimentam de carne chamam-se carnívoros."

- A) A oração adjetiva sublinhada serve para explicar como são chamados os animais que se alimentam de carne e, portanto, por ser explicativa, deveria estar separada por vírgulas.  
B) Como todos os animais carnívoros alimentam-se de carne, não há restrição. Nesse caso, a oração sublinhada só poderá ser explicativa e, portanto, deveria estar separada por vírgulas.  
C) Trata-se de uma oração evidentemente explicativa, pois ensina como são chamados os animais que se alimentam de carne. Sendo assim, a oração adjetiva sublinhada deveria estar separada por vírgulas.  
D) A oração adjetiva sublinhada tanto pode ser explicativa, pois esclarece, em forma de aposto, o termo antecedente, quanto pode ser restritiva, por limitar o sentido do termo "animais".  
E) A oração adjetiva sublinhada só pode ser restritiva, pois reduz a categoria dos animais e é indispensável ao sentido da frase: somente os que comem carne é que são chamados de carnívoros.

04. (EsPCEEx-SP) Assinale a alternativa correta quanto à classificação sintática das orações grifadas a seguir, respectivamente.



Acredita-se que a banana faz bem à saúde.

Ofereceram a viagem a quem venceu o concurso.

Impediram o fiscal de que recebesse a propina combinada.

Os patrocinadores tinham a convicção de que os lucros seriam compensadores.

- A) Subjetiva – objetiva indireta – objetiva indireta – completiva nominal  
B) Subjetiva – objetiva indireta – completiva nominal – completiva nominal

- C) Adjetiva – completiva nominal – objetiva indireta – objetiva indireta

- D) Objetiva direta – objetiva indireta – objetiva indireta – completiva nominal

- E) Subjetiva – completiva nominal – objetiva indireta – objetiva indireta

05.



(UNIFESP) Quando o falante de uma língua depara um conjunto de duas palavras, intuitivamente é levado a sentir entre elas uma relação sintática, mesmo que estejam fora de um contexto mais esclarecedor. Assim, além de captar o sentido básico das duas palavras, o receptor atribui-lhes uma gramática – formas e conexões. Isso acontece porque ele traz registrada em sua mente toda a sintaxe, todos os padrões conexionais possíveis em sua língua, o que o torna capaz de reconhecê-los e identificá-los. As duas palavras não estão, para ele, apenas dispostas em ordem linear: estão organizadas em uma ordem estrutural.

A diferença entre ordem estrutural e ordem linear torna-se clara se elas não coincidem, como nesta frase que um aluno criou em aula de redação, quando todos deviam compor um texto para *outdoor*, sobre uma fotografia da célebre cabra de Picasso: "Beba leite de cabra em pó!". Como todos rissem, o autor da frase emendou: "Beba leite em pó de cabra!".

Pior a emenda do que o soneto.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 1986 (Adaptação).

Considere as seguintes passagens do texto:

– [...] é levado a sentir entre elas uma relação sintática, **mesmo que** estejam fora de um contexto mais esclarecedor.

– **Como** todos rissem, o autor da frase emendou [...].

As conjunções destacadas expressam, respectivamente, relação de

- A) alternância e conformidade.  
B) conclusão e proporção.  
C) concessão e causa.  
D) explicação e comparação.  
E) adição e consequência.

06. (UNIFESP) Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: "Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras."

Fábulas completas. 2013.

"Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras."

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- A) causa.
- B) conclusão.
- C) proporção.
- D) consequência.
- E) comparação.

- 07.** (EsPCEx-SP) Leia a frase a seguir e assinale a alternativa que substitui corretamente a oração grifada.

"Vejo que sabes tanto quanto nós, se bem que tenhas estado no local dos acontecimentos."

- A) "[...], porque tenhas estado no local dos acontecimentos."
- B) "[...], porquanto tenhas estado no local dos acontecimentos."
- C) "[...], posto que tenhas estado no local dos acontecimentos."
- D) "[...], para que tenhas estado no local dos acontecimentos."
- E) "[...], sem que tenhas estado no local dos acontecimentos."

- 08.** (UERJ) "O racismo não é apenas uma ideologia social e política. É também uma teoria que se pretende científica."

O trecho anterior contém dois períodos que, embora sejam sintaticamente independentes, estão unidos por uma certa relação de sentido. Utilizando conectivos, reescreva este trecho em um só período composto por orações coordenadas, de modo que a relação de sentido seja mantida.

- 09.** (UERJ) "Estava com medo, com a impressão de que chegasse uma pessoa para me prender."

RÊGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

No trecho anterior, há duas orações subordinadas. Transcreva essas orações e classifique sintaticamente cada uma delas.

- 10.** (UERJ) Os trechos transcritos a seguir exemplificam o emprego do mesmo conectivo "e" para exprimir diferentes relações temporais entre dois fatos.

E o barulho da máquina se aproximando. [...] E o trem parado nos meus pés.

E o tempo a se sumir. E a tarde caindo.

RÊGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

Aponte o significado desse conectivo. Em seguida, explicita a relação temporal dos fatos em cada um dos trechos.

## SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem-2022) Morte lenta ao luso infame que inventou a calçada portuguesa. Maldito D. Manuel I e sua corja de tenentes Eusébios. Quadrados de pedregulho irregular socados à mão. À mão! É claro que ia soltar, ninguém reparou que ia soltar? Branco, preto, branco, preto, as ondas do mar de Copacabana. De que me servem as ondas do mar de Copacabana? Me deem chão liso, sem protuberâncias calcárias. Mosaico estúpido. Mania de mosaico. Joga concreto em cima e aplaina. Buraco, cratera, pedra solta, bueiro-bomba. Depois dos setenta, a vida se transforma numa interminável corrida de obstáculos. A queda é a maior ameaça para o idoso. "Idoso", palavra odienta. Pior, só "terceira idade". A queda separa a velhice da senilidade extrema. O tomo destrói a cadeia que liga a cabeça aos pés. Adeus, corpo. Em casa, vou de corrimão em corrimão, tateio móveis e paredes, e tomo banho sentado. Da poltrona para a janela, da janela para a cama, da cama para a poltrona, da poltrona para a janela. Olha aí, outra vez, a pedrinha traiçoeira atrás de me pegar. Um dia eu caio, hoje não.

TORRES, F. *Fim*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

O recurso que caracteriza a organização estrutural desse texto é o(a)

- A) justaposição de sequências verbais e nominais.
- B) mudança de eventos resultante do jogo temporal.
- C) uso de adjetivos qualificativos na descrição do cenário.
- D) encadeamento semântico pelo uso de substantivos sinônimos.
- E) inter-relação entre orações por elementos linguísticos lógicos.

- 02.** (Enem)

### **Brasil é o maior desmatador, mostra estudo da ONU**

O Brasil reduziu sua taxa de desmatamento em vinte anos, mas continua líder entre os países que mais desmatam, segundo a FAO (órgão da ONU para a agricultura).

A entidade apresentou ontem estudo sobre a cobertura florestal no mundo e o resultado é preocupante: em apenas dez anos, uma área de floresta do tamanho de dois estados de São Paulo desapareceu do país. De forma geral, a queda no ritmo da perda de cobertura florestal foi de 37% em dez anos. Entre 1990 e 1999, 16 milhões de hectares por ano sumiram. Entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares.

Mas o número é considerado alto. A América do Sul é apontada como a maior responsável pela perda de florestas do mundo, com cortes anuais de 4 milhões de hectares. A África vem em seguida, com 3,4 milhões de hectares/ano.

O ESTADO DE S. PAULO. 26 mar. 2010.

Na notícia lida, o conectivo “mas” (terceiro parágrafo) estabelece uma relação de oposição entre as sentenças: “Entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares” e “o número é considerado alto”. Uma das formas de se reescreverem esses enunciados, sem que lhes altere o sentido inicial, é:

- A) Porque, entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares, o número é considerado alto.
- B) Entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares, por isso o número é considerado alto.
- C) Entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares, uma vez que o número é considerado alto.
- D) Embora, entre 2000 e 2009, esse número tenha caído para 13 milhões de hectares, o número é considerado alto.
- E) Visto que, entre 2000 e 2009, esse número caiu para 13 milhões de hectares, o número é considerado alto.

- 03.** (Enem) As conjunções coordenativas aditivas expressam adição, acréscimo, sucessividade. Contudo, conforme o contexto em que são utilizadas, podem também indicar simultaneidade, correspondendo a conjunções temporais e / ou proporcionais. Percebe-se essa simultaneidade em:
- A) O professor aplicou e corrigiu todas as provas.
  - B) Ele ouviu o telefone tocar, e não atendeu.
  - C) Não só o motorista, mas também os passageiros estavam preocupados com o temporal daquele final de tarde.
  - D) Ela estudava e ouvia música, sem que o próprio desempenho fosse prejudicado.
  - E) Ela perguntou e ouviu o que não queria.

- 04.** (Enem) eu acho um fato interessante... né... foi como meu pai e minha mãe vieram se conhecer... né... que... minha mãe morava no Piauí com toda família... né... meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... ele sofreu um acidente... infelizmente morreu... minha mãe tinha cinco anos... né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e ele foi obrigado a trabalhar... foi trabalhar no banco... e... ele foi... o banco... no caso... estava... com um número de funcionários cheio e ele teve que ir para outro local e pediu transferência prum local mais perto de Parnaíba que era a cidade onde eles moravam e por engano o... o... escrivão entendeu Paraíba... né... e meu... e minha família veio parar em Mossoró que era exatamente o local mais perto onde tinha vaga pra funcionário do Banco do Brasil e:: ela foi parar na rua do meu pai... né... e começaram a se conhecer... namoraram onze anos... né... pararam algum tempo... brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga... né... e eu achei esse fato muito interessante porque foi uma coincidência incrível... né... como vieram a se conhecer... namoraram e hoje... e até hoje estão juntos... dezessete anos de casados...

CUNHA, M. A. F. (org.). *Corpus, discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

Na produção dos textos, orais ou escritos, articulamos as informações por meio de relações de sentido. No trecho de fala, a passagem “brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga”, enuncia uma justificativa em que “brigaram” e “todo relacionamento tem uma briga” são, respectivamente,

- A) causa e consequência.
- B) premissa e conclusão.
- C) meio e finalidade.
- D) exceção e regra.
- E) fato e generalização.

## SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



### GABARITO

Meu aproveitamento

#### Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D
- 02. C
- 03. E

#### Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. B
- 02. A
- 03. E
- 04. A
- 05. C
- 06. A
- 08. Há duas formas de reescrever o trecho:

“O racismo não é apenas uma ideologia social e política, mas também uma teoria que se pretende científica.”

Ou ainda:

“O racismo é não só uma ideologia social e política, mas ainda uma teoria que se pretende científica.”

- 09. O período é composto por subordinação, em que “Estava com medo, com a impressão [...]” é a oração principal, “de que chegasse uma pessoa” é subordinada substantiva completiva nominal, e “para me prender” é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.
- 10. Nos dois trechos, o conectivo “e” significa adição dessas orações. No primeiro trecho, as orações ligadas pelo conectivo referem-se a fatos que se sucedem no tempo, sucessão que é indicada pelas expressões “se aproximando” e “parado”. No segundo trecho, as orações ligadas pelo conectivo referem-se a fatos concomitantes, uma vez que “E o tempo a se sumir” corresponde a “E a tarde caindo”.

#### Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. A
- 02. D
- 03. D
- 04. E



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Pontuação

A comunicação ocorre pela combinação de palavras, de enunciados, de símbolos visuais, sonoros, entre outros. Na oralidade, muitos recursos são usados para agregar valor à comunicação, como gestos, expressões faciais e corporais, entonações, interrupções, ruídos, silêncios, etc. Na escrita, muitos desses recursos são impossíveis (como a expressão facial e os ruídos), porém podem ser substituídos por outros mecanismos, entre eles, os sinais de pontuação. A pontuação pode contribuir tanto para a construção sintática dos enunciados quanto para dar mais expressividade às sentenças.

É irrefutável, então, a importância do domínio das regras essenciais para o emprego dos sinais de pontuação. Isso porque o uso advertido da pontuação contribui substancialmente para a organização textual – e evidentemente para a clareza de ideias – e, muitas vezes, torna-se elementar para enunciados mais expressivos.



Armandinho, de Alexandre Beck

Nessa tirinha, os sinais de pontuação mais se relacionam à expressividade do que à estruturação sintática do enunciado. Embora no primeiro quadrinho o ponto de interrogação esteja apenas sinalizando que a oração se trata de uma pergunta, nos demais quadrinhos a pontuação marca o tom da conversa entre as personagens. No segundo quadrinho, as reticências foram empregadas para sinalizar a interrupção, por Armandinho, da fala de sua amiga. Tal interrupção, acrescida da fala do menino no próximo quadro, leva a entender que ele não quer ouvir o que a menina tem a dizer. Expressivamente, significa que o que ela diz não é importante. Essa ideia é enfatizada com o uso das exclamações que acompanham a explícita informação de que não há espaço para ela naquela conversa. No contexto da história, o conteúdo da conversa, porém revela que Armandinho está equivocado, pois seu comportamento expressa exatamente o ponto de seu questionamento, já que, ao pedir que ela não se meta e dizer que "isso é papo de homem", sem compreender, ele age de modo machista.

Agora, veja outra situação:



Cláudia Gomes  
www.bichinhosdejardim.com

Nesse quadrinho temos a pontuação como expressão e como organização sintática. Na pergunta "Deus, você está aí?", a pontuação faz seu papel de estruturação sintática, uma vez que a vírgula foi usada para marcar a presença do vocativo "Deus". Já as reticências marcam o silêncio da personagem em cena, sinalizando uma pausa para processar seu pensamento, portanto, um recurso expressivo. No último quadrinho, além de as reticências marcarem a continuação da ideia anterior, a fala que encerra o pedido da personagem traz novamente a vírgula para a organização da oração, dando destaque à observação sobre a possibilidade de o atendimento ao pedido ser realizado ("se for possível"), e a exclamação é expressiva, pois evidencia um sentimento interjetivo, uma espécie de lembrete, da personagem.

## SINAIS DE PONTUAÇÃO

Os sinais de pontuação da Língua Portuguesa são:

Vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos, reticências, aspas, travessão.

### A vírgula

Existem dois elementos centrais a se considerar para empregar a vírgula nos enunciados: a organização sintática da frase e os efeitos ou as possibilidades semânticas desse sinal de pontuação. Pode-se dividir o estudo da vírgula em duas categorias: primeiro, o período simples, depois, o período composto. No primeiro caso, a vírgula é usada entre termos para marcar deslocamentos; no segundo caso, para separar, quando necessário, orações.

### Período simples

Uma regra geral facilita a compreensão sobre o uso da vírgula: a vírgula é um organizador sintático.



A frase na Língua Portuguesa tem uma organização básica, que é chamada de **ordem direta**. A ordem direta dos enunciados segue a seguinte configuração: sujeito, verbo, complemento e, quando existir, adjunto adverbial. Nessa ordem, independentemente do tamanho da frase, não haverá vírgulas, pois considera-se que a frase já está organizada numa perspectiva sintática. Entretanto, devido a possibilidades semânticas, a vírgula pode se fazer presente. Observe o exemplo:

- Os times mineiros Atlético e Cruzeiro disputaram o título da Copa do Brasil em novembro de 2014.

Nessa oração tem-se: sujeito "Os times mineiros Atlético e Cruzeiro"; verbo "disputaram"; complemento "o título da Copa do Brasil"; adjunto adverbial "em novembro de 2014".

Percebe-se, então, que a frase já se encontra na ordem direta (organizada), o que dispensa a presença da vírgula. O leitor, porém, pode se perguntar: os termos Atlético e Cruzeiro não poderiam ficar entre vírgulas? Analise o contexto a seguir:

- Os times mineiros, **Atlético e Cruzeiro**, disputaram o título da Copa do Brasil em novembro de 2014.

As vírgulas nesse contexto levam à compreensão de que, em Minas Gerais, só existem dois clubes de futebol: o Atlético e o Cruzeiro. Assim, essa frase, semanticamente, produz uma informação equivocada em relação à coerência externa, ao conhecimento de mundo, já que em Minas existem muitos outros clubes. Lembre-se de que o aposto virgulado é uma explicação, generaliza; o aposto sem vírgulas é um restritor, porque seleciona um ou mais elementos em um grupo maior. Na frase em análise, por exemplo, sem as vírgulas está-se dizendo que, entre os clubes existentes em Minas Gerais, foram o Atlético e o Cruzeiro que disputaram o título da Copa do Brasil no ano de 2014.

Em suma, no período simples, usa-se vírgula para indicar o deslocamento de termos nos enunciados e para separar elementos que desempenham a mesma função sintática, tudo isso como maneira de organizar a frase.

- Em novembro de 2014, os times mineiros Atlético e Cruzeiro disputaram o título da Copa do Brasil.
- Os times mineiros Atlético e Cruzeiro disputaram, em novembro de 2014, o título da Copa do Brasil.
- O título da Copa do Brasil, os times mineiros Atlético e Cruzeiro disputaram-no em novembro de 2014.

Observe que nos enunciados as vírgulas sinalizam o deslocamento dos termos "em novembro de 2014" e "o título da Copa do Brasil".

Leia os ditados populares a seguir:

- Para bom entendedor, meia palavra basta.
- De grão em grão, a galinha enche o papo.

Nesses dois exemplos, a vírgula tanto marca uma organização sintática quanto contribui para o efeito expressivo do texto. Nos dois casos, a vírgula sinaliza o deslocamento dos adjuntos adverbiais, respectivamente, de finalidade e de modo. Expressivamente, o deslocamento acentuado pela presença da vírgula coloca em evidência a circunstancialidade da ideia central, ou seja: meia palavra basta, mas basta a quem é bom entendedor; a galinha enche o papo, mas o enche grão a grão. Reforça-se, dessa maneira, no primeiro ditado, a ideia da necessidade de ser um bom leitor ou bom comunicador; no segundo, a ideia da persistência e da paciência necessárias ao alcance de objetivos.

## Período composto

No período composto, simplifica-se da seguinte maneira:

- 1) Orações coordenadas: usa-se vírgula entre as orações para sinalizar a independência. No interior de cada oração que compõe o período, obedece-se à regra geral da organização sintática da frase.

- Os alunos da 3ª série solicitaram a anulação da prova, contudo a coordenação negou o pedido. (a vírgula aqui separa as orações coordenadas)
- Os alunos da 3ª série solicitaram a anulação da prova; a coordenação negou, contudo, o pedido. (as vírgulas sinalizam o deslocamento da conjunção "contudo")

- 2) Orações subordinadas substantivas: não são separadas por vírgulas, pois a oração subordinada é sempre uma função sintática, em ordem direta, da oração principal.

- **É necessário que os alunos tenham mais contato com a arte.**

Oração principal + Oração subordinada substantiva subjetiva

- **O policial disse que o motorista fez uma ultrapassagem proibida.**

Oração principal + Oração subordinada objetiva direta

As substantivas admitem vírgula se a oração substantiva anteceder a oração principal.

- **Que os alunos tenham mais contato com a arte, é necessário.**

Oração subordinada substantiva + Oração principal

- 3) Orações subordinadas adjetivas: se a ideia for de explicação, obriga-se vírgula; se for de restrição, não se usa vírgula.

- Minha irmã que atualmente vive no Amazonas volta para Belo Horizonte na próxima semana.

Nessa frase, entende-se que o "eu" tem mais de uma irmã, mas ele se refere à que, atualmente, está no Amazonas.

- Minha irmã, que atualmente vive no Amazonas, volta para Belo Horizonte na próxima semana.

Agora, o “eu” tem apenas uma irmã; ela mora no Amazonas e vem para Belo Horizonte na próxima semana.

Percebe-se, assim, que, nas orações adjetivas, o que define o emprego ou não emprego da vírgula são fatores semânticos e expressivos, e não sintáticos. Há de se observar a coerência de mundo sobre a informação.

- 4) Orações subordinadas adverbiais: as vírgulas são facultativas quando a oração principal estiver à frente da subordinada; mas são obrigatórias quando há inversão, ou seja, a oração subordinada estiver antes da oração principal.

- O Brasil será um país de menos desigualdades, quando houver acesso universal a uma educação de qualidade.

Oração principal + Oração adverbial = vírgula facultativa

- Quando houver acesso universal a uma educação de qualidade, o Brasil será um país de menos desigualdades.

Oração adverbial + Oração principal = vírgula obrigatória

## Elipse verbal

Usamos vírgula para assinalar uma elipse (omissão) verbal.

- O poeta parnasiano preferia a forma, a rigidez; o modernista, a liberdade.

Nesse período, o ponto e vírgula marcou a ausência de uma conjunção adversativa (mas, contudo, porém...), e a vírgula sinalizou a elipse do verbo “preferia”.

Em suma, deve-se observar a ordem da frase, a hierarquia entre as orações, a elipse de verbos e os aspectos semânticos para se empregar ou não vírgulas.

## O ponto e vírgula

Primeiro, é importante desconstruir um conceito estranho de que ponto e vírgula marca pausa maior que a vírgula e menor que o ponto. Curiosa essa perspectiva, dada a necessidade de se medir tamanho de pausa; inevitavelmente se cai num subjetivismo e num abstracionismo sem medidas. Resultado? Dificuldade de saber de fato quando se emprega tal recurso de pontuação. Decerto existem poucas orientações funcionais, e aqui opta-se por simplificar. Emprega-se ponto e vírgula:

- 1) quando se ausentar conjunção, seja pela omissão, seja pelo deslocamento.
  - O governador prometeu reajuste salarial; os professores, entretanto, mantiveram a greve.

Nesse período, o ponto e vírgula foi usado para marcar a ausência da conjunção “entretanto” no início da segunda oração.

- A casa é de ferro; o espeto, de pau.

Nesse ditado popular, o ponto e vírgula marca a omissão de uma conjunção adversativa, por exemplo, o “mas”. A vírgula, por sua vez, marcou a elipse do verbo “ser”, na forma flexionada “é”.

Observe o trecho do texto “Um apólogo”, de Machado de Assis:

[...]

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

ASSIS, Machado de. Um apólogo. In: *Para gostar de ler* – contos. São Paulo: Editora Ática, 1984. v. 9. p. 59.

Há dois exemplos de omissão de conjunção. No primeiro caso “A linha não respondia; ia andando”, o ponto e vírgula substitui uma conjunção adversativa; na segunda ocorrência “E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic...”, o ponto e vírgula ocupa o lugar de uma conjunção conclusiva, por exemplo, o “portanto”.

Percebe-se, dessa maneira, o poder coesivo do ponto e vírgula.

- 2) Entre itens de leis, decretos, regulamentos, enumerações formadas por orações.

### TÍTULO I

#### DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I. a soberania;
  - II. a cidadania;
  - III. a dignidade da pessoa humana;
  - IV. os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; (Vide Lei nº 13 874, de 2019)
  - V. o pluralismo político.
- [...]

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 jan. 2020. [Fragmento]

3) Entre orações coordenadas em que já se utiliza vírgulas.

[...]

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

[...]

ASSIS, Machado de. *Um apólogo*. São Paulo: DCL, 2003.

O ponto e vírgula foi usado no contexto para melhor organizar o período, fazendo a distinção entre a separação de orações e a separação de termos dentro da oração.

Nesse cartaz que reitera a importância da vacinação, o uso dos dois-pontos introduz uma enumeração que discrimina quem deve receber a vacina.

3) Trazer uma explicação ou apontar uma conclusão sobre o que já foi dito.

O vereador Freitas propôs também a declaração de que, em nenhum caso, fossem os vereadores recolhidos ao asilo dos alienados: cláusula que foi aceita, votada e incluída [...].

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/alienista.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/alienista.pdf). Acesso em: 10 jan. 2020. [Fragmento]

Os dois-pontos introduzem uma oração que explica o que foi enunciado na oração anterior.

## Dois-pontos

Regularmente ocorre em três situações:

1) Anteceder o início de fala de pessoas ou de personagens, como ocorre, a seguir, no trecho da fábula “O lobo e o cordeiro”.

[...]

Você agita a água – continuou o lobo ameaçador – e sei que você andou falando mal de mim no ano passado.

– Não pode – respondeu o cordeiro – no ano passado eu ainda não tinha nascido.

O lobo pensou um pouco e disse:

– Se não foi você foi seu irmão, o que dá no mesmo.

– Eu não tenho irmão – disse o cordeiro – sou filho único.

[...]

Disponível em: <https://metaforas.com.br/infantis/2004-02-14/o-lobo-e-o-cordeiro.htm>. Acesso em: 10 jan. 2020. [Fragmento]

## As reticências

As reticências funcionam mais como um recurso expressivo do que como estruturador e / ou organizador sintático. Entre suas possibilidades expressivas, destacam-se:

- marcar a exclusão de excertos textuais;
- sinalizar a interrupção de falas em diálogos;
- expressar surpresa, timidez, dúvida, insegurança, indecisão;
- sugerir ao leitor completar o raciocínio.

2) Introduzir uma enumeração.



Disponível em: <https://acporto.wordpress.com/tag/andre-dahmer/>. Acesso em: 16 jan. 2020.

Nessa tira, por exemplo, as reticências no segundo e no terceiro quadros marcam a interrupção de uma fala e a complementação de um raciocínio, respectivamente. Isso porque os enunciados são ditos por personagens diferentes: a primeira personagem começa uma linha de raciocínio que é interrompida e completada pela outra personagem que aparece sozinha no quadro 3. No último quadro, as reticências são expressivas no sentido de tentarem representar o sentimento de “medo”, de “arrepio”, gerado pelo teor do diálogo.

## As aspas

As aspas são sinais de pontuação de função bastante heterogênea, diversificada; serve tanto ao campo da estrutura sintática – quando, por exemplo, indica citação de vocábulos, destaca títulos de textos, sinaliza uma transcrição literal de uma fala ou citações em geral – quanto ao campo da expressividade – ao, por exemplo, apontar gírias, estrangeirismos e neologismos, conferir ironia a verbetes ou expressões.

O texto a seguir é um fragmento de uma redação considerada acima da média no vestibular da Unicamp. Observe os diferentes usos das aspas.

### Eterna “rádio-relógio”

A realidade contemporânea se depara a cada dia com uma nova invenção: computadores cibernéticos, descobertas grandiloquentes, parafernalia modernas. Invenções ultra-avanzadas que estariam por extinguir tudo o que exalasse aromas fétidos do passado. Certo? Não, errado. Uma invenção como o rádio, vista pelos olhares do desenvolvimento como um tanto que ultrapassada, se redesenha e ganha novos contornos em pleno século XIX, sem perder sua onipotência e onipresença no cotidiano das pessoas. Somos verdadeiras “Macabéas”, que se encantam e surpreendem a cada voz vinda da “rádio-relógio”.

O resgate histórico dessa invenção humana reafirma o seu papel durante as décadas. Foi ícone de uma nova sociedade e de um novo sistema que se fortalecia. Invadia milhares de casas e aguçava ouvidos impacientes com notícias da Segunda Guerra Mundial ou do capítulo decisivo da rádio-novela. Embalava sonhos de mocinhas ingênuas, discutia políticas nacionais e internacionais e vendia o mais novo produto do “american-way-of-life”. Creme rugol, beba coca-cola, ou gessy para os seus dentes, se misturavam com o número de mortos no “front” de batalha e com a nova desvalorização do café. Alcançava milhares de pessoas em minutos e indicava o início da eliminação de fronteiras que estaria por vir. Com o passar dos anos, essa “caixinha com voz” se modernizou. [...]

Disponível em: [http://www.comvest.unicamp.br/vest\\_anteriores/2005/download/comentadas/1fase.pdf](http://www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2005/download/comentadas/1fase.pdf). Acesso em: 10 jan. 2020. [Fragmento]

Já no título, as aspas são evocadas pelo autor e, se, num primeiro momento, elas marcam a citação de um termo, a leitura do texto leva a entender que as aspas, na verdade, sinalizam uma metaforização em que “relógio” funciona como metonímia para a ideia de tempo. A expressão “rádio-relógio”, precedida do adjetivo “eterna”, significa, então, que o rádio é uma tecnologia resistente ao tempo, persistente.

Em “Macabéas”, as aspas marcam uma citação, referência à protagonista do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, bem como colocam o leitor e o autor do texto como sujeitos comparáveis a essa personagem, que se encantava com o rádio. Na expressão “american-way-of-life”, marcou-se um conceito, e em “front”, um estrangeirismo. As aspas em “caixinha com voz” conotam um tom afetivo do autor em relação ao rádio.

## O travessão

Esse sinal de pontuação, muito visto em narrações que trazem o discurso direto na estrutura, não se limita a esse uso. Ou seja, além de introduzir fala de personagens, ele pode ser empregado para separar palavras, expressões ou frases explicativas, bem como para separar orações intercaladas no texto. Nesse caso, o travessão impõe um destaque a tais expressões.

No excerto a seguir, de *O Alienista*, Machado de Assis empregou o travessão para marcar a fala de D. Evarista, cedida pelo narrador; e, depois, para introduzir uma explicação, um comentário do narrador sobre os olhos de D. Evarista.

Ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:

– Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos... Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto, – os olhos, que eram a sua feição mais insinuante, – negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento.

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/alienista.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/alienista.pdf). Acesso em: 16 jan. 2020. [Fragmento]



### Pontuação

Qual a diferença entre usar vírgula e ponto e vírgula? Seria a mesma coisa usar ponto-final e ponto de exclamação? Tire suas dúvidas sobre pontuação com essa videoaula.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01. (UFSC-2022)



Disponível em: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-otempo-03-01-2020-1.2280495>. Acesso em: 20 out. 2021.

Com base no texto de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01. a primeira e a segunda vírgulas marcam um vocativo e uma oração coordenada adversativa, respectivamente.
02. o uso dos dois-pontos serve para enumerar os 12 trabalhos a serem realizados por Hércules.
04. o quadro estabelece uma relação de intertextualidade com o texto bíblico do Antigo Testamento que narra os feitos de Hércules.
08. o texto denuncia de forma irônica o aumento da precarização do trabalho.
16. o efeito de humor da charge consiste no fato de Hércules possuir pernas finas, inaptas a trabalhos que exijam força física.
32. o termo "agora" é responsável pela contextualização da crítica da charge.

Soma ( )

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões 02 e 03.

### Primeiro ato

Amelinha – (Virando-se para a mãe) Edmundo está inocente. Sem culpa.

Valdelice – (Fazendo-a calar) Não repita essa asneira. (Pausa) Temos de pressioná-lo, minha filha.<sup>1</sup> Você não tem idade para perceber a ruindade dos homens. Você foi se-du-zi-da.

Amelinha – (Sentando-se) Seduzida?! Mas eu sei que não é verdade!

Valdelice – A história tem de ser diferente... Trate de se convencer disso.

[...]

Amelinha – Não me sinto bem em dizer o que não fiz...

Agente – Aprenda a primeira lição: às vezes a verdade não é a que se conhece, mas a outra... (Pausa) É ir por mim. (Notando o laço de fita da moça) Pra que este laço?

Amelinha – Foi ideia da mamãe.

Valdelice – Não a quero desgraciosa diante da autoridade.

Agente – (Compenetrado) Nada de lacinho de fita! Você não é anjo de procissão. (Tom) Quem perde a honra não se interessa por enfeite. (Ríspido) Tire-o.

Amelinha – (Indecisa) Mas eu... eu...

Agente – (Arrebata-lhe o laço) Bobagem! (Pausa). Retire também o ruge, o batom...<sup>2</sup> Tenho de prepará-la para impressionar o delegado, o juiz, todo mundo.<sup>3</sup> Do contrário, ninguém defenderá você. (Tom) Assanhe os cabelos.

### Segundo ato

Benedito – (À Amelinha, que continua assustada, mas impressionada com a situação que vive)<sup>4</sup>. Então, você acabou sendo enganada? (Ela aquiesce) Levou-a no caminhão da entrega sistemática, não foi? (Ela confirma) Vá ver que era um caminhão Ford. (Ao Permanente) Ford! A influência nefasta do capitalismo internacional! (Pausa) E os botijões? Balançavam? Sacudiam? (Pausa) Estavam cheios... ou vazios?

Amelinha – (Num sopro) Vazios...

Benedito – (Eufórico) Vazio! (Pausa, em explosão) Vibravam, não? (Dramatizando) Imagino como não eram ruidosos! Tática de cinema americano, "noir", de péssima qualidade. (Pausa) E o carro? Corria veloz? E você, gritava?

Amelinha – (Voz débil, a confirmar) Gritava.

[...]

Benedito – (À Amelinha) Então estavam vazios os botijões (Ela concorda) Vazios... E o carro corria, em disparada, não? (Ela aquiesce) E fazia aquele ruído...

Amelinha – (Que vai aderindo, qual participasse de um jogo...) Um ruído terrível...

Benedito – Ah, eu imagino! E o seu desespero? Hem, moça?<sup>5</sup>

Amelinha – Ah, como eu sofri dentro do caminhão...

Valdelice – (Surpresa, à filha) Você nunca me falou antes em caminhão. Que carro é esse?

Amelinha – (Indiferente) O caminhão, mãe... Caminhão Ford.

[...]

Benedito – E depois? Hem? Depois?

Amelinha – (Enlevada, mais fantasiosa) Ele me apertava em seus braços fortes, sem mais querer me soltar. (Tom) Meu Deus, era bom mas eu sofria. (Pausa) Eu me sentia tonta, desfalecida, principalmente pelo som infernal dos botijões... E por cima de tudo, eu tinha medo de morrer.



Benedito – (Animando-a) Mais, mais, vai para a primeira página.

Amelinha – Paramos num lugar distante, como se diz mesmo? ... ermo... (Pausa) Onde era? Onde? Ainda hoje me pergunto, sem resposta... (Pausa) Nem sei direito. Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e... acho que havia também uma cabana.<sup>6</sup> Um velho pescador estava sentado, longe, longe, numa pedra...

Valdelice – Minha filha, você está descrevendo o calendário da sala de jantar!

[...]

Benedito – E depois, e depois?<sup>7</sup>

Amelinha – Ele começou a puxar o zíper do meu vestido.

Valdelice – Mas você não tem vestido de zíper!!!

Benedito – Vá contando, me agrada! É matéria de primeira página.

Amelinha – Por fim, rasgou minha combinação de “nylon”.

Valdelice – “Nylon”?! Você nunca usou isso!

[...]

Valdelice – (Como se tudo fosse um sonho) Agora que você está mais calma, me diga mesmo como é a história do caminhão, dos botijões vazios... Onde você conseguiu tudo isso?

Amelinha – E eu sei, mamãe?! Simpatizei com o moço, e dei de imaginar tudo.<sup>8</sup> (Pausa) Será que o meu retrato vai sair bonito no jornal?

[...]

Edmundo – (Principia a falar com indecisão, procurando achar as palavras) Amelinha, eu... queria que você compreendesse... Por favor, conte ao Delegado o que em verdade se passou entre nós dois... Sei que você é direita...<sup>9</sup> (Pausa) Fale.

Amelinha – (Em tom indefinido, como se na verdade vivesse outro personagem) Será que você já esqueceu?

Edmundo – Esqueceu o quê? Não compreendo.

Amelinha – Oh, Edmundo... Vocês, homens, esquecem tão ligeiro!

Edmundo – Mas não esqueci nada! Lembro que você me chamou à sua casa. E me abraçava, me queria... E eu então não pude resistir.

[...]

Amelinha – Oh, ao menos hoje, não seja cínico! O caminhão, os botijões vazios! Vamos, não diga que não se lembra! Você me carregou, eu não queria... Me convidou para ver os enfeites da boleia, e, de repente, acionou o motor, partiu veloz. Ah. Foi quando eu gritei, gritei: Não faça isso. Edmundo! Pare! Pare! E você correndo, nem me deu atenção!

Edmundo – (Ao Delegado) Isso não! Ao menos a verdade!

CAMPOS, Eduardo. A donzela desprezada. In: *Três peças escolhidas*. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 187-221.

**02.** (UFC-CE) Entre algumas funções, a vírgula é empregada para separar

- (1) vocativo;
- (2) repetições;
- (3) termos coordenados;
- (4) oração adjetiva de valor explicativo;
- (5) orações coordenadas aditivas proferidas com pausa.

Observe, nas passagens transcritas a seguir, o emprego das vírgulas, identifique a razão pela qual foram utilizadas e, em seguida, de acordo com o código apresentado, preencha os parênteses, estabelecendo a correlação adequada entre o uso e a regra.

- ( ) “E depois, e depois?”
- ( ) “E o seu desespero? Hem, moça?”
- ( ) “Temos de pressioná-lo, minha filha”.
- ( ) “Simpatizei com o moço, e dei de imaginar tudo”.
- ( ) “Tenho de prepará-la para impressionar o delegado, o juiz, todo mundo”.
- ( ) “(À Amelinha, que continua assustada, mas impressionada com a situação que vive.)”

**03.** (UFC-CE) Entre algumas funções, as reticências são empregadas para denotar

- (1) hesitação;
- (2) enumeração incompleta.

Observe, nas passagens transcritas a seguir, o emprego das reticências, identifique a razão pela qual foram utilizadas e, em seguida, de acordo com o código apresentado, preencha os parênteses, estabelecendo a correlação adequada entre o uso na passagem e o valor denotado.

- ( ) “Retire também o ruje, o batom...”
- ( ) “Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e... acho que havia também uma cabana”.
- ( ) “Amelinha, eu... queria que você compreendesse... Por favor, conte ao delegado o que em verdade se passou entre nós dois... Sei que você é direita... (Pausa) Fale”.

**04.** (Ibmec-SP) Compare estes períodos:



- I. Os investidores que temiam ser vítimas da crise global financeira abandonaram o mercado de ações.
- II. Os investidores, que temiam ser vítimas da crise global financeira, abandonaram o mercado de ações.

A respeito do emprego de vírgulas, é correto afirmar que:

- A) Em I a ausência de vírgulas cria o pressuposto de que ainda há pessoas investindo na Bolsa de Valores.
- B) Em II a presença de vírgulas indica que somente alguns investidores temiam ser vítimas da crise financeira.
- C) A análise dos períodos permite afirmar que as vírgulas têm apenas a função de demarcar pausas na leitura.
- D) Em I subentende-se que todos os investidores deixaram de aplicar seu dinheiro no mercado de ações.
- E) Em II as vírgulas foram usadas para destacar a ideia de restrição, presente na oração subordinada adjetiva.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (FUVEST-SP-2022) Assinale a alternativa em que está correta a inserção da vírgula no período: “A pandemia exige urgência e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então inédita”.
- A) A pandemia exige urgência e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então inédita.
- B) A pandemia exige urgência e vários estudos, estão sendo realizados em velocidade até então inédita.
- C) A pandemia, exige urgência e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então inédita.
- D) A pandemia exige urgência e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então, inédita.
- E) A pandemia exige urgência, e vários estudos estão sendo realizados em velocidade até então inédita.

- 02.** (FGV-SP) Considere o trecho:

O americano médio se sente duramente atingido no bolso. O dólar, que ainda é o dólar, símbolo de força e saúde econômica, perde valor a olhos vistos; a casa própria, um dos sonhos americanos, perde preço no mercado imobiliário; e o salário é corroído por uma inflação de 5,6% ao ano e pelo aumento do desemprego.

O ESTADO DE S. PAULO,  
24 ago. 2008 (Adaptação).

Assinale a alternativa em que se apresenta o motivo de uso do ponto e vírgula no trecho e em que há uma frase na qual ele deve ocorrer.

- A) Enumeração de informações.  
A vida de Obama tem muito dos romances de John Steinbeck: a mãe que vivia “batendo asas” o pai um homem emblemático e ausente o avô materno que se criou na cidade de El Dorado no Kansas.
- B) Seriação de coisas.  
Obama foi criado na Indonésia e no Havaí países em que frequentou escolas e mais tarde aterrissou em Chicago.
- C) Interrupção de ideias.  
O senador John McCain candidato republicano frequentou mais de uma dezena de escolas porque seu pai um almirante era transferido com frequência.
- D) Suspensão do pensamento.  
Descrever Obama como um desenraizado como pretendem alguns leva a perguntar o que é ser desenraizado.
- E) Pausa entre as ideias.  
Tendo sido um migrante por causa da carreira de meu pai John McCain acabei me tornando um andarilho por vontade própria.

**03.** (IFPE) Quanto à pontuação, leia as proposições seguintes:

- I. Em “Não sei se alguém, algum dia, por farrá ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua”, as vírgulas delimitam o adjunto adverbial de tempo e de causa respectivamente.
- II. Em “usa-se qualquer coisa que role”, a ausência de vírgula antes do “que” dá ideia de explicação.
- III. Em “[...] seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa”, a vírgula antes do “que” restringe, especifica quem é “o irmão menor”.
- IV. Em “Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor”, as vírgulas separam os núcleos do sujeito composto desse período.
- V. Em “Se a bola dobrar a esquina é córner”, deveria haver uma vírgula separando a oração subordinada da principal.

Estão corretas apenas

- A) I e II.  
B) II, III e IV.  
C) II, IV e V.  
D) III, IV e V.  
E) I e V.

**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões **04** e **05**.

### Com o outro no corpo, o espelho partido

O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu cachorro em Amiens, na França.

Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante (ainda que parcial) que altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede (**ref. 1**) – não é tão absoluto: o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. A cultura contemporânea do narcisismo\*, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não considera que o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa "identidade". O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. O personagem Robinson Crusoe do livro *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*, de Michel Tournier, perde a noção de sua identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um ser humano. No início do romance, o naufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz do estranho, familiar, trabalhando para "civilizar" a ilha e representando diante de si mesmo o papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento degrada sua humanidade.

A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que não seja a "sua", vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda assim confirmar que ela continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que renasceu daquela operação.

KEHL, Maria Rita. Disponível em: folha.uol.com.br.

*\*narcisismo – amor do indivíduo por sua própria imagem*

- 04.** (UERJ) "Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede"

O fragmento introduzido pelo travessão especifica o sentido de espelho. Além da função de especificar o sentido de uma palavra, esse fragmento também cumpre, no parágrafo, o papel de

- A) antecipar emprego diferenciado do termo.
- B) limitar usos atuais do discurso da ciência.
- C) contradizer antiga expectativa do leitor.
- D) indicar opinião implícita da autora.

- 05.** (UERJ) "É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável."

Em relação à declaração feita antes dos dois-pontos, o trecho sublinhado possui valor de

- A) condição.
- B) conclusão.
- C) explicação.
- D) comparação.

- 06.** (UEG-GO-2019) A cidade é um direito coletivo em emergência. No contexto da retomada das ideias de Henri Lefebvre sobre esse tema e da emergência de uma série de movimentos sociais no mundo inteiro, assistimos atualmente a uma crescente reivindicação do direito de ocupar e reinventar a cidade, de modo a torná-la efetivamente democrática. Como podemos, portanto, definir esse direito?

A cidade, escreveu certa vez o famoso sociólogo urbano Robert Park, é "a tentativa mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedida de refazer o mundo em que o homem vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade o homem recriou a si mesmo".

Para Park, a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são os nossos valores estéticos.

Nessa perspectiva, o direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade, de forma que ela atenda aos desejos mais profundos e às necessidades mais prementes do ser humano. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e às nossas cidades é um dos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 28-30 (Adaptação).

Considere o seguinte fragmento:

"Nessa perspectiva, o direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade, de forma que ela atenda aos desejos mais profundos e às necessidades mais prementes do ser humano."

O uso do sinal de dois pontos (:), nesse trecho, tem a função de

- A) intercalar um segmento vocativo.
- B) introduzir um trecho explicativo.
- C) sinalizar uma enumeração de itens.
- D) marcar a inserção de um discurso direto.
- E) separar a oração principal da subordinada.

**07.** (UNIFESP–2020) Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar, para responder à questão.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

*O imaginário cotidiano.* 2002.

Tendo em vista a ordem inversa da frase, verifica-se o emprego de vírgula para separar um termo que exerce a função de sujeito em:

- A) “Deu-lhe muito trabalho, aquilo.” (4º parágrafo)
- B) “Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar.” (6º parágrafo)
- C) “Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.” (5º parágrafo)
- D) “Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.” (3º parágrafo)
- E) “Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana.” (4º parágrafo)

**08.** (UNIFESP) A questão focaliza uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça* do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (*assentando-se*): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (*lendo*): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. “Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher”.

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

PENA, Martins. *Comédias* (1833-1844). 2007.

O emprego das aspas no interior da fala do escrivão indica que tal trecho

- A) reproduz a solicitação de Francisco Antônio.
- B) recorre a jargão próprio da área jurídica.
- C) reproduz a fala da mulher de Francisco Antônio.
- D) é desacreditado pelo próprio escrivão.
- E) deve ser interpretado em chave irônica.



### O amigo da casa

A própria menina se prende muito a ele, que ainda lhe trouxe a última boneca, embora agora ela se ponha mocinha: encolhe-se na poltrona da sala sob a luz do abajur e lê a revista de quadrinhos. Ele é alemão como o dono da casa. Tem apartamento no hotel da praia e joga tênis no clube, saltando com energia para dentro do campo, a raquete na mão. Assiste às partidas girando no copo de uísque os cubos de gelo. É o amigo da casa. Depois do jantar, passeia com a mãe da menina pelo caminho de pedra do jardim: as duas cabeças – a loira e a preta de cabelos aparados – vão e vêm, a dele já com entradas da calva. Ele chupa o cachimbo de fumo cheiroso, que o moço de bordo vai deixar no escritório.

O dono da casa é Seu Feldmann. Dirige o seu pequeno automóvel e é muito delicado. Cumprimenta sempre todos os vizinhos, até mesmo os mais canalhas como Seu Deca, fiscal da Alfândega.

Seu Feldmann cumprimenta. Bate com a cabeça. Compra marcos a bordo e no banco para a sua viagem regular à Alemanha. Viaja em companhia do comandante do cargueiro, em camarote especial. Então respira o ar marítimo no alto do convés, os braços muito brancos e descarnados, na camisa leve de mangas curtas.

A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia do outro, que é o amigo da casa, e da menina.

Saem os dois à noite e ele para o seu próprio automóvel sob os coqueiros na praia. Decerto brigaram mais uma vez, porque ela volta para casa de olhos vermelhos, enrolando nos dedos o lençinho bordado. Recolhe-se a seu quarto (ela e seu Feldmann dormem em quartos separados). Trila o apito do guarda. Os faróis do automóvel na rua pincelam de luz as paredes, tiram reflexo do espelho. Ela permanece insone: o vidro de sua janela é um retângulo de luz na noite.

CAMPOS, Moreira. In: *Obra completa* – contos II. 1969. p. 120-122. Originalmente publicado na obra *O puxador de terço* (Adaptação).

Atente ao trecho recortado do conto e marque a opção correta:

“A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia do outro, que é o amigo da casa, e da menina.”

- A) Reescrito da seguinte maneira, isto é, eliminando-se a vírgula que vem depois do vocábulo “casa”, o trecho não teria o mesmo sentido: A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia do outro, que é o amigo da casa e da menina.
- B) As duas orações seguintes: “de onde ela desce aos domingos em companhia do outro” e “Que é o amigo da casa, e da menina” restringem o sentido de “o sítio da serra” e de “o outro”.
- C) O enunciado “A fortuna de origem é da mulher” tem o mesmo significado e as mesmas conotações deste outro enunciado: A origem da fortuna é a mulher.
- D) Incorreria em erro (pelos parâmetros da Gramática Normativa) a pessoa que pusesse uma vírgula depois de “domingos”, em “o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos, em companhia do outro”.

## 10. (UERJ–2020)

### Meu irmão, Ntunzi

[...]

Meu irmão Ntunzi vivia num só sonho: escapar de Jerusalém.<sup>1</sup> Ele conhecera o mundo, vivera na cidade, lembrava-se da nossa mãe. Tudo isso eu invejava nele. Vezes sem conta lhe pedia que me desse notícias desse universo que eu desconhecia e, de cada vez, ele se demorava em detalhes, cores e iluminações.

Os seus olhos brilhavam, crescidos de sonhos. Ntunzi era o meu cinema.

Por incrível que pareça, quem o encorajara na arte de contar histórias tinha sido o nosso pai. Silvestre achava que uma boa história era uma arma mais poderosa que fuzil ou navalha. Mas isso tinha sido antes da nossa chegada a Jerusalém. Naquele tempo, ante as queixas de conflitos na escola, Silvestre incentivava Ntunzi: “Se te ameaçam de pancada, responde com uma história”.

– *O pai falava assim?* – perguntei, surpreso.

– *Falava.*

– *E resultou?* – perguntei.

– *Fartei-me de apanhar.*

Sorriu. Mas era um riso triste porque a verdade é que, no presente, que história haveria para inventar? Que história pode ser criada sem lágrima, sem canto, sem livro e sem reza? Meu irmão cinzenteava-se, envelhecendo a olhos vistos. Certa vez, ele se lamentou de modo estranho:

– *Neste mundo existem os vivos e os mortos. E existimos nós, os que não temos viagem.*

Ntunzi sofria porque se lembrava, tinha termos de comparação. Para mim, aquela reclusão era menos penosa: eu nunca tinha saboreado outras vivências.<sup>2</sup>

[...]

<sup>1</sup> Meu irmão Ntunzi vivia num só sonho: escapar de Jerusalém.

<sup>2</sup> Para mim, aquela reclusão era menos penosa: eu nunca tinha saboreado outras vivências.

Em (1) e (2), os dois-pontos ligam orações de um período composto, um recurso recorrente no romance. Explique o papel coesivo desse sinal de pontuação em cada um dos períodos citados.

## SEÇÃO ENEM

### 01. (Enem–2020)

#### O ouro do século 21

Cério, gadolínio, lutécio, promécio e érbio; sumário, térbio e disprósio; hólmio, túlio e itérbio. Essa lista de nomes esquisitos e pouco conhecidos pode parecer a escalação de um time de futebol, que ainda teria no banco de reservas lantânio, neodímio, praseodímio, európio, escândio e ítrio. Mas esses 17 metais, chamados de terras-raras, fazem parte da vida de quase todos os humanos do planeta. Chamados por muitos de “ouro do século 21”, “elementos do futuro” ou “vitaminas da indústria”, eles estão nos materiais usados na fabricação de lâmpadas, telas de computadores, *tablets* e celulares, motores de carros elétricos, baterias e até turbinas eólicas. Apesar de tantas aplicações, o Brasil, dono da segunda maior reserva do mundo desses metais, parou de extraí-los e usá-los em 2002. Agora, volta a pensar em retomar sua exploração.

SILVEIRA, E. Disponível em: [www.revistaplaneta.com.br](http://www.revistaplaneta.com.br). Acesso em: 6 dez. 2017 (Adaptação).



As aspas sinalizam expressões metafóricas empregadas intencionalmente pelo autor do texto para

- A) imprimir um tom irônico à reportagem.
- B) incorporar citações de especialistas à reportagem.
- C) atribuir maior valor aos metais, objeto da reportagem.
- D) esclarecer termos científicos empregados na reportagem.
- E) marcar a apropriação de termos de outra ciência pela reportagem.

- 02.** (Enem) O homem disse, Está a chover, e depois, Quem é você, Não sou daqui, Anda à procura de comida, Sim, há quatro dias que não comemos, E como sabe que são quatro dias, É um cálculo, Está sozinha, Estou com o meu marido e uns companheiros, Quantos são, Ao todo, sete; Se estão a pensar em ficar conosco, tirem daí o sentido, já somos muitos, Só estamos de passagem, Onde vêm, Estivemos internados desde que a cegueira começou, Ah, sim, a quarentena, não serviu de nada. Porque diz isso, Deixaram-nos sair, Houve um incêndio e nesse momento percebemos que os soldados que nos vigiavam tinham desaparecido, E saíram, Sim, Os vossos soldados devem ter sido dos últimos a cegar, toda a gente está cega, Toda a gente, a cidade toda, o país,

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras. 1995.

A cena retrata as experiências das personagens em um país atingido por uma epidemia. No diálogo, a violação de determinadas regras de pontuação

- A) revela uma incompatibilidade entre o sistema de pontuação convencional e a produção do gênero romance.
- B) provoca uma leitura equivocada das frases interrogativas e prejudica a verossimilhança.
- C) singulariza o estilo do autor e auxilia na representação do ambiente caótico.
- D) representa uma exceção às regras do sistema de pontuação canônica.
- E) colabora para a construção da identidade do narrador pouco escolarizado.

- 03.** (Enem) Quem procura a essência de um conto no espaço que fica entre a obra e seu autor comete um erro: é muito melhor procurar não no terreno que fica entre o escritor e sua obra, mas justamente no terreno que fica entre o texto e seu leitor.

OZ, A. *De amor e trevas*.

São Paulo: Cia. das Letras. 2005. [Fragmento]

A progressão temática de um texto pode ser estruturada por meio de diferentes recursos coesivos, entre os quais se destaca a pontuação. Nesse texto, o emprego dos dois pontos caracteriza uma operação textual realizada com a finalidade de

- A) comparar elementos opostos.
- B) relacionar informações gradativas.
- C) intensificar um problema conceitual.
- D) introduzir um argumento esclarecedor.
- E) assinalar uma consequência hipotética.

## SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



### GABARITO

Meu aproveitamento

#### Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. 01 + 08 + 32. Soma = 41.
- 02. (2) (1) (1) (5) (3) (4)
- 03. (2) (1) (1)
- 04. A

#### Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. E
- 02. A
- 03. E
- 04. A
- 05. C
- 06. B
- 07. A
- 08. A
- 09. A
- 10. Como corretamente apontado no enunciado, nesse romance, é recorrente o uso dos dois-pontos ligando orações de um período composto. Isso acontece nos dois trechos em análise, com objetivos diferentes. No primeiro, os dois-pontos marcam a pausa entre o termo "sonho" e a oração que o explica, ou seja, o aposto. Assim, eles têm função explicativa. No segundo trecho, da mesma forma, o sinal ocupa o lugar da conjunção explicativa pois (ou porque), deixando subentendida a noção de causa / explicação: a causa da reclusão ser menos penosa para o narrador é o fato de que ele nunca tinha saboreado outras vivências.

#### Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. C
- 02. C
- 03. D



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Romantismo

### O CONTEXTO DAS ARTES ROMÂNTICAS



*Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.*

Castro Alves

O Romantismo e o Neoclassicismo coexistiram entre o fim do século XVIII e meados do século XIX, o que proporcionou aos artistas a produção nos dois estilos. É possível, no entanto, identificar algumas características claras que opõem as duas escolas. Nesse sentido, seria possível traçar o seguinte quadro distintivo:

Neoclassicismo	Romantismo
Ligado à arte greco-romana e ao Renascimento	Ligado à arte cristã medieval e ao gótico
Universalismo	Nacionalismo
Natureza decorativa: a relação com a natureza é clara e positiva	Natureza expressiva: a natureza é uma força misteriosa, frequentemente hostil e se impõe ao indivíduo
Indivíduo integrado ao ambiente natural	Isolamento

No Romantismo, o retorno ao passado medieval se manifestou em várias vertentes artísticas. Na literatura, por exemplo, essa característica está presente no clássico *O corcunda de Notre-Dame*, de Victor Hugo. Na arquitetura, é possível verificar o renascimento das catedrais góticas, com o verticalismo revelado por suas torres pontiagudas que se projetam para o alto em sinal de espiritualização e transcendência, o que rompe com as características neoclássicas típicas: a materialidade e a racionalidade. Ainda em contrariedade com a arquitetura neoclássica, que apresenta características universais, a arquitetura neogótica varia de acordo com o lugar em que se encontra, refletindo as tradições e os costumes de cada localidade da Europa, incorporando elementos dos respectivos países e tornando-se símbolo patriótico. Esse é o caso, por exemplo, da Catedral de Colônia, na Alemanha. A construção, iniciada em 1248 e só concluída em 1880, nesse movimento de resgate gótico, é vista como o “baluarte ideal de defesa, sobre o Reno, da nação alemã”, conforme nos lembra o estudioso Giulio Carlo Argan.



Tobi 87 / Creative Commons

*Catedral de Colônia, Alemanha.*

É na pintura romântica, no entanto, que o nacionalismo se mostra com mais vigor. Um dos quadros mais significativos do Romantismo é, sem dúvida, *A Liberdade guiando o povo*, de Eugène Delacroix, inspirado na revolução de 1830, a qual tinha o objetivo de derrubar o rei Carlos X, que havia revivificado o absolutismo monárquico, restituindo o direito divino à dinastia dos Bourbon e os privilégios à aristocracia.



DELACROIX, Eugène. *A Liberdade guiando o povo*. 1830. Óleo sobre tela, 260 x 325 cm. Museu do Louvre, Paris.

Nesse quadro, a liberdade é representada por meio de uma alegoria: uma mulher que conduz o povo em sua luta. A ideia de liberdade, nesse caso, é associada à independência nacional; em outras palavras, a liberdade equivale à própria nação ou ao sentimento por ela expresso. Note que a figura feminina que a representa porta uma bandeira da França, o que evidencia o traço nacionalista da obra. O povo que luta pela liberdade reúne intelectuais burgueses (o homem de cartola) e os membros da plebe, pessoas de todas as idades e estratos sociais, o que revela que, naquele momento em particular, todas as diferenças são postas de lado em benefício de um objetivo comum: libertar a França do despotismo dos Bourbon.

É interessante observar o paradoxo presente na figura de Delacroix. Ele assume uma postura revolucionária diante dos benefícios da classe aristocrática, mas fecha os olhos à incipiente conscientização do operariado. Quando, em 1848, a classe trabalhadora se insurge contra a burguesia, o pintor adquire um discurso contrarrevolucionário. Esse é o comportamento, de certa forma, generalizado entre os membros da alta burguesia, o que mostra que a ideia do “povo irmanado pelo estandarte tricolor”, registrada no quadro de Delacroix, é frágil, só dura até começarem a aparecer as divergências internas.

Ainda sobre o contexto histórico que é pano de fundo não só da obra de Delacroix, mas do Romantismo europeu como um todo, destaca-se a Revolução Francesa como um dos eventos decisivos para a mudança da cena europeia. Os ideais que nortearam o movimento que culminou na queda da Bastilha foram responsáveis por uma revisão de valores da sociedade da época. Nesse sentido, a tomada da Bastilha representava, sobretudo, uma vitória do povo, que, organizado, foi capaz de mudar os rumos da história. Um dos desdobramentos imediatos aos acontecimentos foi a elaboração de uma nova constituição que dava relevo ao conceito de **cidadão**. Se, no plano político e econômico, a criação dos direitos elementares dessa nova sociedade foi essencial para promover a autonomia da burguesia – que se colocava como porta-voz do povo –, no plano artístico, o **indivíduo** e o **individual** emergem como elementos básicos das produções culturais. A fim de romper com os padrões artísticos relacionados à nobreza deposta, a burguesia encontra, na estética romântica de valorização do “eu”, a oportunidade de criar referências adequadas para promover a identidade dessa classe em ascensão.

Outro grande expoente do chamado Romantismo histórico é o espanhol Francisco de Goya. Assim como Jacques-Louis David, estudado no módulo de Neoclassicismo, Goya também se ocupou em pintar cenas e personagens históricos, mas com uma abordagem inversa: David era um pintor do belo, enaltecia os eventos e as personalidades que retratava, atribuindo-lhes ares heroicos; em Goya, não há espaço para a beleza, o seu foco é na tragédia, pessoal e coletiva, que desnuda o terror das guerras e os vícios de caráter da realeza (Goya acentua os traços dos rostos dos nobres que pinta para evidenciar-lhes a tolice e a depravação).

Um dos de seus quadros mais famosos é o *Três de maio de 1808*, que retrata o fuzilamento de membros da resistência espanhola por tropas napoleônicas que invadiram o país.



GOYA, Francisco de. *Três de maio de 1808*. 1814. Óleo sobre tela, 266 x 345 cm. Museu do Prado, Madrid.

Nesse momento, segundo o teórico Giulio Argan, Goya se põe ao lado da nação espanhola, mas a sua ênfase ainda é o terror:

*O Fuzilamento (1808)* é um quadro realista, documenta a repressão impiedosa dos movimentos antifranceses de maio: como seria hoje uma reportagem fotográfica a respeito das atrocidades do Vietnã. Os soldados não têm rosto, são marionetes uniformizadas, símbolos de uma ordem que é, pelo contrário, violência e morte [...] Nos patriotas que morrem, não há heroísmo, pelo menos não no sentido classicista de David, mas fanatismo e terror. A história como carnificina, como catástrofe. [...] A destruição se cumpre no halo amarelo de uma enorme lanterna cúbica, “eis a luz da razão”, enquanto ao redor está a escuridão de uma noite como todas as outras e a cidade adormecida.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. p. 41.

Esse caráter documental da obra de Goya fez com que ele fosse exemplo não apenas para outros românticos, mas também para os realistas.

No Brasil, os principais responsáveis pela construção dos ícones da memória nacional são os pintores Victor Meirelles e Pedro Américo. Iniciados no Neoclassicismo, esses pintores defendiam a ideia de que deveriam se espelhar nos modelos europeus para recriar as temáticas locais. É assim que Victor Meirelles, com base na obra de Horace Vernet (1789-1863), *A primeira missa em Kabylie*, pinta o seu quadro *A primeira missa no Brasil*. Nessa obra, o pintor recria o momento da primeira celebração religiosa ocorrida no Brasil, tal como ela havia sido descrita pela *Carta* de Caminha.



Segundo a estudiosa Maraliz de Castro, a cena, retratada com grande leveza, mostra um encontro pacífico entre católicos e pagãos, como se a conversão dos gentios fosse um processo natural. Os indígenas e a natureza são despojados de seus traços particulares – não é possível identificar a qual tribo os nativos pertencem nem as características da vegetação nordestina – para comporem uma idealização. A tela original possui 9 m<sup>2</sup>, de modo que o espectador tem a impressão de estar imerso na cena que se desenrola diante de si, de presenciá-la.



MEIRELLES, Victor. *A primeira missa no Brasil*. 1861. Óleo sobre tela, 268 x 356 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Assim como Meirelles, também Pedro Américo buscou referência em um modelo europeu, o quadro *Friedland*, de Jean-Louis Ernest Meissonier (1815-1891), para pintar o seu *Independência ou Morte*. Essa obra, produzida em 1888, tenta reconstruir a cena da Proclamação da Independência do Brasil, no intuito de glorificar o momento histórico e, junto com ele, a dinastia de Bragança, personificada na figura de Dom Pedro I, retratado de forma heroica, em um momento já de plena decadência do Segundo Reinado. Segundo Maraliz de Castro, “era necessário lembrar, num momento de pressão republicana, o quanto os brasileiros eram devedores da casa dos Bragança”. O grito do Ipiranga, tal como se apresenta no quadro de Pedro Américo, é a visão que predomina no imaginário coletivo, quando se fala em Independência do Brasil, ainda que o evento, na realidade, tenha sido bastante distinto. Isso evidencia a importância dessa obra para a construção do mito nacional.



AMÉRICO, Pedro. *Independência ou morte (O grito do Ipiranga)*. 1888. Óleo sobre tela, 415 x 760 cm.

É em torno dessa idealização da Independência que se estruturam as primeiras manifestações do movimento romântico no Brasil. A vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro e a consequente Independência, em 1882, foram eventos que impactaram a vida cultural brasileira. Nesse contexto, primeiramente, é preciso destacar que, na tentativa de modernizar e de “civilizar” a até então colônia portuguesa, D. João VI incentiva algumas missões estrangeiras compostas de artistas e de cientistas, que tinham, dentre outros objetivos, a intenção de documentar as características do novo reino. O pintor Jean-Baptiste Debret, por exemplo, foi um dos responsáveis por catalogar, por meio de telas e de ilustrações, espécimes da flora e da fauna brasileira, além de ter sido quem desenhou o losango amarelo e o retângulo verde presentes até hoje na bandeira do Brasil.



DEBRET, Jean-Baptiste. *Família guarani capturada por caçadores de índios*. 1830.



Bandeira brasileira desenhada por Debret, provavelmente em 1821.

Dentre as iniciativas civilizatórias, a Missão Artística Francesa e a Austríaca plantaram aquela que seria a primeira semente do nosso Romantismo, pois elegeram os indígenas e a natureza como aqueles elementos que melhor representariam a identidade brasileira. Esses símbolos foram acolhidos, posteriormente, pelos intelectuais brasileiros na tentativa de criar uma consciência de **nação** e de valorização da **cor local**.

A terceira característica do Romantismo nas artes visuais diz respeito à hostilidade da natureza. Esse elemento encontra sua melhor expressão na obra do inglês Joseph William Turner, que pinta a natureza bela e perigosa dos vulcões, das marés, dos abismos e das tempestades. Cenas de desastres naturais são representadas por meio de traços imprecisos e difusos, o que fará com que Turner se torne, futuramente, uma fonte de inspiração para os impressionistas. Alguns críticos postulam que o caos da paisagem e das pinceladas frenéticas nada mais são do que um reflexo da perturbação e da desordem interiores do eu romântico. Logo, os cenários naturais configuram-se como locais sombrios, o que remete à expressão latina *locus horrendus* (local horrendo), que traduzem o estado de espírito das personagens românticas.



TURNER, William. *Erupção do Vesúvio*. 1817. Óleo sobre tela, 28 x 39 cm.



FRIEDRICH, Caspar David. *O viajante sobre o mar de névoa*. 1818. Kunsthalle, Hamburgo.

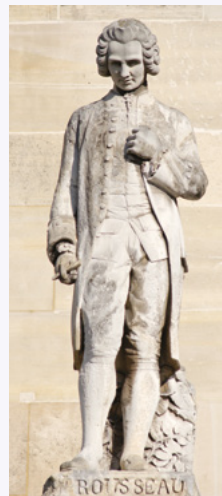
A obra do pintor alemão ilustra um dos principais traços do Romantismo: o isolamento.



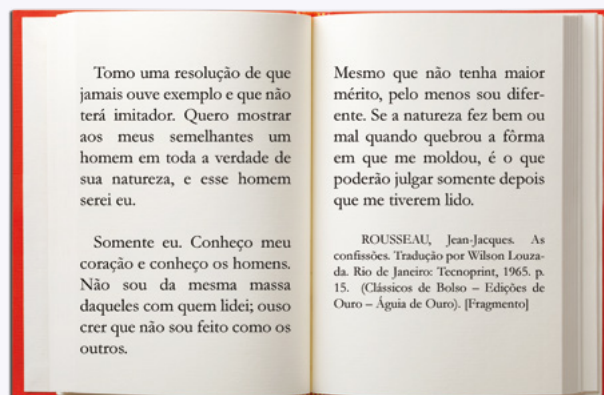
## TÁ NA MÍDIA

### O olhar do homem romântico

O ideário romântico sobre o mundo perpassa não só a literatura e as outras artes, como também a filosofia. Na literatura, um dos marcos do Romantismo é a publicação, em 1774, de ***Os sofrimentos do jovem Werther***, do escritor alemão Goethe.



É antes, no entanto, com Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e com a publicação póstuma de suas ***Confissões*** (1782), que esse culto do "eu" é consolidado e se torna um paradigma da modernidade. Isso porque a autobiografia revela, com transparência, as memórias do pensador, incluindo episódios considerados vergonhosos para a época. Esses escritos constroem um autorretrato de um homem que se diz inigualável a outro, pois é definido, particularmente, por ímpetos e por paixões que o distinguem. Assim, ***As Confissões*** realça a importância da experiência subjetiva diante do mundo – pensamento que nortearia a maioria dos romances românticos e, conseqüentemente, agradaria o público leitor burguês, agora também representado na literatura. Veja como a abertura de sua obra já dá o tom individualizado de seu texto e deseja caracterizar o autor como alguém dotado de genialidade e de originalidade:







### PARA REFLETIR

Na contemporaneidade, essa experiência subjetiva e o mito da genialidade do artista ainda são aproveitados de maneira excessiva nos objetos culturais. Pense, por exemplo, em como o cinema explora personagens egocêntricos e sentimentais ou em como a vida do artista de que você gosta é exposta à exaustão nas mídias sociais de modo que ela se torna mais famosa que sua própria obra.

Ainda acerca dessa angústia interior, pontua-se que ela, em certa medida, é um sintoma do sentimento de inadequação do homem romântico diante das mudanças trazidas pelo Iluminismo e pela cultura da racionalidade. Voltar-se para si, dessa maneira, é uma manifesta vontade dos artistas perante a mentalidade de valorização do coletivo e do progresso industrial e capitalista em detrimento do indivíduo. Esse conflito é evidenciado na tentativa de, por meio da arte, fugir da realidade, seja por meio da invenção de paraísos perdidos ou do movimento de volta ao passado, seja a partir da idealização da morte, tendo em vista que esta seria uma possibilidade de fuga. A essa característica deu-se o nome de **escapismo**. Veja nestes versos da poeta norte-americana Emily Dickinson (1830-1886) como a morte é colocada pelo eu lírico como solução, um remédio, para escapar da dor de viver.

O coração pede primeiro prazer,  
E então, escape da dor,  
E então, as pequenas aspirinas  
Que amortecem o sofrimento;

E então, ir dormir;  
E então, se assim tem que ser,  
A vontade do Inquisitor  
A liberdade de morrer

DICKINSON, Emily. IX. In: *The complete poems of Emily Dickinson*. Edited by Thomas H. Johnson. Boston: Little, Brown and Company, 1961. Tradução de Fernanda Maccari Guollo e Gladir da Silva Cabral. In: *A visão de Emily Dickinson sobre a morte: Muito além do sentimentalismo*. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/iniciacaocientifica/article/view/179>. Acesso em: 19 out. 2019.

## As fases e as tendências do Romantismo brasileiro

Inicialmente, é preciso salientar que a divisão do Romantismo brasileiro em três fases é uma classificação utilizada para a poesia. Assim, os historiadores da literatura classificam os poetas românticos como aqueles pertencentes à Primeira, Segunda e Terceira fases, o que não se aplica, contudo, aos autores de prosa.

Portanto, este módulo, primeiramente, apresentará as particularidades de cada uma das fases da poesia e, posteriormente, fará um panorama da prosa romântica no Brasil, organizando-a segundo suas diferentes tendências. A divisão em fases se configura enquanto uma metodologia que distingue características em relação ao conteúdo, à forma e à cronologia de forma sistemática. O mesmo não se aplica às tendências, que se categorizam de acordo com elementos temáticos e de forma dispersa.

## A POESIA ROMÂNTICA NO BRASIL



### Primeira Geração

O projeto literário dessa primeira geração, em linhas gerais, é caracterizado pelo desejo de afirmação da identidade brasileira por meio da criação e da divulgação de símbolos nacionais – sobretudo, o indígena e a natureza. A primeira obra poética de caráter romântico no Brasil foi publicada em 1836, por Gonçalves de Magalhães, e se intitulou *Suspiros poéticos e saudades*. Nesse livro, podem-se perceber as influências da literatura francesa e o anúncio de assuntos relevantes na poesia romântica brasileira, bem como a inauguração de uma tradição na literatura brasileira que é alicerçada nos temas do exílio e da relação com a pátria:

Oh lira do meu exílio,  
Da Europa as plagas deixemos;  
Eu te darei novas cordas,  
Novos hinos cantaremos.  
Adeus, oh terras da Europa!  
Adeus, França, adeus, Paris!  
Volto a ver terras da Pátria, Vou morrer no meu país.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *Suspiros poéticos e saudades*. p. 165. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/suspiros\\_poeticos.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/suspiros_poeticos.pdf). [Fragmento]

Se, na conhecida “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, o exílio é motivo de lamento, aliado ao enaltecimento da paisagem brasileira, no poema de Gonçalves de Magalhães, identifica-se um tom otimista, já que há a promessa de retorno à pátria.

Além de Gonçalves de Magalhães, outro significativo poeta introdutor do Romantismo no país foi Manuel de Araújo Porto-Alegre. Ambos pretenderam construir uma literatura de tom nacionalista e idealizado, aspectos adequados para legitimar a Independência do Brasil, conquistada em 1822. Entretanto, foi com Gonçalves Dias que efetivamente se construiu a mais significativa escrita poética preocupada em representar a natureza e a origem do povo brasileiro, o que culminaria em uma estética da cor local e do indianismo.

São chamados **indianistas** ou **nativistas** as produções artísticas que tinham como propósito a divulgação dessas referidas imagens como modo de definir a identidade brasileira.

Em 1846, ao publicar *Primeiros Cantos*, Gonçalves Dias anuncia a nova ideologia romântica, que lutaria pela liberdade formal (fugindo à regularidade métrica do Classicismo tão cultuada pelos árcades) e pela pluralidade temática, inclusive no que diz respeito à representação da paisagem (novamente se vê uma oposição aos poetas do Neoclassicismo, que construíam os ambientes bucólicos com base na cópia do cenário da Arcádia, ou seja, desconsiderando, em grande parte, os aspectos locais).

Leia, a seguir, um comentário do autor ao seu primeiro livro, em que se pode perceber a apropriação de técnicas da poesia portuguesa, porém retrabalhadas segundo o interesse poético do autor brasileiro. Repare que, nesse pequeno gesto, há um propósito de distanciamento de modelos europeus e, ainda que um pouco ao acaso, a criação de um estilo próprio, a ser pensado posteriormente como um estilo nacional.

Dei o nome de *Primeiros Cantos* às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas – debaixo de céu diverso.

DIAS, Gonçalves. *Primeiros Cantos*. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 47. [Fragmento]

O mais famoso poema do Romantismo brasileiro, “Canção do exílio”, foi publicado na primeira parte dos *Primeiros Cantos*, denominada “Poesias Americanas” – título que evidencia a necessidade de cantar a nova América que se tornava independente. A exaltação à terra natal, em oposição ao cenário estrangeiro, é a grande preocupação de Gonçalves Dias, como exemplifica o canônico poema:

#### Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite –  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu’inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

DIAS, Gonçalves. *Primeiros Cantos*.  
In: *Grandes poetas românticos do Brasil*.  
5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 48.

O aspecto nacionalista da “Canção do exílio” legitimou, inclusive, o fato de o poema ser parafraseado por Osório Duque Estrada quando compôs o Hino Nacional brasileiro. A exaltação da pátria brasileira, feita de modo grandiloquente e entusiasta, consagrou o **caráter ufanista** dos autores da Primeira Fase do Romantismo, como exemplifica a anáfora da expressão “tem mais” na elaboração do poema de Gonçalves Dias: o Brasil “tem mais estrelas”, “tem mais flores”, “tem mais vida”, “tem mais amores”, repetição que se agrega à outra anáfora, do pronome possessivo “nosso”, que salienta o orgulho do sentimento coletivo despertado pela nação.

O contraponto entre o nacional e o estrangeiro faz com que este seja preterido em relação àquele. O “outro” é ínfimo em relação à grandiosidade e à beleza da paisagem nacional. O poema procura retratar, justamente, a angústia do eu poético por estar na Europa (aqui), desejoso por regressar à sua pátria (lá). Ao desejar revisitá-la (“Não permita Deus que eu morra / sem que eu volte para lá”), a voz poética lembra-se da perfeição e do encantamento da terra natal em contraposição ao ambiente estrangeiro, no qual vive o martírio de um exílio que não lhe permite desfrutar o cenário nacional.

A relevância da “Canção do exílio” na literatura brasileira justifica-se não só pelo seu conteúdo nacionalista, mas também pela estrutura do texto, constituída de musicalidade. A presença das rimas alternadas, que se realizam em quase todas as estrofes com as palavras “sabiá”, “lá” e “cá”, aliadas às aliterações presentes em “palmeiras” e “primores” e ao ritmo melódico propiciado pela métrica das redondilhas maiores (versos de sete sílabas), confere uma grande sonoridade ao texto, o que justifica o título (afinal, o leitor está diante de uma “Canção”). Além disso, a ausência de adjetivos na construção do poema reitera a essência da nação descrita. As qualidades brasileiras são substantivadas, o que demonstra a importância e a vitalidade dos elementos que constituem o país.

A poética de Gonçalves Dias não se restringiu ao “sabiá” e às “palmeiras” para cantar o país. O índio foi outro importante ícone empregado para a construção de uma identidade nacional idealizada. No entanto, o indígena do Romantismo não era retirado da própria historiografia ou da realidade nacional, mas das páginas da literatura europeia, principalmente a partir da figura do “Bom Selvagem” divulgada por Rousseau. De acordo com o filósofo, todos os seres humanos são bondosos por natureza, mas a vida em sociedade é responsável por diferenciar as pessoas e, na maioria das vezes, por corrompê-las. Veja este trecho de o “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”:

O homem não é bom nem mau, ignora tanto as virtudes e os vícios. O estado da natureza é mais vantajoso para ele e lhe proporciona mais felicidade do que o estado social. [...] O homem é naturalmente indulgente; a piedade é um movimento da natureza, anterior a qualquer reflexão.

ROUSSEAU, J. J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: *Discurso sobre as ciências e as artes*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 17.

Inúmeros poemas de Gonçalves Dias, produzidos desde o primeiro até o último de seus livros, buscaram cantar a bravura do indígena, que muitas vezes se portava como um legítimo cavaleiro medieval. Exemplos disso são os textos “O canto do guerreiro”, “O canto do piaga”, “O canto do índio”, “Deprecação”, “Marabá”, “O gigante de pedra”, “Canção do Tamoio”, “Leito de folhas verdes” e “I-Juca-Pirama” – o mais conhecido poema indianista do Romantismo brasileiro.

“I-Juca-Pirama”, que, em tupi, significa “O que há de ser comido”, é um poema épico no qual Gonçalves Dias canta a força, a dignidade e a honra dos indígenas, principalmente nas leis culturais que concernem ao ato da antropofagia – visto inicialmente pelos europeus como um gesto bárbaro e animalesco. Esse ato foi reinterpretado pelos românticos, que demonstraram o lado cultural do rito, em que o outro é devorado não por fome, mas por assimilação do “maná”, das características identitárias do inimigo.

Acreditava-se, assim, que, ao se comer a carne, absorviam-se também a resistência física, a virilidade, a coragem e as atitudes heroicas do indígena devorado. O poema de Gonçalves Dias inicia-se justamente com a descrição dos preparativos que os timbiras fazem para a devoração do indígena tupi, que fora capturado por eles (Cantos I e II).

Por casos de guerra caiu prisioneiro  
Nas mãos dos Timbiras: – no extenso terreiro  
Assola-se o teto, que o teve em prisão;  
Convidam-se as tribos dos seus arredores,  
Cuidosos se incumbem do vaso das cores,  
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,  
Entesa-se a corda de embira ligeira,  
Adorna-se a maça com penas gentis:  
A custo, entre as vagas do povo da aldeia  
Caminha o Timbira, que a turba rodeia,  
Garboso nas plumas de vário matiz.

Entanto as mulheres com leda trigança,  
Afeitadas ao rito da bárbara usança,  
O índio já querem cativo acabar:  
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,  
Brilhante enduápe\* no corpo lhe cingem,  
Sombreira-lhe a fronte gentil canitar\*.

DIAS, Gonçalves. *I-Juca-Pirama*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. p. 2. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/jucapirama.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/jucapirama.pdf). [Fragmento]

\*Enduápe: peça de penas usada para cobrir a área do sexo.

\*Canitar: enfeite de penas usado na cabeça por indígenas.

Na Europa, essa vertente nacionalista também se fez presente nos textos literários. Em Portugal, por exemplo, em vez do indígena, um dos símbolos escolhidos para reconstruir a identidade nacional foram os heróis medievais. As narrativas dos escritores românticos Alexandre Herculano e Almeida Garret intercalavam à ficção personagens históricos que foram fundamentais para a formação de Portugal. O romance *O bobo* (1843), de Herculano, ilustra como as novelas de cavalaria da Idade Média serviram de inspiração para a criação de uma atmosfera de idealização acerca de figuras históricas como D. Teresa e D. Afonso. Garret, por sua vez, elegeu como símbolo nacional, em sua obra, o poeta português Camões. Em um poema narrativo, feito aos moldes de *Os Lusíadas*, o escritor romântico organiza uma reflexão em torno da obra do poeta clássico e ressalta o fato de que Camões não teve o seu devido reconhecimento na nação. Leia este trecho da obra *Camões*:

Os olhos turvos para o Céu levantam;  
E já no arranco extremo: – Pátria, ao menos  
juntos morremos... – E expirou coa Pátria.

GARRETT, Almeida. *Camões / Dona Branca*.  
Lisboa: Círculo de Leitores, 1984. p. 157. [Fragmento]

Esse excerto é um fragmento do desfecho do poema em que é narrado o episódio da morte de Camões. Nele, é possível perceber que a morte do poeta é equiparada à morte de Portugal, o que revela a importância do escritor de *Os Lusíadas* como símbolo de toda a comunidade portuguesa e de um passado de glória em que a pátria não se encontra mais.



9ZM1

### Romantismo - 1ª fase

A primeira geração de poetas, escritores e intelectuais do Romantismo foi a precursora de um movimento que ganhou dimensões inimagináveis. Nessa videoaula, abordaremos a primeira fase do Romantismo.

## Segunda Geração

Na Segunda Geração do Romantismo brasileiro, são marcantes os poetas Casimiro de Abreu (que exemplifica a vertente mais sutil do Ultrarromantismo), Junqueira Freire e Álvares de Azevedo – o mais importante entre eles.

A singeleza da obra de Casimiro de Abreu se consagrou com o poema “Meus oito anos”, que retrata a idealização do passado e a visão angelical da infância. A criança é vista como um ser puro, desprovido dos vícios da vida adulta, da existência corrompida no seio do organismo social. Por isso, no presente, o eu poético lamenta a saudade que sente da “aurora de sua vida”.

### Meus oito anos

*Oh! Souvenirs! Printemps! Aurores!*  
Victor Hugo

Oh! Que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!

ABREU, Casimiro de. *Primaveras*. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 358. [Fragmento]

Por sua vez, as produções de Junqueira Freire e de Álvares de Azevedo exemplificam, de modo mais emblemático, o caráter noturno e mórbido da Segunda Geração Romântica. Os cenários macabros (geralmente cemitérios, ruínas, locais abandonados, paisagens ermas), visitados pela voz poética durante a noite, constituem uma ambientação misteriosa e fúnebre que compactua com a obscuridade do próprio caráter humano, com a melancolia, com o tédio, com o *spleen*, que dilaceram o sujeito romântico. Por toda essa retratação de um ser sem lugar na sociedade, sem um rumo certo para a vida, a Segunda Fase foi denominada de **Ultrarromantismo** ou **Byronismo**, caracterizada como poesia do “Mal do Século”. Essa expressão é tanto uma referência às doenças físicas que acometiam a humanidade (principalmente a tuberculose) quanto à dilaceração sentimental pela qual passava a sociedade de um modo geral.

Se a Primeira Geração Romântica brasileira foi construída com uma forte influência francesa, a Segunda se constituiu a partir de um intenso diálogo com os Romantismos inglês, irlandês e alemão, por isso a denominação Byronismo, em referência ao poeta britânico Lord Byron, um dos mais influentes nomes do movimento. No Brasil, as obras mais significativas desse período são de autoria de Álvares de Azevedo: o livro de poesias *Lira dos vinte anos*, o de contos *Noite na taverna* e a peça *Macário*. No seguinte poema, é possível reconhecer as principais características da estética desse período, tais como o ambiente funesto; a representação da angústia, do medo e até da morte (geralmente tais sentimentos aparecem personificados); o diálogo com um outro ser horrendo, que muitas vezes habita o próprio eu; a ausência de fronteiras entre a realidade e o sonho; a construção de poemas mais narrativos, que relatam uma cena de suspense e perseguição:

### Meu sonho

EU

Cavaleiro das armas escuras,  
Onde vais pelas trevas impuras  
Com a espada sanguenta na mão?  
Por que brilham teus olhos ardentes  
E gemidos nos lábios frementes  
Vertem fogo do teu coração?  
  
Cavaleiro, quem és? O remorso?  
Do corcel te debruças no dorso...  
E galopas do vale através...  
Oh! Da estrada acordando as poeiras  
Não escutas gritar as caveiras  
E morder-te o fantasma nos pés?

Onde vais pelas trevas impuras,  
 Cavaleiro das armas escuras,  
 Macilento qual morto na tumba?...  
 Tu escutas... Na longa montanha  
 Um tropel teu galope acompanha?  
 E um clamor de vingança retumba?

Cavaleiro, quem és? – que mistério,  
 Quem te força da morte no império  
 Pela noite assombrada a vagar?

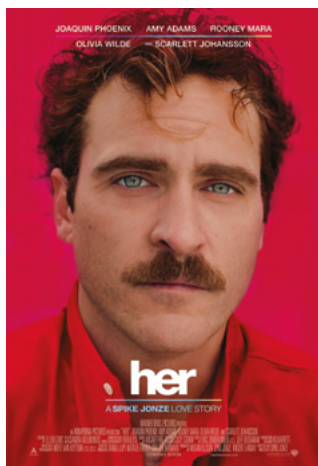
AZEVEDO, Álvares de. Meu sonho. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 272. [Fragmento]

Álvares de Azevedo, diferentemente dos poetas da Primeira Geração Romântica, volta-se para a vida introspectiva, valendo-se de imagens aparentemente desconectadas da realidade imediata. A figura central do poema – o “cavaleiro qual morto na tumba” – já não é a dos heróis típicos da geração indianista, mas um cavaleiro que assombra o eu lírico. Figuras como essa são, hoje, retrabalhadas pela literatura, pelo cinema e por séries de televisão.



### PARA REFLETIR

#### **Her: o amor romântico em tempos de tecnologia e de solidão**



Imagine a seguinte situação: um homem, recém-separado, na tentativa de amenizar sua solidão e de escapar do entediante cotidiano, adquire um sistema operacional que promete ser uma consciência virtual capaz de interagir autonomamente com seu usuário, mas, mais do que uma companhia, esse *software* se torna um grande amor.

Sem muitos *spoilers*, esse é o enredo do filme **Her** (*Ela*, em português), uma produção hollywoodiana escrita e dirigida por Spike Jonze, que retrata uma história de amor não convencional entre Theodore Twombly, um escritor de cartas encomendadas, e Samantha – nome que a própria IA se dá. Para a surpresa do escritor, Samantha, à medida que os dois vão se conhecendo, ganha complexidade e divide afinidades com Theodore.

É interessante pensar que, para além da relação entre o escritor e o sistema operacional que protagoniza o enredo, a obra amplia a reflexão em torno dos relacionamentos amorosos mediados pelas tecnologias de informação e discute o narcisismo, a fugacidade e a superficialidade nas grandes paixões na contemporaneidade – época de aplicativos como Tinder e de “amor líquido”, termo cunhado pelo filósofo Zygmunt Bauman para descrever a falta de solidez das atuais relações. Theodore, mesmo sendo um apaixonado aos moldes dos ultrarromânticos, não consegue, contudo, se arriscar nas complicações de um romance real, muito menos abrir mão de suas individualidades para dividir sua vida com outra pessoa.



### TÁ NA MÍDIA

Acesse o QR Code para ver um vídeo que discute as transformações do amor romântico tendo como pano de fundo algumas obras artísticas.



No fragmento a seguir, a figura que assombra o eu lírico é um fantasma, metáfora da angústia e da morte.

#### **O Fantasma**

Sou o sonho de tua esperança,  
 Tua febre que nunca descansa,  
 O delírio que te há de matar!...

AZEVEDO, Álvares de. Meu sonho. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 272. [Fragmento]



SCHEFFER, Ary. *Leonore or "the dead go fast"*. 1830. Musée de Beaux Arts, Lille.



No que diz respeito à temática amorosa, na lira de Álvares de Azevedo, com frequência, há a presença de um amor impossível. A vida impede o eu poético de se encontrar com a sua amada e de efetivar a relação que tanto desejam. Por isso, só o ambiente do sonho, do delírio, da imaginação torna-se o espaço da “concretização” desse amor. A mulher, na poética de Azevedo, oscila entre uma representação mais angelical, etérea, e uma descrição mais erótica, carnal. Porém, independentemente disso, é sempre inatingível, intocável.

### O poeta

Era uma noite – eu dormia  
E nos meus sonhos revia  
As ilusões que sonhei!  
E no meu lado senti...  
Meu Deus! Por que não morri?  
Por que do sono acordei?

No meu leito – adormecida  
Palpitante e abatida,  
A amante de meu amor!  
Os cabelos recendendo  
Nas minhas faces correndo  
Como o luar numa flor!

Senti-lhe o colo cheiroso  
Arquejando sequioso;  
E nos lábios, que entr’abria  
Lânguida respiração,  
Um sonho do coração  
Que suspirando morria!

AZEVEDO, Álvares de. O poeta.  
In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed.  
São Paulo: Discubra, 1978. v. 1. p. 235-236. [Fragmento]

Nesse poema, o eu lírico expressa seu desejo de morte em face da mulher amada em vias de morrer. A representação feminina da Segunda Geração Romântica encontra nesse poema um claro exemplo: palpitante e abatida, em um último suspiro à beira da morte, a mulher surge em sonho, no qual o eu lírico deseja também morrer, pois só na morte seu amor se consumaria.

Se no Brasil o grande nome do ultrarromantismo é Álvares de Azevedo, em Portugal, esse título cabe a Camilo Castelo Branco. No entanto, nos romances do escritor português, os exageros amorosos não são idealizados como na literatura brasileira, mas, quase sempre, satirizados ou ridicularizados.



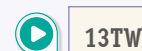
*Amor de perdição, escultura de Francisco Simões, na cidade de Porto, Portugal.*

Anunciando o tom do Realismo literário, movimento que sucede o Romantismo, uma das mais famosas obras do escritor, *Amor de perdição*, apesar de exaltar as temáticas do sofrimento amoroso e da morte enquanto fuga, coloca a sociedade como maior impedimento para que o romance entre os protagonistas Simão e Teresa tenha um final feliz. Como a conhecida tragédia de Romeu e Julieta, a rivalidade entre famílias se impõe sobre o amor e, mesmo com todos os sacrifícios, o casal é desfeito – Teresa é enclausurada em um convento, e Simão morre a bordo do navio em que havia sido exilado.



### PARA REFLETIR

Você já notou quantas telenovelas ou séries de televisão se aproveitam, ainda hoje, do tema do amor impossível para construir seus enredos? *Amor de perdição*, inclusive, ganhou algumas adaptações para o cinema, sendo a mais recente a do diretor português Mário Barroso, produzida em 2008.



### Romantismo - 2ª fase

A segunda geração de poetas e escritores do Romantismo trouxe para essa escola literária um pouco de pessimismo, religiosidade, naturalismo e até um certo gosto pela morte. Nessa videoaula, vamos conhecer a segunda fase do Romantismo.

## Terceira Geração

Em contrapartida à postura melancólica, macabra e onírica da Segunda Fase, a Terceira Geração Romântica procurou se legitimar por uma escrita mais voltada para o social, apontando para as questões políticas e ideológicas vigentes no final do século XIX. Essa abordagem justifica o caráter mais engajado dos autores desse período, que procuraram discutir, na poesia, temas como a construção do nacionalismo republicano e a legitimação de uma sociedade estruturada sem a “mácula” da escravidão. Tal preocupação demonstra o propósito de inserção do Brasil no contexto universal, ou seja, de construção de uma nação autônoma. Desfazer-se da escravidão e da monarquia era, portanto, indispensável para o Brasil se assumir como estrutura governamental. A arte estaria a serviço dessa bandeira para conscientizar o senso comum, para alertar os retrógrados, para convocar as forças políticas em prol da nova nação que deveria se erguer. Os dois nomes exemplares nesse contexto da poesia da Terceira Geração do Romantismo brasileiro são Fagundes Varela e Castro Alves. Entretanto, sem dúvida, foi Castro Alves quem se consagrou mundialmente com a sua linguagem extremamente retórica e combativa, firmando o **condoreirismo** na literatura nacional.

A poesia da Terceira Geração é denominada condoreira por ter o condor como símbolo, pássaro que remete à liberdade. O condoreirismo ficou imortalizado nos seguintes versos de Castro Alves: “A praça é do povo / Como o céu é do condor”. Essa ideologia, sustentada no liberalismo artístico, político e social, é influência direta do Romantismo francês, principalmente de Victor Hugo, o grande defensor do liberalismo na política e na arte.

Em nome dessa “Liberdade”, a poética de Castro Alves alçou sua “bandeira” ideológica e estética. O seu texto, louvado por muitos graças à exaltação de sua linguagem, é marcado por uma forte retórica e por uma oratória grandiloquente. Essa linguagem entusiasta era empregada ora para exaltar as belezas naturais do Brasil e ressaltar a soberania da República sobre a Monarquia, ora para condenar a criminalidade que se praticou contra a raça negra ao se escravizá-la. Caberia ao poeta, ser que possui o “borbulhar do gênio”, os papéis de porta-voz da nação, de responsável pela denúncia das injustiças e de representante do país em direção ao progresso. O poeta julga-se, portanto, um demiurgo, que, por meio de seu talento, utiliza-se da arma da poesia contra a estagnação, o comodismo, a política ultrapassada, a economia avultante que se sustenta na escravização dos negros. Foi graças a essa denúncia antiescravocrata que Castro Alves foi considerado “O poeta dos escravos”. Em “O navio negreiro”, poema traduzido para inúmeras línguas e musicado por vários intérpretes, tem-se o melhor exemplo dessa vertente estética do poeta condoreiro.

‘Stamos em pleno mar...

[...]

Era um sonho dantesco... o tombadilho

Que das luzernas avermelha o brilho,

Em sangue a se banhar.

Tinir de ferros... estalar de açoite...

Legiões de homens negros como a noite,

Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas

Magras crianças, cujas bocas pretas

Rega o sangue das mães:

Outras moças, mas nuas e espantadas,

No turbilhão de espectros arrastadas,

Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais...

Se o velho arqueja, se no chão resvala,

Ouvem-se gritos... o chicote estala.

E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,

A multidão faminta cambaleia,

E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece,

Outro, que martírios embrutece,

Cantando, geme e ri!

[...]

E ri-se a orquestra irônica, estridente...

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais...

Qual um sonho dantesco as sombras voam!...

Gritos, ais, maldições, preces ressoam!

E ri-se Satanás!...

[...]

Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade

Tanto horror perante os céus?!

Ó mar, por que não apagas  
Co'a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!

[...]

Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus,  
Se eu deliro... ou se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!...

ALVES, Castro. O navio negreiro. In: *Grandes poetas românticos do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Discubra, 1978. v. 2. p. 361-362. [Fragmento]

Esse processo de “branqueamento” do negro na literatura então vigente não se dava apenas na poesia. Um dos principais romances do período que retratou o tema, *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, também foi estruturado a partir da visão burguesa e idealizadora da época. Nele, a protagonista Isaura, filha de um português com uma escrava negra, tem a pele clara, e essa característica definiria a sua beleza, conforme comprovam suas descrições no romance:

A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. [...] Na fronte calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo; di-la-íeis misteriosa lâmpada de alabastro guardando no seio diáfano o fogo celeste da inspiração.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bva000057a.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.



## TÁ NA MÍDIA



Divulgaçã

Acesse o QR Code para ouvir a adaptação “O Navio Negreiro”, versão do poema de Castro Alves musicalizada por Caetano Veloso, publicada em 1997, no álbum *Livro*, com a participação de Maria Bethânia e Carlinhos Brown.



Apesar de receber o epíteto de “poeta dos escravos”, é possível reconhecer como a figura do africano era retratada de modo idealizado por Castro Alves. O negro, em seus versos, está muito mais próximo da imagem de um “Bom Crioulo”, vertente do “Bom Selvagem” indígena, do que necessariamente dotado de sua verdadeira identidade. Ele aparece “vestido” de sentimentos cristãos e praticante do catolicismo, em vez de cultivar as entidades da tradição africana.

Todavia, na contramão desse processo de “branqueamento” e ao encontro do romance abolicionista, a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis publica, em 1858, o romance *Úrsula*, considerado uma das primeiras obras que elege o tema da abolição como pano de fundo e que traz a autoria de uma mulher afro-brasileira. Apesar de ter sido reconhecida tardiamente pela crítica literária, devido ao pouco espaço dado à mulher, sobretudo negra, na cena literária no século XIX, a autora é responsável também pela publicação do conto “A escrava”, de 1887. No texto, ganha voz o testemunho de Joana, uma velha negra cativa – tom muito diferente daquele dado pelos demais escritores abolicionistas, pois, em Firmina, o olhar não é mais o do “condor”, que mira, a distância, o problema da escravidão.

Em *Úrsula*, o romance trágico entre a protagonista, a jovem Úrsula, e Tancredo segue a tradição do ultrarromantismo, mas destaca-se, especialmente, o lugar ocupado pelos negros na narrativa. Isso porque, além de colocar os cativos em pé de igualdade com os brancos, Firmina revela a crueldade do senhor de escravos Fernando, tratado como vilão da história, e dá evidência à personagem Suzana, uma mulher escravizada que, nostalgicamente, narra seus tempos de liberdade na África. Dessa forma, a escritora coloca em cena a ancestralidade negra – sob o ponto de vista dos escravizados. Leia, a seguir, um trecho do romance em que Suzana descreve, de forma realista, o porão do navio negreiro em que foi trazida para o Brasil.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 7. ed. Atualização do texto, cronologia e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018. p. 103. [Fragmento]



Divulgação



### TÁ NA MÍDIA

Acesse o QR Code para ter acesso a uma antologia da obra de Maria Firmino dos Reis, que inclui o romance **Úrsula**, os contos "A escrava" e "Gupeva", e os poemas de *Cantos à beira-mar*. Você pode baixar, no portal da Câmara dos Deputados, a edição do livro nos formatos PDF, e-book ou e-mobile. Não deixe de ler a obra dessa maranhense que realizou um trabalho de tamanha importância cultural e social para o nosso país.



## O SURGIMENTO DO ROMANCE ROMÂNTICO



Não só a poesia do Romantismo teve uma preocupação nacionalista evidenciada pela descrição dos ambientes e pela exaltação da figura indígena, mas também a prosa, com o surgimento do romance. O aparecimento da prosa romântica no Brasil está vinculado à criação do jornal, pois os romances eram publicados em fascículos e, posteriormente, transformados em livros. Tais produções receberam o nome de **romance de folhetim** – nome que deriva do francês *feuilleton* e que significa "rodapé", já que era esse o espaço da página destinado à publicação das histórias.

A narrativa que desencadeou o sucesso desse gênero folhetinesco, no Brasil, foi *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicada ao longo de 1844 e 1845. O sucesso desse romance ocorreu graças à linguagem simples, à trama fácil e instigante e ao final feliz – características que agradavam à nova classe burguesa de leitores que surgia.

Os romances românticos dos oitocentos tinham a finalidade de divertir essa burguesia, sedenta de cenas amorosas e de enredos emocionantes. Para isso, não era preciso muita inventividade, bastava reproduzir uma "receita" literária de composição dos folhetins. Na produção romanesca brasileira, destacam-se três tendências: o **romance urbano**, o **romance indianista** e o **romance regional**.

Os romances de temática urbana refletiam o próprio ambiente burguês no qual eram lidos. Nesse sentido, a arte procurava retratar o gosto de sua época, embora também se fizesse a produção de obras que condenavam certas posturas desse universo, como a hipocrisia, a vaidade, o casamento por interesses, etc. Por ilustrar as características de uma época, essa produção também é chamada de **romance de costumes**. Contudo, a vertente crítica apareceu somente após um bom período do Romantismo, como exemplifica *Senhora*, última obra que o escritor cearense José de Alencar publicou em vida. Geralmente, os romances urbanos do Romantismo, como *Lucíola* (1862), *Diva* (1864) e *Encarnação* (1893), do próprio Alencar, e *A Mão e a Luva* (1874) e *Iaiá Garcia* (1878), de Machado de Assis, prendiam-se mais à elaboração de relações amorosas ideais e fidedignas, que se contrapunham à frivolidade das relações por interesse e aos casamentos malsucedidos. Os pares românticos, inspirados na busca de um amor muitas vezes impossível, e por isso mesmo mais propenso à idealização, viviam em plena tristeza e melancolia. Esse clima, inclusive, será aproveitado, de modo intenso, como grande mote temático pela poesia do Romantismo da Segunda Fase.



GIRODET, Anne-Louis. *O funeral de Atala*. 1808. Óleo sobre tela, 207 x 267 cm.

A imagem da mulher na pintura romântica nos permite identificar uma moda que muitos artistas dessa estética seguiram: a idealização da figura feminina. A representação da mulher angelical, de preferência branca, virgem ou morta pode ser encontrada em diversas pinturas como um clichê romântico.

Além dos romances de caráter urbano, foi frequente, na estética romântica, uma representação da identidade nacional por meio da figuração de toda uma diversidade geográfica. Com isso, surgiam os romances que procuravam descrever outras regiões nacionais. Novamente, a produção de Alencar destaca-se nesse sentido, com obras como *As minas de prata* (1865-1866), *O Gaúcho* (1870), *Guerra dos mascates* (1873) e *O sertanejo* (1875). Além da obra de Alencar, o trabalho de Bernardo Guimarães também se mostra exemplar em retratar um certo regionalismo, principalmente de Minas Gerais e de Goiás, na estruturação de seus enredos.

Nota-se também uma preocupação histórica, como os próprios títulos indicam, já que abordam o processo de ocupação do território nacional pelos bandeirantes ou mencionam as guerras nacionalistas vinculadas à formação da identidade do Brasil.

De Bernardo Guimarães, os romances *O garimpeiro* (1872), *Maurício ou Os Paulistas em S. João d'El-Rei* (1877) e *O Ermitão de Muquém*, cujo subtítulo é "História da fundação da romaria de Muquém na província de Goiás" (1864), são bons exemplos dessa preocupação de se representar o nacional por meio de uma literatura que adentrava no país para mostrar a identidade diferenciada daquela do Brasil litorâneo, que sofria as influências da Europa.

Ainda que busque a construção da nacionalidade por meio da divulgação do sertanejo, foi com o indianismo inicial que o Romantismo consagrou a fundamentação dessa identidade. Se, na poesia, isso se deu por meio da contribuição de Gonçalves Dias, na prosa, os romances *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), de José de Alencar, imortalizaram esse aspecto indígena como pressuposto para se pensar o nacional.

Leia, a seguir, uma passagem descritiva da personagem Iracema:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. p. 5. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/iracema.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/iracema.pdf). Acesso em: 17 dez. 2019. [Fragmento]

Iracema, apesar de ser uma personagem indígena, marca perceptível em parte de sua descrição, como no trecho "tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira", tem em sua composição elementos incompatíveis. A exemplo, veja-se a delicadeza com que é descrita, que mais faz lembrar uma donzela romântica europeia que uma habitante das selvas. Sua beleza é comparada aos elementos da paisagem, que, se ganham realce na descrição da personagem, ressaltam ainda mais a graciosidade da jovem. A mescla entre delicadeza ("O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas") e agilidade ("Mais rápida que a corça selvagem"), por exemplo, sinalizam a fusão entre elementos da cultura europeia e a local.

A temática indianista, na elaboração do romance *Iracema*, foi do seguinte modo apontada pelo próprio Alencar em sua famosa "Carta ao Dr. Jaguaribe":



O assunto para a experiência de antemão estava achado. Quando em 1848 revi nossa terra natal, tive a ideia de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra literária. Já em São Paulo tinha começado uma biografia do Camarão. Sua mocidade, a heroica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliado dos portugueses, e suas guerras contra o célebre Mel Redondo; aí estava o tema.

[...] Este livro é pois um ensaio ou antes mostra. Verá realizadas nele minhas ideias a respeito da literatura nacional; e achará aí poesia inteiramente brasileira, haurida na língua dos selvagens.

A etimologia dos nomes das diversas localidades, e certos modos de dizer tirados da composição das palavras, são de cunho original.

[...] depois de concluído o livro e quando o reli já apurado na estampa, conheci que tinham escapado senões que se devem corrigir; noto algum excesso de comparações, repetição de certas imagens, desalinho no estilo dos últimos capítulos. Também me parece que deva conservar aos nomes das localidades sua atual versão, embora corrompida.

Se a obra tiver segunda edição será escoimada destes e outros defeitos que lhe descubram os entendidos.

ALENCAR, José de. *Romances ilustrados de José de Alencar*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977. p. 323. [Fragmento]

Nessa carta, o próprio Alencar aponta o que ele pretendia, com a prosa poética que é *Iracema*, fazer um estudo sobre a história da colonização brasileira ao retratar o encontro do europeu com o indígena; apontar a formação étnica, cultural e linguística do país; resgatar as lendas e os mitos fundacionais. Tudo isso com uma linguagem lírica, já que a intenção inicial do livro era a de que ele fosse uma obra poética, com o emprego exagerado de comparações (símiles), que permitem visualizar a paisagem nacional espelhada no corpo e nas atitudes de Iracema. Na "Carta ao Dr. Jaguaribe", Alencar fez uma severa crítica à linguagem artificial dos índios criados por Gonçalves Dias. Contudo, tal condenação também se aplica às falas dos índios de seus romances, que são completamente inverossímeis. E não só a linguagem dos seus índios é "europeizante", mas também o comportamento de seus heróis e heroínas, que traem as suas tribos em favor dos caprichos dos brancos, como exemplificam as atitudes de Iracema e Peri: ambos preterem a tradição indígena para assimilar os valores eurocêntricos de Martim e Ceci.

Porém, de toda a produção romântica em prosa, a que mais se destaca, justamente por fugir a esse arquétipo de uma construção nacionalista nos moldes ufanistas, é a obra

*Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Esse romance foi publicado nos anos de 1852 e 1853, em forma de folhetim, e destacou-se dos demais por ultrapassar a temática e a construção dos típicos romances românticos da literatura brasileira. *Memórias de um sargento de milícias* é considerada uma obra antecipadora de traços do Realismo – e até do Modernismo – devido à inserção do primeiro **herói pícaro** nos romances nacionais. Leonardinho, o protagonista da obra, não se assemelha ao fidalgo burguês que figura nas obras românticas, o que se observa desde a sua origem: é filho de Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, que se conheceram na viagem de Portugal para o Brasil e iniciaram um "namoro" com trocas de beliscões e pisadelas. Quando desembarcaram, Maria já estava grávida. Abandonado pelos pais, Leonardinho tem de buscar maneiras alternativas para sobreviver, caindo em malandragens e falcatruas que atestam seu parentesco com Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.

Não só Leonardo vive dessa forma, mas todos os demais figurantes da obra, que são considerados **personagens-tipo**, por expressarem uma identidade coletiva e anônima dessa camada social brasileira. As personagens são a expressão do papel que ocupam no panorama histórico brasileiro, representam um lugar, muito mais que uma individualidade. São a comadre, o barbeiro, a cigana, entre tantos outros que precisam tomar iniciativas muitas vezes ilícitas para garantirem a sobrevivência. Isso faz com que a obra ultrapasse as oposições convencionais de herói x anti-herói, lícito x ilícito. Por causa de tal característica, os críticos apontaram a obra como a gênese do "jeitinho brasileiro", da tradição do "salve-se quem puder".



E1W9

### Romantismo: prosa

Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico do Romantismo no Brasil e sobre os romances românticos brasileiros.

## RELEITURAS

### O índio como personagem da literatura brasileira

Conforme foi visto neste módulo e, também, no módulo sobre o Quinhentismo, a exaltação à natureza brasileira, presente no poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, e tão frequente no Romantismo do século XIX, foi de extrema importância para a construção de uma identidade nacional idealizada, motivo pelo qual esse poema se tornou uma referência, inclusive para a composição do Hino Nacional brasileiro.

A partir do século XX, no entanto, poetas do Modernismo (e mesmo de estilos posteriores) farão uma releitura crítica tanto do passado quanto do presente da nação, propondo novos significados para a “Canção do exílio”. O escritor modernista Carlos Drummond de Andrade, no poema “Europa, França e Bahia”, faz uma alusão parafrásica à “Canção do exílio”, com o intuito de ressaltar a necessidade de os brasileiros terem novamente um sentimento patriótico pela nação, ainda que não seja de modo tão sonhador e ingênuo como o que ocorrera no século XIX.

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.

Minha boca procura a “Canção do Exílio”.

Como era mesmo a “Canção do Exílio”?

Eu tão esquecido de minha terra...

Ai terra que tem palmeiras onde canta o sabiá!

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p. 74.

Entretanto, diferentemente do que ocorre em Drummond, o mais recorrente no Modernismo brasileiro foi a retomada da “Canção do exílio” para satirizá-la, com o intuito de salientar os problemas sociais e econômicos de uma nação que se distancia, e muito, de um paraíso ideal como pintou o Romantismo. Veja alguns exemplos:

#### Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia

onde cantam gaturamos de Veneza.

Os poetas da minha terra

são pretos que vivem em torres de ametista,

os sargentos do exército são monistas, cubistas,

os filósofos são polacos vendendo a prestações.

[...]

Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.

Eu morro sufocado

em terra estrangeira.

Nossas flores são mais bonitas

nossas frutas mais gostosas

mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade

e ouvir um sabiá com certidão de idade!

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 87. [Fragmento]

Em sua “Canção do exílio”, Murilo Mendes condena a subserviência do Brasil em relação à cultura europeia. Em vez de valorizar os produtos, os costumes e a arte nacional, os brasileiros seguem os valores externos. Por isso, ainda que esteja morando no Brasil, o eu lírico, debochadamente, afirma: “Eu morro sufocado / em terra estrangeira”, pois ele se encontra em “exílio” dentro de sua própria nação.

Outra famosa paródia modernista em relação ao texto de Gonçalves Dias é o poema “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade. No primeiro verso, o autor já inverte a idealização da natureza presente em “Minha terra tem palmeiras”, com um sarcástico trocadilho: “Minha terra tem palmares”, o que evidencia como o Brasil a ser cantado não é uma terra paradisíaca, mas uma nação com os seus problemas históricos de desigualdade social, preconceito e exclusão. Outro fator paródico do poema oswaldiano é a antimusicalidade de seus versos, propositalmente construída para se contrapor à sonoridade melodiosa da “Canção do exílio”.

#### Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares

Onde gorjeia o mar

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas

E quase que mais amores

Minha terra tem mais ouro

Minha terra tem mais terra

[...]

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo

Sem que veja a Rua 15

E o progresso de São Paulo

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. 3. ed.  
São Paulo: Globo, 1990. p. 139.

Não só os modernistas se apropriaram da “Canção do exílio” para estruturar as suas paródias, mas também vários autores das décadas de 1960 e 1970, período ditatorial no Brasil. Para contrapor o discurso ufanista e hipocritamente patriótico durante a ditadura, que pretendia “vender” a imagem de um país moderno, desenvolvido, construído por um progresso feito por “milagres” econômicos, os autores da Poesia Marginal retomaram frequentemente o poema de Gonçalves Dias para produzirem textos sarcásticos e irônicos, como exemplifica a seguinte produção de Cacaso:

**Jogos florais****I**

Minha terra tem palmeiras  
 onde canta o tico-tico  
 Enquanto isso o sabiá  
 vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil  
 ficou moderno o milagre:  
 a água já não vira vinho,  
 vira direto vinagre.

CACASO. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje*. 5. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

Além da retomada à “Canção do exílio”, é possível reconhecer outras referências no poema, tais como a alusão ao milagre bíblico da transformação da água em vinho e a referência ao samba “Tico-tico no fubá”, de Zequinha de Abreu. Tudo isso feito de modo sarcástico e debochado para evidenciar o que o governo ditatorial queria ocultar: o clima de tortura e de perseguições, as imposições da censura, os exílios impostos aos intelectuais e artistas, o “milagre econômico” sustentado por uma dívida externa.

**O navio negreiro como metáfora**

O navio negreiro, personagem da obra abolicionista de Castro Alves, tornou-se na literatura um símbolo para a diáspora negro-africana para o Brasil. Revisitando o Romantismo brasileiro, o poeta negro Solano Trindade propõe uma releitura do poema “Navio Negreiro”. Nela, o eu lírico se coloca como porta-voz dos escravizados e rompe com estereótipos que representam o negro como ser inferior; estereótipos estes que contribuíram para justificar o sistema de escravidão. Ao contrário disso, nestes versos de Trindade, destacam-se a inteligência e a resistência dos africanos que foram trazidos nos navios:

**Navio Negreiro**

[...]

Lá vem o navio negreiro  
 Por água brasileira  
 Lá vem o navio negreiro  
 Trazendo carga humana...

[...]

Lá vem o navio negreiro  
 Com carga de resistência  
 Lá vem o navio negreiro  
 Cheinho de inteligência...

TRINDADE, Solano. *Solano Trindade: o poeta do povo*. Organização de Raquel Trindade. São Paulo: Cantos e Prantos Editora, 1999. p. 45.

Hoje, essa reflexão acerca do legado da escravidão, sobretudo do preconceito e da desigualdade racial, é um tema frequente do *rap* brasileiro. Veja, nos versos a seguir, como o *rapper* Slim Rimografia elabora uma adaptação atualizada do texto poético de Castro Alves.

[...]

Tem um pouco de navio negreiro  
 Em cada mão que pede esmola,  
 Em cada beco ou viela,  
 Em cada criança longe da escola.

[...]

Tem um pouco de navio negreiro  
 Na música, na poesia,  
 Na dança, nas artes,  
 E em cada panela vazia.

Tem um pouco de navio negreiro  
 No futebol, no Carnaval,  
 No azeite de dendê, no acarajé  
 E no nosso Código Penal.

ALVES, Castro; RIMOGRAFIA, Slim. *O navio negreiro*.

**TÁ NA MÍDIA**

No *rap*, Slim Rimografia mescla à denúncia do racismo, institucionalizado inclusive no Código Penal, aspectos da cultura brasileira que foram trazidos pelos africanos, fortificados pelos afro-brasileiros e incorporados como elementos característicos da nacionalidade brasileira. Acesse o QR Code para ouvir “Navio negreiro”.



## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (Unesp–2022) Tão variadas são as manifestações desse movimento que é impossível formular-lhe uma definição única; mesmo assim, pode-se dizer que sua tônica foi uma crença no valor supremo da experiência individual, configurando nesse sentido uma reação contra o racionalismo iluminista e a ordem do estilo neoclássico. Seus autores exploravam os valores da intuição e do instinto, trocando o discurso público do neoclassicismo, cujas formas compunham um repertório mais comum e inteligível, por um tipo de expressão mais particular.

CHILVERS, Ian (org.). *Dicionário Oxford de arte*, 2007 (Adaptação).

O movimento a que o texto se refere é o

- A) Naturalismo.  
B) Romantismo.  
C) Barroco.  
D) Arcadismo.  
E) Realismo.
- 02.** (UPF-RS–2022) Considere as afirmações a seguir em relação ao Romantismo no Brasil.
- I. Os poetas românticos defendiam o bucolismo como estilo de vida no campo, longe dos centros urbanos.  
II. O poeta romântico Álvares de Azevedo teve como tema predominante em sua obra o negativismo boêmio e a exaltação da morte.  
III. Cruz e Sousa, que ficou conhecido como Cisne Negro, foi um dos autores mais representativos da estética romântica no Brasil.

Está correto o que se afirma em:

- A) II e III, apenas.                      D) I e III, apenas.  
B) II, apenas.                              E) I, II e III.  
C) I e II, apenas.

- 03.** (UFRJ)

[...] Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade

Tanto horror perante os céus?!

Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas

De teu manto este borrão?...

Astros! noites! tempestades!

Rolai das imensidades!

Varrei os mares, tufão!

Qual a geração romântica a que pertence o poema e que traço estilístico-formal é dominante na estrofe?

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões **01** e **02**.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rochonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal-apegoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

ALMEIDA, Manuel Antônio de.  
*Memórias de um sargento de milícias*.

- 01.** (FGV-RJ) No excerto, narram-se as circunstâncias em que travaram conhecimento Leonardo (Pataca) e Maria (da hortaliça), a bordo do navio que, procedente de Portugal, iria desembarcá-los no Rio de Janeiro. Considere as seguintes afirmações referentes ao excerto:

- I. A narrativa é isenta de traços idealizantes, seja no que se refere às personagens, seja no que se refere a suas relações amorosas.  
II. O ângulo de representação privilegiado pelo romancista é o da comicidade e do humor.  
III. A vivacidade da cena figurada no excerto deve-se à presença de um narrador-personagem, que participa da ação.

Está correto o que se afirma em

- A) I, somente.  
B) I e II, somente.  
C) III, somente.  
D) II e III, somente.  
E) I, II e III.

02.  
IQTM

(FGV-RJ) Embora de fato pertençam ao Romantismo, as *Memórias de um sargento de milícias* não apresentam as características mais típicas e notórias desse movimento. No entanto, analisando-se o trecho aqui reproduzido, verifica-se que nele se apresenta claramente o seguinte traço do Romantismo:

- A) Preferência pela narração de aventuras fabulosas e extraordinárias.
- B) Tendência a emitir juízos morais sobre as condutas das personagens.
- C) Livre expressão de conteúdos eróticos incomuns e chocantes.
- D) Tematização franca e aberta da vida popular e cotidiana.
- E) Busca do raro e do exótico, como meio de fuga da realidade burguesa.

03.

(Insper-SP) Ali por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do Sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

Batia os flancos com a larga cauda, e movia a cabeça monstruosa, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo; uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas, e mostrava a linha de dentes amarelos; as ventas dilatadas aspiravam fortemente e pareciam deleitar-se já com o odor do sangue da vítima.

O índio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco seco, não perdia um só desses movimentos, e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se, e ia formar o salto, quando a cavalgata apareceu na entrada da clareira.

Então o animal, lançando ao redor um olhar injetado de sangue, eriçou o pelo, e ficou imóvel no mesmo lugar, hesitando se devia arriscar o ataque.

ALENCAR, José de. *O guarani*.

Relacionando o conteúdo exposto nesse excerto ao contexto histórico, é correto afirmar que o texto exemplifica as orientações estético-ideológicas do Romantismo, pois apresenta

- A) identificação harmônica entre o homem e o animal.
- B) descrição detalhada dos costumes indígenas.
- C) contraste entre a natureza hostil e o povo que a habita.
- D) idealização do índio, retratado como um herói destemido.
- E) animalização dos personagens, que agem condicionados ao ambiente físico e social.

04.  
W76J

(PUC-Campinas-SP) Sobre José de Alencar, é correto afirmar que:

- A) Foi sensível ao drama vivido pelo homem numa sociedade burguesa – a necessidade de obter dinheiro e a de preservar a integridade da vida do espírito – e deu a esse conflito o tratamento que determinou sua ruptura definitiva com o idealismo do escritor romântico, como se vê em *Lucíola* e em *Senhora*.
- B) Fez-se presente nos três tipos em que se manifestou a ficção da época – determinados pelo espaço em que se desenvolve a narrativa: cidade, campo, selva – de que são exemplos *Lucíola*, *O Sertanejo* e *Iracema*.
- C) Dotou os protagonistas, nos romances heroicos (*O Sertanejo*, *O Guarani*), de características ideais, mas, subordinando-se aos acontecimentos da vida corrente, obrigou-os a cometerem atos degradantes.
- D) Foge, num aspecto, do que era uma tendência da ficção romântica, o interesse pelo passado, quer do indivíduo, quer da Nação, pois voltou-se apenas para a observação da realidade contemporânea, como em *Lucíola* e *Senhora*.

05.

(PUC-GO-2022) Leia as duas estrofes do poema *Lembrança de morrer*, de Álvares de Azevedo:

[...]

Eu deixo a vida como deixa o tédio  
Do deserto o poento caminheiro...  
Como as horas de um longo pesadelo  
Que se desfaz ao dobre de um sineiro...

[...]

Só levo uma saudade – é dessas sombras  
Que eu sentia velar nas noites minhas...  
E de ti, ó minha mãe! pobre coitada  
Que por minhas tristezas te definhas!

[...]

AZEVEDO, A. *Lira dos vinte anos*.  
São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 115-116.

Nessas estrofes, uma característica da Segunda Geração do Romantismo está evidente. Assinale a única alternativa correta que apresenta essa característica:

- A) Figura materna.
- B) Tom sarcástico dos versos.
- C) Presença de tédio sentido pelo eu lírico.
- D) Ideia de morte do eu lírico.



**06.** (UFRGS-RS) Sobre a poesia de Gonçalves Dias, é correto afirmar que

- A) cantou a natureza brasileira como cenário das correrias e aventuras do indígena bravo e leal.
- B) denunciou a iniquidade da escravidão em poemas altissonantes e repletos de metáforas aladas.
- C) elogiou os esforços do colonizador português em suas campanhas militares.
- D) cantou a bondade da mãe e da irmã, esteios femininos do núcleo familiar patriarcal.
- E) elogiou a dissipação e os excessos do vinho em orgias noturnas marcadas pela devassidão e crueldade.

**07.** (UFRGS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do enunciado a seguir, na ordem em que aparecem.

O projeto literário de ..... consistia em "radiografar" o Brasil em sua totalidade. Assim, narrou o passado indígena, em ....., a sociedade burguesa fluminense do século XIX, em ....., e o mundo rural em .....

- A) José de Alencar – *A Moreninha* – *Til* – *Iracema*
- B) Joaquim Manuel de Macedo – *Iracema* – *Senhora* – *A Moreninha*
- C) Joaquim Manuel de Macedo – *Iracema* – *A Moreninha* – *Til*
- D) José de Alencar – *Til* – *A Moreninha* – *Senhora*
- E) José de Alencar – *Iracema* – *Senhora* – *Til*

**08.** (Albert Einstein)

Iracema, a virgem dos lábios de mel,  
que linha os cabelos mais negros que  
a asa da graúna, e mais longos que seu  
talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu  
sorriso; nem a baunilha recendia no  
bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a  
morena virgem corria o sertão e as matas  
do Ipu, onde campeava sua guerreira  
tribo, da grande nação tabajara. O pé  
grácil e nu, mal roçando, alisava apenas  
a verde pelúcia que vestia a terra com  
as primeiras águas.

Do trecho anterior que integra o romance *Iracema*, de José de Alencar, não se pode afirmar que

- A) a caracterização de Iracema, da forma como é feita no romance, revela, acima de tudo, sua alma e o fino tratamento psicológico de uma personagem feminina o qual lhe é atribuído pelo autor.
- B) as sucessivas comparações servem para idealizar a protagonista, e em todas elas a personagem Iracema é dada como superior.
- C) a profusão de linguagem figurada, usada ao longo do romance, tanto para caracterizar a personagem quanto suas ações, pode dar a ele o estatuto de um poema em prosa.
- D) as inúmeras comparações de seus atos com o comportamento de diferentes animais e vegetais na selva, demonstram que a personagem é pura aparência, reveladora de sua beleza original.

**09.** (UNEB-BA)

#### Texto I

Chegou no verão, em janeiro, quando soube que Geraldo cancelara o contrato de locação da casa, nos Barris. Primeiro, e logo que se deu a Geraldo como uma escrava, foi o Jardim da Piedade com a casa tão perto da igreja que acordava com o sino batendo forte todas as manhãs. O Campo Grande, a seguir, lugar de grandes árvores e muitos pássaros. Depois, o prédio magro de três andares na ruazinha da ladeira, no Rio Vermelho, onde permaneceria os últimos quinze anos ao lado do mar e de Geraldo. E dali, após vender os móveis para apurar um pouco mais de dinheiro, dali saiu enxotada para o Bângala.

FILHO, Adonias. *O Largo da Palma*. Novelas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 29.

#### Texto II

No momento de ajoelhar aos pés do celebrante, e de pronunciar o voto perpétuo que a ligava ao destino do homem por ela escolhido, Aurélia, com o decoro que revestia seus menores gestos e movimentos, curvara a fronte, envolvendo-se pudicamente nas sombras diáfanas dos cândidos véus de noiva. Malgrado seu, porém, o contentamento que lhe enchia o coração e estava a borbotar nos olhos cintilantes e nos lábios aljofrados de sorrisos, erigia-lhe aquela fronte gentil, cingida nesse instante por uma auréola de júbilo. No altivo realce da cabeça e no enlevo das feições cuja formosura se toucava de lumes esplêndidos, estava-se debuxando a soberba expressão do triunfo, que exalta a mulher quando consegue a realidade de um desejo férvido e longamente ansiado.

ALENCAR, José de. *Senhora*: perfil de mulher. 2. ed. São Paulo: FTD. p. 73.

O texto II faz parte do romance *Senhora*, de José de Alencar, obra representativa do Romantismo no Brasil. Comparando-o com o texto I, inserido na narrativa *O Largo da Palma*, sobre as figuras femininas em foco, está correto o que se afirma na alternativa:

- A) Os perfis de Aurélia e Eliane atendem ao gosto estético romântico.
- B) Aurélia e Eliane são enfocadas como estereótipos da mulher presa a convenções sociais.
- C) Aurélia e Eliane são personagens – cada uma em sua época – representativas de um ideal de mulher a ser atingido.
- D) Os textos, embora se enquadrem em épocas literárias distintas, apresentam o ser feminino como vítima de um destino previamente traçado.
- E) Aurélia é apresentada sob uma perspectiva de idealização; já Eliane é mostrada como uma mulher carente, que se frustra nas relações amorosas.

**10.** (UFMG) Leia os poemas.

**Desejo**

Ah! Que eu não morra sem provar, ao menos

Sequer por um instante, nesta vida

Amor igual ao meu!

Dá, Senhor Deus, que eu sobre a terra

encontre

Um anjo, uma mulher, uma obra tua,

Que sinta o meu sentir;

Uma alma que me entenda, irmã da minha,

Que escute o meu silêncio, que me siga

Dos ares na amplidão!

Que em laço estreito unidas, juntas, presas,

Deixando a terra e o lodo, aos céus remontem

Num êxtase de amor!

Gonçalves Dias

**Quando eu sonhava**

Quando eu sonhava, era assim

Que nos meus sonhos a via;

E era assim que me fugia,

Apenas eu despertava,

Essa imagem fugidia

Que nunca pude alcançar.

Agora, que estou desperto,

Agora a vejo fixar...

Para quê? – Quando era vaga,

Uma ideia, um pensamento,

Um raio de estrela incerto

No imenso firmamento,

Uma quimera, um vão sonho,

Eu sonhava – mas vivia:

Prazer não sabia o que era,

Mas dor, não a conhecia...

GARRETT, Almeida. *Folhas caídas*.

Esses dois poemas contêm representações do amor ideal, um tema frequente no Romantismo.

Redija um texto, explicando as diferenças entre as representações desse tema contidas nos dois poemas.

**11.** (PUC Rio) O sol vinha nascendo.

O seu primeiro raio espreguiçava-se ainda pelo céu anilado, e ia beijar as brancas nuvenzinhas que corriam ao seu encontro.

Apenas a luz branda e suave da manhã esclarecia a terra e surpreendia as sombras indolentes que dormiam sob as copas das árvores.

Era a hora em que o cacto, a flor da noite, fechava o seu cálice cheio das gotas de orvalho com que destila o seu perfume, temendo que o sol crestasse a alvura diáfana de suas pétalas.

Cecília com a sua graça de menina travessa corria sobre a relva ainda úmida colhendo uma graciola azul que se embalava sobre a haste, ou um malvaíscio que abria os lindos botões escarlates.

Tudo para ela tinha um encanto inexprimível; as lágrimas da noite que tremiam como brilhantes das folhas das palmeiras; a borboleta que ainda com as asas entorpecidas esperava o calor do sol para reanimar-se; a viuvinha que escondida na ramagem avisava o companheiro que o dia vinha raiando: tudo lhe fazia soltar um grito de surpresa e de prazer.

Enquanto a menina brincava assim pela várzea, Peri, que a seguia de longe, parou de repente tomado por uma ideia que lhe fez correr pelo corpo um calafrio; lembrava-se do tigre.

De um pulo sumiu-se numa grande moita de arvoredos que se elevava a alguns passos; ouviu-se um rugido abafado, um grande farfalhar de folhas que se espedaçavam, e o índio apareceu.

Cecília tinha-se voltado um pouco trêmula:

– Que é isto, Peri?

– Nada, senhora.

– É assim que prometeste estar quieto?

– Ceci não há de se zangar mais.

- Que queres tu dizer?
- Peri sabe! - Respondeu o índio sorrindo.

Na véspera tinha provocado uma luta espantosa para domar e vencer um animal feroz, e deitá-lo submisso e inofensivo aos pés da moça, julgando que isso lhe causava um prazer.

Agora, estremecendo com o susto que sua senhora podia sofrer, destruíra em um instante essa ação de heroísmo, sem proferir uma palavra que a revelasse. Bastava que ele soubesse o que tinha feito, e o que todos deviam ignorar; bastava que sua alma sentisse o orgulho da nobre dedicação que se expandia no sorriso de seus lábios.

ALENCAR, José de. *O Guarani*. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964. v. II. p. 67.

Comente a concepção de heroísmo e a representação da figura do herói no imaginário romântico, tendo como referência o texto de José de Alencar.

## SEÇÃO ENEM

### 01. (Enem-2022)

#### A escrava

- Admira-me -, disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas -; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira! Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

- Para que se deu em sacrifício, o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não era verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado.

REIS, M. F. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018.

Inscrito na estética romântica da literatura brasileira, o conto descortina aspectos da realidade nacional no século XIX ao

- revelar a imposição de crenças religiosas a pessoas escravizadas.
- apontar a hipocrisia do discurso conservador na defesa da escravidão.
- sugerir práticas de violência física e moral em nome do progresso material.
- relacionar o declínio da produção agrícola e comercial a questões raciais.
- ironizar o comportamento dos proprietários de terra na exploração do trabalho.

### 02. (Enem) Estas palavras ecoavam docemente pelos atentos ouvidos de Guaraciaba, e lhe ressoavam n'alma como um hino celestial. Ela sentia-se ao mesmo tempo enternecida e ufana por ouvir aquele altivo e indômito guerreiro pronunciar a seus pés palavras do mais submisso e mavioso amor, e respondeu-lhe cheia de emoção: - Itajiba, tuas falas são mais doces para minha alma que os favos da jataí, ou o suco delicioso do abacaxi. Elas fazem-me palpitar o coração como a flor que estremece ao bafejo perfumado das brisas da manhã.

Tu me amas, bem o sei, e o amor que te consagro também não é para ti nenhum segredo, embora meus lábios não o tenham revelado. A flor, mesmo nas trevas, se trai pelo seu perfume; a fonte do deserto, escondida entre os rochedos, se revela por seu murmúrio ao caminhante sequioso. Desde os primeiros momentos tu viste meu coração abrir-se para ti, como a flor do manacá aos primeiros raios do sol.

GUIMARÃES, B. *O ermitão de Muquém*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 7 out. 2015.

O texto de Bernardo Guimarães é representativo da estética romântica. Entres as marcas textuais que evidenciam a filiação a esse movimento literário está em destaque a

- A) referência a elementos da natureza local.
- B) exaltação de Itajiba como nobre guerreiro.
- C) cumplicidade entre o narrador e a paisagem.
- D) representação idealizada do cenário descrito.
- E) expressão da desilusão amorosa de Guaraciaba.

**03.** (Enem)

#### Soneto

Já da morte o palor me cobre o rosto,  
Nos lábios meus o alento desfalece,  
Surda agonia o coração fenece,  
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leite embalde no macio encosto  
Tento o sono reter!... já esmorece  
O corpo exausto que o repouso esquece...  
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,  
Fazem que insano do viver me prive  
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!  
Volve ao amante os olhos por piedade,  
Olhos por quem viveu quem já não vive!

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

O núcleo temático do soneto citado é típico da segunda geração romântica, porém configura um lirismo que o projeta para além desse momento específico. O fundamento desse lirismo é

- A) a angústia alimentada pela constatação da irreversibilidade da morte.
- B) a melancolia que frustra a possibilidade de reação diante da perda.
- C) o descontrole das emoções provocado pela autopiedade.
- D) o desejo de morrer como alívio para desilusão amorosa.
- E) o gosto pela escuridão como solução para o sofrimento.

**04.** (Enem)

#### Texto I

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,  
Meu Deus! não seja já;  
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,  
Cantar o sabiá!  
Meu Deus, eu sinto e bem vês que eu morro  
Respirando esse ar;  
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo  
Os gozos do meu lar!  
Dá-me os sítios gentis onde eu brincava  
Lá na quadra infantil;  
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,  
O céu de meu Brasil!  
Se eu tenho de morrer na flor dos anos,  
Meu Deus! Não seja já!  
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,  
Cantar o sabiá!

ABREU, Casimiro de. *Poetas românticos brasileiros*.  
São Paulo: Scipione, 1993.

#### Texto II

A ideologia romântica, argamassada ao longo do século XVIII e primeira metade do século XIX, introduziu-se em 1836. Durante quatro decênios, imperaram o "eu", a anarquia, o liberalismo, o sentimentalismo, o nacionalismo, através da poesia, do romance, do teatro e do jornalismo (que fazia sua aparição nessa época).  
MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*.  
São Paulo: Cultrix, 1971. [Fragmento]

De acordo com as considerações de Massaud Moisés no texto II, o texto I centra-se

- A) no imperativo do "eu", reforçando a ideia de que estar longe do Brasil é uma forma de estar bem, já que o país sufoca o eu lírico.
- B) no nacionalismo, reforçado pela distância da pátria e pelo saudosismo em relação à paisagem agradável onde o eu lírico vivera a infância.
- C) na liberdade formal, que se manifesta na opção por versos sem métrica rigorosa e temática voltada para o nacionalismo.
- D) no fazer anárquico, entendida a poesia como negação do passado e da vida, seja pelas opções formais, seja pelos temas.
- E) no sentimentalismo, por meio do qual se reforça a alegria presente em oposição à infância, marcada pela tristeza.

**SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP**



## GABARITO

Meu aproveitamento 

## Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. B
- 02. B
- 03. O poema pertence à Terceira Geração do Romantismo, que é preocupada com o social e possui caráter engajado. Quanto ao recurso estético, destaca-se a linguagem grandiloquente e retórica, evidenciada pelas exclamações, que sugerem a indignação, e pelo tom de rogo da voz poética para que cesse o tráfico de escravos.

## Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. B
- 02. D
- 03. D
- 04. B
- 05. D
- 06. A
- 07. E
- 08. A
- 09. E
- 10. No poema de Gonçalves Dias, existe apenas o desejo de encontrar um amor ideal. O amor não sai do campo do platonismo, por isso segue como sonho idealizado. Já no poema de Almeida Garrett, o amor, que era platônico, parece, de algum modo, ter se concretizado. A partir do momento em que o poeta “desperta do sonho” e que a amada, antes imaginada, se materializa, “se fixa”, a idealização amorosa se desfaz, pois o poeta passa a conhecer a dor.
- 11. O romance *O Guarani* faz parte de uma tradição da literatura romântica, que tem o Indianismo como tema central. A figura do índio, presente no texto, reafirma a busca de um símbolo para o imaginário nacional, um herói idealizado que represente a força do nativismo. Deve-se destacar, no entanto, que os românticos tinham uma concepção eurocêntrica do heroísmo. O índio-herói da nossa literatura possuía as virtudes cristãs de um cavaleiro medieval e, quase sempre, abdicava de seus valores e costumes em favor da “amizade” com o português colonizador. Peri, por exemplo, é um exemplo de coragem e força física, no que está o seu caráter heroico. Mas é sempre submisso a Ceci. Essa docilidade de Peri é exaltada por Alencar como uma característica positiva, como se fosse o Peri “um índio de alma branca”.

## Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. B
- 02. A
- 03. B
- 04. B



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %



## Realismo e Naturalismo

### REALISMO

A partir da segunda metade do século XIX, o idealismo dos românticos foi substituído por uma visão racionalista e cientificista que culminou no Realismo e no Naturalismo. Esses dois estilos, em vez de se preocuparem com um mundo imaginário e com ambientes oníricos, perpassados por seres fantásticos, como fizeram os românticos, pretenderam construir um retrato fidedigno da realidade, com o intuito de “radiografar” e “diagnosticar” as mazelas do mundo industrial e da sociedade burguesa. Isto é, em vez da subjetividade, da melancolia sonhadora, da fuga para um passado ou para um cenário idealizado, o sujeito da segunda metade desse século buscou fazer uma arte próxima da realidade, de caráter científico, verossímil, dotada da maior objetividade possível, sem qualquer traço de impressão pessoal ou emotiva.

Com a segunda fase da Revolução Industrial e com as crises sociais e econômicas que ocorriam nos centros urbanos, surgiram correntes sociológicas, filosóficas e biológicas para explicar esses fenômenos que repercutiam no mundo. Os artistas dialogaram com esse tipo de saber científico e também se viram no papel de construtores de uma literatura ou de uma pintura que discutisse a crise que se instaurava.

Na obra *O quebra-pedras*, de 1849, do pintor Gustave Courbet, é possível reconhecer o intuito da pintura realista, que se contrapõe ao caráter grandioso e épico das imagens e temas do Romantismo. Nesse quadro, observa-se como a temática busca retratar um sujeito comum, marginalizado pelas condições burguesas do mundo capitalista, e também como o tratamento dado ao tema é mais voltado para uma arte que procura se aproximar do real em vez de “corrigi-lo” de modo idealizado.



COURBET, Gustave. *O quebra-pedras*. 1849. Óleo sobre tela, 45 x 54 cm.

Se o Romantismo se ocupou em registrar – ou recriar – movimentos históricos de cunho nacionalista, o Realismo se ocupou em retratar a cena cotidiana, comum, muitas vezes representativa de uma nova ordem social decorrente da industrialização. Os camponeses, os operários e a gente pobre que compõe as massas urbanas passaram a protagonizar as pinturas, substituindo os monarcas, os nobres e os burgueses dos estilos anteriores.

Seguindo essa linha de raciocínio, para o pintor Gustave Courbet a arte é a constatação do verdadeiro, por isso o artista procura retratar a realidade como ela é, nem bela nem feia. Ele não idealiza as cenas que pinta (como fariam os neoclássicos), nem as dramatiza (como fariam os românticos). A maior parte de seus quadros registra um momento circunstancial, um acontecimento episódico, por vezes, pouco importante, o flagrante de um gesto cotidiano. Em *Moças à margem do Sena*, por exemplo, Courbet apresenta duas jovens fazendo a sesta às margens de um rio.



COURBET, Gustave. *Moças à margem do Sena*. 1857. Óleo sobre tela, 174 x 206 cm. Petit Palais, França, Paris.

As moças retratadas não são propriamente belas e não posam para o pintor. As roupas estão desalinhadas e a postura é indolente, descomposta. Tudo sugere que elas tenham sido pegas desprevenidas, como se tivessem sido surpreendidas em seu sono vespertino. Falta um eixo ordenador da visão, todos os elementos que compõem o quadro têm a mesma importância, as figuras humanas têm o mesmo peso que a paisagem natural. Não há a intenção de captar o sentimento das mulheres nem de se criar uma representação da natureza. Courbet registra o que vê.



## TÁ NA MÍDIA

Acesse o QR Code para descobrir mais obras do pintor realista francês Gustave Courbet.



Descubra também a pintura brasileira do século XIX visitando o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. O maior acervo das pinturas do século XIX encontra-se lá.



Foi nesse contexto social e histórico que a literatura se aproximou da ciência e buscou, nela, a base de sua estruturação. Assim, as obras literárias do Realismo e do Naturalismo transformaram-se em “tratados estético-científicos”, que retomavam teorias como o positivismo de Augusto Comte, o determinismo de Taine, o evolucionismo de Charles Darwin, o socialismo científico e o materialismo histórico de Marx e Engels.

As obras realistas eram voltadas principalmente para as questões biológicas dentro de uma perspectiva social, como na concepção de Taine de que o homem era um produto do meio ou na ótica sociológica de Marx, Engels e Durkheim, ao estudarem a sociedade como um “organismo maior” formado por “organismos menores” – os homens. O Realismo se legitimou como uma escola que aponta os desvios, os conflitos e os dilemas dessa realidade urbana do tecido social, corrompida pela hipocrisia, pelas regras sociais de aparência, pelos relacionamentos por interesses, pelo casamento como contrato social e não como vínculo afetivo.

Por sua vez, o Naturalismo buscou se enveredar ainda mais pelas descobertas científicas sobre a origem dos homens e o seu lado animalesco, instintivo, constituído de uma potência natural que nem sempre conseguia ser “domesticada” pelas regras sociais; pelo contrário, fazia-se notar como forma de reação do corpo em nome das normas culturais que o convívio social insistia em impor. Com isso, os textos naturalistas prendem-se a um estudo do homem biológico, que reage ao homem social do mundo burguês; reação que se constitui por meio de “transgressões” como o incesto, a histeria, as relações homossexuais, a zoofilia, entre tantos outros tabus. A galeria de personagens grotescos, com problemas mentais ou “perversões” sexuais, nos romances naturalistas, cumpre, portanto, a função de demonstrar como o homem é vítima das próprias leis.

É importante ressaltar, aqui, que o olhar lançado sobre o comportamento humano é sempre datado, ou seja, a maneira como se descrevem e se avaliam certos comportamentos da época diz respeito a um momento específico da História. Além disso, por mais que a perspectiva dos narradores realistas e naturalistas pretenda ser objetiva, não escapa a juízos de valores, ideologias e morais algumas vezes discutíveis. Todavia, nada disso invalida o valor artístico das obras.

Assim, enquanto o Realismo esteve mais preocupado em traçar um panorama social, o Naturalismo procurou traçar um percurso mais psicológico do homem, pois teve o desejo de retratá-lo como um ser patológico, como portador de “desvios” morais condenados pela sociedade. Os livros naturalistas assemelhavam-se a tratados clínicos que refletiam sobre o homem em estado zoomórfico ou em um estágio de loucura. As obras realistas, por sua vez, preocupavam-se principalmente com a coletividade, com os aspectos sociais que perturbavam ou condicionavam a vida do ser: eram “radiografias” de uma época.

Entretanto, é desnecessário e, muitas vezes, impossível discernir traços realistas e naturalistas nas obras, já que, na maioria dos casos, eles aparecem mesclados na composição dos romances produzidos no final do século XIX.

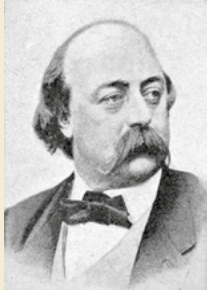
O importante é perceber como a postura idealista, sonhadora, monárquica, religiosa e romântica da primeira metade do século foi substituída por um discurso verossímil, cientificista, clínico, antiburguês, republicano, anticlerical e cético pelos escritores do Realismo e do Naturalismo.

## “MADAME BOVARY SOU EU”

O romance *Madame Bovary*, do francês Gustave Flaubert, foi um dos marcos do Realismo europeu. A obra, publicada em 1857, chocou a sociedade parisiense por dar voz a uma protagonista que, insatisfeita com o casamento, comete adultério em busca de realização sexual e pessoal. Educada segundo os modelos da sociedade patriarcal e burguesa da época, que entende o casamento como uma oportunidade de negócio, Emma Bovary se casa, a mando do pai, com um promissor médico. No entanto, contrariando os padrões, a protagonista, além de não cumprir com as regras que ditam o que é ser uma boa esposa, apaixona-se por um rapaz mais jovem, e seu caso de amor vira o assunto da vila interiorana onde mora e motivo de vergonha para a sua família.

Em razão desse transgressor enredo, o autor foi processado por atentar contra a moral e a religião. Em seu julgamento, Flaubert, indagado sobre a possibilidade de o adultério de Bovary ter sido inspirado em uma história real, teria respondido: “Emma Bovary sou eu”.

Essa acusação revela, especialmente, o incômodo com a possível existência de uma trama real por trás da ficção, uma vez que a obra denunciava, de muitas formas, a hipocrisia que edificava a sociedade da época, pautada, sobretudo, na manutenção de relações de interesse. Ademais, *Madame Bovary* corrompia a ideia de mulher virginal, tão difundida pelos escritores românticos e que tanto agradava aos leitores burgueses.



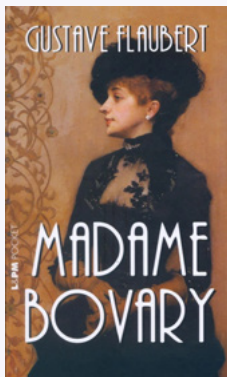
Nader / Domínio Público

Gustave Flaubert (1821-1880)



## TÁ NA MÍDIA

Leia ***Madame Bovary*** (1857), de Gustave Flaubert.



Divulgação

Conheça mais sobre a obra acessando o QR Code e assistindo ao filme ***A sedutora Madame Bovary*** (1949), de Vincente Minelli.



Em Portugal, credita-se o surgimento do movimento realista à Questão Coimbrã. Na década de 1860, jovens intelectuais da cidade de Coimbra, inspirados pela postura antirromântica que caracterizava os ideais literários de outros países europeus, como a França, propuseram um debate acerca da necessidade de construção de uma expressão artística que discutisse as questões sociais daquele momento.

Esse confronto entre as ideias do Romantismo e do Realismo ficou conhecido como a Questão Coimbrã – responsável por lançar no circuito literário português nomes como Antero Quental e Teófilo Braga e por revolucionar o panorama da literatura, julgado, por esses novos escritores, como ultrapassado e passadista. Acompanhando a tendência do Realismo no restante da Europa, as publicações portuguesas também propunham, por meio da literatura, uma análise objetiva da realidade e a crítica dos fenômenos sociais. Apesar de não ter participado diretamente da Questão Coimbrã, um dos grandes representantes do Realismo português é o escritor Eça de Queirós. Autor de clássicos como *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888), Eça de Queirós foi um crítico mordaz da sociedade burguesa do fim do século XIX. Afastando-se dos ideais românticos, a obra do escritor trouxe à cena enredos que denunciavam a corrupção da Igreja Católica e dos indivíduos, revelavam traições, incestos e priorizavam a exploração psicológica das personagens. A exemplo disso, leia este trecho de *O Primo Basílio* – uma caricatura da família burguesa lisboeta da época:

Bom Deus, começava a estar menos comovida ao pé do seu amante, do que ao pé do seu marido! Um beijo de Jorge perturbava-a mais, e viviam juntos havia três anos! Nunca se secara ao pé de Jorge, nunca! E secava-se positivamente ao pé de Basílio! Basílio, no fim, o que se tornara para ela? Era como um marido pouco amado, que ia amar fora de casa! Mas então valia a pena? Onde estava o defeito? No amor mesmo talvez! Porque enfim, ela e Basílio estavam nas condições melhores para obterem uma felicidade excepcional: eram novos, cercava-os o mistério, excitava-os a dificuldade... Por que era então que quase bocejavam? É que o amor é essencialmente perecível, e na hora em que nasce começa a morrer. Só os começos são bons. Há então um delírio, um entusiasmo, um bocadinho do céu. Mas depois! ... Seria pois necessário estar sempre a começar, para poder sempre sentir? [...] E, pela lógica tortuosa dos amores ilegítimos, o seu primeiro amante fazia-a vagamente pensar no segundo!

QUEIRÓS, Eça. *O Primo Basílio*. São Paulo: Nobel, 2008. p. 152. [Fragmento]

Nesse excerto, é notório o tom antirromântico do realismo de Eça de Queirós, uma vez que Luísa, uma jovem sonhadora e típica burguesa leitora de romances, é apresentada sem idealizações. A personagem, que protagoniza um triângulo amoroso formado por Jorge, seu marido, e por Basílio, seu primo, além de adúltera, é caracterizada como uma mulher frívola, superficial e incapaz de amar verdadeiramente. Ao destacar que, para Luísa, “só os começos são bons”, o narrador traça não só um perfil de personagem, como também desnuda o jogo de interesses pessoais que move os relacionamentos, deixando evidente que, nessa sociedade, o amor é, assim como os indivíduos, corrompido.

No contexto brasileiro, a queda da Monarquia, a instauração da República e o fim da escravidão são alguns dos fatores históricos que exemplificam a realidade em fins dos oitocentos – perpassada por crises históricas e econômicas. Esse quadro se esboça nas obras literárias que deixam de retratar a nação de modo idealizado, como faziam os românticos, para abordá-la de modo mais crítico e sensato. A obra de Machado de Assis é exemplar nesse aspecto. Os primeiros trabalhos desse escritor, *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Jaiá Garcia* (1878), ainda possuem características românticas, mas, a partir da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), prevalecem a sátira e a ironia à situação política e à vida social do Brasil, como se verifica em *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Memorial de Aires* (1908), *Esaú e Jacó* (1904). Essa última obra faz uma leitura irônica da transição da Monarquia para a República, o que aparece representado na alegoria dos irmãos gêmeos Pedro e Paulo – Monarquia e República –, que disputam a mesma amada, Flora – o Brasil.

O ano de 1881 é eleito pelos críticos literários como o marco do Realismo e do Naturalismo no Brasil, devido, respectivamente, à publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e à edição da obra *O mulato*, de Aluísio Azevedo.



Imagem da capa do romance de Machado de Assis.

A relevância da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* está não só no fato de ela ter instaurado o Realismo no Brasil, mas também na supremacia do texto machadiano, por ter conseguido superar os próprios valores realistas divulgados na época. Machado de Assis criou uma das obras mais revolucionárias do século XIX, dotada de uma ousadia estética que inaugurou a modernidade da linguagem literária brasileira, ao propiciar um novo formato ao gênero do romance, que até então era mais voltado para o entretenimento das famílias burguesas.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado satiriza essa postura ingênua do público e da linguagem do Romantismo (principalmente por meio do diálogo irônico com as leitoras românticas e com os leitores ingênuos, sedentos por um enredo linear e por cenas de ciúme, traição e desengano amoroso).

Leia, a seguir, um fragmento do primeiro capítulo dessa obra:

## CAPÍTULO 1

### Óbito do Autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. I. [Fragmento]

Nessa passagem, em que o autor se coloca não como “autor defunto”, mas como um “defunto autor”, há um elemento fundamental para o entendimento da perspectiva literária do Realismo. Se um autor vivo, necessariamente, lançaria um olhar parcial sobre a realidade, o “defunto autor” de Machado de Assis, dispensado de respeitar as regras do convívio social, está livre para dizer o que desejar, sem que as consequências de seus dizeres lhe atinjam. Além disso, tendo já encerrado o ciclo de sua vida, é capaz de olhar para o mundo com maior distanciamento. O “defunto autor” machadiano tem, assim, maior poder de investigação sobre a sociedade e seu comportamento.

Contudo, o mais curioso na produção machadiana é a crítica aos discursos científicos cultuados pelos autores realistas-naturalistas. No enredo de *Brás Cubas*, isso se comprova na paródia ao determinismo social – concepção de que o homem é produto do meio –, na criação do “emplasto Brás Cubas” ou na apresentação que o narrador-personagem faz da família (um estrume) que o gerou (uma “flor” – claro que ironicamente, pois era tão estrume quanto a família e a sociedade que o originaram e o cercavam). A vantagem de ser um defunto autor permite a Brás Cubas retirar a “máscara” que a sociedade impõe aos que nela vivem e que dela se sustentam. Surge, então, o autorretrato do narrador: um ser egoísta, ganancioso, fútil, interesseiro, perverso, ou seja, um homem que reproduz o mundo burguês medíocre, hipócrita, vaidoso, que se submete a várias restrições pelos jogos de aparência e pelas relações de interesses.



Brás Cubas, como defunto, satiriza não só a si mesmo e aos que com ele conviveram, mas também a quem o lê. Ser defunto também propicia ao narrador a vantagem de não ter de escrever para agradar ao público, pois não há a necessidade de vender os livros para o seu sustento, e ele nem mesmo precisa atender aos desejos estéticos da época ou às expectativas da crítica para atingir a fama. É por isso que Brás Cubas “ofende” o leitor ingênuo, romântico, e demonstra que escreve para si mesmo e não para os outros, como anuncia não só no prefácio: “A obra em si mesma é tudo: se te agrada, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agrada, pago-te com um piparote e adeus.”, mas também em vários outros trechos, como no capítulo XCVIII: “Estou com vontade de suprimir este capítulo. O declive é perigoso. Mas enfim eu escrevo as minhas memórias e não as tuas, leitor pacato.”. Ou mesmo no capítulo LXXI: “Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás, ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor.”.

O diálogo sarcástico com o leitor e a crítica de Machado ao mundo burguês e ao discurso cientificista estão presentes também em *Quincas Borba* e nos livros de contos publicados pelo autor. Exemplo célebre da narrativa machadiana mais breve é *O alienista*. Nessa novela, o protagonista Simão Bacamarte, um renomado médico, deseja descobrir a cura da loucura. O médico interna vários habitantes da cidade em uma clínica para, no final do texto, perceber que o verdadeiro louco da cidade era ele mesmo. Ou seja, Machado sarcasticamente demonstra como o alienista (médico) era o maior dos alienados (louco). O texto machadiano, nesse sentido, constrói uma alegoria em que o discurso científico e as ideias positivistas que influenciavam as sociedades e os escritores dessa época são colocados à prova e também são ridicularizados. A ironia típica do texto de Machado é revelada não só por essa crítica, mas também pela escolha da própria técnica narrativa. Isso porque, para questionar a validade das teorias científicas, Machado recorre ao próprio discurso científico para embasar o pensamento e as falas de Simão Bacamarte. Sobre isso, leia este trecho da novela:

#### Capítulo IV

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu:

– Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

Disse isto, e calou-se, para ruminar o pasmo do boticário. Depois explicou compridamente a sua ideia. No conceito dele a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí; mas, como um raro espírito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí e refugiou-se na história.

ASSIS, Machado de. *O alienista*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1979. p. 19. [Fragmento]

Situação análoga a essa ocorre em *Quincas Borba*, romance que também coloca uma personagem (Quincas Borba) capaz de criar uma filosofia (o Humanitismo), com a qual explicaria todas as razões sociais e promoveria a perpetuação de seu saber. Isso, no entanto, não ocorre, pois seu único discípulo, Rubião, nunca havia entendido a filosofia, ainda que a exemplificasse, pois era um “organismo fraco”, um vencido, que seria explorado por toda a sociedade, fazendo dos outros “vencedores” às suas custas. Mais uma vez, o escritor se coloca como um crítico de seu tempo, pois a invenção de uma filosofia é uma clara sátira às ramificações de correntes filosóficas comtianas, como o darwinismo social e o determinismo. Veja, neste excerto, como é construída o Humanitismo machadiano:

– Mas que Humanitas é esse?

– Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, – ou, para usar a linguagem do grande Camões:

*Uma verdade que nas coisas anda,  
Que mora no visível e invisível.*

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas.

Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

– Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...

– Não há morte. O encontro de ditas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição.



A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 648-649. [Fragmento]

Além de tais obras extremamente significativas, outro romance fundamental nesse período, de autoria de Machado de Assis, é *Dom Casmurro*, narrado por Bentinho, já na velhice, procedimento próximo ao do “defunto autor” de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Tal obra é a versão do narrador sobre sua história de amor vivida com Capitu. Ao longo da narrativa, Bentinho pretende culpar sua antiga esposa por uma suposta traição, junto a Escobar, amigo do narrador no passado. Entretanto, a parcialidade da narrativa de Bentinho coloca em questão a veracidade de seu relato. Soma-se a isso o fato de que a memória impede ao narrador a recuperação dos fatos em sua verdade. A respeito, leia o seguinte fragmento do romance:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Martin Claret, 2005. [Fragmento]

Se o passado do narrador é uma lacuna no meio da memória, tudo em sua narrativa é discutível. Assim, todo o relato de Bentinho é como a tinta que visa esconder a cor esbranquiçada da barba: porque todos os fatos, tal como ocorreram, faltam, e o narrador do presente da narrativa necessariamente inventa histórias sobre as histórias ausentes. A própria narrativa já não se sustenta como verdadeira, portanto. O enigma da suposta traição de Capitu não se resolve, justamente, por isso.



## TÁ NA MÍDIA

Tenha acesso à obra completa de Machado de Assis acessando o QR Code.



Ouçã a canção “Capitu”, de Luiz Tatit. Nela, a personagem de Dom Casmurro é recriada no contexto contemporâneo.



HELIVIO ROMERO / ESTADÃO CONTEÚDO / AE

## CONTEÚDO NO Bernoulli Play

Machado de Assis é o primeiro grande ficcionista da América do Sul e um dos maiores autores do século XIX em todo o Ocidente.

Se quiser conhecer um pouco mais *Quincas Borba* e *O alienista*, acesse os QR Codes para explorar dois estudos sobre essas obras.



## NATURALISMO

Se Machado de Assis foi o autor realista mais significativo do Brasil, Aluísio Azevedo afirmou-se como o grande nome do Naturalismo. Seguindo as lições do português Eça de Queiroz e do francês Émile Zola, Aluísio Azevedo produziu três obras que o eternizaram na literatura brasileira: *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890).

Mesmo com a excelente repercussão de *O mulato* e de *Casa de pensão*, foi com a obra *O cortiço* que Azevedo se imortalizou como o maior escritor do Naturalismo brasileiro. Nos fragmentos a seguir, o narrador apresenta o cenário no qual a trama é ambientada:

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no estercó.

[...] O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulhavam os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 33. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 30-36. [Fragmento]

O cientificismo do livro, baseado na concepção do romance-tese divulgado pelos naturalistas, pode ser identificado no vocabulário utilizado pelo narrador para descrever o ambiente. Expressões da biologia, como “geração espontânea”, são empregadas para retratar o surgimento progressivo das pessoas no cortiço – cenário em putrefação, “lama”, que gera seres também putrefatos: eis a comprovação da tese de que o homem é produto do meio. Isso justifica o caráter asqueroso com que os lugares e as pessoas são apresentados. Homens e mulheres são tão explorados, marginalizados e aculturados, que parecem regressar a um estado de animalidade, de zoomorfização.

Não só em *O cortiço*, mas também nas demais obras de Aluísio Azevedo e dos outros escritores do final do século XIX podem ser facilmente percebidas algumas tendências naturalistas, que resultam de uma forte influência do escritor francês Émile Zola, tais como: linguagem descritiva e cientificista (que se baseia nos trabalhos psicanalíticos da época sobre a histeria, nas teorias de Darwin sobre a evolução ou nos estudos de Pasteur sobre a geração espontânea); zoomorfização das personagens; construções de cenas grotescas; descrições de “desvios” de caráter (já que, além de animalizado, o homem é um ser em estado patológico); concepção de que o ser humano é produto do meio (o caso de Pombinha, em *O cortiço*, é o melhor exemplo para isso, tendo em vista o fato de a moça pura ter se “corrompido” e “degenerado” graças ao meio promíscuo que a cercava, o que a levou a se tornar lésbica e prostituta).



O romance *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, é um expoente da produção naturalista brasileira. Se quiser conhecer mais profundamente essa obra, acesse o QR Code e leia um estudo completo.



Além dos romances de Azevedo, o Naturalismo na literatura brasileira também é exemplificado pelos trabalhos de Júlio Ribeiro (*A carne e Padre Belchior de Pontes*), de Domingos Olympio (*Luzia-homem*) e de Inglês de Souza (*O missionário e Contos amazônicos*).

Outro significativo romance produzido no final do século XIX é a obra *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia. Nesse romance, há elementos não só naturalistas e realistas, mas também impressionistas. O livro marcou-se, portanto, como o introdutor do impressionismo na literatura brasileira. *O Ateneu* é um dos mais belos e bem estruturados romances de fins do século XIX. Nele, Raul Pompéia retrata a existência humana por meio das leis e dos episódios vivenciados em um internato chamado “Ateneu”: espaço que pode ser considerado um microcosmo que espelha a sociedade (macrocosmo). A personagem Sérgio, narradora e protagonista do livro, abre as suas memórias com a fala de seu pai, anunciando-lhe o que ocorreria a partir de sua entrada naquela instituição. Ao longo da obra, tem-se a reflexão do narrador cotejando as palavras do pai com o que realmente vivenciara no Ateneu.

“Vais encontrar o mundo”, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. “Coragem para a luta!”

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma só. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1996. [Fragmento]

Diferentemente da infância ingênua e angelical retratada pelos românticos, como exemplifica o poema “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, em *O Ateneu*, há outra visão sobre esse estágio da vida. Se a ótica romântica idealiza a infância como um paraíso da inocência, Raul Pompéia demonstra como esse estágio da vida em um internato encontra-se repleto de desilusões, transgressões sexuais, jogos de interesses, supremacia do mais forte que se impõe aos novatos e aos mais frágeis, transformando-os em “namoradas”. O narrador adulto Sérgio, ao fazer uma análise de seu passado no Ateneu e também de seu presente, emprega uma linguagem de matiz impressionista, o que pode ser exemplificado nos trechos finais em que descreve a vida como uma paisagem que, a cada momento, recebe diferentes “colorações”, “impressões”.

## RELEITURAS

O Realismo e o Naturalismo, apesar de serem estilos literários predominantes em um período específico, não se reduzem a apenas um momento histórico. Quando se diz que um texto, um filme ou uma pintura possuem estilo e linguagem realistas, pode-se estar se referindo ao estilo de uma época correspondente à segunda metade do século XIX, em que se situam as obras de Machado de Assis e de Aluísio de Azevedo. Porém, para além do período histórico em questão, a linguagem realista, marcada ou não por elementos naturalistas, tende a permanecer até os dias atuais, seja na literatura ou no cinema, sem que com isso se tenha de dizer que vivemos, hoje, ainda em um período literário Realista ou Naturalista.

Reduzidos aos seus elementos essenciais, como se possível fosse destacá-los da história, o Realismo e o Naturalismo seriam a técnica de preservar uma forma verossímil de realidade no texto ficcional, porque a linguagem realista, em última instância, é aquela que pretende criar a ilusão de que o que se lê, observa ou assiste no campo ficcional corresponde fielmente à realidade. Realismo, nesse sentido, seria a linguagem próxima da realidade. Quanto ao Naturalismo, sobreviveria ainda hoje em obras em que se busca exibir certa crueza na realidade, como o faz o cinema brasileiro contemporâneo quando procura mostrar, até o limite do mal-estar, as realidades violentas e precárias nas comunidades marginalizadas e nos presídios. Exemplos de filmes contemporâneos em que se mostra o estilo realista com traços de crueza naturalista são: *Carandiru – o filme*, de 2003, de Héctor Babenco, filme que se baseia no livro *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varela, e *Cidade de Deus*, de 2002, adaptado para o cinema por Fernando Meirelles, a partir do livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. As obras literárias em que tais filmes se baseiam têm, ambas, linguagem realista com cenas de crueza naturalista. Observe este trecho de *Cidade de Deus*:

Cidade de Deus deu a sua voz para as assombrações dos casarões abandonados, escasseou a fauna e a flora, remapeou Portugal Pequeno e renomeou o charco: Lá em Cima, Lá na Frente, Lá Embaixo, Lá do Outro Lado do Rio e Os Apês.

Ainda hoje, o céu azul e estrelece o mundo, as matas enverdecem a terra, as nuvens clareiam as vistas e o homem inova avermelhando o rio. Aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, com gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas.

Os novos moradores levaram lixo, latas, cães vira-latas, exus e pombagiras em guias intocáveis, dias para se ir à luta, soco antigo para ser descontado, restos de raiva de tiros, noites para velar cadáveres, resquícios de enchentes, birosas, feiras de quartas-feiras e as de domingos, vermes velhos em barrigas infantis, revólveres, orixás enroscados em pescoços, frango de despacho, samba de enredo e sincopado, jogo do bicho, fome, traição, mortes, Jesus Cristos em cordões arrebentados, forró quente para ser dançado, lamparina de azeite para iluminar o santo, fogareiros, pobreza para querer enriquecer, olhos para nunca ver, nunca dizer, nunca, olhos e peito para encarar a vida, despistar a morte, rejuvenescer a raiva, ensanguentar destinos, fazer a guerra e para ser tatuado.

[...]

Por dia, durante uma semana, chegavam de trinta a cinquenta mudanças, do pessoal que trazia no rosto e nos móveis as marcas das enchentes. Estiveram alojados no estádio de futebol Mario Filho e vinham em caminhões estaduais cantando:

Cidade Maravilhosa

cheia de encantos mil..

Em seguida, moradores de várias favelas e da Baixada Fluminense habitavam o novo bairro, formado por casinhas fileiradas brancas, rosas e azuis. Do outro lado do braço esquerdo do rio, construíram Os Apês, conjunto de prédios de apartamentos de um e dois quartos, alguns com vinte e outros com quarenta apartamentos, mas todos com cinco andares. Os tons vermelhos do barro batido viam novos pés no corre-corre da vida, na disparada de um destino a ser cumprido. O rio, a alegria da molecada, dava prazer, areia, rã e muçum, não estava de todo poluído.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 16-17. [Fragmento]

Ainda que separadas por décadas, as obras *O cortiço* e *Cidade de Deus* apresentam elementos que questionam a organização das metrópoles, sobretudo o Rio de Janeiro, bem como apresentam a complexidade social e cultural sobre a qual essas moradias periféricas são edificadas. Em ambos os textos, há um retrato de comunidades que se desenvolveram em meio ao descaso governamental e que, por isso, se viram diante de um cenário marcado pela violência. *Cidade de Deus* é, dessa forma, uma biografia da história do processo de favelização moderno, tornando-se o espaço, por isso, uma personagem à parte. Além disso, é perceptível como a linguagem na narrativa de Lins lembra a tentativa naturalista de aproximar o discurso literário ao biológico, por meio de um vocabulário que tende ao científico e que descreve, de maneira nua e crua, a realidade daquele local – o que fica explícito, por exemplo, no trecho:

os novos moradores levaram lixo, latas, cães vira-latas, exus e pombagiras em guias intocáveis, dias para se ir à luta, soco antigo para ser descontado, restos de raiva de tiros, noites para velar cadáveres, resquícios de enchentes, birosas, feiras de quartas-feiras e as de domingos, vermes velhos em barrigas infantis, revólveres, [...] (LINS, 1997)

Na literatura modernista, a geração de 1930, em que se inserem autores como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, foi também conhecida como geração Neorrealista. Nas obras desses autores, os pressupostos literários do Realismo são retomados, porém com algumas variações, como a densidade psicológica conferida às personagens. Observe, a seguir, um fragmento do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, publicado em 1936, em que três personagens – o protagonista Luís da Silva, um funcionário público e escritor frustrado; Moisés, um homem judeu; e seu Ivo, um homem iletrado – dialogam sobre a realidade brasileira da época:

História! Esta porcaria não endireita. Revolução no Brasil! Conversa! Quem vai fazer revolução? Os operários? Espere por isso. Estão encolhidos, homem. E os camponeses votam com o governo, gostam do vigário. O que eu queria era convencer-me de que não tinha razão. Desejava que Moisés estirasse argumentos e que seu Ivo se revoltasse.

Números. Nada de tapeação. Estatística. O judeu falava em milhões de desempregados, em consciência de classe, voltava-se para seu Ivo, que não compreendia a língua dele:

Não entendo. Vossemecês são brancos, lá se arrumem.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1993. [Fragmento]

Nesse romance, evidencia-se a linguagem verossímil do Realismo, em que se busca correspondência entre o texto e a realidade social de uma época, com o intuito de criticá-la. A clareza e a objetividade linguística, típicas da obra de Graciliano, são heranças da linguagem da segunda metade do século XIX, retrabalhada, entretanto, à maneira do autor.

Já na década de 1970, o estilo realista com traços naturalistas apresenta-se na obra de Rubem Fonseca. O autor inaugura, em 1975, uma corrente literária a que o crítico Alfredo Bosi denominará Brutalista. No conto “Feliz ano novo”, de 1975, o narrador, um assaltante, assim relata, de maneira violenta e brutal, um de seus assaltos:

Subi. A gordinha estava na cama, as roupas rasgadas, a língua de fora. Mortinha. Pra que ficou de flozô e não deu logo? O Pereba tava atrasado. Além de fudida, mal paga.

Limpei as joias. A velha tava no corredor, caída no chão. Também tinha batido as botas. Toda penteada, aquele cabelão armado, pintado de louro, de roupa nova, rosto encarquilhado, esperando o ano novo, mas tava mais pra lá do que pra cá. Acho que morreu de susto. Arranquei os colares, broches e anéis. Tinha um anel que não saía. Com nojo, molhei de saliva o dedo da velha, mas mesmo assim o anel não saía. Fiquei puto e dei uma dentada, arrancando o dedo dela. Enfiei tudo dentro de uma fronha.

FONSECA, Rubem; SCHNEIDERMAN, Boris. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. [Fragmento]

A linguagem empregada nesse conto procura representar a oralidade correspondente à fala do assaltante, que narra a história. A violência da descrição de seus atos, pelo próprio narrador-personagem, remonta às narrativas de Aluísio de Azevedo. Porém, em Rubem Fonseca, o contexto narrativo é atualizado na cidade contemporânea. Uma diferença entre os romances naturalistas e a prosa de Rubem Fonseca é: nos romances naturalistas, há um propósito de comprovação da tese de que o homem é fruto de seu meio; em Rubem Fonseca, esse projeto cientificista está ausente. Há, na obra de Fonseca, antes, um modelo literário entre crítica da realidade contemporânea e entretenimento, marca sobretudo das narrativas brasileiras da década de 1980.



#### TÁ NA MÍDIA



Acesse o QR Code e tenha acesso a um infográfico interativo que apresenta, de forma detalhada, os acontecimentos históricos, sociais, culturais e científicos relacionados ao advento do Realismo e do Naturalismo.



#### Realismo e Naturalismo

Dois grandes estilos literários do século XIX são trabalhados nessa videoaula, que trata também sobre o contexto histórico desse período.



1KKB

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



- 01.** (EsPCEx-SP-2022) “Eu bem sei que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar [...]. A realidade é que eu almocei, como os demais dias.”

Nesse trecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis dirige-se ao leitor e informa como a história deveria ser contada, mas prefere dizer a verdade. Com isso, o autor faz uma crítica ao seguinte estilo de época da literatura:

- A) Realismo, por imprimir uma realidade distorcida apenas para agradar o leitor.
- B) Simbolismo, por recorrer à “fantasia” e apresentar um conflito falso entre matéria e espírito.
- C) Barroco, por apresentar uma linguagem rebuscada e usar figura de linguagem em “titilar-lhe os nervos da fantasia”.
- D) Naturalismo, por apresentar a necessidade animaléscia do homem diante de uma fome irônica.
- E) Romantismo, por insinuar que os românticos simulariam padecimentos em vez de contar a verdade.

- 02.** (Insper-SP)



### I Adagio Cantabile

Maria Regina acompanhou a avó até o quarto, despediu-se e recolheu-se ao seu. A mucama que a servia, apesar da familiaridade que existia entre elas, não pôde arrancar-lhe uma palavra, e saiu, meia hora depois, dizendo que Nhanhã estava muito séria. Logo que ficou só, Maria Regina sentou-se ao pé da cama, com as pernas estendidas, os pés cruzados, pensando.

A verdade pede que diga que esta moça pensava amorosamente em dous homens ao mesmo tempo, um de vinte e sete anos, Maciel – outro de cinquenta, Miranda. Convenho que é abominável, mas não posso alterar a feição das cousas, não posso negar que se os dous homens estão namorados dela, ela não o está menos de ambos. Uma esquisita, em suma; ou, para falar como as suas amigas de colégio, uma desmiolada. Ninguém lhe nega coração excelente e claro espírito; mas a imaginação é que é o mal, uma imaginação adusta e cobiçosa, insaciável principalmente, avessa à realidade, sobrepondo às cousas da vida outras de si mesma; daí curiosidades irremediáveis.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.

O excerto anterior é a abertura do conto “Trio em lá menor”, no qual se podem identificar, através da descrição do perfil da protagonista, traços marcantes da obra machadiana, como o(a)

- A) ênfase na crítica corrosiva aos interesses fúteis da elite brasileira.
- B) tom confessional do narrador que explicita a ficcionalidade da trama.
- C) ruptura da linearidade narrativa com inserções de caráter reflexivo.
- D) visão materialista de mundo, a qual despreza dramas existenciais.
- E) presença de imagens plásticas que desnudam a hipocrisia das personagens.

- 03.** (UFAL) O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa; a sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as das éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno.

O fragmento anterior pertence ao romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

- A) A descrição da personagem exemplifica um típico recurso do movimento literário a que se filiou o autor. Que movimento foi esse e qual o recurso aqui adotado?
- B) Exemplifique, com duas expressões retiradas do texto, a resposta que você deu ao item anterior.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (Unicamp-SP-2022) [...] eu sou um pobre relojoeiro que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do officio. [...] Um exemplo. O Partido Liberal, segundo li, estava encasacado e pronto para sair, com o relógio na mão, porque a hora pingava. Faltava-lhe só o chapéu, que seria o chapéu Dantas, ou o chapéu Saraiva (ambos da chapelaria Aristocrata); era só pô-lo na cabeça, e sair. Nisto passa o carro do paço com outra pessoa, e ele descobre que ou o seu relógio está adiantado, ou o de Sua Alteza é que se atrasara. Quem os porá de acordo?

ASSIS, Machado de. *Bons dias*. Introdução e notas John Gledson. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 79.

Com relação ao excerto da crônica de Machado de Assis, publicada em 5 de abril de 1888 na Gazeta de Notícias, é correto afirmar que a metáfora mecânica faz referência à passagem do tempo, aludindo à expectativa de mudança de

- A) regime a partir de discordâncias políticas que levaram à eleição do governo imperial.
- B) século, marcada pela perspectiva da chegada do meteorito de Bendegó na corte imperial.
- C) mentalidade escravagista, com um pacto político para suspensão de costumes imperiais.
- D) legislação, com a alternância entre partidos para a formação de um novo ministério do governo imperial.



- 02.** (Unicamp-SP-2022) No ano seguinte, o Ateneu revelou-se-me noutra aspecto. Conhecera-o interessante, com as seduções do que é novo, com as projeções obscuras de perspectiva, desafiando curiosidade e receio; conhecera-o insípido e banal como os mistérios resolvidos, caído de tédio; conhecia-o agora intolerável como um cárcere, murado de desejos e privações.

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1980, p. 98.

Com base no excerto que inicia o capítulo VIII do romance de Raul Pompéia e no seu subtítulo – "Crônica de saudades" –, é correto afirmar que a obra é

- A) um relato, em primeira pessoa, de experiências coletivas e íntimas, no qual o protagonista mostra aspectos da realidade social, valorizando o sistema escolar e prisional.
- B) um romance de formação, no qual o protagonista revela condutas e intrigas no ambiente escolar, com elogios à pedagogia corretiva e aos valores morais da burguesia.
- C) uma narrativa memorialista de experiências vividas num internato, na qual o protagonista revela aspectos do sistema educacional da época, com críticas à hipocrisia burguesa.
- D) um relato saudosista de experiências vividas no internato, no qual o protagonista mostra o poder de sedução e corrupção das amizades, com críticas à falsidade da burguesia.

**03.**  
332P



(Insper-SP) – Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Garnier, 1998.

Nessa passagem do romance machadiano, Quincas Borba explica ao amigo Rubião, por meio de uma alegoria, a base da filosofia humanista. Na obra de Machado como um todo, o Humanismo pode ser visto como uma

- A) valorização do racionalismo da Escolástica.
- B) sátira ao discurso cientificista do século XIX.
- C) crítica à crença de que a morte é libertadora.
- D) confirmação do "bom selvagem" de Rousseau.
- E) demonstração da ineficácia das guerras.

- 04.** (UEFS-BA) Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao Sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. De um lado, cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante, faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a ideia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbados de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao Sol, erguia-se altaneira e desassombada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que mesquinamente lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Nobel, 2009. p. 44.

De acordo com as ideias passadas pelo fragmento de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, os homens que trabalham na pedreira

- A) representam a escória humana, que desrespeita a natureza e não tem consciência da degradação ambiental que está gerando.
- B) simbolizam a força do proletariado do século XIX, a sua consciência coletiva e a sua luta por melhores condições de trabalho.
- C) metaforizam a imagem do próprio demônio na medida em que assumem posturas inconsequentes e ignorantes diante de seu próprio *habitat*.
- D) funcionam como produto do meio, referendando a tese de que se tornam tão poderosos e impassíveis à vida quanto a própria pedra que tentam destruir.
- E) integram os trabalhadores braçais que, em sua representação coletiva, são vistos como animais brutais, de ações repetitivas, tentando inutilmente vencer a imponente pedra.

**05.** (Unifesp) Considere o trecho de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Uma aluvião de cenas, que ela [Pombinha] jamais tentara explicar e que até ali jaziam esquecidas nos meandros do seu passado, apresentavam-se agora nítidas e transparentes. Compreendeu como era que certos velhos respeitáveis, cuja fotografia Léonie lhe mostrou no dia que passaram juntas, deixavam-se vilmente cavalgar pela loureira, cativos e submissos, pagando a escravidão com a honra, os bens, e até com a própria vida, se a prostituta, depois de os ter esgotado, fechava-lhes o corpo. E continuou a sorrir, desvanecida na sua superioridade sobre esse outro sexo, vaidoso e fanfarrão, que se julgava senhor e que, no entanto, fora posto no mundo simplesmente para servir ao feminino; escravo ridículo que, para gozar um pouco, precisava tirar da sua mesma ilusão a substância do seu gozo; ao passo que a mulher, a senhora, a dona dele, ia tranquilamente desfrutando o seu império, endeusada e querida, prodigalizando martírios, que os miseráveis aceitavam contritos, a beijar os pés que os deprimiam e as implacáveis mãos que os estrangulavam.

– Ah! homens! homens! ... sussurrou ela de envolta com um suspiro.

No texto, os pensamentos da personagem

- recuperam o princípio da prosa naturalista, que condena os assuntos repulsivos e bestiais, sem amparo nas teorias científicas, ligados ao homem que põe em primeiro plano seus instintos animais.
- elucidam o princípio do determinismo presente na prosa naturalista, revelando os homens e as mulheres conscientes dos seus instintos em função do meio em que vivem e, sobretudo, capazes de controlá-los.
- trazem uma crítica aos aspectos animais próprios do homem, mas, por outro lado, revelam uma forma de Pombinha submeter muitos deles para obter vantagens: eis aí um princípio do Realismo rechaçado no Naturalismo.
- constroem uma visão de mundo e do homem idealizada, o que, em certa medida, afronta o referencial em que se baseia a prosa naturalista, que define o homem como fruto do meio, marcado pelo apelo dos seus sentidos.
- consubstanciam a concepção naturalista de que o homem é um animal, preso aos instintos e, no que diz respeito à sexualidade, vê-se que Pombinha considera a mulher superior ao homem, e esse conhecimento é uma forma de se obter vantagens.

**06.** (UEG-GO)



SEGALL, Lasar. *Emigrantes*.

Disponível em: <http://www.museusegall.org.br>.

Acesso em: 27 ago. 2014.

[...] magro e macilento, um tanto baixo, um tanto curvado, pouca barba, testa curta e olhos fundos. O uso constante dos chinelos de trança fizera-lhe os pés monstruosos e chatos; quando ele andava, lançava-os desairosamente para os lados, como o movimento dos palmípedes nadando. Aborrecia-o o charuto, o passeio, o teatro e as reuniões em que fosse necessário despender alguma coisa; quando estava perto da gente sentia-se logo um cheiro azedo de roupas sujas.

AZEVEDO, Aluísio de. *O mulato*. p. 17.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>.

Acesso em: 21 ago. 2014.

A pintura de Lasar Segall e o fragmento de Aluísio de Azevedo, embora afastados no tempo, servem-se de motivos semelhantes, e caracterizam, respectivamente, o

- Simbolismo e o Naturalismo.
- Arcadismo e o Colonialismo.
- Expressionismo e o Realismo.
- Romantismo e o Parnasianismo.

**07.** (UFRGS-RS) Leia o segmento a seguir:

No Brasil novecentista, uma sociedade escravocrata e patriarcal, o espaço de atuação das mulheres era restrito. Elas aparecem representadas em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. .... escolhe ficar com o homem que desperta seu desejo, sem a necessidade de casar. Paira sobre ..... a desconfiança sobre sua motivação para casar com o vizinho. Por sua vez, ..... casa e descarta o marido, em busca de uma vida livre do domínio masculino.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do segmento, na ordem em que aparecem.

- Rita Baiana – Capitu – Pombinha
- Capitu – Rita Baiana – Pombinha
- Pombinha – Capitu – Rita Baiana
- Pombinha – Rita Baiana – Capitu
- Rita Baiana – Pombinha – Capitu

**08.** (UERJ)

**O cortiço**

Dáí à pedreira restavam apenas uns cinquenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal. Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam lajedos: a ponta de picão<sup>2</sup>; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro<sup>2</sup> e macete<sup>2</sup>. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a ideia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio.

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro<sup>3</sup> havia chegado à fralda<sup>4</sup> do orgulhoso monstro de pedra; num desafio surdo. A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado<sup>5</sup> flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que mesquinamente lhe escorriam pela ciclópica<sup>6</sup> nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante. O cavouqueiro meneou a cabeça com ar de lástima. O seu gesto desaprovava todo aquele serviço.

– Veja lá! disse ele, apontando para certo ponto da rocha. Olhe para aquilo! Sua gente tem ido às cegas no trabalho desta pedreira. Deviam atacá-la justamente por aquele outro lado, para não contrariar os veios da pedra. Esta parte aqui é toda granito, é a melhor! Pois olhe só o que eles têm tirado de lá – umas lascas, uns calhaus<sup>7</sup> que não servem para nada! É uma dor de coração ver estragar assim uma peça tão boa! Agora o que hão de fazer dessa cascalhada que aí está senão macacos<sup>8</sup>? E brada aos céus, creia! Ter pedra desta ordem para empregá-la em macacos! O vendeiro escutava-o em silêncio, apertando os beiços, aborrecido com a ideia daquele prejuízo.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 2009. [Fragmento]

<sup>1</sup> *lajedos – pedras*

<sup>2</sup> *picão, escopro, macete – instrumentos de trabalho*

<sup>3</sup> *cavouqueiro – aquele que trabalha em minas e pedreiras*

<sup>4</sup> *fralda – parte inferior*

<sup>5</sup> *escalavrado – golpeado, esfolado*

<sup>6</sup> *ciclópica – colossal, gigantesca*

<sup>7</sup> *calhaus – pedras soltas*

<sup>8</sup> *macacos – paralelepípedos*

"Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação".

O enunciado anterior apresenta uma sequência de sensações. Aponte o valor semântico dessa sequência e identifique no texto outro exemplo em que a disposição das palavras produza efeito similar.

## SEÇÃO ENEM

### 01. (Enem–2022)

#### Esau e Jacó

Bárbara entrou, enquanto o pai pegou da viola e passou ao patamar de pedra, à porta da esquerda. Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé. Não se lhe podia negar um corpo airoso. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida por um raminho de arruda. Já vai nisto um pouco de sacerdotisa. O mistério estava nos olhos. Estes eram opacos, não sempre nem tanto que não fossem também lúcidos e agudos, e neste último estado eram igualmente compridos; tão compridos e tão agudos que entravam pela gente abaixo, revolviam o coração e tornavam cá fora, prontos para nova entrada e outro revolvimento. Não te minto dizendo que as duas sentiram tal ou qual fascinação. Bárbara interrogou-as; Natividade disse ao que vinha e entregou-lhe os retratos dos filhos e os cabelos cortados, por lhe haverem dito que bastava.

– Basta, confirmou Bárbara. Os meninos são seus filhos?

– São.

ASSIS, M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

No relato da visita de duas mulheres ricas a uma vidente no Morro do Castelo, a ironia – um dos traços mais representativos da narrativa machadiana – consiste no

- A) modo de vestir dos moradores do morro carioca.
- B) senso prático em relação às oportunidades de renda.
- C) mistério que cerca as clientes de práticas de vidência.
- D) misto de singeleza e astúcia dos gestos da personagem.
- E) interesse do narrador pelas figuras femininas ambíguas.

### 02. (Enem–2022)

#### Notas

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão, a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 25 jul. 2022.

O recurso linguístico que permite a Machado de Assis considerar um capítulo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* como inventário é a

- A) enumeração de objetos e fatos.
- B) predominância de linguagem objetiva.
- C) ocorrência de período longo no trecho.
- D) combinação de verbos no presente e no pretérito.
- E) presença de léxico do campo semântico de funerais.

**03.** (Enem–2022) A senhora manifestava-se por atos, por gestos, e sobretudo por um certo silêncio, que amargava, que esfolava. Porém desmoralizar escancaradamente o marido, não era com ela. [...]

As negras receberam ordem para meter no serviço a gente *do tal compadre Silveira*: as cunhadas, ao fuso; os cunhados, ao campo, tratar do gado com os vaqueiros; a mulher e as irmãs, que se ocupassem da ninhada. Margarida não tivera filhos, e como os desejasse com a força de suas vontades, tratava sempre bem aos pequenitos e às mães que os estavam criando. Não era isso uma sentimentalidade cristã, uma ternura, era o egoísta e cru instinto da maternidade, obrando por mera simpatia carnal. Quanto ao pai do lote (referia-se ao Antônio), esse que fosse ajudar ao vaqueiro das bestas.

Ordens dadas, o Quinquim referendava. Cada um moralizava o outro, para moralizar-se.

PAIVA, M. O. *Dona Guidinha do Poço*.  
Rio de Janeiro: Tecnoprint.

No trecho do romance naturalista, a forma como o narrador julga comportamentos e emoções das personagens femininas revela influência do pensamento

- A) capitalista, marcado pela distribuição funcional do trabalho.
- B) liberal, buscando a igualdade entre pessoas escravizadas e livres.
- C) científico, considerando o ser humano como um fenômeno biológico.
- D) religioso, fundamentado na fé e na aceitação dos dogmas do cristianismo.
- E) afetivo, manifesto na determinação de acolher familiares e no respeito mútuo.

**04.** (Enem) Viam-se de cima as casas acavaladas umas pelas outras, formando ruas, contornando praças. As chaminés principiavam a fumar; deslizavam as carrocinhas multicores dos padeiros; as vacas de leite caminhavam com o seu passo vagaroso, parando à porta dos fregueses, tilintando o chocalho; os quiosques vendiam café a homens de jaqueta e chapéu desabado; cruzavam-se na rua os libertinos retardios com os operários que se levantavam para a obrigação; ouvia-se o ruído estalado dos carros de água, o rodar monótono dos bondes.

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*.  
São Paulo: Martins, 1973.

O trecho, retirado de romance escrito em 1884, descreve o cotidiano de uma cidade, no seguinte contexto:

- A) A convivência entre elementos de uma economia agrária e os de uma economia industrial indicam o início da industrialização no Brasil, no século XIX.
- B) Desde o século XVIII, a principal atividade da economia brasileira era industrial, como se observa no cotidiano descrito.
- C) Apesar de a industrialização ter-se iniciado no século XIX, ela continuou a ser uma atividade pouco desenvolvida no Brasil.
- D) Apesar da industrialização, muitos operários levantavam cedo, porque iam diariamente para o campo desenvolver atividades rurais.
- E) A vida urbana, caracterizada pelo cotidiano apresentado no texto, ignora a industrialização existente na época.

## SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



### GABARITO

Meu aproveitamento

#### Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. E
- 02. C
- 03.
- A) O autor, ao utilizar o recurso da comparação, reduz a personagem ao nível animal, como é típico do Naturalismo.
- B) As expressões são "crina (cabelo) preta" e "como éguas selvagens".

#### Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D
- 02. C
- 03. B
- 04. E
- 05. E
- 06. C
- 07. A
- 08. A sequência de sensações apresentada no enunciado é uma gradação, figura também muito comum no estilo Barroco. No trecho citado, de Aluísio Azevedo, a função dessa gradação é chocar o leitor através de palavras semanticamente intensas como "gotejantes", "bêbedos" e "desvairados". O objetivo é impressionar o leitor e ganhar sua cumplicidade. Um outro exemplo está na sequência do trecho citado: "[...] a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra [...]".

#### Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. D
- 02. A
- 03. C
- 04. A



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %

## Parnasianismo e Simbolismo

### AS ESTÉTICAS DE FIM DE SÉCULO



O fim do século XIX foi marcado por intensas modificações sociais provocadas, principalmente, pelas correntes filosóficas positivistas, pelas descobertas científicas e pelas revoluções industriais que ocorreram pela Europa. Se, na prosa, os efeitos dessas transformações foram descritos por meio dos textos realistas e naturalistas, na poesia, o racionalismo da época foi responsável por uma retomada da Antiguidade Clássica e do culto à forma. Essa busca pela perfeição poética deu origem a um novo período literário – o Parnasianismo.

No entanto, o clima de progresso proporcionado pela evolução das máquinas, por outro lado, também compôs um cenário de inquietações motivado, sobretudo, por competições econômicas entre as grandes potências, bem como pela consciência de classe operária que se fortificou após a disseminação das ideias propostas por Marx. Tais fatores culminaram, poucos anos mais tarde, nas duas grandes guerras mundiais que mudaram os paradigmas do século XX. Esse período assinalado por tantas incertezas altera o rumo da arte e volta a pairar no continente europeu uma onda de pessimismo.

Diferentemente do homem romântico, o artista que antecipa o novo século abraça o desconhecido não como forma de fugir da realidade, mas como maneira de tentar explicá-la. Para isso, as incertezas serão acolhidas e o texto literário começa a se valer de símbolos que procuram associar o mundo tangível, real, ao mundo das essências. Esse gosto por representações mais sugestivas, vagas, abstratas e fluídas deu origem à estética literária chamada Simbolismo.

Este módulo, portanto, se dedica a apresentar um panorama desses dois movimentos literários, além de refletir sobre a efervescência cultural que distinguiu o fim do século XIX.

### PARNASIANISMO



O Parnasianismo foi uma corrente literária do final do século XIX que procurou recusar o Romantismo de tradição medieval e resgatar os conceitos clássicos da arte greco-romana, baseados no racionalismo,

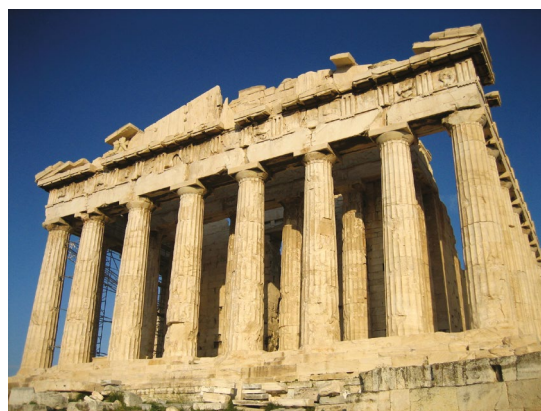
no equilíbrio e na contenção da forma. Como a arte parnasiana versa muito sobre a sua própria construção, há, em suas realizações, um forte caráter metalinguístico.

Os poemas têm como temática a busca de uma poesia bela e perfeita como uma escultura clássica, tão geométrica como um templo grego. Por isso, o poeta parnasiano associava-se à imagem de um **escultor** ou de um **ourives**, que burila a poesia, esculpe os versos e as estrofes até atingir a **forma plena**, a “arquitetura” mais adequada para o poema, que deveria ser construído em nome da perfeição formal.

Devido a esse forte aspecto metalinguístico, os críticos denominaram a produção parnasiana de uma estética da **arte pela arte**. Para alcançar a perfeição, o poeta deveria exilar-se da realidade mundana e viver enclausurado em sua “Torre de Marfim”, na qual se dedicaria ao seu duro labor de poeta que busca as “Belas Letras”, o vocabulário nobre (o que explica a presença de expressões latinas e francesas), a construção sintática erudita e as alusões constantes à mitologia grega.

As artes parnasianas, dentre elas a literatura, partilhavam, como características, o gosto pela forma, a sobriedade, o equilíbrio e a proporção, remetendo aos valores da Antiguidade Clássica.

O Partenon, antigo templo grego dedicado à deusa Atena, é uma estrutura arquitetônica iniciada por volta de 448 a.C., em Atenas, cujos valores estéticos serviram de modelo para a poesia parnasiana.



ICTNOS; CALÍCRATES. *Partenon*. Século VI a.C.  
Estilo clássico, 69,5 m x 30,9 m.



Os seguintes versos de Olavo Bilac, por exemplo, explicitam uma concepção poética do diálogo parnasiano com as artes da Antiguidade Clássica:

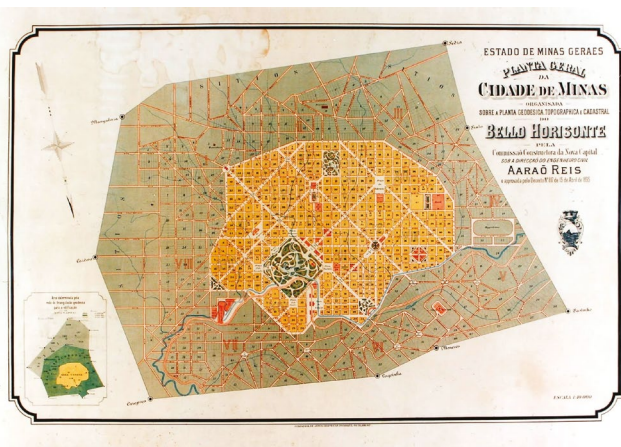
De tal modo que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Poemas de Olavo Bilac – Seleção de Poemas*. São Paulo: Melhoramentos, 2014. (Clássicos Melhoramentos).

Pode-se dizer que a arquitetura neoclássica expressa, no plano artístico, algumas das características da poesia parnasiana. Vários prédios construídos no Brasil no início do século XX seguiram essa concepção estética. Tente observar como isso é notório nas formas lisas das fachadas, nas colunas das entradas dos edifícios, no formato retangular e triangular das linhas das construções.

Como exemplos da manifestação desse estilo, podem ser citadas a construção da capital mineira, Belo Horizonte, projetada pelo engenheiro Aarão Reis entre 1894 e 1897, e a reforma urbana do Rio de Janeiro, conduzida pelo prefeito Pereira Passos entre 1903 e 1906, ambas inspiradas no projeto urbanístico de Paris.

Nos dois casos, o conceito de modernidade era valorizado: procurava-se livrar as cidades de seus aspectos provincianos e / ou das memórias coloniais. Outras diretrizes dos projetos apoiavam-se na preocupação não só com a higiene, mas também com a circulação de pessoas e de mercadorias. Observe a planta da cidade de Belo Horizonte e procure perceber como o equilíbrio geométrico, a simetria e a proporção – característicos da arquitetura neoclássica – eram contemplados pelos idealizadores do planejamento urbano e empregados com objetivos utilitários:



Comissão Construtora de Belo Horizonte / Domínio Público

Planta da cidade de Belo Horizonte (1895).



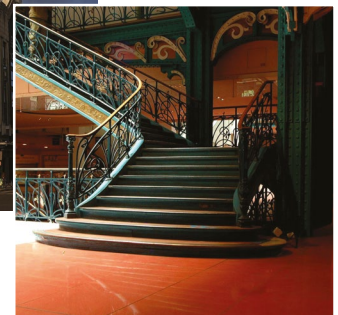
Vinícius Depizzol / Creative Commons

*Edifício dos primórdios da capital mineira. Apesar do predomínio das colunas retas, os detalhes são ornamentados. O contraste entre sobriedade e preciosismo, encontrado no texto parnasiano, também se manifestou na arquitetura.*

Uma das manifestações artísticas em voga no final do século XIX e no início do século XX foi o movimento chamado *Art Nouveau*, que procurou uma concepção de beleza na exuberância da linguagem, inclusive visual. O *Art Nouveau* promoveu o detalhismo e o culto à ornamentação em diferentes setores, como na decoração, no *design* gráfico, na joalheria e no mobiliário. É fácil identificar tal estilo, principalmente em luminárias, objetos de decoração, escadarias, desenhos de papéis de parede, rótulos e cartazes de propaganda. Desse modo, ainda que pregassem a sobriedade e a linearidade por um lado, por outro, os poetas e os artistas possuíam uma tendência decorativista e ornamental, o que resultou na produção de textos com linguagem culta e sofisticada, bem como quadros e construções arquitetônicas repletos de linhas sinuosas e estruturas com formas vegetais (flores, plantas). Se, no exterior dos prédios, há toda uma formalidade e sobriedade que retoma o Partenon, nos objetos decorativos do interior, os elementos são trabalhados de forma altamente detalhada. Observe a fachada e o interior da icônica loja de departamento francesa La Samaritaine, fundada no século XIX, um exemplo da ornamentação cultuada pelo *Art Nouveau*.



Moonnik / Creative Commons



© Samaritan Department Store

La Samaritaine, Paris.



Divulgação

Propaganda da Companhia Nacional de Tabacos na primeira década do século XX. Exemplo da estética Art Nouveau na publicidade brasileira.

Ainda que aparentemente opostas, a retomada da sobriedade dos clássicos e a ornamentação da *Art Nouveau* sintetizam o que é considerado o “bom gosto” aristocrático e burguês do final do século XIX e do início do XX, período denominado de *Belle Époque*.



TÁ NA MÍDIA

A Belle Époque no cinema



Divulgação

Na comédia romântica *Meia noite em Paris* (2011), do diretor Woody Allen, um jovem escritor americano viaja para Paris, cidade que é inspiração para obra de diversos artistas que ele admira. No entanto, a sua rotina de turista é, surpreendentemente, transformada quando, ao badalar da meia-noite, num passeio noturno, ele é transportado a Paris dos anos 1920. Durante suas “viagens” no tempo, Gil frequenta vários salões de festas nos quais conhece artistas e intelectuais, como F. Scott Fitzgerald, Gertrude Stein, Ernest Hemingway, Salvador Dalí, e se apaixona por Adriana – uma mulher que gostaria de ter vivido a época de ouro francesa, ou seja, a *Belle Époque*. Num clima de realismo fantástico, *Meia noite em Paris* passeia pelo final do século XIX e ilustra a agitação cultural que anunciou o século XX.

Na literatura, o Parnasianismo brasileiro ficou consagrado no trabalho de três autores: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac (o “Príncipe dos poetas”), que se encontram retratados da esquerda para a direita na seguinte imagem:



Autor desconhecido / Domínio Público

Os mais famosos versos parnasianos são de Bilac, que, em “Profissão de fé”, traçou as diretrizes da poética parnasiana:

Profissão de fé

[...]

Invejo o ourives quando escrevo:

Imito o amor

Com que ele, em ouro, o alto relevo

Faz de uma flor.

[...]

Torce, aprimora, alteia, lima

A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima,

Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,

Dobrada ao jeito

Do ourives, saia da oficina

Sem um defeito:

[...]

E horas sem conto passo, mudo,

O olhar atento,

A trabalhar, longe de tudo

O pensamento.

Porque o escrever – tanta perícia,  
Tanta requer,  
Que ofício tal... nem há notícia  
De outro qualquer.

BILAC, Olavo. *Poesias*. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 5-6. [Fragmento]

A partir da leitura do poema de Bilac, é possível traçar as diretrizes dos parnasianos:

- **O caráter metalinguístico:** escreve-se a respeito do próprio ato da escrita, da reflexão sobre a poesia e do papel do poeta.
- **A busca da perfeição formal:** “que a estrofe cristalina saia da oficina sem nenhum defeito”.
- **A representação da poesia como exercício árduo,** que mescla a inspiração, a genialidade, com o trabalho persistente, que é o labor literário em busca da melhor expressão: “Torce, aprimora, alteia, lima a frase”.
- **A sacralização da poesia:** “ofício” mais digno que “qualquer outro”.
- **A concepção do poeta como artífice:** comparação do poeta a um ourives que esculpirá uma “joia”: a poesia. Tal “joia” deve exibir uma pedra preciosa: o “rubim” da rima (observe como o poema é todo estruturado por rimas alternadas ABAB).
- **A imagem aurática do poeta:** um ser dotado de uma genialidade que o leva a se exilar do convívio mundano, ficar “longe de tudo” para concretizar seu ofício poético.

O Parnasianismo se constituiu como uma retomada da Antiguidade Clássica, pois a poesia deveria ter a sobriedade, a forma linguística apurada, retilínea, nobre. Entretanto, mesmo que se proclamassem “sóbrios como templos gregos”, os parnasianos produziram, inevitavelmente, uma linguagem extremamente ornamentada, abundante em preciosismos, erudições e rimas ricas; a poesia parnasiana se enquadra nessa “aparência” de sobriedade e de demasiado decorativismo em seu interior.

A verborragia dos textos dos autores parnasianos foi criticada pelos autores modernistas que os sucederam. Como satirizou Oswald de Andrade, só não se inventou uma máquina de fazer versos porque “já havia os poetas parnasianos”. Tal comentário evidencia como a produção parnasiana era bastante repetitiva tanto na forma quanto na temática.

Além do tema central do Parnasianismo, que é o próprio fazer poético, os poetas dedicaram-se também a escrever sobre datas cívicas, figuras ilustres, poetas clássicos, figuras femininas e sentimentos amorosos.

O soneto mais consagrado do Parnasianismo sobre a temática amorosa é o que aparece a seguir, de autoria de Olavo Bilac:

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!”

E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A Via Láctea, como um pálio aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

BILAC, Olavo. *Poesias*. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 53.

Nesse poema, a forma é parnasiana, há, entretanto, marcas da estética romântica quanto ao conteúdo. Não exatamente por ter o amor como tema – fato que se repete em qualquer período histórico –, mas pelo tratamento dado à temática amorosa. Assim, para se ouvir e entender uma estrela, seria preciso ser tomado pelo sentimento amoroso, estar à beira da loucura.

Outro soneto parnasiano conhecido é “As pombas”, de Raimundo Correia:

Vai-se a primeira pomba despertada...  
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombais, apenas  
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada  
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
Rufando as asas, sacudindo as penas,  
Voltam todas em bando e em revoada...



Também dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um, céleres voam,  
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,  
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,  
E eles aos corações não voltam mais...

CORREIA, Raimundo. *Poesias completas*.  
São Paulo: Ed. Nacional, 1948. p. 38.

Nesse poema, as pombas são comparadas aos sonhos, e os corações, aos pombais. Se as pombas que partem retornam todos os dias aos pombais, os sonhos não retornam ao coração, de onde partiram na juventude. Nesse sentido, é possível inferir que a infância, no poema, é o período dos sonhos por excelência.

Novamente, se a forma do poema é clássica, a temática é romântica: a infância idealizada. Lembre-se, por exemplo, dos versos "Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!", do poeta romântico Casimiro de Abreu, que, se não são explicitamente retomados pelo poema de Raimundo Correia, encontram nele alguma afinidade temática.



#### Parnasianismo

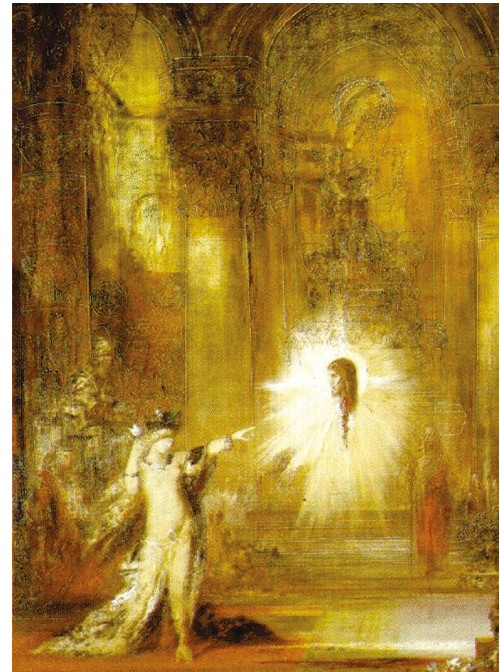
Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico e as obras do Parnasianismo no Brasil.



VPIH

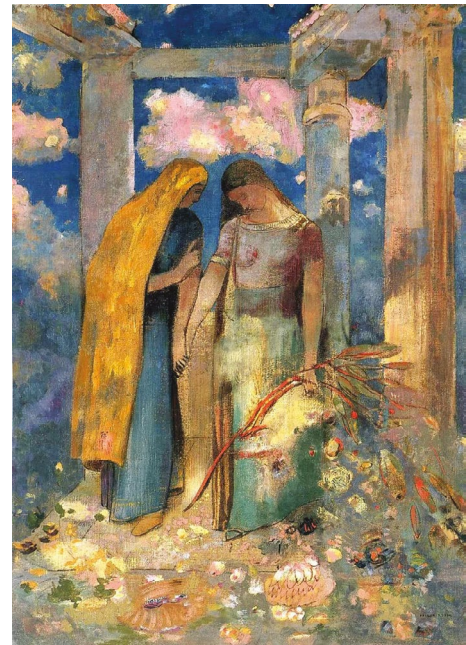
## SIMBOLISMO

O Simbolismo foi um movimento de negação da arte científico-materialista, com o intuito de valorizar o plano espiritual, sensitivo, subjetivo, místico e onírico. Assim, em vez da verossimilhança e da objetividade pregadas pelos realistas, a arte simbolista propunha apenas a **sugestão**. Evocar em vez de descrever, sugerir em vez de definir, sentir em vez de racionalizar. Tais propostas se davam não só no plano das letras, mas também no da pintura, como exemplificam os trabalhos de Gustave Moreau e Odilon Redon, dois dos principais pintores simbolistas do século XIX:



Domínio Público

MOREAU, Gustave. *A aparição*. 1876. Óleo sobre tela, 103 x 142 cm. Museu Gustave Moreau, França.



Domínio Público

REDON, Odilon. *Conversa mística*. 1896. Óleo sobre tela.

No caso da pintura simbolista brasileira, o nome de maior destaque é o de Eliseu Visconti. Em seus trabalhos, é possível reconhecer os elementos típicos dessa estética: a tendência espiritualista, a imagem onírica perpassada pela simbologia cristã, a figura feminina associada a anjos, a transcendência da dor, além da presença de véus que sugerem a fluidez e a evanescência do ambiente místico.



VISCONTI, Eliseu. *Recompensa de São Sebastião*. 1898. Óleo sobre tela, 218,8 x 133,9 cm. Museu Nacional Belas Artes, Rio de Janeiro.

Na literatura, enquanto os parnasianos buscaram seus modelos formais no racionalismo da cultura clássica, os simbolistas tiveram outra preocupação estética, direcionada a uma escrita mais espiritualista, transcendental, de influência oriental e de cunho místico.

Na Europa do final do século XIX, principalmente na França, alguns artistas contestaram o positivismo filosófico e o cientificismo estético tão promulgados pelos autores do Realismo-Naturalismo. Inicialmente, essa reação artística contra a produção baseada na lógica, nos ideais iluministas e na concepção do progresso ficou denominada Decadentismo. Contudo, o intelectual Jean Moréas, em 1886, lançou o “Manifesto Simbolista”, no qual sugeria o nome de Simbolismo para a produção literária então promulgada pelos escritores Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Rimbaud, Mallarmé e por ele mesmo. A partir daí, o Simbolismo foi aceito como uma nova manifestação artística, com adeptos nas letras e nas artes em geral.

Desse modo, a estética simbolista passou a propagar que a produção artística deveria se constituir por meio de imagens sugestivas capazes de promover a analogia entre o eu e o mundo, entre o universo material e as sensações interiores e pensamentos. Diante da impossibilidade de delinear e definir o universo introspectivo (que nunca encontra nas palavras seus correspondentes exatos, visto que palavras e sensações são coisas distintas), os poetas sugerem imagens simbólicas que corresponderiam ao mundo etéreo que desejam representar. Por isso, não cabe ao poeta simbolista definir, especificar, delimitar, contornar, explicar, mas **evocar**. O poeta francês Mallarmé fez a seguinte afirmativa sobre a importância da sugestão na construção da poesia.

[...] referir-se a um objeto pelo seu nome é suprimir as três quartas partes da fruição do poema, que consiste na felicidade de adivinhar pouco a pouco; sugerir-lo, eis o que sonhamos. É o uso perfeito desse mistério que constitui o símbolo; evocar pouco a pouco um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e desprender dele um estado de alma por uma série de decifrações.

MALLARMÉ apud TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 89. [Fragmento]

### Simbolismo na literatura e na pintura

O Simbolismo começou na literatura como um movimento que buscava “vestir a ideia de forma sensível”, como afirmou o poeta simbolista Jean Moréas. Essa estética, que valorizava a criatividade e a imaginação como uma reação ao racionalismo, ganhou em pouco tempo as artes visuais. Na época em que o Simbolismo surgiu, o Realismo e o Impressionismo eram movimentos artísticos muito fortes na pintura. Por serem estilos representacionais do mundo, muitos pintores os consideravam limitados do ponto de vista da inventividade, da imaginação. Assim, o movimento simbolista também se infiltrou nas artes visuais e obras com cores emocionais, temáticas oníricas, imagens estilizadas, símbolos que sugerem múltiplas interpretações foram surgindo e convivendo com as obras de outros estilos. Perceba como é importante ter sempre em mente que não é razoável depreender que, num mesmo período, todas as pessoas de todos os grupos sociais tenham pensado da mesma forma. Estudar o Simbolismo auxilia nessa compreensão, pois, num momento de grande crescimento do cientificismo e do materialismo, muitas pessoas se opuseram a um pensamento dominante e propuseram outras formas de olhar o mundo.

Além dos símbolos, a literatura simbolista explora outros recursos empregados para se buscar a “correspondência” entre o mundo imaginário do poeta e a linguagem escrita, tais como a **musicalidade** e a **sinestesia**. O poeta francês Paul Verlaine, em *Arte poética*, imortalizou a questão da sonoridade como um forte recurso simbolista por meio do verso: “**Antes de qualquer coisa, a música**”. O privilégio da sonoridade na poesia levou à valorização de figuras sonoras como as aliterações, assonâncias, ecos, rimas e paronomásias. Era o desejo dos poetas simbolistas de conseguir “traduzir” os temas por meio das palavras empregadas para representá-los. A tendência de olhar o mundo sob um viés mais existencialista e reflexivo foi representada em textos de tom melancólico e niilista.



Esse caráter pessimista da poesia simbolista foi definido pelo termo *spleen*. A palavra (que, no inglês, significa baço) retoma a associação feita entre a produção da chamada bile negra e o suposto efeito que ela traria ao humor do indivíduo – na teoria do grego Hipócrates, o sujeito tende a ser melancólico devido ao excesso dessa substância no corpo. Esse pensamento, do qual se apropriaram os poetas ultrarromânticos, foi popularizado na poesia de Baudelaire como forma de traduzir as sensações de tédio, mal-estar, angústia, náusea, como pode ser visto neste trecho retirado de “*Spleen e Ideal*”, um dos poemas que compõem a obra *As flores do mal*:

Nada iguala a extensão dos longos dias mancos  
Quando o tédio, esse fruto da incuriosidade,  
Sob os pesados flocos da neve dos anos,  
Atinge as proporções da imortalidade.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução de Fernando Pinto do Amaral. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993. p. 195. [Fragmento]

Na literatura portuguesa, essas características são encontradas, especialmente, na obra de Camilo Pessanha, principal nome do Simbolismo em Portugal. A poesia do escritor, aos moldes de Baudelaire, também recorre às questões metafísicas e revela uma visão negativa em relação ao mundo e à existência humana. Leia estes versos:

Tenho sonhos cruéis; n’alma doente  
Sinto um vago receio prematuro.  
Vou a medo na aresta do futuro,  
Embebido em saudades do presente...

Saudades desta dor que em vão procuro  
Do peito afugentar bem rudemente,  
Devendo, ao desmaiar sobre o poente,  
Cobrir-me o coração dum véu escuro!...

[...]

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. 2. ed. Lisboa: Ática, 1956. [Fragmento]

Todas essas reflexões estéticas e ideológicas sobre a arte simbolista, divulgadas principalmente na França, chegaram ao Brasil e encontraram adeptos que fizeram delas a própria concepção artística pessoal. Dois nomes são exemplares nesse caso: o de Cruz e Sousa e o de Alphonsus de Guimaraens.

No Brasil, o Simbolismo começou a vigorar no ano de 1893, com a publicação de duas obras de Cruz e Sousa: *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia). A produção do poeta brasileiro segue os preceitos estéticos dos franceses, ao explorar intensamente a musicalidade, a sinestesia e a linguagem simbólica para construir cenários etéreos e diáfanos. Cruz e Sousa, em “O emparedado”, afirma que somente a visão delicada de um espírito artístico assinala os inexprimíveis segredos que vagam na luz, no ar, no som, no aroma e na cor, trazendo inéditas manifestações do indefinido, concepção que ele reitera em “Sabor”: “Para mim, as palavras, como têm colorido e som, têm, do mesmo modo, sabor”.



Caricatura feita por Angelo Agostini, reproduzida na Revista Ilustrada, que retrata Cruz e Sousa segurando sua obra *Missal*.

O poema “Antífona”, primeiro da obra *Broquéis*, confirma como as concepções estéticas do Simbolismo francês foram assimiladas pelo contexto poético brasileiro. O texto é uma súplica para que os elementos etéreos, sinestésicos, sonoros, misteriosos e místicos ajudem o poeta a construir sua poética:

**Antífona**

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras

De luares, de neves, de neblinas!...

Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...

Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras,

De Virgens e de Santas vaporosas...

Brilhos errantes, mádidas frescuras

E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,

Harmonias da Cor e do Perfume...

Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,

Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,

Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...

Dormências de volúpicos venenos

Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,

Inefáveis, edênicos, aéreos,

Fecundai o Mistério destes versos

Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades

Que fuljam, que na Estrofe se levantem

E as emoções, todas as castidades

Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros

Fecunde e inflame a rima clara e ardente...

Que brilhe a correção dos alabastros

Sonoramente, luminosamente.

[...]

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,

Nos turbilhões quiméricos do Sonho,

Passe, cantando, ante o perfil medonho

E o tropel cabalístico da Morte...

SOUSA, Cruz e. *Obra completa*.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 63. [Fragmento]

Assim como em uma epopeia grega, o *aedo* invocava as musas para que elas lhe relatassem passagens de eventos heroicos, o poema "Antífona" se faz à maneira de uma invocação, embora sua musa seja outra. Pede-se a inspiração às "formas", à "música", às "visões", aos "espíritos" e ao "sonho". Note, como, no poema, a musicalidade é expressa por meio, por exemplo, das **assonâncias** que reforçam o som vocálico "a", no primeiro verso, e das **aliterações** (repetição de sons consonantais, representadas pelo fonema /s/). Além disso, a sinestesia, termo que faz alusão à percepção simultânea dos sentidos, é explorada nos versos "Que brilhe a correção dos alabastros / Sonoramente, luminosamente", em que há impressões sensoriais derivadas, respectivamente, da audição e da visão. Outra característica comum aos textos simbolistas é a recorrência às chamadas **maiúsculas alegorizantes**, isto é, o uso de letras maiúsculas em substantivos que, originalmente, são comuns. Ao recorrer a esse recurso, há uma personificação de elementos, de modo que, transformadas em nomes próprios, essas palavras recebem maior importância no contexto – é o que ocorre nos vocábulos "Amor", "Dor", "Luz", dentre outras. Enfim, ao empregar tantos recursos, o poema se esvazia em relação ao sentido / conteúdo, mas se preenche de imagens que criam sensações no leitor e que se desconectam da realidade.

Também na obra *Broquéis*, há um poema em que se faz claro o emprego da forma poética como mecanismo de sugestão de sentidos. Atente ao ritmo e à musicalidade deste soneto, considerando seu título:

**Dança do ventre**

Torva, febril, torcicolosamente,  
numa espiral de elétricos volteios,  
na cabeça, nos olhos e nos seios fluíam-lhe  
os venenos da serpente.

Ah! que agonia tenebrosa e ardente!  
que convulsões, que lúbricos anseios,  
quanta volúpia e quantos bamboleios,  
que brusco e horrível sensualismo quente.

O ventre, em pinchos, empinava todo  
como réptil abjecto sobre o lodo,  
espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforme  
de um verme estranho, colossal, enorme,  
do demônio sangrento da luxúria!

SOUSA, Cruz e. Dança do ventre. In: *Broquéis*. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000073.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2020. [Fragmento]

O ritmo do soneto, e não apenas o sentido de suas palavras, é marcadamente erótico, pois sugere o movimento corporal da dançarina e expressa, na musicalidade, o desejo do eu lírico diante da mulher. É importante ressaltar que, assim como os parnasianos, os poetas simbolistas, como pôde ser visto no poema anterior, também conservaram o gosto por formas fixas e, não raro, se apropriam dos sonetos.



## TÁ NA MÍDIA



Saiba mais sobre a vida e a obra do poeta Cruz e Sousa assistindo ao filme **Cruz e Sousa: o poeta do desterro**, lançado em 1998, por ocasião do centenário da morte do poeta.



Outro nome significativo do Simbolismo brasileiro é Alphonsus de Guimaraens, que recebeu o epíteto de "O solitário de Mariana". A temática amorosa em seus versos é um canto dolorido, que se manifesta pela perda da amada morta, o que leva a voz poética a também almejar a morte para que possa reencontrá-la:

Hão de chorar por ela os cinamomos  
Murchando as flores ao tombar do dia  
Dos laranjais hão de cair os pomos  
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: – "Ai, nada somos,  
Pois ela se morreu silente e fria..."  
E pondo os olhos nela como pomos,  
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua que lhe foi mãe carinhosa  
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la  
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...  
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,  
Pensando em mim: – "Por que não vieram juntos?"

GUIMARAENS, Alphonsus de. Hão de chorar por ela os cinamomos. In: GONÇALVES, Magaly Trindade et al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa, 2004. p. 384.

Mas, sem dúvida, o mais conhecido poema de Alphonsus de Guimaraens é "Ismália", composição em que o poeta revela como o sonho e a loucura são as únicas formas de se escapar das agruras da realidade.

## Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Banhrou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu,  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...

GUIMARAENS, Alphonsus de. Ismália. In: GONÇALVES, Magaly Trindade et al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa, 2004. p. 391.

Nesse poema, é possível perceber a correlação entre o mundo concreto, onde Ismália é a mulher enlouquecida no alto da torre, distante do reflexo da lua no mar, e o mundo etéreo, em que Ismália, após saltar, é como um anjo que se encaminha para o reflexo da lua na água. Ao fim, ela é apenas uma alma que sobe da água para o céu.

RELEITURAS 

De uma maneira geral, parnasianos e simbolistas receberam severas críticas de seus sucessores imediatos. Conforme será visto posteriormente, os pré-modernistas, em sua maioria, eram artistas atentos às transformações políticas e às injustiças sociais de seu tempo; comprometidos, portanto, com uma literatura que, embora não fosse panfletária, era mais engajada. Para eles, a preocupação excessiva com os aspectos formais e sonoros do texto e o distanciamento da realidade, típicos do Parnasianismo e do Simbolismo, produziam uma arte vazia, artificial e alienada, reduzida ao mero exercício estético e pouco comprometida com ideais pragmáticos (tais como os de denúncia ou de conscientização, por exemplo) ou mesmo com a capacidade de emocionar. Essa crítica pode ser vista no trecho a seguir, retirado de uma das crônicas de *Os Bruzundangas*, obra de Lima Barreto:

Não nego que houvesse entre eles alguns de valor, mas os preconceitos da Escola os matava.

A maioria ia para ela, porque era cômodo no fundo, pois não pedia que se comunicasse qualquer emoção, qualquer pensamento, qualquer importante revelação de nossa alma que interessasse a outras almas; [...] enfim, um julgamento, um conceito que pudesse influir no uso da vida, na nossa conduta e no problema do nosso destino, empregando os fatos simples, elementares, as imagens e os sons que por si sós não exprimiam a ideia que se procura, mas que se acha com eles e se vai além por meio deles. [...]

Abanquei-me e pude perceber que acabavam de ouvir uma poesia do poeta Worspikt. Tratava da lua, de *iceberg*, – descobri eu por uma ou outra consideração que fizeram.

Nenhum deles tinha visto um *iceberg*, mas gabavam os ouvintes a emoção com que o outro traduzira em verso o espetáculo desse fenômeno das circunvizinhanças dos polos.

Num dado momento, Kotelniji disse para Worspikt:

– Gostei muito desse teu verso: “há luna loura linda, leve, luna bela!” [...]

BARRETO, Lima. Os samoiedas. In: *Os bruzundangas*. São Paulo: Ática, 1985. [Fragmento]

A “Escola” e o poeta mencionados no texto de Lima Barreto são fictícios, mas constituem representações do estilo e dos escritores parnasianos e simbolistas. Ao dizer que a Escola não comunica qualquer emoção, pensamento ou importante revelação, o narrador evidencia como ela é desprovida de conteúdo e, portanto, inútil (não influi “no uso da vida” ou na conduta). A suposta emoção causada pela declamação do verso é artificial, já que “luna loura linda, leve, luna bela” não diz muita coisa, trata-se apenas de um exemplo de uso despropositado da aliteração para criar um efeito sonoro qualquer.

Além dos pré-modernistas, também os modernistas da Primeira Geração criticam os parnasianos e simbolistas, porém por motivos diferentes. O que causa incômodo aos modernistas na poesia parnasiana e simbolista (sobretudo na parnasiana) não é a sobreposição da forma em detrimento do conteúdo, mas sim o preciosismo vocabular, a falta de liberdade criativa e a exigência de se cumprirem regras, sobretudo quanto à métrica e às rimas. Como alternativa ao requinte formal de parnasianos e simbolistas, os modernistas irão propor o uso de versos brancos e livres e, também, de termos coloquiais. Em seu poema “Poética”, por exemplo, Manuel Bandeira afirma estar “farto do lirismo comedido” e não querer mais saber “do lirismo que não é libertação”, por isso propõe a incorporação de elementos marginalizados pela poesia academicista, já que na lírica modernista há espaço para “todas as palavras”, “todas as construções” e “todos os ritmos”. Já Oswald de Andrade, no *Manifesto Pau-Brasil*, proclama “contra o gabinetismo, a prática culta da vida” e afirma serem os parnasianos “máquinas de fazer versos”.

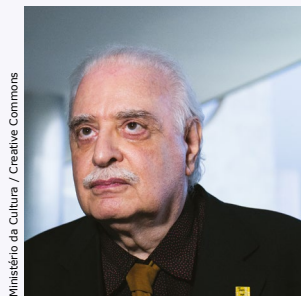
As conquistas herdadas da fase heroica modernista foram muito importantes para que os escritores de gerações posteriores tivessem liberdade de fazer seus versos como quisessem, inclusive para adotar as formas clássicas, se isso lhes parecesse conveniente. Em função disso, a partir da Segunda Geração do Modernismo, encontra-se todo tipo de texto (de formas livres e de formas fixas), e a relação com o Simbolismo e o Parnasianismo passa a ser mais amigável. A Segunda Geração do Modernismo, aliás, promoveu um retorno aos valores simbolistas, tais como a musicalidade e a espiritualidade, sendo por isso conhecida como Neossimbolismo, de que são exemplos alguns poemas de Cecília Meireles, como percebe-se nos versos de “1º motivo da rosa”: “[...] de seda e nácar, / toda de orvalho trêmula, / serás eterna. [...]”.

Dando continuidade à restauração da forma poética que marcou a Segunda Geração do Modernismo, na década de 1950, o Concretismo brasileiro também ressignificou a elaboração formal da poesia ao introduzir elementos visuais aos poemas. Dessa forma, o espaço em branco da página se torna um novo elemento produtor de sentido, e o verso, muitas vezes, deixa de ser a principal unidade caracterizadora do gênero. Essa preocupação com a forma se aproxima dos preceitos parnasianos, na medida em que o escritor prioriza a estética em detrimento do próprio conteúdo.



#### TÁ NA MÍDIA

Acesse o QR Code para ler, ver e ouvir alguns poemas de Augusto de Campos, poeta que é um dos fundadores do movimento da Poesia Concreta. Nesse *site*, dentre vários outros, há o “Poema-bomba”. Procure observar como nesse poema concreto as letras dispostas remetem à imagem de uma explosão. Não por acaso, essa impressão caótica é formada justamente por letras que compõem as palavras “poema” e “bomba”.



Ministério da Cultura / Creative Commons



#### Simbolismo

Com essa videoaula, você poderá conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico e as obras do Simbolismo no Brasil.



NUOC

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



- 01.** (FAMERP-SP-2022) Leia o poema "Vaso chinês", de Alberto de Oliveira.

### Vaso chinês

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o.  
Casualmente, uma vez, de um perfumado  
Contador<sup>1</sup> sobre o mármore<sup>2</sup> luzídio,  
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,  
Nele pusera o coração doentio  
Em rubras flores de um sutil lavrado,  
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,  
Quem o sabe?... de um velho mandarim  
Também lá estava a singular figura;

Que arte em pintá-la! a gente acaso vendo-a,  
Sentia um não sei quê com aquele chim<sup>3</sup>  
De olhos cortados à feição de amêndoa.

Disponível em: [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br).

<sup>1</sup>contador: armário, penteadeira.

<sup>2</sup>mármor: mármore.

<sup>3</sup>chim: chinês.

São características do poema que o identificam com o Parnasianismo:

- A) o misticismo e o elogio idealizado às sociedades orientais.
- B) o predomínio do tom descritivo e o desinteresse por questões políticas.
- C) a narrativa de grandes feitos do passado e a expressão intensa dos sentimentos.
- D) o culto à forma poética perfeita e a defesa de uma arte comprometida com as questões sociais.
- E) a transgressão formal e a tematização do sofrimento do artista.

- 02.** (UESC-BA)



Ah! lilásis de Ângelus harmoniosos,  
Neblinas vesperais, crepusculares,  
Guslas gementes, bandolins saudosos,  
Plangências magoadíssimas dos ares...

Serenidades etereais d'incensos,  
De salmos evangélicos, sagrados,  
Saltérios, harpas dos Azuis imensos,  
Névoas de céus espiritualizados.  
[...]

É nas horas dos Ângelus, nas horas  
Do claro-escuro emocional aéreo,  
Que surges, Flor do Sol, entre as sonoras  
Ondulações e brumas do Mistério.

[...]

Apareces por sonhos neblinantes  
Com requintes de graça e nervosismos,  
fulgores flavos de festins flamantes,  
como a Estrela Polar dos Simbolismos.

CRUZ E SOUSA, João da. Broquéis. *Obra completa*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 90. [Fragmento]

Marque (V) ou (F), conforme sejam as afirmativas verdadeiras ou falsas.

Os versos de Cruz e Sousa traduzem a estética simbolista, pois apresentam

- ( ) descrição sintética do mundo imediato.
- ( ) uso de recursos estilísticos criando imagens sensoriais.
- ( ) enfoque de uma realidade transfigurada pelo transcendente.
- ( ) apreensão de um dado da realidade sugestivamente ambígua.
- ( ) imagens poéticas que tematizam o amor em sua dimensão física.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é a:

- A) F V V V F
- B) V F F V F
- C) V F V V F
- D) V F V F F
- E) V F V F V

- 03.** (UFRJ)

### O assinalado

Tu és o louco da imortal loucura,  
o louco da loucura mais suprema.  
A terra é sempre a tua negra algema,  
prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,  
mas essa mesma Desventura extrema  
faz que tu'alma suplicando gema  
e rebente em estrelas de ternura.

Tu és Poeta, o grande Assinalado  
que povoa o mundo despovoado,  
de belezas eternas, pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica  
toda a audácia dos nervos justifica  
os teus espasmos imortais de louco!

CRUZ E SOUSA. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação  
Catarinense de Cultura, 1981. p. 135.

Apresente, com suas próprias palavras, o significado de loucura depreendido a partir da leitura do texto.



## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



**Instrução:** Leia o texto a seguir para responder às questões **01** e **02**.

### A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,  
Beneditino, escreve! No aconchego  
Do claustro, na paciência e no sossego,  
Trabalha, e teima, e lima, e sofre e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego  
Do esforço; e a trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício  
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,  
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,  
Arte pura, inimiga do artifício,  
É a força e a graça na simplicidade.

BILAC, Olavo. In BARBOSA, Frederico.  
*Clássicos da poesia brasileira*.  
Rio de Janeiro: O Globo; Klick, 1997, p. 155-6.

**01.** (PUC-Rio-2022) Pode-se afirmar que o poema pertence ao período literário conhecido como

- A) Parnasianismo
- B) Arcadismo
- C) Romantismo
- D) Barroco

**02.** (PUC-Rio-2022) Dois aspectos presentes no poema de Olavo Bilac são

- A) sentimentalismo e bucolismo.
- B) rigor formal e busca de objetividade.
- C) valorização da cultura clássica e cientificismo.
- D) exuberância e platonismo amoroso.

**03.** (ESPM-SP)

### Para as Estrelas de cristais gelados

As ânsias e os desejos vão subindo,  
Galgando azuis e siderais noivados  
De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Cruz e Sousa

Assinale a opção em que expresse incorretamente a análise do poema.

- A) As “nuvens brancas” mencionadas sugerem as vestes tradicionais de noiva.
- B) A aliteração do /s/ em “As ânsias e os desejos vão subindo” produz cacofonia.
- C) Os “cristais gelados” estão de acordo com a frialdade do espaço sideral.
- D) As “Estrelas”, com maiúscula alegorizante, podem significar uma dimensão humana superior.
- E) Galgar “azuis e siderais noivados” é imagem que remete ao anseio de atingir um mundo espiritual.

**04.** (PUC RS) Para responder à questão, considere o poema “Inefável” em seu contexto, e leia as afirmativas que seguem.

Nada há que me domine e que me vença  
Quando a minh’alma mudamente acorda...  
Ela rebenta em flor, ela transborda  
Nos alvoroços da emoção imensa.  
Sou como um Réu de celestial sentença,  
Condenado do Amor, que se recorda  
Do Amor e sempre no Silêncio borda  
De estrelas todo o céu em que erra e pensa.  
Claros, meus olhos tornam-se mais claros  
E tudo vejo dos encantos raros  
E de outras mais serenas madrugadas!  
Todas as vozes que procuro e chamo  
Ouço-as dentro de mim porque eu as amo  
Na minha alma volteando arrebatadas

- I. A subjetividade, a sugestão no conteúdo e um cultivo à técnica formal revelam características da obra de um dos poetas mais importantes da escola simbolista.
- II. Substantivos comuns grifados com maiúsculas, a obsessão pelo claro, pela cor branca, são marcas do poeta Cruz e Sousa.
- III. As aliterações são também um traço típico da obra deste poeta, perceptíveis no poema “Inefável”.
- IV. Característica típica do Simbolismo, o eu lírico neste poema sofre fisicamente por um amor não vivido.

As afirmativas corretas são, apenas,

- A) I e II.
- B) I e IV.
- C) III e IV.
- D) I, II e III.
- E) II, III e IV.

05.  
EP1M

(PUC RS)

**Ismália**

Quando Ismália enlouqueceu,  
 Pôs-se na torre a sonhar...  
 Viu uma lua no céu,  
 Viu outra lua no mar...  
 No sonho em que se perdeu,  
 Banhou-se toda em luar...  
 Queria subir ao céu,  
 Queria descer no mar...  
 E no desvario seu,  
 Na torre pôs-se a cantar...  
 Estava perto do céu  
 Estava longe do mar...  
 E como um anjo pendeu  
 As asas para voar...  
 Queria a lua do céu,  
 Queria a lua do mar...  
 As asas que Deus lhe deu  
 Ruflaram de par em par...  
 Sua alma subiu ao céu,  
 Seu corpo desceu ao mar.

Apenas uma afirmativa não se associa corretamente ao texto. Qual é ela?

- A manifestação da loucura revela-se na tensão entre desejos antagônicos, marcados semanticamente pelas oposições de verbos, substantivos e advérbios.
- A movimentação espacial da personagem sugere a impossibilidade de adaptar-se ao mundo real.
- A separação entre o corpo e alma, relatada na última estrofe, confirma o caráter místico-religioso, uma das marcas da produção literária do autor do poema.
- Entre as características do movimento ao qual o poema se alinha, destaca-se a preocupação em garantir a musicalidade do texto.
- A marca do poema, em função do seu alinhamento estético, é nomear objetivamente a loucura, evitando, assim, qualquer ambiguidade na interpretação do texto.

06. (UDESC)

**Cavador do Infinito**

Com a lâmpada do Sonho desce aflito  
 E sobe aos mundos mais imponderáveis,  
 Vai abafando as queixas implacáveis,  
 Da alma o profundo e soluçado grito.  
 Ânias, Desejos, tudo a fogo escrito  
 Sente, em redor, nos astros inefáveis.

Cava nas fundas eras insondáveis  
 O cavador do trágico Infinito.  
 E quanto mais pelo Infinito cava  
 Mais o Infinito se transforma em lava  
 E o cavador se perde nas distâncias...  
 Alto levanta a lâmpada do Sonho  
 E com seu vulto pálido e tristonho  
 Cava os abismos das eternas ânias!

CRUZ E SOUSA. *Últimos Sonetos*.  
 Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br).

Analise as proposições em relação ao soneto "Cavador do Infinito", de Cruz e Sousa.

- A leitura do poema leva o leitor a inferir que o cavador do infinito é a representação da imagem do próprio poeta, ou seja, um autorretrato do poeta simbolista.
- Da leitura do poema infere-se que a metáfora está centrada na lâmpada do sonho, a qual se refere à imaginação onírica do poeta e ilumina o seu inconsciente.
- O sinal de pontuação – reticências – no verso 11, acentua o clima de indefinível, levando o leitor a inferir sobre a situação – o drama vivido pelo eu-lírico.
- No plano formal, o uso de letra maiúscula em substantivos comuns é uma característica do Simbolismo, como ocorre em: "Sonho" (versos 1 e 12), "Ânsias" e "Desejos" (verso 5); "Infinito" (versos 8 e 9). Usada como alegoria, a letra maiúscula tenciona dar um sentido de transcendência, de valor absoluto.
- Da leitura do poema e do contexto literário simbolista, infere-se que o título do poema "Cavador do Infinito" reforça a ideia a que o soneto remete: o poeta simbolista busca a transcendência, a transfiguração da realidade cotidiana para uma dimensão metafísica, que é uma característica da estética simbolista.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
- Somente as afirmativas I, III e V são verdadeiras.
- Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.
- Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- Todas as afirmativas são verdadeiras.

07. (PUC-Campinas-SP) Antes mesmo do indianismo e do regionalismo, a ficção brasileira, desde os anos de 1840, se orientou para outra vertente de identificação nacional através da literatura: a descrição da vida nas cidades grandes, sobretudo o Rio de Janeiro e áreas de influência, o que sobrepunha à diversidade do pitoresco regional uma visão unificadora. Se por um lado isto favoreceu a imitação mecânica da Europa, e, portanto, uma certa alienação, de outro contribuiu para dissolver as forças centrífugas, estendendo sobre o país uma espécie de linguagem culta comum a todos e a todos dirigida [...], que contrabalança o particular de cada zona.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987. p. 203. [Fragmento]

A influência exercida pelos costumes, valores e hábitos europeus no Brasil teve grande expressão durante o período conhecido como *Belle Époque*. Entre as características desse período, pode-se destacar

- A) a intensa difusão, em cidades como Paris e Viena, dos valores e hábitos da alta burguesia, como o culto ao lazer, às artes e ao entretenimento, favorecidos pela vida urbana e pela infraestrutura existente nessas capitais.
- B) a celebração do pacifismo, do hedonismo e do “estilo de bem viver”, após o dramático período vivido pelas sociedades europeias durante a Primeira Guerra Mundial.
- C) a retomada do classicismo, principal influência do *Art Nouveau*, uma vez que o “culto ao belo” e a busca da perfeição na reprodução da realidade orientaram o gosto e a estética predominantes nos grandes centros culturais europeus.
- D) a expansão da cultura de massas, na França e na Inglaterra, graças à difusão do rádio e do cinema, permitindo que o gosto popular fosse incorporado pela alta burguesia, não mais preocupada em se diferenciar do proletariado.
- E) o período de prosperidade econômica, na capital francesa, decorrente da administração moderna e reformista exercida pela Comuna de Paris logo após a Guerra Franco-Prussiana, que possibilitou uma fase de efervescência cultural.

**08.** (UEG-GO)

**Últimos versos**

Na tristeza do céu, na tristeza do mar,  
eu vi a lua cintilar.  
Como seguia tranquilamente  
por entre nuvens divinais!  
Seguia tranquilamente  
como se fora a minh’Alma,  
silente,  
calma,  
cheia de ais.  
A abóboda celeste,  
que se reveste  
de astros tão belos,  
era um país repleto de castelos.  
E a alva lua, formosa castelã,  
seguia  
envolta num sudário alvíssimo de lã,  
como se fosse  
a mais que pura Virgem Maria...  
Lua serena, tão suave e doce,  
do meu eterno cismar,  
anda dentro de ti a mágoa imensa  
do meu olhar!

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Melhores poemas*. Seleção de Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Global, 2001. p. 161.

Entre as características poéticas de Alphonsus de Guimaraens, predomina, no poema apresentado,

- A) o diálogo com a amada.
- B) o poema-profanação.
- C) as imagens de morte.
- D) o poema-oração.

**Instrução:** Observe a pintura e leia o poema a seguir para responder à questão **09**.



REDON, Odilon. *Ophelia entre as flores* (1905-1908). Pastel seco. Disponível em: <https://www.nationalgallery.org.uk/server.iip?FIF=/fronts/N-6438-00-000005-WZ-PYR.tif&CNT=1&WID=655&QLT=85&CVT=jpeg>. Acesso em: 23 ago. 2017.

Quando no enleio  
De receber umas notícias tuas,  
Vou-me ao correio,  
Que é lá no fim da mais cruel das ruas,  
Vendo tão fartas,  
D’uma fartura que ninguém colige,  
As mãos dos outros, de jornais e cartas  
E as minhas, nuas – isso dói, me aflige...  
E em tom de mofa,  
Julgo que tudo me escarnece, apoda,  
Ri, me apostrofa,  
Pois fico só e cabisbaixo, inerme,  
A noite andar-me na cabeça, em roda,  
Mais humilhado que um mendigo, um verme...

SOUSA, Cruz e. *Escárnio perfumado*. Disponível em: [http://www.releituras.com/cruzesousa\\_escarnio.asp](http://www.releituras.com/cruzesousa_escarnio.asp). Acesso em: 24 ago. 2017.

09. (UEG-GO) A pintura e o poema se aproximam em razão do caráter
- A) singelo e terno de que sua composição os reveste.
  - B) mórbido e lúgubre que os envolve.
  - C) trágico que permeia seus elementos constituintes.
  - D) dramático utilizado em seu arranjo.
  - E) patético que perpassa seus aspectos estruturais.

10. (UECE)
- Qualquer que seja a chuva desses campos  
devemos esperar pelos estios;  
e ao chegar os serões e os fiéis enganados  
amar os sonhos que restarem frios.

Porém se não surgir o que sonhamos  
e os ninhos imortais forem vazios,  
há de haver pelo menos por ali  
os pássaros que nós idealizamos.

Feliz de quem com cânticos se esconde  
e julga tê-los em seus próprios bicos,  
e ao bico alheio em cânticos responde.

E vendo em torno as mais terríveis cenas,  
possa mirar-se as asas depenadas  
e contentar-se com as secretas penas.

LIMA, Jorge de. *In: Invenção de Orfeu*.  
Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967. p. 57-58.

Nas duas primeiras estrofes, o eu poético

- A) ensina como vencer os problemas.
- B) faz a apologia da coragem diante dos obstáculos.
- C) exorta a que se valorize o pouco que se tem.
- D) aconselha que se seja indiferente ao sofrimento.

## SEÇÃO ENEM

01. (Enem)

### Epígrafe<sup>1</sup>

Murmúrio de água na clepsidra<sup>2</sup> gotejante,  
Lentas gotas de som no relógio da torre,  
Fio de areia na ampulheta vigilante,  
Leve sombra azulando a pedra do quadrante<sup>3</sup>  
Assim se escoo a hora, assim se vive e morre...  
Homem, que fazes tu? Para que tanta lida,  
Tão doidas ambições, tanto ódio e tanta ameaça?

Procuremos somente a Beleza, que a vida  
É um punhado infantil de areia ressequida,  
Um som de água ou de bronze e uma sombra que passa...

<sup>1</sup> *Epígrafe*: inscrição colocada no ponto mais alto; tema.

<sup>2</sup> *Clepsidra*: relógio de água.

<sup>3</sup> *Pedra do quadrante*: parte superior de um relógio de sol.

CASTRO, Eugênio de.  
*Antologia pessoal da poesia portuguesa*.

Nesse poema, o que leva o poeta a questionar determinadas ações humanas (versos 6 e 7) é a

- A) infantilidade do ser humano.
- B) destruição da natureza.
- C) exaltação da violência.
- D) inutilidade do trabalho.
- E) brevidade da vida.

02. (Enem)

### Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
soluçando nas trevas, entre as grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
Quando a alma entre grilhões as liberdades  
Sonha e, sonhando, as imortalidades  
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas  
Nas prisões colossais e abandonadas,  
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!  
Nesses silêncios solitários, graves,  
que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério?!

SOUSA, Cruz e. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação  
Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema "Cárcere das almas", de Cruz e Sousa, são

- A) a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.
- B) a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.
- C) o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.
- D) a evidente preocupação do eu lírico com a realidade social, expressa em imagens poéticas inovadoras.
- E) a liberdade formal da estrutura poética, que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

03. (Enem)

**Sorriso interior**

O ser que é ser e que jamais vacila  
 Nas guerras imortais entra sem susto,  
 Leva consigo esse brasão augusto  
 Do grande amor, da nobre fé tranquila.

Os abismos carnavais da triste argila  
 Ele os vence sem ânsias e sem custo...  
 Fica sereno, num sorriso justo,  
 Enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza  
 Dão-lhe essa glória em frente à Natureza,  
 Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...  
 E para ironizar as próprias dores  
 Canta por entre as águas do Dilúvio!

CRUZ E SOUSA. Sorriso interior.  
 In: *Últimos sonetos*. Rio de Janeiro:  
 UFSC / Fundação Casa de Rui Barbosa / FCC, 1984.

O poema representa a estética do Simbolismo, nascido como uma reação ao Parnasianismo por volta de 1885. O Simbolismo tem como característica, entre outras, a visão do poeta inspirado e capaz de mostrar à humanidade, pela poesia, o que esta não percebe. O trecho do poema de Cruz e Sousa que melhor exemplifica o fazer poético, de acordo com as características dos simbolistas, é:

- A) "Leva consigo esse brasão augusto".  
 B) "Fica sereno, num sorriso justo / Enquanto tudo em derredor oscila".  
 C) "O ser que é ser e que jamais vacila / Nas guerras imortais entra sem susto".  
 D) "Os abismos carnavais da triste argila / Ele os vence sem ânsias e sem custo...".  
 E) "O ser que é ser transforma tudo em flores... / E para ironizar as próprias dores / Canta por entre as águas do Dilúvio!".

**SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP**

**GABARITO**Meu aproveitamento **Aprendizagem**

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. B
02. A
03. O significado de loucura no texto está relacionado à condição e à própria atividade do ser poeta: louco é o poeta e loucura é a poesia. Deve-se desenvolver essa ideia, citando exemplos do poema para fundamentar as colocações.

**Propostas**

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. A
02. B
03. B
04. D
05. E
06. E
07. A
08. C
09. A
10. C

**Seção Enem**

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. E
02. C
03. E



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %



# LÍNGUA PORTUGUESA



# SUMÁRIO

## FRENTE A

- 3 Módulo 05: Desenvolvimento do Texto Dissertativo-Argumentativo
- 7 Módulo 06: Estratégias Argumentativas, Contra-Argumentação e Falhas Argumentativas

## FRENTE B

- 13 Módulo 05: Estratégias de Leitura
- 22 Módulo 06: A Arquitetura do Texto: o Parágrafo

## FRENTE C

- 27 Módulo 05: O Período Composto
- 34 Módulo 06: Pontuação

## FRENTE D

- 39 Módulo 07: Romantismo
- 40 Módulo 08: Realismo e Naturalismo
- 43 Módulo 09: Parnasianismo e Simbolismo

## Caderno Extra

### MÓDULO 05

## DESENVOLVIMENTO DO TEXTO DISSERTATIVO- -ARGUMENTATIVO

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões de **01** a **10**.

#### **Perda e angústia**

*A demora no processo de doação desperdiça órgãos e prolonga o sofrimento das famílias dos doadores.*

Cerca de 60 000 brasileiros estão hoje na fila dos transplantes. Muitos ainda conseguem levar uma vida relativamente normal, apesar da rotina de sofrimento físico, doses altíssimas de medicamentos, a dependência de equipamentos como máquinas de diálise e cilindros de oxigênio e a necessidade de cuidados médicos constantes. Para outros, a vida está por um fio. Neste ano serão atendidos pouco mais de 20% dos que estão na lista de espera.

Ao contrário do que diz o senso comum, não é a falta de doadores o maior complicador dos transplantes no Brasil. "A estrutura deficiente é hoje o grande problema nessa área", diz o médico Wangles Soler, coordenador da Organização de Procura de Órgãos da Santa Casa de São Paulo. Os pacientes à espera de um transplante podem morrer, principalmente, porque o sistema atual de captação e distribuição de órgãos é falho. As dificuldades começam com a subnotificação de mortes encefálicas às centrais de transplantes e, nos casos em que a notificação ocorre, os empecilhos se sucedem em uma cadeia que combina falta de recursos e atrasos exasperantes. Esse estado de coisas impõe aos parentes do morto o desgaste adicional de amargar horas ou mesmo dias até que seja concluída a doação; há histórias de famílias que tiveram de esperar cinco dias para realizar o enterro.

A retirada de órgãos só pode ser feita com o consentimento da família em pessoas com diagnóstico de morte encefálica. Quando isso ocorre, as funções vitais, como respiração e batimentos cardíacos, precisam ser mantidas por aparelhos, para que não seja interrompida a irrigação sanguínea dos tecidos que serão transplantados.

Uma vez confirmada a morte encefálica de um paciente, e tomada a providência de manter o coração e os pulmões dele funcionando, o hospital em que ocorreu o falecimento deve notificar a Central de Captação de Órgãos (CNCDO). A partir daí, monta-se uma rede de trocas de informações que pode levar à extração dos órgãos e à busca das pessoas que constam da lista única do estado do potencial doador. No caso brasileiro, é justamente na falta de notificação que tem início a série de falhas que culmina em uma triste realidade: o desperdício de órgãos. Das mais de 10 000 mortes encefálicas registradas no ano passado no país, apenas a metade foi notificada. "Muitos hospitais não dispõem de pessoal especializado para esse tipo de trabalho, como um coordenador de transplantes na UTI, o que é lamentável", afirma o médico Valter Duro Garcia, coordenador de transplantes da Santa Casa de Porto Alegre. A partir do diagnóstico de morte encefálica, o máximo que se pode esperar para a retirada dos órgãos são 72 horas. Quando passa disso, há um risco grande de o paciente sofrer parada cardíaca, o que praticamente inviabiliza a doação. Nesse caso, só podem ser aproveitados as córneas, a pele e os ossos.

Da decretação da morte do doador à cirurgia que poderá dar vida nova ao receptor, médicos e enfermeiros trabalham em ritmo de contagem regressiva. Um coração, por exemplo, pode ser utilizado até seis horas depois da morte do doador. O ideal seria que, nesse caso, cada estado tivesse à disposição aviões ou helicópteros com essa finalidade. Mas a realidade é bem diferente. Dos dezoito estados que contam com um serviço de transplante de coração e pulmão, órgãos que dependem de uma ação mais rápida, apenas Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco dispõem de aeronaves destinadas a esse fim. Os outros dependem da benemerência de companhias aéreas privadas. Para que o sistema funcionasse próximo da perfeição, também seria preciso diminuir a burocracia. Para livrar os médicos de problemas legais, por exemplo, são necessários três exames para comprovar a morte encefálica: duas provas clínicas, realizadas com, no mínimo, seis horas de diferença e por dois médicos diferentes, e mais um exame gráfico que pode ser um Doppler transcraniano, uma cintilografia ou uma angiografia cerebral, entre outros.

Na Espanha, exigem-se apenas dois exames simultâneos e na Inglaterra, um. Resultado: com todos os entraves, formais ou não, da notificação até a devolução do corpo do doador à família, o processo leva, em média, trinta horas no Brasil. E essa é uma projeção bastante otimista, visto que não há levantamento rigoroso sobre o assunto.

A reportagem de *Veja* acompanhou cada passo do processo de doação de órgãos da paulistana Roseli Prioste da Silva, de 46 anos. Ela faleceu no último dia 17, vítima de trombose, e só pôde ser sepultada quatro dias depois. A família doou seu fígado, seus rins e uma das córneas, em uma novela que durou exatas 52 horas e cinquenta minutos. [...] Outra história de desgaste foi protagonizada pela família de Fábio Zago. Em janeiro deste ano, os parentes do rapaz, morto aos 18 anos, vítima de um acidente de carro no Espírito Santo, lutaram para conseguir doar seus órgãos. Lutar não é uma imagem. Dada a inabilidade do hospital em que ele fora internado, os próprios parentes acionaram as autoridades públicas. Como não havia luz no aeroporto da cidade de Colatina, eles mobilizaram a população para iluminar com seus carros a pista de onde decolaria o avião da Força Aérea Brasileira levando os órgãos. Pela sua idade e condição clínica, Fábio poderia ter a maioria de seus órgãos doados. Mas, depois de todas as dificuldades, uma boa parte deles foi descartada.

Quase quatro décadas se passaram desde a realização do primeiro transplante (de coração), na África do Sul. Com o avanço das técnicas e o aprimoramento de drogas contra a rejeição, hoje praticamente todos os órgãos do corpo são passíveis de substituição. Essa é uma das maiores conquistas da Medicina. E o Brasil não faz feio. O país tem hoje o maior sistema público de transplantes do mundo, e o esquema de filas é justo e organizado. As falhas, no entanto, precisam ser sanadas para que mais vidas sejam salvas e os familiares dos doadores não se angustiem tanto.

BERGAMO, Giuliana. *Veja*, p. 106-108, 03 ago. 2005.

- 01.** (UFSJ-MG) Assinale a alternativa incorreta quanto ao texto.
- Aproximadamente 12 000 pessoas na lista de espera por transplantes serão atendidas no ano de 2005.
  - As pessoas que serão atendidas pelos transplantes são aquelas cujas vidas estão por um fio.
  - A falta de doadores é um complicador dos transplantes no Brasil.
  - Falhas de comunicação constituem um empecilho para a realização dos transplantes.
- 02.** (UFSJ-MG) Ao contrário do que diz o senso comum, não é a falta de doadores o maior complicador dos transplantes no Brasil. De acordo com a passagem,
- a falta de doadores desdiz as crenças do senso comum.
  - o maior problema dos transplantes é a desinformação da população.
  - o senso comum apresenta ideias retrógradas quanto aos transplantes.
  - o senso comum se engana ao não relevar outros problemas quanto aos transplantes.
- 03.** (UFSJ-MG) Assinale a alternativa correta quanto ao texto.
- Existem situações de falecimento nas quais a notificação de mortes encefálicas não acontece.
  - Por causa de um sistema de captação e distribuição de órgãos falho, os pacientes à espera de transplantes estão condenados à morte.
  - Com esse sistema de transplantes lento, as famílias dos mortos têm de esperar cinco dias para fazer o enterro.
  - A falta de recursos e os atrasos exasperantes são empecilhos a todos os casos de doação de órgãos no Brasil.
- 04.** (UFSJ-MG) Marque a alternativa que apresenta a sequência correta que se percebe ao longo do segundo parágrafo.
- Normatização – denúncia – esclarecimento
  - Explicação – comparação – esclarecimento
  - Esclarecimento – denúncia – constatação
  - Constatação – comparação – explicação
- 05.** (UFSJ-MG) Da decretação da morte do doador à cirurgia que poderá dar vida nova ao receptor, médicos e enfermeiros trabalham em ritmo de contagem regressiva. Assinale o aspecto que não se enquadra na situação apresentada.
- Pressão
  - Limite
  - Possibilidade
  - Especulação
- 06.** (UFSJ-MG) Nas alternativas a seguir, a segunda frase condensa a primeira. Marque a alternativa em que isso não ocorre.
1. As dificuldades começam com a subnotificação de mortes encefálicas às centrais de transplantes e, nos casos em que a notificação ocorre, os empecilhos se sucedem em uma cadeia que combina falta de recursos e atrasos exasperantes.  
2. A estrutura deficiente é hoje o grande problema nessa área [...]
  1. [...] há histórias de famílias que tiveram de esperar cinco dias para realizar o enterro.  
2. Perda e angústia.
  1. Com o avanço das técnicas e o aprimoramento de drogas contra a rejeição, hoje praticamente todos os órgãos do corpo são passíveis de substituição.  
2. O país tem hoje o maior sistema público de transplantes do mundo [...]
  1. Para livrar os médicos de problemas legais, por exemplo, são necessários três exames para comprovar a morte encefálica: duas provas clínicas [...], e mais um exame gráfico [...]  
2. Para que o sistema funcionasse próximo da perfeição, também seria preciso diminuir a burocracia.

- 07.** (UFSJ-MG) O ideal seria que, nesse caso, cada estado tivesse à disposição aviões ou helicópteros com essa finalidade. Mas a realidade é bem diferente. O uso do conectivo “mas” está relacionado a um argumento que
- desmente a ideia anterior.
  - nega aspectos da ideia anterior.
  - mostra falhas na estruturação da ideia anterior.
  - esclarece a ideia anterior.
- 08.** (UFSJ-MG) As alternativas a seguir estão corretas quanto ao texto, exceto
- O desperdício de órgãos ao serem transplantados não ocorre em países como a Espanha e a Inglaterra.
  - O final do texto deixa transparecer o contraste entre o aparato brasileiro para transplantes e os problemas do processo como um todo.
  - A comparação do sistema de transplantes brasileiro com os de outros países não despreza o aparato tecnológico do Brasil.
  - O Brasil tem acompanhado o progresso tecnológico do sistema de transplantes de órgãos.
- 09.** (UFSJ-MG) Marque a alternativas em que a troca da ordem das palavras gerou mudança no sentido original.
- [...] nesse caso, só podem ser aproveitados as córneas, a pele e os ossos. [...] nesse caso, podem ser aproveitados só as córneas, a pele e os ossos.
  - O ideal seria que, nesse caso, cada estado tivesse à disposição aviões ou helicópteros com essa finalidade. O ideal seria que cada estado com essa finalidade tivesse, nesse caso, aviões ou helicópteros.
  - A retirada de órgãos só pode ser feita com o consentimento da família em pessoas com diagnóstico de morte encefálica. Em pessoas com diagnóstico de morte encefálica, só pode a retirada de órgãos ser feita com o consentimento da família.
  - Para que o sistema funcionasse próximo da perfeição, também seria preciso diminuir a burocracia. Também seria preciso, para que o sistema funcionasse próximo da perfeição, diminuir a burocracia.
- 10.** (UFSJ-MG) Assinale a alternativa em que a retirada dos elementos em destaque deu um outro sentido à frase.
- Esse estado de coisas impõe aos parentes do morto o desgaste adicional de amargar horas ou **mesmo** dias até que seja concluída a doação [...] Esse estado de coisas impõe aos parentes do morto o desgaste adicional de amargar horas ou dias até que seja concluída a doação [...]
  - Muitos hospitais não dispõem de pessoal especializado para esse **tipo de** trabalho [...] Muitos hospitais não dispõem de pessoal especializado para esse trabalho [...]

- A família doou seu fígado, seus rins e uma das córneas, em uma novela que durou **exatas** 52 horas e cinquenta minutos. A família doou seu fígado, seus rins e uma das córneas, em uma novela que durou 52 horas e cinquenta minutos.
- Um coração, por exemplo, pode ser utilizado **até** seis horas depois da morte do doador. Um coração, por exemplo, pode ser utilizado seis horas depois da morte do doador.

**Instrução:** Leia os textos e responda às questões **11** e **12**.

### Texto I

#### Boato virou um gênero da comunicação

O boato insiste em ser um gênero da comunicação.

Um rumor pode nascer da má-fé, do mal-entendido ou de uma atrapalhada qualquer. O significado do rumor é uma conclusão precipitada, é algo que nem é verdade, mas que acaba ganhando popularidade. Falar mal de alguém é falar bem de si e de nosso ouvinte.

O primeiro impulso é acreditar, porque: 1) confiamos em quem o transmite; 2) é fisicamente impossível verificar se é verdadeiro ou falso; 3) os meios de comunicação são sistematicamente relapsos com a verificação de seus conteúdos – e se eles fazem isso, o que nos impede?

O boato não informa, mas ensina: mostra como uma sociedade se prepara para tomar uma posição.

A nossa tem se aplicado na tarefa de dismantelar equipes de jornalistas e dar nome de “informação” a todo tipo de “copia e cola” difundido pela Internet como se fosse um fato verificado.

Sem tantos profissionais ocupados na verificação e com o bombardeio tão grande de dados em rede, o futuro da comunicação atual, depende, cada vez mais, do modo como vamos lidar com os rumores.

PEREIRA JR., Luiz Costa. *Revista Língua Portuguesa*, ano 8, n. 93, p.19, jul. 2013. [Fragmento adaptado]

### Texto II

Notícias falsas circulam 70% mais do que as verdadeiras na web...



Disponível em: <https://blogdoafir.com/2018/03/25/charge-fake-news>. Acesso em: 11 dez. 2018.



11. (UEMG-2019) Considere as características do boato e das notícias falsas, abordadas nos textos I e II, respectivamente. No texto II, a recomendação apresentada no diálogo, pelo mestre – em resposta à pergunta a ele dirigida – está diretamente relacionada com o seguinte argumento defendido no texto I:
- A crença em boatos parte da confiança naquilo que é veiculado pelos meios de comunicação e acessado pelos usuários.
  - A ignição do rumor é a conclusão precipitada, o veneno sem origem, a possibilidade que ganhou popularidade.
  - Os boatos não informam, ao contrário, são essenciais para o aprendizado daquelas pessoas que desejam ser mais sábias.
  - Os rumores, que geram boatos, têm origem na má-fé, no mal-entendido ou em quaisquer trapalhadas.

**Instrução:** Leia os textos e responda às questões 12 e 13.

#### Texto I

##### Da soberania do indivíduo

SÃO PAULO – Alguns leitores ficaram um pouco bravos comigo porque eu afirmei na coluna de ontem que a legislação sobre costumes de um Estado moderno deve sempre seguir a inspiração liberal e não a conservadora. Diferentemente do que sugeriram certos missivistas, não escrevi isso porque minhas preferências pessoais coincidem com as ideias ditas progressistas, mas porque existe uma diferença qualitativa no papel que as duas visões de mundo reservam para a lei.

Na visão conservadora, é legítimo que o Estado opere ativamente para promover a coesão social, mesmo que, para isso, force o indivíduo a conformar-se ao "*status quo*". Não dá para dizer que não funcione. Em que pese um certo autoritarismo intrínseco, sociedades que colocam os interesses coletivos acima dos individuais tendem a apresentar menores índices de violência interpessoal e menos desigualdade. Costumam ser menos inventivas também, mas esse é outro problema.

Já para os liberais, a ênfase recai sobre a liberdade individual. Bem no espírito de John Stuart Mill, atitudes e comportamentos, por mais exóticos que pareçam, só podem ser legitimamente proibidos ou limitados se resultarem em dano objetivo e demonstrável para terceiros. Caso contrário, "sobre si mesmo, seu corpo e sua mente, o indivíduo é soberano".

A implicação mais óbvia dessa diferença é que, enquanto a perspectiva liberal permite que cada grupo viva segundo suas próprias convicções, ainda que numa escala menor que a do todo, a concepção conservadora exige que as franjas minoritárias renunciem a seus valores. Trocando em miúdos, existem vários projetos de lei para proibir ou limitar o aborto e o casamento gay, mas não há nenhum com o intuito de torná-los obrigatórios. Numa época em que consensos sociais podem mudar rapidamente, conservadores deveriam ser os principais interessados numa legislação bem liberal.

SCHWARTSMAN, Hélio. *Folha de S.Paulo*, 24 out. 2015.

#### Texto II

##### Racionalidade e tolerância no contexto pedagógico

Nadja Hermann – PUCRS

Stuart Mill (1806-1873) acrescenta à ideia de tolerância religiosa a importância do pluralismo, da liberdade de opinião e crença, baseado na independência do indivíduo. A liberdade compreende a "liberdade de pensamento e de sentimento, absoluta independência de opinião e de sentimento em todos os assuntos, práticos ou especulativos, científicos, morais ou teológicos" (MILL, 2000, p. 21). Desse modo, Stuart Mill defende a tolerância a partir de um princípio bastante simples de que

a autoproteção constitui a única finalidade pela qual se garante à humanidade individual ou coletivamente, interferir na liberdade de ação de qualquer um. O único propósito de se exercer legitimamente o poder sobre qualquer membro de uma comunidade civilizada, contra sua vontade, é evitar danos aos demais. [...] Na parte que diz respeito apenas a si mesmo, sua independência é, de direito, absoluta. Sobre si mesmo, seu corpo e sua mente, o indivíduo é soberano (2000, p.18).

MILL, John Stuart. A liberdade. In: \_\_\_\_\_. *A liberdade, utilitarismo*. Tradução Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Trecho de artigo publicado no site do Grupo de Pesquisa "Racionalidade e Formação". Disponível em: <http://w3.ufsm.br/gpracioform/artigo%2002.pdf>. Acesso em: 24 out. 2015.

12. (PUC-SP) Indique o princípio de Stuart Mill do qual tanto Hélio Schwartzman como Nadja Hermann se valem para sustentar suas ideias.
- Tolerância religiosa e importância do pluralismo, da liberdade de opinião e crença, com base na coerção do indivíduo.
  - A legitimidade de o Estado operar de modo ativo "para promover a coesão social, mesmo que, para isso, force o indivíduo a conformar-se ao '*status quo*'".
  - O autoritarismo inerente a "sociedades que colocam os interesses coletivos acima dos individuais tendem a apresentar menores índices de violência interpessoal e menos desigualdade".
  - "Sobre si mesmo, seu corpo e sua mente, o indivíduo é soberano."
13. (PUC-SP) Em relação aos dois textos, é correto afirmar que
- o texto de Hélio Schwartzman e o de Nadja Hermann circulam em situações comunicativas idênticas, por isso os leitores de ambos são exatamente os mesmos.
  - ambos circulam em contextos diferentes, mas têm o mesmo propósito comunicativo por serem textos de entretenimento.
  - ambos são artigos, mas apresentam diferenças em função do contexto de produção: o primeiro é artigo de opinião; o segundo, artigo científico.
  - o texto de Schwartzman cita Stuart Mill para referendar o que defende, e o de Hermann faz uma citação direta também de Mill para contestar a soberania do indivíduo sobre si mesmo.

## GABARITO

01. B	08. A
02. D	09. B
03. A	10. D
04. C	11. A
05. D	12. C
06. C	13. D
07. B	

## MÓDULO 06

## ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS, CONTRA- -ARGUMENTAÇÃO E FALHAS ARGUMENTATIVAS

## 01. (UEMG-2019)

**Como evitar ou tratar a depressão?  
Com exercício físico, oras**

*A ciência confirma o papel da atividade física na prevenção e no controle da depressão, um mal que se alastra em proporções epidêmicas*

É triste dizer, mas a depressão está no ar. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 300 milhões de pessoas sofrem com o problema atualmente – houve um aumento de 18% entre 2005 e 2015. E a tendência é que esse número não pare de crescer. Alarmada, a própria OMS lançou um apelo aos países: é hora de todos incluírem o tema em suas políticas públicas de saúde. Acontece que não basta dar remédio a esse montão de gente que está com a mente em apuros. A solução, tanto em matéria de prevenção como no tratamento, engloba outros ajustes, como mudanças de hábito. Nesse sentido, pode apostar: teremos de suar a camisa para reverter a situação. Literalmente.

Novos estudos reforçam o poder da atividade física para o bem-estar psicológico. A ponto de o exercício virar prescrição para pessoas deprimidas (ao lado da psicoterapia e dos medicamentos). “Hoje, em toda especialidade, qualquer médico vai listar uma série de benefícios das atividades esportivas. Na psiquiatria, isso se aplica à depressão”, diz o psiquiatra Marcelo Fleck, chefe do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Embora os impactos do esforço físico na esfera mental sejam um campo de pesquisa novo, multiplicam-se evidências de que caminhar, pedalar e malhar melhoram a qualidade de vida de quem anda pra baixo. “É provável que o efeito do exercício se aproxime muito ao dos antidepressivos”, conta Fleck.

Sabe-se que os esportes promovem a liberação de endorfina, o hormônio do prazer, e de outros neurotransmissores por trás da sensação de bem-estar. Experimentos recentes mostram que suar a camisa também estimula o crescimento de células nervosas no hipocampo, região do cérebro que rege a memória e o humor. Um alento e tanto se você pensar que essa estrutura costuma ser menor entre os sujeitos deprimidos.

Esse estímulo aos neurônios é o que ajuda a entender os reflexos positivos de longo prazo – vai muito além, portanto, da sensação imediata de prazer e dever cumprido após a academia. “A liberação de hormônios não é o que faz a pessoa melhorar. A superação da doença tem a ver com a regeneração neuronal”, revela o educador físico e doutor em psiquiatria Felipe Schuch, do Centro Universitário La Salle, em Canoas (RS). Só que esse efeito terapêutico depende de regularidade.

BRUM, Maurício; ORTIZ, Juan; KANITZ, Henrique. *Como evitar ou tratar a depressão? Com exercício físico, oras*. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/fitness/como-evitar-ou-tratar-a-depressao-com-exercicio/>. Acesso em: 11 dez. 2018.

Em relação a esse texto, é correto afirmar que ele:

- Tem por finalidade explicar que a endorfina, o hormônio do prazer, e outros neurotransmissores que estão por trás da sensação de bem-estar são liberados quando as pessoas saem às ruas para praticar atividades, como caminhar, pedalar e malhar.
- Objetiva principalmente mostrar que a depressão atinge mais de 300 milhões de pessoas no mundo e que a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou um apelo aos países, convocando todos a incluírem esse tema em suas políticas públicas de saúde.
- Revela que experimentos científicos recentes confirmam o papel da atividade física na prevenção e no controle da depressão ao estimular o crescimento de células nervosas no hipocampo, região do cérebro que rege a memória e o humor.
- Defende a ideia de que os impactos do esforço físico na esfera mental constituem um campo de pesquisa inovador e que, por isso, ainda prevalece, na maior parte dos países, o tratamento de pacientes com a mente em apuros por meio de remédios.

## 02. (FGV)

**Geração Z desafia mercado**

Eles já nasceram plugados e não conhecem a vida *offline*. São generalistas, não gostam de hierarquia e querem fazer o próprio horário. Diferentes dos profissionais das gerações X e Y, valorizam mais a qualidade de vida ao poder aquisitivo. Empresas têm grande desafio para se adaptar e reter essa mão de obra.

Esse é o perfil dos jovens que nasceram depois de 1995 e começam a entrar agora no mercado de trabalho.

DESTAK. 22 fev. 2016 (Adaptação).

Considere as seguintes afirmações sobre o texto:

- I. Ocorre oposição de sentido entre as expressões “plugados” e “offline” bem como entre as palavras “generalistas” e “hierarquia”.
  - II. A ordem alfabética de que se vale o texto corresponde à ordem cronológica.
  - III. Para caracterizar sociologicamente a geração Y, o redator se vale de um subentendido.
- Está totalmente correto apenas o que se afirma em
- A) III.                      C) II.                      E) I e III.  
 B) I.                         D) II e III.

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões **03** e **04**.

5 Cresci vendo as fotos de Yaqub e ouvindo a mãe dele ler suas cartas. Numa das fotos, posou com a farda do Exército; outra vez uma espada, só que agora a arma de dois gumes dava mais poder ao corpo do oficial da reserva. Durante anos, essa imagem do galã fardado me impressionou. Um oficial do Exército, e futuro engenheiro da Escola Politécnica...

10 Já Omar era presente demais: seu corpo estava ali, dormindo no alpendre. O corpo participava de um jogo entre a inércia da ressaca e a euforia da farranoturna. Durante a manhã, ele se esquecia do mundo, era um ser imóvel, embrulhado na rede. No começo da tarde, rugia, faminto, *bon vivan* tem tempo de penúria. Era, na aparência, indiferente ao êxito do irmão. Não participava da leitura das cartas, ignorava o oficial da reserva e futuro politécnico. No entanto, mangava das fotografias expostas na sala. “Um lesão com pinta de importante”, dizia, e com uma voz tão parecida com a do irmão que Domingas, assustada, procurava na sala um

15 Yaqub de carne e osso. A mesma voz, a mesma inflexão. Na minha mente, a imagem de Yaqub era desenhada pelo corpo e pela voz de Omar. Neste habitavam os gêmeos, porque Omar sempre esteve por ali, expandindo sua presença para apagar a existência de Yaqub.

*bon vivant: homem alegre, que valoriza os prazeres da vida.*

**03.** (PUC-Campinas-SP) É correta a seguinte afirmação:

- A) No segundo período do texto, há retomada de termo por meio de expressão que pode ser considerada seu sinônimo. (linhas 2-5)
- B) A circunstância *em tempo de penúria* constitui traço obrigatório de composição do tipo de homem “*bon vivant*”. (linha 13)
- C) Em *Não participava da leitura das cartas*, os dois segmentos introduzidos pela preposição “de” exercem a mesma função sintática. (linha 15)
- D) São exemplos de linguagem informal, pelo uso de palavra ou expressão de gíria, o que se vê em *Numa das fotos, posou com a farda do Exército* e “*Um lesão com pinta de importante*”. (linhas 2-3 e 17-18)
- E) As aspas indicam que o dizer de Omar está apresentado em discurso indireto. (linhas 17-18)

**04.** (PUC-Campinas-SP) É adequado o seguinte comentário envolvendo sentidos do último parágrafo:

- A) A imitação debochada que fazia do modo de falar de Yaqub era a maneira como Omar manifestava o seu desdém pelo irmão.
- B) O impacto da fala de Omar em Domingas era único, não tinha semelhança com o que ocorria com nenhuma outra personagem.
- C) Se o fato de não participar da leitura das cartas indicava que Omar era indiferente ao irmão, o fato de mangar das fotografias expostas na sala negava essa indiferença.
- D) A frase “O corpo e a voz de Omar desenhava na minha mente a imagem de Yaqub”, em substituição ao penúltimo período, não altera traço algum do sentido original.
- E) A substituição da palavra *porque* na última frase por “enquanto” não prejudica o sentido original.

**05.** (PUC-Campinas-SP)

#### Editorial

Na rotina de mãe de quatro filhos, a escritora israelense Ayelet Waldman começou a detectar em si mesma e em outras mães que conhecia uma ansiedade persistente, disparada pela frustração de não corresponder às próprias expectativas em relação à maternidade. Para piorar seu tormento, aonde quer que fosse, encontrava mulheres sempre prontas a apontar o dedo para seus defeitos, numa espécie de polícia materna, onipresente e onisciente. Em uma conversa deliciosa com a *Revista em Dia*, Ayelet discorre sobre as agruras das mães ruins, categoria na qual hoje se encaixa, e com orgulho. E ajuda a dissipar, com humor, o minhocário que não raro habita a cabeça das mães. Minhocário que, aliás, se não for bem administrado, pode levar a problemas muito mais sérios. É o que você verá na reportagem da página 14, que traz o foco para a depressão durante a gravidez.

Poucos sabem, mas a doença pode ser deflagrada nessa fase e é bom que tanto as gestantes como outras pessoas ao redor fiquem atentas para que as mulheres nessa situação possam receber o apoio necessário. A revista também traz temas para quem a maternidade já é assunto menos relevante nesse momento da vida.

Se você é daquelas que entraram ou consideram entrar na onda da corrida, terá boas dicas na página 18. Caso já esteja reduzindo o ritmo, quem sabe encontre inspiração para espantar a monotonia na crônica da página 8. Esperamos, com um grãozinho aqui, outro ali, poder contribuir um pouco para as várias facetas que compõem uma mulher saudável e de bem consigo mesma.



O texto anterior

- A) deixa entrever o ponto de vista da empresa responsável pela publicação; o estilo leve de composição pode ser entendido como o “tom” que a empresa deseja imprimir no tratamento dos assuntos que aborda.
- B) objetiva definir o segmento do público que a revista pretende atingir e sensibilizar, deixando claro que os assuntos em pauta não interessam a outras parcelas da população, como homens, por exemplo.
- C) é discurso jornalístico opinativo (escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura) referente a assuntos locais de maior relevância; elaborado em concordância com a norma-padrão, não foge à formalidade.
- D) apresenta o número específico da revista, com a descrição dos assuntos da edição; o autor usa argumentos e tom categóricos para mostrar que tem total controle sobre o interesse e a reação de cada tipo de leitor.
- E) é elaborado por um editor especializado, que, em tom grave, como necessário a um editorial, não só divulga as matérias, como expressa juízos de valor sobre elas, demonstrando posições bastante tradicionais.

**06.** (PUC-Campinas-SP)

1500	Cabral encontra os Tupiniquim, da grande família Tupinambá (tronco tupi-guarani) que ocupava quase toda a costa, do Pará ao R.G. do Sul.
1502	Instalação das primeiras feitorias portuguesas no Brasil (Cabo Frio, Bahia, Pernambuco) para o tráfico do pau-de-tinta e escravos.
1511	Em Cabo Frio, a nau “Bretoa” embarca 35 escravos índios para a metrópole. Incursões de corsários franceses interessados em pau-brasil.
1531	Expedição de Martim Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza de reconhecimento e posse da terra. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Endurecimento dos termos de intercâmbio (escambo) de produtos nativos por manufaturas europeias.</li> <li>• Contingenciamento da mão de obra indígena para todo tipo de trabalho, ainda através do escambo.</li> <li>• Mais embarque de escravos para Portugal.</li> </ul>
1534	Implantação do regime de donatarias hereditárias. Aumenta a imigração de colonos, atentando contra a mulher indígena, a posse da terra e a liberdade dos índios.
1537	Breve papal de Paulo III proclamando os índios “verdadeiros homens e livres”, isto é, criaturas de Deus iguais a todos.
1540	Reações dos tupi à conquista: 12 mil índios emigram da Bahia ou Pernambuco; somente 300 chegam a Chachapoya, no Peru. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sessenta mil Tupinambá fogem da opressão portuguesa, exaurindo-se pelo caminho, até atingir a foz do Rio Madeira (1530/1612)</li> </ul>
1547	Os Carijó, grupo guarani da capitania de S. Vicente, são assaltados por predadores de escravos e vendidos em várias capitanias. Para escapar à escravização, tribos guerreiam mutuamente, arrebanhando escravos para a nascente indústria canavieira.
1549	Chega a primeira missão jesuítica, chefiada por Manuel da Nóbrega: oito missionários, entre os quais, José de Anchieta. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dissolve-se o regime de capitanias.</li> <li>• É estabelecido o governo-geral.</li> <li>• Tomé de Souza, primeiro governador-geral, reimplanta o escambo para obter alimentos e trabalho dos índios, mas não impede de todo a escravidão.</li> </ul>

RIBEIRO, Berta Gielzer. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1983. p.118-120.

É correto afirmar sobre o anteriormente transcrito:

- A) Tratando-se de uma cronologia, é fundada em dados científicos, por isso essa relação de datas e acontecimentos históricos corresponde a dados objetivos, que devem obrigatoriamente figurar em qualquer cronologia de qualquer outro estudioso.
- B) Constitui texto cujo título determina a necessária direção da leitura – a data deve ser considerada em relação direta com o que está à sua direita; as datas devem ser consideradas da antecedente para a subsequente –, não admitindo focalização alguma de outra ordem.
- C) Usualmente aposta a textos dissertativos que expõem dados sobre a História de um dado país, é tabela cuja leitura depende da argumentação apresentada neles, motivo pelo qual qualquer consulta desvinculada não merece crédito.
- D) É quadro composto de linhas e colunas que, separadas por filetes, formam casas em que se acham contidos algarismos e palavras; a subjetividade do autor da cronologia evidencia-se na seleção que faz dos fatos historicamente disponíveis para registro.
- E) A palavra “cronologia” explicita ao leitor que ele inevitavelmente estará diante da organização de fatos em ordem sequencial; a credibilidade dessa ordenação funda-se na citação das decisões de governantes de estado e suas consequências.

**Instrução:** A questão refere-se a **A** e **B**, trechos de capítulos da obra *Ginástica doce e yoga para crianças: método La Douce*.

**A.**

## CAPÍTULO 2

### O CORPO

Conhecer bem o corpo para fazê-lo trabalhar melhor

#### Cinco extremidades: a cabeça, as mãos, os pés

Para comunicar-se com tudo que a cerca, a criança usa a cabeça, as duas mãos e os dois pés.

A cabeça permite-lhe ter acesso a todas as informações disponíveis. Sede do cérebro, ela fornece os recursos necessários para bem compreender seu ambiente. É igualmente através desta parte do corpo que penetram duas fontes de energia: o ar e o alimento.

A cabeça se articula através do pescoço. Corredor estreito entre o cérebro e a parte inferior do corpo, o pescoço deve ser flexível para facilitar a qualidade das trocas.

As mãos e os pés são verdadeiras antenas. Sua riqueza em terminações nervosas e vasos sanguíneos, assim como a possibilidade das inúmeras articulações, fazem deles instrumentos de extraordinária precisão.

**B.**

## CAPÍTULO 8

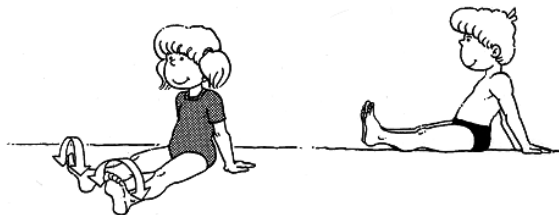
### AS EXTREMIDADES

#### 8.4 OS PÉS

2. O limpador de para-brisas

Posição: sentada com os braços atrás do corpo e as mãos apoiadas no chão

- Gire os tornozelos para dentro e para fora;
- Levante e abaixe os calcanhares mantendo as barrigas das pernas no chão (os dois juntos; depois um de cada vez).



CABROL, Claude; RAYMOND, Paul. Tradução Alice Mesquita. Ilustrações de Roberto Dolbec. São Paulo: Ground, 2012. p. 25 e 72.

**07.** (PUC-Campinas-SP) É correto afirmar:

- A) O conteúdo e o léxico especializados e o modo de articulação das frases provam que A é um texto científico; B é um texto ilustrativo do que se apresenta em A, mais especificamente no último parágrafo.
- B) B complementa a descrição do corpo que se tem em A, na medida em que permite a visualização dos movimentos que comprovam a ideia de que os pés são *instrumentos de extraordinária precisão*.
- C) A, em linguagem acessível, expõe pressupostos que fundamentam a prática proposta em B, tomada, no contexto, como técnica útil para o bom funcionamento do corpo.
- D) Considerados o contexto de comunicação em que A e B estão inseridos e a específica organização de cada um deles, conclui-se que o emissor das mensagens tem como interlocutor, em A e em B, as crianças.
- E) Na dissertação A tem-se, pois é a regra, o presente do indicativo; foge à regra o uso de figuras de linguagem – *Corredor estreito e antenas* – e de frases simples, típicas do tipo de texto a que pertence B.

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões **08** e **09**.

#### O tempo e suas medidas

O homem vive dentro do tempo, o tempo que ele preenche, mede, avalia, ama e teme. Para marcar a passagem e as medidas do tempo, inventou o relógio. A palavra vem do latim **horologium**, e se refere a um quadrante do céu que os antigos aprenderam a observar para se orientarem no tempo e no espaço. Os artefatos construídos para medir a passagem do tempo sofreram ao longo dos séculos uma grande evolução. No início o Sol era a referência natural para a separação entre o dia e a noite, mas depois os relógios solares foram seguidos de outros que vieram a utilizar o escoamento de líquidos, de areia, ou a queima de fluidos, até chegar aos dispositivos mecânicos que originaram as pêndulas. Com a eletrônica, surgiram os relógios de quartzo e de césio, aposentando os chamados “relógios de corda”. O mostrador digital que está no seu pulso ou no seu celular tem muita história: tudo teria começado com a haste vertical ao sol, que projetava sua sombra num plano horizontal demarcado. A ampulheta e a clepsidra são as simpáticas bisavós das atuais engenhocas eletrônicas, e até hoje intrigam e divertem crianças de todas as idades.



Mas a evolução dos maquinismos humanos que dividem e medem as horas não suprimiu nem diminuiu a preocupação dos homens com o Tempo, essa entidade implacável, sempre a lembrar a condição da nossa mortalidade. Na mitologia grega, o deus **Chronos** era o senhor do tempo que se podia medir, por isso chamado “cronológico”, a fluir incessantemente. No entanto, a memória e a imaginação humanas criam tempos outros: uma autobiografia recupera o passado, a ficção científica pretende vislumbrar o futuro. No Brasil, muito da força de um José Lins do Rego, de um Manuel Bandeira ou de um Pedro Nava vem do memorialismo artisticamente trabalhado. A própria história nacional sofre os efeitos de uma intervenção no passado: escritores românticos, logo depois da Independência, sentiram necessidade de emprestar ao país um passado glorioso, e recorreram às idealizações do Indianismo.

No cinema, uma das homenagens mais bonitas ao tempo passado é a do filme **Amarcord** (“eu me recorde”, em dialeto italiano), do cineasta Federico Fellini. São lembranças pessoais de uma época dura, quando o fascismo crescia e dominava a Itália. Já um tempo futuro terrivelmente sombrio é projetado no filme **“Blade Runner**, o caçador de andróides”, do diretor Ridley Scott, no cenário futurista de uma metrópole caótica.

Se o relógio da História marca tempos sinistros, o tempo construído pela arte abre-se para a poesia: o tempo do sonho e da fantasia arrebatou multidões no filme **O mágico de Oz** estrelado por Judy Garland e eternizado pelo tema da canção **Além do arco-íris**. Aliás, a arte da música é, sempre, uma habitação especial do tempo: as notas combinam-se, ritmam e produzem melodias, adensando as horas com seu envolvimento.

São diferentes as qualidades do tempo e as circunstâncias de seus respectivos relógios: há o “relógio biológico”, que regula o ritmo do nosso corpo; há o “relógio de ponto”, que controla a presença do trabalhador numa empresa; e há a necessidade de “acertar os relógios”, para combinar uma ação em grupo; há o desafio de “correr contra o relógio”, obrigando-nos à pressa; e há quem “seja como um relógio”, quando extremamente pontual.

Por vezes barateamos o sentido do tempo, tornando-o uma espécie de vazio a preencher: é quando fazemos algo para “passar o tempo”, e apelamos para um jogo, uma brincadeira, um “passatempo” como as palavras cruzadas. Em compensação, nas horas de grande expectativa, queixamo-nos de que “o tempo não passa”. “Tempo é dinheiro” é o lema dos capitalistas e investidores e dos operadores da Bolsa; e é uma obsessão para os atletas olímpicos em busca de recordes.

Nos relógios primitivos, nos cronômetros sofisticados, nos sinos das velhas igrejas, no pulsar do coração e da pressão das artérias, a expressão do tempo se confunde com a evidência mesma do que é vivo. No tic-tac da pêndula de um relógio de sala, na casa da avó, os netinhos ouvem inconscientemente o tempo passar. O Big Ben londrino marcou horas terríveis sob o bombardeio nazista. Na passagem de um ano para outro, contamos os últimos dez segundos cantando e festejando, na esperança de um novo tempo, de um ano melhor.

ALCÂNTARA, Péricles. Inédito.

- 08.** (PUC-Campinas-SP) Se o relógio da História marca tempos sinistros, o tempo construído pela arte abre-se para a poesia: o tempo do sonho e da fantasia arrebatou multidões no filme *O mágico de Oz* estrelado por Judy Garland e eternizado pelo tema da canção *Além do arco-íris*. Aliás, a arte da música é, sempre, uma habitação especial do tempo: as notas combinam-se, ritmam e produzem melodias, adensando as horas com seu envolvimento.

Compreende-se adequadamente do parágrafo transcrito, em seu contexto:

- A) filmes que arrebatam multidões devem seu sucesso aos temas musicais.
- B) o sucesso de *O mágico de Oz* deve ser atribuído à atriz *Judy Garland*, que entoou de modo especial a canção *Além do arco-íris*.
- C) a arte musical habita filmes famosos, por isso, torna-se densa e envolvente.
- D) o arranjo harmonioso de sons enriquece o conteúdo das horas.
- E) notas aleatoriamente agrupadas alteram a natureza do tempo, sempre de modo positivo.

- 09.** (PUC-Campinas-SP) O autor,

- A) na oração inicial, apresenta o assunto do texto, sendo que, no segmento *o tempo que ele preenche, mede, avalia, ama e teme*, circunscreve o tipo de tempo sobre o qual ele vai dissertar.
- B) ao mencionar a origem da palavra “relógio”, logo no primeiro parágrafo, manifesta o compromisso de apresentar seus dados fundamentado em pesquisas etimológicas, como comprova ao tratar do cinema.
- C) desenvolvendo o texto por meio do paralelo entre distintas qualidades do tempo e distintos artefatos para medi-lo, realiza esse confronto respeitando a cronologia da criação dos instrumentos e sua precisa descrição.
- D) ao argumentar citando campos do conhecimento humano como literatura, cinema, música, história, e, em seguida, mencionar “*Tempo é dinheiro*”, denota opinião negativa sobre quem tem obsessão por esse lema.
- E) caracterizando o tempo como algo a ser preenchido, faz ver que ele, em sua dimensão cronológica – associado a tempos esperançosos ou terríveis –, ou em sua dimensão imaginária, está inseparavelmente ligado à vida.

**Instrução:** Leia os textos e responda às questões **10** e **11**.

### Texto I

#### A máquina extraviada

Você sempre pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante. Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente, que está entusiasmando todo o mundo. Desde que ela chegou – não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar datas – quase não temos falado em outra coisa; e da maneira como o povo aqui se apaixona até pelos assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado por causa dela, a não ser os políticos.

5

10 A máquina chegou uma tarde, quando as famílias estavam jantando ou acabando de jantar, e foi descarregada na frente da Prefeitura. Com os gritos dos choferes e seus ajudantes (a máquina veio em dois ou três caminhões) muita gente cancelou a sobremesa ou o café e foi ver que

15 algazarra era aquela. Como geralmente acontece nessas ocasiões, os homens estavam mal-humorados e não quiseram dar explicações, esbarravam propositalmente nos curiosos, pisavam-lhes os pés e não pediam desculpa, jogavam as pontas de cordas sujas de graxa por cima deles, quem não quisesse se sujar ou se machucar que

20 saísse do caminho.

Descarregadas as várias partes da máquina, foram elas cobertas com encerados e os homens entraram num botequim do largo para comer e beber. Muita gente se amontoou na porta mas ninguém teve coragem de se

25 aproximar dos estranhos porque um deles, percebendo essa intenção nos curiosos, de vez em quando enchia a boca de cerveja e esguichava na direção da porta. Atribuímos essa esquivia ao cansaço e à fome deles e deixamos as tentativas de aproximação para o dia seguinte; mas quando os procuramos de manhã cedo na pensão, soubemos que eles tinham montado mais ou menos a máquina durante a noite e viajado de

30 madrugada. A máquina ficou ao relento, sem que ninguém soubesse quem a encomendou nem para que servia. É claro que cada qual dava o seu palpite, e cada palpite era tão bom quanto outro. As crianças, que não são de respeitar mistério, como você sabe, trataram de aproveitar a novidade. Sem pedir licença a ninguém (e a quem iam pedir?), retiraram a lona e foram subindo em bando pela máquina acima – até hoje ainda sobem, brincam de esconder entre os cilindros e colunas, embaraçam-se nos dentes das engrenagens e fazem um berreiro dos diabos até que apareça alguém para soltá-las;

35 não adiantam ralhos, castigos, pancadas; as crianças simplesmente se apaixonaram pela tal máquina.

Contrariando a opinião de certas pessoas que não quiseram se entusiasmar, e garantiram que em poucos dias a novidade passaria e a ferrugem tomaria conta do metal, o interesse do povo ainda não diminuiu. Ninguém

40 passa pelo largo sem ainda parar diante da máquina, e de cada vez há um detalhe novo a notar. [...] Ninguém sabe mesmo quem encomendou a máquina. O prefeito jura que não foi ele, e diz que consultou o arquivo e nele não encontrou nenhum documento autorizando a transação. Mesmo assim não quis lavar as mãos, e de certa forma encampou a compra quando designou um funcionário para zelar pela máquina. [...]

45

50

55

VEIGA, J. J. A máquina extraviada. In: MORICONI, I. *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 229-232.

10. (FMP-RJ) No texto I, o trecho “Mesmo assim não quis lavar as mãos, e de certa forma encampou a compra quando designou um funcionário para zelar pela máquina.” (l.56-58) significa que o prefeito decidiu

- A) esperar até receber uma comunicação sobre quem encomendara a máquina.
- B) assumir a responsabilidade pela máquina e por sua manutenção.
- C) adquirir a máquina para uso exclusivo da prefeitura.
- D) procurar a pessoa ou o órgão que havia solicitado a máquina.
- E) não se sujar no manuseio da máquina, atribuindo a tarefa a um funcionário.

**Texto II**

[...] Na testa de Fabiano o suor secava, misturando-se à poeira que enchia as rugas fundas, embebendo-se na correia do chapéu. A tontura desaparecera, o estômago sossegara. Quando partissem, a cabaça não envergaria o espinhaço de sinha Vitória. Instintivamente procurou no descampado indício de fonte. Um friozinho agudo arrepiou-o. Mostrou os dentes sujos num riso infantil. Como podia ter frio com semelhante calor? Ficou um instante assim besta, olhando os filhos, a mulher e a bagagem pesada. O menino mais velho esbrugava um osso com apetite. [...]

RAMOS, G. *Vidas Secas*. RJ/SP: Record, 2013. p. 124.

11. (FMP-RJ) Tanto o texto I quanto o texto II são situados no sertão. Embora se passem em diferentes épocas (o primeiro, na década de 1960, e o segundo, na de 1930), ambos apontam para uma desassistência no que toca a aspectos culturais e / ou econômicos.

A carência resultante dessa desassistência está exemplificada nos seguintes pares de texto:

- A) “Desde que ela chegou, [...] quase não temos falado em outra coisa (T. I, l. 4-7) “Na testa de Fabiano o suor secava,” (T. II, l. 1)
- B) “A máquina chegou uma tarde, quando as famílias estavam jantando” (T. I, l. 10-11) “misturando-se à poeira que enchia as rugas fundas,” (T. II, l. 1-2)
- C) “Descarregadas as várias partes da máquina, foram elas cobertas com encerados” (T. I, l. 22-23) “A tontura desaparecera,” (T. II, l. 3)
- D) “ninguém teve coragem de se aproximar dos estranhos” (T. I, l. 25-26) “Um friozinho agudo arrepiou-o.” (T. II, l. 6-7)
- E) “sem que ninguém soubesse quem a encomendou nem para que servia.” (T. I, l. 34-35) “O menino mais velho esbrugava um osso com apetite.” (T. II, l. 10-11)

**GABARITO**

01. C	05. A	09. E
02. D	06. D	10. B
03. A	07. C	11. E
04. C	08. D	

## Caderno Extra

### MÓDULO 05

#### ESTRATÉGIAS DE LEITURA

01. (Vunesp-2018)



Malvados. 2008 (Adaptação).

A fala "Demora, mas eles aprendem." (3º = quadrinho) sugere que o anjo, a propósito das afirmações do personagem retratado nos dois primeiros quadrinhos,

- A) não tem uma opinião formada sobre elas.
- B) concorda com elas.
- C) nota uma contradição entre elas.
- D) não dá importância a elas.
- E) considera-as pessimistas.

**Instrução:** Leia o trecho inicial do conto "A doida", de Carlos Drummond de Andrade, para responder às questões de 02 a 04.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal.

E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar<sup>1</sup> a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebentando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos racontos<sup>2</sup> antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se.

Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativo, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão<sup>3</sup>. Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidade era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

*Contos de aprendiz. 2012.*

<sup>1</sup>lapidar: apedrejar.

<sup>2</sup>raconto: relato, narrativa.

<sup>3</sup>irrisão: zombaria.

- 02.** (Vunesp–2018) De acordo com o segundo parágrafo,
- os garotos, ao descerem a rua, tinham como principal objetivo provocar a doida.
  - as explicações dadas pelas mães para condenar as provocações à doida não comoviam os garotos.
  - as provocações dos garotos à doida não comoviam ninguém.
  - as mães, apesar de dizerem o contrário, consideravam as provocações dos seus filhos à doida uma mera brincadeira.
  - as mães, por considerarem a doida responsável por sua loucura, não repreendiam seus filhos.

- 03.** (Vunesp–2018) “Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão.” (4º parágrafo)

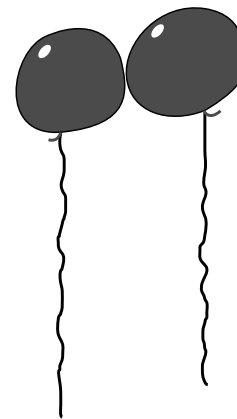
Ao empregar a expressão “Deus sabe por que razão”, o narrador reforça, em relação à história divulgada, o seu caráter

- fantasioso.
- dramático.
- religioso.
- incerto.
- popular.

- 04.** (Vunesp–2018) “Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.” (5º parágrafo) Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado expressa ideia de

- finalidade.
- causa.
- proporção.
- comparação.
- consequência.

- 05.** (Vunesp–2018) Examine o cartum de Mick Stevens, publicado pela revista *The New Yorker* em 15.02.2018 e em seu Instagram, e as afirmações que se seguem.



“You're calling it love, but it's really just static electricity.”

\* “Você está chamando isso de amor, mas na verdade é apenas eletricidade estática.”

- Depreende-se do cartum uma concepção platônica do amor.
- No cartum, o conceito físico mencionado reforça a ideia de amor platônico.
- No cartum, nota-se a atribuição de características humanas a seres inanimados.

Está correto apenas o que se afirma em

- I e II.
- II e III.
- II.
- I.
- III.

06. (Vunesp–2018) Examine a charge do cartunista Angeli, publicada originalmente em 2003, e as afirmações que se seguem.

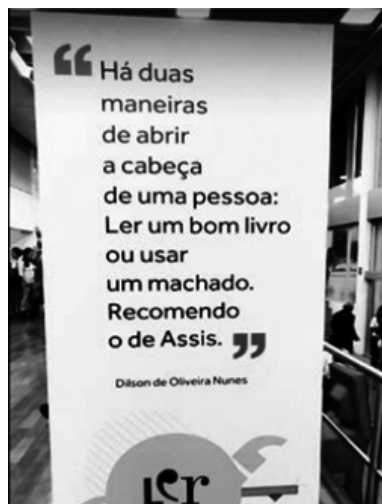


O lixo da história. 2013.

- I. A figuração dos líderes políticos como “reticências” sugere que esses líderes constituem entrave à demanda sugerida pela “palavra”.
- II. Na medida em que, frente a uma multidão de anônimos, poucos indivíduos são nomeados, depreende-se da charge uma crítica, sobretudo, ao processo de massificação da sociedade moderna.
- III. A charge satiriza as manifestações contrárias à guerra no Iraque lideradas por políticos dos EUA e do Reino Unido.

Está correto apenas o que se afirma em

- A) III.
  - B) II.
  - C) I e III.
  - D) I.
  - E) II e III.
07. (Unicamp-SP–2018)



Disponível em: <https://www.facebook.com/Seboltinerante/photos/>. Acesso em: 28 maio 2018.

“Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo do bom senso e do senso comum.”

KAFTA, Franz. *Carta a Oscar Pollak*. 1904. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com>. Acesso em: 28 maio 2018.

Assinale o excerto que confirma os dois textos anteriores.

- A) A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – professores, bibliotecários – desempenham um papel político. (Marisa Lajolo)
  - B) Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização, há aumento sensível do hábito de leitura, e portanto difusão crescente das obras. (Antonio Candido)
  - C) Ler é abrir janelas, construir pontes que ligam o que somos com o que tantos outros imaginaram, pensaram, escreveram; ler é fazer-nos expandidos. (Gilberto Gil)
  - D) A leitura é uma forma servil de sonhar. Se tenho de sonhar, por que não sonhar os meus próprios sonhos? (Fernando Pessoa)
08. (Unicamp-SP–2018) Há dois tipos de palavras: as proparoxítonas e o resto. As proparoxítonas são o ápice da cadeia alimentar do léxico. As palavras mais pernósticas são sempre proparoxítonas. Para pronunciá-las, há que ter ânimo, falar com ímpeto – e, despóticas, ainda exigem acento na sílaba tônica! Sob qualquer ângulo, a proparoxítona tem mais crédito. É inequívoca a diferença entre o arruaceiro e o vândalo. Uma coisa é estar na ponta – outra, no vértice. Ser artesão não é nada, perto de ser artífice. Legal ser eleito Papa, mas bom mesmo é ser Pontífice.

AFFONSO, Eduardo. *Há dois tipos de palavras: as proparoxítonas e o resto*. Disponível em: [www.facebook.com/eduardo22affonso/](http://www.facebook.com/eduardo22affonso/) (Adaptação).

Segundo o texto, as proparoxítonas são palavras que

- A) garantem sua pronúncia graças à exigência de uma sílaba tônica.
  - B) conferem nobreza ao léxico da língua graças à facilidade de sua pronúncia.
  - C) revelam mais prestígio em função de seu pouco uso e de sua dupla acentuação.
  - D) exibem sempre sua prepotência, além de imporem a obrigatoriedade da acentuação.
09. (Unicamp-SP–2018) Na década de 1950, quando iniciava seu governo, Juscelino Kubitschek prometeu “50 anos em 5”. Na campanha do atual governo o *slogan* ficou assim: “O Brasil voltou, 20 anos em dois”. A “tradução” não tinha como dar certo; era como comparar vinho com água. E mais: havia uma vírgula no meio do caminho.



Na propaganda, apenas uma vírgula impede que a leitura, ao invés de ser positiva e associada ao progressismo de Juscelino, se transforme numa mensagem de retrocesso: o Brasil de fato “voltou” muito nesses últimos dois anos; para trás.

SCHWARCZ, Lilia. Havia uma vírgula no meio do caminho. *Nexo Jornal*, 21 maio 2018 (Adaptação).

Considerando o gênero propaganda institucional e o paralelo histórico traçado pela autora, é correto afirmar que o *slogan* do atual governo fracassou porque

- A) o uso da vírgula provocou uma leitura negativa do trecho que alude ao *slogan* da década de 1950.
- B) a mensagem projetada pelo *slogan* anterior era mais clara, direta, e não exigia o uso da vírgula.
- C) a alusão ao *slogan* anterior afasta o público jovem e provoca a perda de seu poder persuasivo.
- D) o duplo sentido do verbo “voltar” gerou uma mensagem que se afasta daquela projetada pelo *slogan* anterior.

10. (Unicamp-SP-2018) Leia o texto a seguir, publicado no Instagram e em um livro do @akapoeta João Doederlein.

## estrela (s.f.)

é quem, feito catapora, se multiplicou no céu, diria Carpinejar. São as manchas que o universo não tem vergonha de mostrar. são as pintas nas suas costas e as sardas no seu rosto. são as memórias de quem já partiu. é onde escreve o destino.

é o brilho particular que algumas pessoas carregam no olhar.

DOEDERLEIN, João. *O livro dos resignificados*. São Paulo: Paralela, 2017. p. 17.

A resignificação de estrela ocorre porque o verbete apresenta

- A) diversas acepções dessa palavra de modo amplo, literal e descritivo.
- B) cinco definições da palavra relativas à realidade e uma definição figurada.
- C) vários contextos de uso que evidenciam o caráter expositivo do gênero verbete.
- D) uma entrada formal de dicionário e acepções que expressam visões particulares.

11. (Unicamp-SP-2018) Para driblar a censura imposta pela Ditadura Militar, compositores de música popular brasileira (MPB) valiam-se do que Gilberto Vasconcelos chamou de “linguagem da fresta”, expressão inspirada na canção “Festa imodesta”, de Caetano Veloso.

[...]

Numa festa imodesta como esta  
Vamos homenagear

Todo aquele que nos empresta sua testa

Construindo coisas pra se cantar

Tudo aquilo que o malandro pronuncia

E que o otário silencia

Toda festa que se dá ou não se dá

Passa pela fresta da cesta e resta a vida.

Acima do coração que sofre com razão

A razão que volta do coração

E acima da razão a rima

E acima da rima a nota da canção

Bemol natural sustentada no ar

Viva aquele que se presta a esta ocupação

Salve o compositor popular

VASCONCELOS, Gilberto de. *Música popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

É correto afirmar que, na canção, essa “linguagem da fresta” transparece

- A) na contradição entre “festa” e “fresta”, que funciona como crítica ao malandro.
- B) na repetição de palavras com pronúncia semelhante para louvar a MPB.
- C) na referência à “fresta” como forma de o compositor se pronunciar.
- D) na incoerência da rima entre “festa” e “imodesta” para prestigiar o compositor.

12. (Unicamp-SP-2018)

[...]

Eu tenho uma ideia.

Eu não tenho a menor ideia.

Uma frase em cada linha. Um golpe de exercício.

Memórias de Copacabana. Santa Clara às três da tarde.

Autobiografia. Não, biografia.

Mulher.

Papai Noel e os marcianos.

Billy the Kid versus Drácula.

Drácula versus Billy the Kid.

Muito sentimental.

Agora pouco sentimental.

Pensa no seu amor de hoje que sempre dura menos que o

[seu

amor de ontem.

Gertrude: estas são ideias bem comuns.

Apresenta a jazz-band.

Não, toca blues com ela.

Esta é a minha vida.

Atravessa a ponte.

[...]

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 9.

Esse trecho do poema de abertura de *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar,

- A) expressa nostalgia do passado, visto que mobiliza referências à cultura *pop* dos anos 1970.
- B) requisita a participação do leitor, já que as referências biográficas são fragmentárias.
- C) exclui a dimensão biográfica, pois se refere a personagens imaginários e de ficção.
- D) tematiza a descrença na poesia, uma vez que a poeta se contradiz continuamente.

**Instrução:** Leia a crônica “Premonitório”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder às questões de **13 a 16**.

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: “Não saia casa 3 outubro abraços”.

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virumque cano*<sup>1</sup>, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos.” Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: “Passe de largo”; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados.

Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano.” “Não é não, o chefe está à espera.” “Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou.” “É hoje e é já.” “Impossível.” Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo” – disse-lhe o chefe. – “Que sabe a respeito do troço?” “Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje.” “Vai estourar?” “Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?” “Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro.” “Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?” “Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho.” “Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?” “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” “E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.” “O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?” “Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?” “Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa.” “Mas, doutor...” Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: “O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!”

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

70 histórias. 2016.

<sup>1</sup>*arma virumque cano*: “canto as armas e o varão” (palavras iniciais da epopeia Eneida, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

- 13.** (UNIFESP–2018) De acordo com a crônica, o filho recebeu o telegrama do pai no dia
- A) 28 de setembro.                      D) 4 de outubro.  
 B) 29 de setembro.                      E) 3 de outubro.  
 C) 2 de outubro.
- 14.** (UNIFESP–2018) Em relação ao sonho do pai, a reação do filho é de
- A) desconfiança.                      D) desdém.  
 B) apatia.                                  E) respeito.  
 C) perplexidade.
- 15.** (UNIFESP–2018) Depreende-se da crônica que o telegrama demorou a chegar
- A) porque ficou retido na delegacia de polícia.  
 B) por conta de um sonho premonitório.  
 C) porque uma revolta popular estava em curso.  
 D) por conta da lentidão do serviço dos telégrafos.  
 E) porque um golpe militar estava em andamento.
- 16.** (UNIFESP–2018) “A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. ‘O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo’ – disse-lhe o chefe.” (5º parágrafo)
- “‘E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?’ Emudeceu. ‘Diga, vamos!’ ‘Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.’” (5º parágrafo)
- No contexto em que se inserem, as palavras “bonitinho” e “versinhos” exprimem, respectivamente,
- A) afetividade e antipatia.  
 B) vulgaridade e sarcasmo.  
 C) desprezo e indiferença.  
 D) advertência e modéstia.  
 E) irritação e delicadeza.

**Instrução:** Para responder às questões **17** e **18**, leia o trecho da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909), em que se narram eventos referentes a uma das expedições militares enviadas pelo Governo Federal para combater Antônio Conselheiro e seus seguidores sediados em Canudos.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho ficara, logo ao desencadear-se o pânico – tristíssimo pormenor! – o cadáver do comandante. Não o defenderam. Não houve um breve simulacro de repulsa contra o inimigo, que não viam e adivinhavam no estrídulo dos gritos desafidores e nos estampidos de um tiroteio irregular e escasso, como o de uma caçada. Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se.

Apenas a artilharia, na extrema retaguarda, seguia vagarosa e unida, solene quase, na marcha habitual de uma revista, em que parava de quando em quando para varrer a disparos as macegas traiçoeiras; e prosseguindo depois, lentamente, rodando, inabordável, terrível... [...]

Um a um tombavam os soldados da guarnição estoica. Feridos ou espantados os mueres da tração empacavam; torciam de rumo; impossibilitavam a marcha.

A bateria afinal parou. Os canhões, emperrados, imobilizaram-se numa volta do caminho...

O coronel Tamarindo, que volvera à retaguarda, agitando-se destemeroso e infatigável entre os fugitivos, penitenciando-se heroicamente, na hora da catástrofe, da tibieza anterior, ao deparar com aquele quadro estupendo, procurou debalde socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos. Neste pressuposto ordenou toques repetidos de “meia-volta, alto!”. As notas das cornetas, convulsivas, emitidas pelos corneteiros sem fôlego, vibraram inutilmente. Ou melhor – aceleraram a fuga. Naquela desordem só havia uma determinação possível: “debandar!”.

Debalde alguns oficiais, indignados, engatilhavam revólveres ao peito dos foragidos. Não havia contê-los. Passavam; corriam; corriam doudamente; corriam dos oficiais; corriam dos jagunços; e ao verem aqueles, que eram de preferência alvejados pelos últimos, caírem malferidos, não se comoviam. O capitão Vilarim batera-se valentemente quase só e ao baquear, morto, não encontrou entre os que comandava um braço que o sustivesse. Os próprios feridos e enfermos estropiados lá se iam, cambeteando, arrastando-se penosamente, imprecando os companheiros mais ágeis...

As notas das cornetas vibravam em cima desse tumulto, imperceptíveis, inúteis... Por fim cessaram. Não tinham a quem chamar. A infantaria desaparecera...

*Os sertões*. 2016.

- 17.** (UNIFESP–2018) O trecho narra
- A) a debandada trágica dos seguidores de Antônio Conselheiro.  
 B) a completa aniquilação do povoado de Canudos.  
 C) o desfecho desastroso da expedição militar.  
 D) o desmantelamento dos dois grupos de combatentes.  
 E) a resistência heroica dos soldados do governo.
- 18.** (UNIFESP–2018) Em “O coronel Tamarindo [...] ao deparar com aquele quadro estupendo, procurou **debalde** socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos.” (6º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:
- A) inutilmente.  
 B) lealmente.  
 C) desesperadamente.  
 D) valentemente.  
 E) humildemente.

**Instrução:** Para responder às questões **19** e **20**, leia o trecho do livro *Abolição*, da historiadora brasileira Emília Viotti da Costa.

Durante três séculos (do século XVI ao XVIII) a escravidão foi praticada e aceita sem que as classes dominantes questionassem a legitimidade do cativo. Muitos chegavam a justificar a escravidão, argumentando que graças a ela os negros eram retirados da ignorância em que viviam e convertidos ao cristianismo. A conversão libertava os negros do pecado e lhes abria a porta da salvação eterna. Dessa forma, a escravidão podia até ser considerada um benefício para o negro! Para nós, esses argumentos podem parecer cínicos, mas, naquela época, tinham poder de persuasão. A ordem social era considerada expressão dos desígnios da Providência Divina e, portanto, não era questionada. Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, vilões, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos. De acordo com essa teoria, não cabia aos homens modificar a ordem social. Assim, justificada pela religião e sancionada pela Igreja e pelo Estado – representantes de Deus na Terra –, a escravidão não era questionada. A Igreja limitava-se a recomendar paciência aos escravos e benevolência aos senhores.

Não é difícil imaginar os efeitos dessas ideias. Elas permitiam às classes dominantes escravizar os negros sem problemas de consciência. Os poucos indivíduos que no Período Colonial, fugindo à regra, questionaram o tráfico de escravos e lançaram dúvidas sobre a legitimidade da escravidão, foram expulsos da Colônia e o tráfico de escravos continuou sem impedimentos. Apenas os próprios escravos questionavam a legitimidade da instituição, manifestando seu protesto por meio de fugas e insurreições. Encontravam, no entanto, pouca simpatia por parte dos homens livres e enfrentavam violenta repressão.

*Abolição*. 2010.

- 19.** (UNIFESP–2018) De acordo com a historiadora,
- as classes dominantes valiam-se de argumentos religiosos para legitimar a escravidão.
  - os negros não ousavam sequer questionar a legitimidade da escravidão.
  - a Igreja assumia uma postura corajosa em defesa dos escravos.
  - as ideias defendidas pelas classes dominantes destoavam da ideologia vigente na época.
  - os negros que ousavam combater o tráfico de escravos eram expulsos da Colônia.
- 20.** (UNIFESP–2018) “Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, vilões, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos.” (1º parágrafo) No contexto em que se insere, o termo “vilão” deve ser entendido na seguinte acepção:
- “camponês medieval que trabalhava para um senhor feudal”.

- “aquele que é indigno, abjeto, desprezível”.
- “aquele que não pertence à nobreza, plebeu”.
- “aquele que não tem religião, ateu”.
- “aquele que reside em vila”.

**21.** (UFU-MG)

**Por que temos de aprender Língua Portuguesa?**

Essa pergunta certamente tem estado na cabeça de muitos estudantes nos mais diversos níveis de ensino ao longo de suas caminhadas de aprendizagem, de construção de conhecimentos, competências e habilidades. Essa enumeração de formas de representar o desenvolvimento cognitivo também nos remete à mesma pergunta – por que “ensinar” Língua Portuguesa?

Se nossos aprendizes são falantes nativos do idioma, por qual razão muitos deles sentem que não conhecem sua língua materna e que não fazem um bom uso das formas de dizer nos mais variados contextos de interação pela linguagem?

O fato é que há contingentes de analfabetos funcionais que, embora tenham sido alfabetizados, não desenvolveram a competência de uso da língua em situações comunicativas específicas.

Ler, compreender e produzir sentido(s). Tudo muito simples, mas há lacunas, faltam condições para que os aprendizes de leitura e de escrita conquistem sua autonomia, para que exerçam com plenitude a condição de sujeitos de seu dizer, de participantes ativos da produção dos sentidos que os discursos potencializam em suas múltiplas formas.

[...] Muitos pesquisadores do campo da linguística têm defendido o ensino de língua materna como um espaço de riqueza linguística, de diversidade de textos, que torne mais rica e significativa a experiência com a linguagem.

Disponível em: <http://www.gazetadosul.com.br>.  
Acesso em: 25 abr. 2017. [Fragmento adaptado]

Com o objetivo de responder à pergunta do título do texto, o autor, no segundo parágrafo, questiona o fato de os nativos do idioma sentirem que não conhecem sua língua materna. Infere-se que a crítica apresentada no texto diz respeito ao papel do(a)

- escola, que apresenta falhas em relação a uma proposta político-pedagógica para uma abordagem adequada do ensino de língua materna.
- aluno, que não faz um bom uso das formas de dizer nos mais variados contextos de interação pela linguagem.
- analfabeto funcional, que não desenvolveu a competência de uso da língua em situações comunicativas específicas.
- pesquisador, que defende o ensino como um espaço de riqueza linguística.

22. (UFU-MG) Analise o infográfico a seguir:

### DESIGUALDADE RACIAL NA MORTALIDADE

Homicídios e acidentes matam mais negros do que brancos

#### TRÊS PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTALIDADE EM 2005

##### BRANCOS

	Homens	Mulheres
Doenças do aparelho circulatório	29,3%	34,6%
Neoplasias (tumores)	17,6%	18,7%
Causas externas (homicídios e outros)	15%	12%

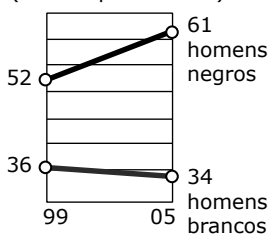
##### NEGROS

	Homens	Mulheres
Causas externas (homicídios e outros)	25%	33,4%
Doenças do aparelho circulatório	24,7%	14,9%
Causas mal definidas	12,7%	14,8%

#### Comparação das taxas de mortalidade, por causas

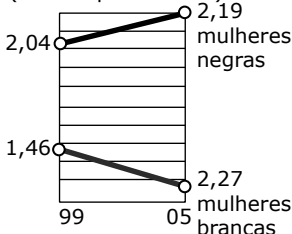
##### Homicídios

(mortes por 100 mil)



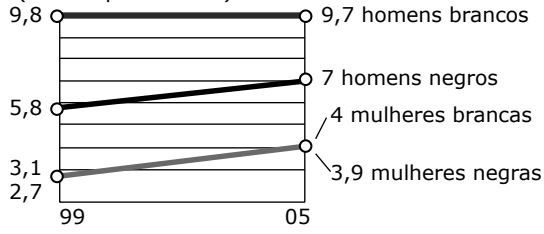
##### Problemas no parto

(mortes por 100 mil)



##### HIV/Aids

(mortes por 100 mil)



Estudo da UFRJ com dados do SUS.

Disponível em: <http://rede.novaescolaclub.org.br/planos-de-aula/interpretacao-de-texto-com-auxilio-de-materiais-graficos>.

Acesso em: 26 abr. 2017 (Adaptação).

Pode-se, a partir das informações do infográfico, constatar que:

- A) Entre 1999 e 2005, o índice de morte causado por problemas no parto variou em sentido diametralmente oposto entre mulheres brancas e negras.
- B) Homens negros são mais vítimas de homicídios do que mulheres negras.
- C) Em ordem crescente, as maiores vítimas de homicídios são: mulheres brancas, homens negros, homens brancos, mulheres negras.
- D) Mulheres negras têm mais problemas no parto em função do acesso dificultado ao sistema público de saúde.

23. (UFU-MG)

#### Desafios atuais e ameaças

Nos 514 anos desde que os europeus chegaram ao Brasil, os povos indígenas sofreram genocídio em grande escala, e perda da maioria de suas terras. "Nós não sabíamos que os brancos iam tirar a nossa terra. Nós não sabíamos de nada sobre o desmatamento. Nós não sabíamos sobre as leis dos homens brancos." (Enawenê Nawê)



5 Hoje, o Brasil tem planos agressivos para desenvolver e industrializar a Amazônia. Até os territórios mais remotos estão agora sob ameaça. Vários complexos de barragens hidrelétricas estão sendo construídos perto de tribos isoladas, e eles também irão privar milhares de outros índios da terra, água e meios de subsistência.

10 Os complexos de barragens irão fornecer energia barata para as empresas de mineração, que estão prestes a realizar a mineração em grande escala nas terras indígenas se o Congresso aprovar um projeto de lei que está sendo empurrado duramente pelo lobby de mineração.

15 Muitas tribos do sul do país como os Guarani vivem em condições desumanas sob barracos de lona em beiras de estradas. Seus líderes estão sendo sistematicamente atacados e mortos por milícias privadas de pistoleiros contratados pelos fazendeiros para evitar que eles ocupem sua terra ancestral. Muitos Guarani cometem suicídio em desespero com a falta de qualquer futuro significativo.

20 Os Guarani estão se suicidando por falta da terra.

25 “A gente antigamente tinha a liberdade, mas hoje em dia nós não temos mais liberdade. Então, por isso, os nossos jovens vivem pensando que eles não têm mais condições de viver. Eles se sentam e pensam muito, se perdem e se suicidam.” Rosalino Ortiz, Guarani

Disponível em: <http://www.survivalbrasil.org/povos/indios-brasileiros>. Acesso em: 28 abr. 2017.

Com base na leitura do texto e nas expressões em destaque, assinale a alternativa incorreta.

- A) No trecho “Nós não sabíamos que os brancos iam tirar a nossa terra. Nós não sabíamos de nada sobre o desmatamento. Nós não sabíamos sobre as leis dos homens brancos.” (linhas 2 e 3) a repetição de “nós não sabíamos” tem a função de ressaltar informações que o índio desconhecia.
- B) O trecho “Hoje, o Brasil tem planos agressivos para desenvolver e industrializar a Amazônia”, (linhas 4 e 5), se modificado para “Hoje, no Brasil, \_\_\_\_\_ planos agressivos para desenvolver e industrializar a Amazônia”, deveria, de acordo com a modalidade formal da Língua Portuguesa, fazer uso do verbo Haver para preencher a lacuna.
- C) No trecho “Hoje, o Brasil tem planos agressivos para desenvolver e industrializar a Amazônia”. (linhas 4 e 5) O uso da palavra “agressivos” indica posição ideológica do autor, ou seja, não há neutralidade na informação.
- D) No trecho “Nos 514 anos desde que os europeus chegaram ao Brasil, os povos indígenas sofreram genocídio em grande escala, e perda da maioria de suas terras”, (linhas 1 e 2) a vírgula antes da conjunção “e” está adequadamente empregada.

24. (UFU-MG)

### O Banheiro

5 Não é o lar o último recesso do homem civilizado, sua última fuga, o derradeiro recanto em que pode esconder suas mágoas e dores. Não é o lar o castelo do homem. O castelo do homem é seu banheiro. Num mundo atribulado, numa época convulsa, numa sociedade desgovernada, numa família dissolvida ou dissoluta só o banheiro é um recanto livre, só essa dependência da casa e do mundo dá ao homem um hausto de tranquilidade. É ali que ele sonha suas derradeiras filosofias e seus moribundos cálculos de paz e sossego. Outrora, em outras eras do mundo, havia jardins livres, particulares e públicos, onde o homem podia se entregar à sua meditação e à sua prece. [...]

10 Desapareceram os jardins particulares, [...] o homem foi recuando, desesperou e só obteve um instante de calma no dia em que de novo descobriu seu santuário dentro de sua própria casa – o banheiro. Se não lhe batem à porta outros homens (pois um lar por definição é composto de mulher, marido, filho, filha e um outro parente, próximo ou remoto, todos com suas necessidades físicas e morais) ele, ali e só ali, por alguns instantes, se oculta, se introspecciona, se reflete, se calcula e julga. Está só consigo mesmo, tudo é segredo, ninguém o interroga, pressiona, compele, tenta, sugere, assalta. [...]

15 O banheiro é o que resta de indevassável para a alma e o corpo do homem e queira Deus que Le Corbusier ou Niemeyer não pensem em fazê-lo também de vidro, numa adaptação total ao espírito de uma humanidade cada vez mais gregária, sem o necessário e apaixonante sentimento de solidão ocasional.

FERNANDES, Millôr. *O banheiro*. Disponível em: [http://releituras.com/millor\\_banheiro.asp](http://releituras.com/millor_banheiro.asp). Acesso em: 28 abr. 2017. [Fragmento]

No texto, nas linhas 18, 19, 20 e 21, o autor usa a explicação, contida nos parênteses, para

- A) acentuar o conceito de lar como um espaço harmônico.  
 B) mostrar o banheiro como um lugar de sossego no lar.  
 C) apresentar a definição cultural e tradicional de lar.  
 D) chamar a atenção para a definição dos vários tipos de lares.

25. (UFU-MG)

### A doação de sangue e o preconceito contra homossexuais

*Preconceito contra doação de sangue de gays e bissexuais aumenta o deficit de sangue nos hemocentros do País, diz Alexino Ferreira*

O professor Ricardo Alexino Ferreira, em sua coluna semanal para a Rádio USP, aborda a questão do preconceito a gays e bissexuais por parte do Ministério da Saúde, no qual, mesmo com o *deficit* de sangue nos hemocentros do País, faz restrições quanto à doação de homens que tenham tido relações sexuais com outros homens.

Segundo Alexino Ferreira, a portaria 2712 do Ministério da Saúde, datada de novembro de 2013, parece insistir no grupo de risco (1), em detrimento ao comportamento de risco (1). Afinal, já se estabeleceu, desde há muito, que o vírus HIV, transmissor da aids, não faz distinção de orientação sexual e que, portanto (2), heterossexuais, bissexuais ou homossexuais podem ser igualmente contaminados em situações de risco, ou seja, quando não se faz uso de preservativos nas relações sexuais ou quando se tem contato direto com sangue contaminado.

De fato, o colunista aponta uma contradição na própria portaria, a qual prevê que os serviços de hemoterapia não devem (3) manifestar preconceito ou discriminação com relação à orientação sexual ou com a identidade de gênero do doador.

Alexino Ferreira diz ainda que as organizações de direitos LGBTs vêm denunciando (4) esse tipo de preconceito. De acordo com elas, existem casais homoafetivos estáveis, que não têm relações extraconjugais, ou mesmo homens homossexuais ou bissexuais que fazem sexo seguro com outros homens e não são usuários de drogas. Com esse tipo de restrição, o Brasil perde 18 milhões de litros de sangue ao ano.

FERREIRA, Ricardo Alexino. Disponível em: <http://jornal.usp.br/atualidades/a-doacao-de-sangue-e-opreconceito-contrahomossexuais>. Acesso em: 28 abr. 2017.

Com base na leitura do texto e nos trechos numerados, assinale a alternativa incorreta.

- A) Em 1, as expressões “grupo de risco” e “comportamento de risco” indicam que um grupo de risco obrigatoriamente tem comportamento de risco.
- B) Em 2, podemos substituir “portanto” por “consequentemente”, sem prejuízo para o sentido da oração.
- C) Em 3, o emprego do verbo “dever” indica obrigação, o que não ocorreria se o autor tivesse empregado o verbo “poder”.
- D) Em 4, “vêm denunciando” carrega a ideia de frequência, repetição de ação, o que não ocorreria se o autor tivesse optado por usar “denunciam”.

## GABARITO

01. B	10. D	19. A
02. B	11. C	20. C
03. D	12. B	21. A
04. B	13. C	22. B
05. E	14. E	23. D
06. D	15. A	24. C
07. C	16. D	25. A
08. D	17. C	
09. D	18. A	

## MÓDULO 06

### A ARQUITETURA DO TEXTO: O PARÁGRAFO

**01.** (UFU-MG) Leia os trechos do diário. A seguir, numere-os de 1 a 5, de modo a organizar o texto com coesão e coerência. Em seguida, assinale a alternativa correta.

- ( ) Tomara que amanhã isso não aconteça. Sobre isso, estive pensando qual profissão gostaria de ter no futuro e não cheguei numa conclusão concreta. Uma coisa eu sei: quero ajudar as pessoas e fazer diferença no mundo. Tenho fé nisso!!! Termine esse dia com a frase de um autor que gosto muito, do Drummond: “Há campeões de tudo, inclusive de perda de campeonatos. Boa noite! Helena
  - ( ) No recreio, não tive coragem de falar com elas e fiquei no meu canto, lendo a matéria de História e aproveitando para responder as questões que o prof. passou na aula passada. Quando cheguei em casa, almocei e fiquei enfiada no quarto o dia inteiro pensando que não quero mais voltar pra escola. Nem fome eu tive!
  - ( ) Na sala de aula, a Ana e a Célia ficaram dando risadinhas e olhando pra mim. Depois veio o Hugo e me disse que eu tinha um chiclete no cabelo. A minha questão foi: Quem colocou ele ali? E porque ao invés de me falarem ficaram rindo da minha cara? Fiquei muito chateada com a atitude delas e de outras pessoas que passavam bilhete enquanto aproveitavam para olhar pra minha cabeça. Ainda bem que bateu o sinal para o intervalo.
  - ( ) Depois de tanto pensar, resolvi enfrentar o problema e escrevi uma carta pra Ana e pra Célia. Acho que ficou bem legal, ainda que no texto eu não reprovei a atitude delas. Pelo contrário, convidei elas para serem minhas amigas. Gosto delas, mas não gosto de injustiças, de caçoar dos outros. Acho muito feio rir de um defeito ou da desgraça alheia. Eu sei: tenho um coração mole!!!.
  - ( ) Londrina, 05 de julho de 2013. Querido Diário, hoje já acordei com uma sensação estranha. Talvez por ser o “dia das bruxas”. Como habitual, fui à escola e logo pude entender que algo inusitado iria acontecer. Tivemos duas aulas vagas, pois o professor de Geografia ficou doente. Ficamos de boa na sala.
- Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-diario>. Acesso em: 03 maio 2017 (Adaptação).

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- A) 5, 4, 2, 3,1
- B) 5, 2, 3, 4,1
- C) 5, 4, 3, 2,1
- D) 5, 3, 2, 4,1

- 02.** (Unicamp-SP-2018) “[...] Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reincidentes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de Troia que aparece de quatro em quatro anos.”

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2014. p. 43.

O trecho anterior faz parte das considerações políticas que aparecem repetidamente em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Considerando o conjunto dessas observações, indique a alternativa que resume de modo adequado a posição da autora sobre a lógica política das eleições.

- A) Por meio das eleições, políticos de determinados partidos acabam se perpetuando no exercício do poder.  
 B) Os políticos se aproximam do povo e, depois das eleições, se esquecem dos compromissos assumidos.  
 C) Os políticos preteridos são aqueles que acabam vencendo as eleições, por força de sua persistência.  
 D) Graças ao desinteresse do povo, os políticos se apropriam do Estado, contrariando a própria democracia.
- 03.** (Unicamp-SP-2018) Alguns pesquisadores falam sobre a necessidade de um “letramento racial”, para “reeducar o indivíduo em uma perspectiva antirracista”, baseado em fundamentos como o reconhecimento de privilégios, do racismo como um problema social atual, não apenas legado histórico, e a capacidade de interpretar as práticas racializadas. Ouvir é sempre a primeira orientação dada por qualquer especialista ou ativista: uma escuta atenta, sincera e empática. Luciana Alves, educadora da Unifesp, afirma que “Uma das principais coisas é atenção à linguagem. A gente tem uma linguagem sexista, racista, homofóbica, que passa pelas piadas e pelo uso de termos que a gente já naturalizou. ‘A coisa tá preta’, ‘denegrir’, ‘serviço de preto’... Só o fato de você prestar atenção na linguagem já anuncia uma postura de reconstrução. Se o outro diz que tem uma carga negativa e ofensiva, acredite”.

GENTE branca: o que os brancos de um país racista podem fazer pela igualdade além de não serem racistas.  
*Uol*, 21 maio 2018 (Adaptação).

Segundo Luciana Alves, para combater o racismo e mudar de postura em relação a ele, é fundamental

- A) ouvir com atenção os discursos e orientações de especialistas e ativistas.  
 B) reconhecer expressões racistas existentes em práticas naturalizadas.  
 C) passar por um “letramento racial” que dispense o legado histórico.  
 D) prestar atenção às práticas históricas e às orientações da educadora.

**Instrução:** Leia os textos para responder às questões **04** e **05**.

#### Texto I

O jornal britânico *The Guardian* publicou nesta quarta-feira [19.07.2017] um longo artigo sobre a situação econômica do Brasil. O texto começa contando a história de Miriam Gomes, que às 5 da manhã se dirigia a um projeto social que ela coordena em Cidade Nova, no Rio de Janeiro, onde a fila para receber uma cesta básica semanal já tem mais de cem metros de comprimento. Alguns haviam dormido na rua – aqueles do crescente exército de pessoas sem-teto do Rio, ou que viviam muito longe para chegar lá às 6:30 da manhã, quando poderiam começar a pegar uma bolsa de vegetais, frutas, arroz, feijão, macarrão, leite e biscoitos, e um pouco de chocolate. Estas são algumas das vítimas de um problema que só piora em um país, uma vez louvado pela redução da pobreza, mas onde o número de pobres está subindo novamente, destaca o *Guardian*. O Brasil caiu em sua pior recessão por décadas, com 14 milhões de pessoas desempregadas, acrescenta.

Disponível em: <http://www.jb.com.br>. Acesso em: 19 jul. 2017 (Adaptação).

#### Texto II

No mês passado, 20 instituições da sociedade civil apresentaram o relatório Luz da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável. O documento analisa o desempenho do Brasil para o cumprimento dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU), mas trouxe alerta sobre o risco de o país voltar a constar no próximo Mapa da Fome. Esse levantamento – feito pela instituição da ONU que lida com a agricultura e a alimentação, a FAO – indica em quais nações mais de 5% da população ingerem diariamente menos calorias que o recomendado. Só em 2014, o Brasil desapareceu do Mapa da Fome. Pela primeira vez, 3% dos brasileiros tinham que lidar com a falta de condições para satisfazer a necessidade vital por comida, e, assim, o mapa do país deixou de ganhar, no levantamento da FAO, a cor avermelhada.

Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br>. Acesso em: 09 ago. 2017 (Adaptação).

- 04.** (Vunesp) A leitura comparativa dos textos permite concluir que os dois tratam do tema
- da economia, mostrando que a recessão econômica tem mantido 3% da população sem condições de saciar sua necessidade vital por comida.
  - da fome, ressaltando um possível retrocesso nas condições de pobreza no país, decorrente da situação econômica do Brasil.
  - da redução da pobreza, enfatizando que, mesmo diante de um cenário de desemprego negativo, a maior parte da população não passa fome.
  - do desemprego, explicitando a relação entre este e a fome, cenário sombrio que há décadas inclui o Brasil no Mapa da Fome da ONU.
  - das mazelas do Rio de Janeiro, criticando o aumento de pessoas sem-teto na cidade e, conseqüentemente, a inserção do Brasil no Mapa da Fome.

- 05.** (Vunesp) Observe as expressões em destaque:
- O jornal britânico [...] publicou nesta quarta-feira [...] um **longo** artigo sobre a situação econômica do Brasil. (Texto I);
  - [...] aqueles do **crescente** exército de pessoas sem-teto do Rio [...] (Texto I);
  - Estas são algumas das **vítimas** de um problema [...] (Texto I);
  - [...] mas trouxe alerta sobre o **risco** de o país voltar a constar no próximo Mapa da Fome. (Texto II).

Na constituição dos discursos, os termos em destaque sinalizam que

- a fome é um problema menor no país, frente à economia.
  - a ONU avalia mal a condição de vida dos brasileiros.
  - o contexto econômico-social do Brasil merece atenção.
  - o fim da fome no Brasil ocorreu com a economia em crise.
  - a mídia internacional desconhece a realidade brasileira.
- 06.** (Vunesp) Considere as seguintes informações presentes na bula de paracetamol.

**INDICAÇÕES:** Este medicamento é indicado, em adultos, para a redução da febre e o alívio temporário de dores leves a moderadas, tais como: dores associadas a resfriados comuns, dor de cabeça, dor no corpo, dor de dente, dor nas costas, dores musculares, dores leves associadas a artrites e dismenorria.

**POSOLOGIA E MODO DE USAR:** Uso oral. Os comprimidos devem ser administrados por via oral, com líquido. O paracetamol pode ser administrado independentemente das refeições. Adultos e crianças acima de 12 anos: 1 comprimido, 3 a 5 vezes ao dia. A dose diária total recomendada de paracetamol é de 4 000 mg (5 comprimidos de paracetamol 750 mg) administrados em doses fracionadas, não excedendo 1 000 mg/dose (1 comprimido de paracetamol 750 mg), em intervalos de 4 a 6 horas, em um período de 24 horas.

Duração do tratamento: depende da remissão dos sintomas.

Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br>.

Uma mãe, quando foi amamentar seu filho, percebeu que ele estava febril. Decidiu, então, dar-lhe o paracetamol. Se ela leu adequadamente a bula, conclui-se que

- administrou o medicamento ao filho, sem exceder 1 000 mg/dose durante o tratamento.
- deixou de administrar o medicamento ao filho, pois é restrito aos adultos.
- administrou o medicamento até a febre do filho ceder completamente.
- deixou de administrar o medicamento ao filho, pois o comprimido excede a dose diária.
- deixou de administrar o medicamento ao filho, à vista da condição etária deste.

**Instrução:** Leia o texto para responder às questões **07** e **08**.

Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela Internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo Estado dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em *marketing* político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em *marketing* político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

Disponível em: <http://politica.estadao.com.br>.

- 07.** (Vunesp) Com base nas informações dos especialistas ouvidos pelo jornal, entende-se que os “memes políticos”
- submetem as pessoas a situações constrangedoras, uma vez que a maior parte delas deixa de se divertir por serem vítimas de memes ofensivos nas redes sociais.
  - têm encontrado grande espaço para sua difusão nas mídias digitais, propiciando diversão e, além disso, permitindo o debate político com bom humor.
  - divertem os internautas por se configurarem em diversas versões, o que cada vez mais tem despertado o interesse dessas pessoas pela tecnologia e pela política.
  - acabam por se constituir em discursos não raro ofensivos, uma vez que a ideia de diversão nas redes sociais tem sido suplantada pelo contínuo debate político.
  - restringem-se à diversão dos internautas, relacionando-se mais às facilidades propiciadas pela tecnologia do que ao interesse das pessoas pela política.
- 08.** (Vunesp) No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma
- comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
  - conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.
  - consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
  - contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
  - explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.

**Instrução:** Leia o texto para responder às questões de **09** a **11**.

Nos últimos tempos, surgiu um novo critério para avaliar jornalistas da TV – a relação do profissional com os seus admiradores nas redes sociais. O tamanho dos fãs-clubes e a forma de interação com eles se tornou, igualmente, uma maneira de “medir” o talento de apresentadores.

A estreia de Dony de Nuccio na bancada do “Jornal Hoje”, ao lado de Sandra Annenberg, nesta segunda-feira [07.08.2017], deixou claro o peso destes aspectos mais subjetivos. O novo apresentador até deu um beijo em sua colega na abertura do telejornal. Foi mais um gesto, entre outros, no esforço de mostrar aos fãs que a saída de Evaristo Costa, parceiro de Sandra por mais de 13 anos, não vai afetar em nada o bom andamento do telejornal.

Não à toa, Dony festejou no ar o seu antecessor: “É um grande desafio substituir o Evaristo Costa, tão querido por todos, tão competente na condução do telejornal por tantos anos.”

Disponível em: <https://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br>.

- 09.** (Vunesp) Observe o uso das aspas nas seguintes passagens do texto: – [...] uma maneira de “medir” o talento de apresentadores. (1o parágrafo); – A estreia de Dony de Nuccio na bancada do “Jornal Hoje”, ao lado de Sandra Annenberg[...] (2o parágrafo); – “É um grande desafio substituir o Evaristo Costa, tão querido por todos, tão competente na condução do telejornal por tantos anos.” (3o parágrafo).
- Nessas passagens, usam-se as aspas, respectivamente, para:
- indicar ênfase ao termo empregado; marcar uso de nome próprio composto; indicar o discurso indireto livre.
  - marcar ambiguidade no emprego do termo; enfatizar o nome do noticiário; indicar a fala do autor.
  - indicar o sentido denotativo do termo empregado; indicar discurso direto; marcar um comentário do autor.
  - conferir um novo significado ao termo empregado; indicar um comentário; marcar a fala do jornalista.
  - relativizar a significação do termo empregado; destacar o nome do noticiário; indicar o discurso direto.
- 10.** (Vunesp) Na frase “O novo apresentador até deu um beijo em sua colega na abertura do telejornal.” (2o parágrafo), o emprego do termo em destaque permite concluir que
- o novo apresentador provavelmente não queria dar um beijo na colega.
  - a atitude do novo apresentador já era esperada pelo público.
  - o beijo teve um efeito nulo na estreia do novo apresentador.
  - o beijo entre apresentadores do telejornal é um ato excêntrico.
  - a abertura dos telejornais é ocasião para manifestações efusivas entre os apresentadores.



- 11.** (Vunesp) Ao comentar a estreia de Dony de Nuccio como apresentador do “Jornal Hoje”, o texto põe em evidência que
- A) o público tem influência sobre as ações e atitudes dos jornalistas, levando-os a comportamentos inadequados para a TV.
  - B) as relações dos jornalistas com o público pelas redes sociais têm balizado a apreciação do desempenho desses profissionais.
  - C) o conceito de jornalismo na TV precisa mudar, incorporando a improvisação em nome da atualidade dos fatos.
  - D) a atuação desses profissionais vem sofrendo mudanças, graças à ação de grupos de pressão na Internet.
  - E) a qualidade do profissional é posta em xeque pelo público nas redes sociais, quando ele assume o lugar de outro.
- 12.** (Vunesp) Na década de 20, uma prosódia veloz, que soava como se fosse uma conversa árabe sob batida de pandeiro, deixava o modernista Mário de Andrade, em viagem etnográfica, com cara de turista abestalhado. Era o choque diante da embolada, ou coco de embolada, poesia cantada de improviso que acaba de ganhar, juntamente com o repente de viola, o mais amplo registro fonográfico de todos os tempos: um pacote de 50 CDs. A primeira dúzia de discos foi lançada este mês em São Paulo, por iniciativa do repentista Téo Azevedo, 59, caboclo do sertão mineiro que se firma, depois de 3 000 produções musicais do gênero, como um dos maiores apanhadores dos ritmos populares do país. Os repentistas de viola (cantadores) e de pandeiro (emboladores) escaparam da praga apocalíptica de muitos folcloristas. Agora o gênero alcança até o mercado pirata, mesmo sem nunca ter sido xodó da indústria cultural. É a tecnologia da cópia a serviço do folclore?
- SÁ, Xico. Gravadora lança 50 discos de repentistas e emboladores. *Folha de S.Paulo*, 22 nov. 2001 (Adaptação).
- A frase final do texto – É a tecnologia da cópia a serviço do folclore? – permite concluir que, para a indústria cultural,
- A) a tecnologia pôs em evidência manifestações valorizadas por aquela.
  - B) as ações do mercado pirata divulgam um produto que tem pouca aceitação popular.
  - C) inexistiu tratamento desigual para diferentes gêneros artísticos em evidência.
  - D) as manifestações de arte popular constituem boa parte dos produtos dessa indústria.
  - E) o folclore sempre figurou como produto à margem de seus interesses.

## GABARITO

- 01. D
- 02. B
- 03. B
- 04. B
- 05. C
- 06. E
- 07. E
- 08. D
- 09. E
- 10. D
- 11. B
- 12. E

## Caderno Extra

### MÓDULO 05

## O PERÍODO COMPOSTO

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões **01** e **02**.

### À margem de Memórias de um sargento de milícias

É difícil associar à impressão deixada por essa obra divertida e leve a ideia de um destino trágico. Foi, entretanto, o que coube a Manuel Antônio de Almeida, nascido em 1831 e morto em 1861. A simples justaposição dessas duas datas é bastante reveladora: mais alguns dados, os poucos de que dispomos, apenas servem para carregar nas cores, para tornar a atmosfera do quadro mais deprimente. Que é que cabe num prazo tão curto?

Uma vida toda em movimento, uma série tumultuosa de lutas, malogros e reerguimentos, as reações de uma vontade forte contra os golpes da fatalidade, os heroicos esforços de ascensão de um *self-made man* esmagado pelas circunstâncias. Ignoramos quase totalmente seus começos de menino pobre, mas talvez seja possível reconstruí-los em parte pelas cenas tão vivas em que apresenta o garoto Leonardo lançado de chofre nas ruas pitorescas da indolente cidadezinha que era o Rio daquela época. Basta enumerar todas as profissões que o escritor exerceu em seguida para adivinhar o ambiente. Estudante na Escola de Belas-Artes e na Faculdade de Medicina, jornalista e tradutor, membro fundador da Sociedade das Belas-Artes, administrador da Tipografia Nacional, diretor da Academia Imperial da Ópera Nacional, Manuel Antônio provavelmente não se teria candidatado ainda a uma cadeira da Assembleia Provincial se suas ocupações sucessivas lhe garantissem uma renda proporcional ao brilho de seus títulos. Achava-se justamente a caminho da "sua" circunscrição, quando, depois de tantos naufrágios no sentido figurado, pereceu num naufrágio concreto, deixando saudades a um reduzido círculo de amigos, um medíocre libreto de ópera e algumas traduções, do francês, de romances de cordel, aos pesquisadores de curiosidade, e as Memórias de um sargento de milícias ao seu país.

RÔNAI, Paulo. *Encontros com o Brasil*.  
Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

- 01.** (FGV) No primeiro parágrafo, o conectivo "entretanto" introduz uma oração que contém, em relação à associação feita no período anterior, ideia de
- A) similitude. D) causa.  
B) explicação. E) condição.  
C) contraste.
- 02.** (FGV) Das seguintes propostas de substituição para o trecho sublinhado em "os poucos de que dispomos", a única que requer o uso de preposição antes do pronome "que", tal como ocorre no referido trecho, é:
- A) que podemos nos valer.  
B) que resgatamos.  
C) que sobrevivem.  
D) que nos restam.  
E) que podemos consultar.

- 03.** (FUVEST-SP)

### Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e  
[sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil; este couro de  
anta, estendido no sofá da sala de visitas; este orgulho,  
esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas. Hoje sou funcionário  
público. Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas  
como dói!

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*.

Na última estrofe, a expressão que justifica o uso da conjunção sublinhada no verso “Mas como dói!” é:

- A) “Hoje”.
- B) “funcionário público”.
- C) “apenas”.
- D) “fotografia”.
- E) “parede”.

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões **04** e **05**.

Grande parte dos avanços tecnológicos integra o processo evolutivo da comunicação, conduzindo-nos para uma maior democratização da informação e, conseqüentemente, do saber. A comunicação virtual introduz um conceito de descentralização da informação e do poder de comunicar. Todo computador, conectado à Internet, possui a capacidade de transmitir palavras, imagens, sons. Não se limita apenas aos donos de jornais e emissoras; qualquer pessoa pode construir um *site* na Internet, sobre qualquer assunto e propagá-lo de maneira simples. O espaço cibernético tem se tornado um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação completamente distinta da mídia clássica. [...] A Internet proporciona a interação entre locutor e interlocutor, uma vez que, na rede, qualquer elemento adquire a possibilidade de interação, havendo interconexões entre pessoas dos mais diferentes lugares do planeta, facilitando, portanto, o contato entre elas, assim como a busca por opiniões e ideias convergentes. Uma prova da eficiência da Internet em construir esse ideal de propagação de mensagens e opiniões está na multiplicidade de temas que podem ser encontrados nela. Além dos *sites*, as listas de discussão, que agregam pessoas interessadas em um dado assunto, também merecem consideração. É nesse ponto que a Internet se sobressai, pois integra e condensa nela todos os recursos de todas as formas de comunicação, como jornal, por exemplo. Além de apresentar todas as funções do jornalismo, que, segundo Beltrão são econômica, social, educativa e de entretenimento, ela é um meio de comunicação interativo. Além disso, há a questão da dinamicidade e da interatividade: o espaço virtual, diferentemente de um texto de jornal ou revista em papel, está constantemente em movimento.

GALLI, Fernanda. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: *Hipertexto e gêneros digitais*. MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (org.). São Paulo: Cortez, 2010. p. 151-2 (Adaptação).

**04.** (IFBA) Quanto aos recursos sintáticos-semânticos do texto, podemos afirmar que

- A) o pronome “ela” (l. 29) se refere à “comunicação” (linha 26).
- B) “Além disso” (l. 30) tem o sentido de adversidade.
- C) os dois-pontos (l. 31) indicam mudança de temática.
- D) “Uma vez que” (l. 14-15) pode ser substituído pela expressão “visto que” sem alteração no sentido da frase.
- E) “Além disso” (l. 30) pode ser substituído pela expressão “Por outro lado” sem prejuízos semânticos.

**05.** (IFBA) Podemos considerar, levando em conta os recursos linguísticos do texto, que

- A) a expressão “na rede” (l. 15) funciona sintaticamente como adjunto adverbial.
- B) o itálico das palavras *site* e *sites* (l. 9 e l. 22) serve apenas para evidenciar esses termos.
- C) as expressões “locutor” e “interlocutor” (l. 14) podem, respectivamente, ser substituídas por receptor e emissor.
- D) a palavra “conseqüentemente” (l. 4) não sofreu alteração com o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa.
- E) a oração “que agregam pessoas interessadas em um dado assunto” (l. 23), pode ser classificada como oração subordinada causal.

**06.** (IFBA)

#### Sem Facebook

Das minhas relações mais próximas, só três comungam comigo não ter Facebook. Não pensem que tenho críticas, sou um entusiasta, apenas não quero usar. Pouco dou conta dos meus amigos, onde vou arranjar tempo para mais? Minha etiqueta me faz responder a tudo, teria que largar o trabalho se entrasse na rede social. Só recentemente minhas filhas me convenceram que se não respondesse um *spam* ninguém ficaria ofendido.

A cidade ganhou a parada. Acabou o pequeno mundo onde todos se conheciam, onde não se podia esconder segredos e pecados. Viver na urbe é cruzar com desconhecidos, sentir a frieza do anonimato. Essa é a realidade da maioria. Meu apreço com as redes sociais é por acreditar que elas são um antídoto para o isolamento urbano. São uma novidade que imita o passado, uma nova versão, por vezes mais rica, por vezes mais pobre, da antiga comunidade. Detalhe: não quero retroceder, a simpatia é pelo resgate da nossa essência social. Vivemos para o olhar dos outros, essa é a realidade simples, evidente. Quem pensa o contrário vai à conversa da literatura de autoajuda, que idolatra a autossuficiência e acredita que é possível ser feliz sozinho. É uma ilusão tola. Nascermos para vitrine.

Quando checamos insistentemente para saber como reagiram às nossas postagens, somos desvelados no pedido amoroso. O viciado em rede social é obcecado pela sociabilidade. Está em busca de um olhar, de uma aprovação, precisa disso para existir. Ou vamos acreditar que a carência, o desespero amoroso e a busca pelo reconhecimento são novidades da Internet? Sei que o Facebook é o retrato da felicidade fingida, todos vestidos de ego de domingo, mas essa é a demanda do nosso tempo. Critique nossos costumes, não o espelho. Sei também que as redes são usadas basicamente para frivolidades, é certo, mas isso somos nós. Se a vida miúda de uma cidadezinha fosse transcrita, não seria diferente. Fofoca, sabedoria de almanaque, dicas de produtos culturais, troca de impressões e às vezes até um bom conselho, além de ser um amplificador veloz para mobilizações.

Também apontam que amigos virtuais não substituem os presenciais. Todos se dão conta, e justamente usam a rede na esperança de escapar dela. O objetivo final é ser visto e conhecido também fora. Usamos esse grande palco para ensaiar e se aproximar dos outros, fazer o que sempre fizemos. O Facebook é a nostalgia da aldeia e sua superação.

CORSO, Mário. *Sem Facebook*. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/blogs/>. Acesso em: 31 ago. 2013 (Adaptação).

A respeito das funções que os elementos da língua exercem no texto, é verdadeiro:

- A) O termo “obcecado” (l. 26) é predicativo de “viciado” (l. 26).
- B) A palavra “onde” (l. 10) é um pronome e se refere à palavra “cidade” (l. 9).
- C) A palavra “que” na oração “Sei que o Facebook é o retrato da felicidade fingida” (l. 30-31) é um pronome relativo.
- D) O sujeito da oração “que idolatra a autossuficiência” (l. 21) é “Quem pensa o contrário” (l. 20).
- E) A oração “Todos se dão conta” (l. 42) apresenta um sujeito oculto.

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões de **07** a **09**.

#### A máquina extraviada

Você sempre pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante. Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente, que está entusiasmando todo o mundo. Desde que ela chegou – não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar datas – quase não temos falado em outra coisa; e da maneira como o povo aqui se apaixona até pelos assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado por causa dela, a não ser os políticos.

A máquina chegou uma tarde, quando as famílias estavam jantando ou acabando de jantar, e foi descarregada na frente da Prefeitura. Com os gritos dos choferes e seus ajudantes (a máquina veio em dois ou três caminhões) muita gente cancelou a sobremesa ou o café e foi ver que algazarra era aquela. Como geralmente acontece nessas ocasiões, os homens estavam mal-humorados e não quiseram dar explicações, esbarravam propositalmente nos curiosos, pisavam-lhes os pés e não pediam desculpa, jogavam as pontas de cordas sujas de graxa por cima deles, quem não quisesse se sujar ou se machucar que saísse do caminho.

Descarregadas as várias partes da máquina, foram elas cobertas com encerados e os homens entraram num botequim do largo para comer e beber. Muita gente se amontoou na porta mas ninguém teve coragem de se aproximar dos estranhos porque um deles, percebendo essa intenção nos curiosos, de vez em quando enchia a boca de cerveja e esguichava na direção da porta.

Atribuímos essa esquivas ao cansaço e à fome deles e deixamos as tentativas de aproximação para o dia seguinte; mas quando os procuramos de manhã cedo na pensão, soubemos que eles tinham montado mais ou menos a máquina durante a noite e viajado de madrugada.

A máquina ficou ao relento, sem que ninguém soubesse quem a encomendou nem para que servia. É claro que cada qual dava o seu palpite, e cada palpite era tão bom quanto outro.

As crianças, que não são de respeitar mistério, como você sabe, trataram de aproveitar a novidade. Sem pedir licença a ninguém (e a quem iam pedir?), retiraram a lona e foram subindo em bando pela máquina acima – até hoje ainda sobem, brincam de esconder entre os cilindros e colunas, embarçam-se nos dentes das engrenagens e fazem um berreiro dos diabos até que apareça alguém para soltá-las; não adiantam ralhos, castigos, pancadas; as crianças simplesmente se apaixonaram pela tal máquina.

Contrariando a opinião de certas pessoas que não quiseram se entusiasmar, e garantiram que em poucos dias a novidade passaria e a ferrugem tomaria conta do metal, o interesse do povo ainda não diminuiu. Ninguém passa pelo largo sem ainda parar diante da máquina, e de cada vez há um detalhe novo a notar. [...]

Ninguém sabe mesmo quem encomendou a máquina. O prefeito jura que não foi ele, e diz que consultou o arquivo e nele não encontrou nenhum documento autorizando a transação. Mesmo assim não quis lavar as mãos, e de certa forma encampou a compra quando designou um funcionário para zelar pela máquina. [...]

VEIGA, J. J. A máquina extraviada. In: MORICONI, I. *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 229-232.

**07.** (FMP-RJ) Podem-se reescrever as sentenças a seguir num único período.

Ainda não sabemos para que serve a máquina. Isso não tem importância. Ela é o nosso orgulho.

O período que junta as três, mantendo as relações lógicas, é:

- A) Se ainda não soubermos para que serve a máquina, isso não tem importância, apesar de que ela é o nosso orgulho.
- B) Embora ainda não saibamos para que serve a máquina, isso não tem importância, uma vez que ela é o nosso orgulho.
- C) Já que ainda não sabemos para que serve a máquina, isso não tem importância, quando ela for o nosso orgulho.
- D) À medida que ainda não sabemos para que serve a máquina, isso não tem importância, mas ela é o nosso orgulho.
- E) Contanto que não saibamos para que serve a máquina, isso não tem importância, tanto quanto ela é o nosso orgulho.

- 08.** (FMP-RJ) A sentença que mantém sua estrutura morfosintática, de acordo com a norma-padrão, com a substituição do verbo principal em “e a quem iam pedir?” (l. 42) é
- A) e a quem iam avisar?  
 B) e a quem iam agir?  
 C) e a quem iam depender?  
 D) e a quem iam discutir?  
 E) e a quem iam duvidar?
- 09.** (FMP-RJ) Qual sentença mantém a concordância de acordo com a norma-padrão?
- A) A máquina tornou-se muito importante na cidade, haja visto o interesse despertado em cidadãos e visitantes.  
 B) A máquina tornou-se muito importante na cidade, e sempre haviam detalhes novos a serem descobertos.  
 C) A máquina tornou-se muito importante na cidade, pois mais de um prefeito da região tentou adquiri-la.  
 D) A máquina tornou-se muito importante na cidade, e vendê-la seria considerado um crime de lesa-município.  
 E) A máquina tornou-se muito importante na cidade, mesmo quando já faziam muitos meses desde que ela chegara.

**10.** (UERJ)

**A namorada**

Havia um muro alto entre nossas casas.  
 Difícil de mandar recado para ela.  
 Não havia e-mail.  
 O pai era uma onça.  
 A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão  
 E pinchava a pedra no quintal da casa dela.  
 Se a namorada respondesse pela mesma pedra  
 Era uma glória!  
 Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira  
 E então era agonia.  
 No tempo do onça era assim.  
 BARROS, Manuel. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

Difícil de mandar recado para ela.  
 Não havia e-mail.  
 O pai era uma onça. (v. 2-4)  
 O primeiro verso estabelece mesma relação de sentido com cada um dos dois outros versos.  
 Um conectivo que expressa essa relação é:

A) porém    C) embora  
 B) porque    D) portanto

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões de **11 a 13**.

**O futuro era lindo**

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do planeta.

5 Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

10

15 Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a Internet inaugurou. Por anos esquecemos que a Internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

20

25 Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahipercorporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da Internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espíões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arripio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

30

35 Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

40

45 STRECKER, Marion. *Folha de S.Paulo*, 29 jul. 2014.

**11.** (UERJ) O primeiro parágrafo expõe projeções passadas sobre possibilidades de um futuro regido pela Internet. O recurso linguístico que permite identificar que se trata de projeção e não de fatos do passado é o uso da:

A) forma verbal  
 B) pontuação informal  
 C) adjetivação positiva  
 D) estrutura coordenativa



- 12.** (UERJ) Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a Internet inaugurou. (l. 15-16)

Após essa abertura, no segundo parágrafo, há uma sucessão de frases que desempenham um papel argumentativo. Esse papel é principalmente o de:

- A) revelar contradição
- B) expor comprovação
- C) fundamentar afirmação
- D) promover exemplificação

- 13.** (UERJ) Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahiper corporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades (l. 26-29)

O vocábulo *tão*, associado ao conectivo *que*, estabelece uma relação coesiva de:

- A) concessão
- B) explicação
- C) consequência
- D) simultaneidade

- 14.** (PUC RS)

Dois caminhos se abriram diante do paulista Marcus Smolka em 2007, quando ele concluiu o pós-doutorado no Ludwig Institute for Cancer Research, em San Diego (EUA).

- 5 Um deles era retornar ao Brasil e associar-se a um centro de pesquisa dotado de espectrômetro de massa, um equipamento novo, que ele dominava como poucos. Nesse caso, trabalharia como uma espécie de operador da máquina, rodando os trabalhos de outros cientistas.
- 10 Nas horas vagas, poderia usá-la para dar continuidade a suas próprias pesquisas. A outra opção era aceitar um convite da Universidade Cornell, no Estado de Nova Iorque. Por essa proposta, ganharia um laboratório e teria um espectrômetro só para si, aos 33 anos de idade.

- 15 Para Smolka, nenhuma das duas opções era a ideal. O que ele queria mesmo era voltar ao Brasil e ter um espectrômetro. Mas a proposta que apresentou ao Fundo de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp) esbarrou no custo do equipamento, da ordem de US\$ 1 milhão.
- 20 O brasileiro acabou escolhendo Cornell.

- Smolka é hoje parte de uma expressiva comunidade de cientistas brasileiros que estão radicados no Exterior, produzindo pesquisa de ponta e ajudando a mudar os rumos do conhecimento. Tradicionalmente encarado como fuga de cérebros, o fenômeno é, na verdade, uma tendência global.
- 25

HISTÓRIAS de cientistas brasileiros ajudam a explicar o fenômeno da exportação de cérebros. *Zero Hora*, 24 jul. 2015. Planeta Ciência (Adaptação).

Assinale a alternativa correta sobre o emprego das formas verbais no texto.

- A) No primeiro parágrafo, “abriram” (linha 1) e “concluiu” (linha 2) expressam atitudes que começaram a se concretizar num passado recente.
- B) As ocorrências de “era” (linhas 5, 11 e 15) podem ser substituídas por “poderia ser”, sem prejuízo para o sentido e para a coerência do texto.
- C) O emprego do futuro do pretérito (linhas 8, 10 e 13) indica uma hipótese que não será confirmada no final do texto.
- D) O uso de “havia escolhido” no lugar de “acabou escolhendo” (linha 20), além de correto, seria mais coerente com o nível de formalidade do texto.
- E) A utilização do presente do indicativo no quarto parágrafo determina a caracterização de um cenário atual.

**Instrução:** Leia o texto e responda à questão **15**.

O ser humano precisa ser educado para a convivência. Todo processo de aprendizagem supõe descentramento, um sair de si mesmo, tanto do ponto de vista da inteligência como da afetividade e da moral. \_\_\_\_\_, a descoberta de que o outro é um “outro-eu” é fundamental para que possamos superar o egocentrismo. \_\_\_\_\_, o desenvolvimento desses três níveis mentais (inteligência, afetividade e moralidade) não é automático, exigindo a intermediação dos agentes culturais. Do ponto de vista moral, a evolução se dará a partir da superação do comportamento heteronômico – que se baseia na obediência sem crítica – até atingir a maturidade, pela conquista da autonomia. O abandono do dogmatismo que exige a obediência cega não se confunde, \_\_\_\_\_, com uma postura individualista, mas sim com a capacidade de participar ativamente da elaboração de regras comprometidas com a vida em comunidade.

- 15.** (PUC-RS) Os nexos que preenchem correta e respectivamente as lacunas do texto estão reunidos em:

- A) Por exemplo – Por isso – porém
- B) Ou seja – Não obstante – portanto
- C) Qual seja – No entanto – assim
- D) Por exemplo – Não obstante – assim
- E) Ou seja – No entanto – porém

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões **16** e **17**.

**1ª coluna**

Eu tava triste tristinho  
 Mais sem graça que a top model magrela na passarela  
 Eu tava só sozinho  
 Mais solitário que um Paulistano  
 Que um canastrão na hora que cai o pano  
 Tava mais bobo que banda de rock  
 Que um palhaço do circo Vostok

**2ª coluna**

**Mas** ontem eu recebi um telegrama  
 Era você de Aracaju ou do Alabama  
 Dizendo nego, sintá-se feliz  
 Porque no mundo tem alguém que diz  
 Que muito te ama  
 Que tanto te ama  
 Que muito, muito te ama  
 Que tanto te ama

**3ª coluna**

Por isso hoje eu acordei com uma vontade danada  
 De mandar flores ao delegado  
 De bater na porta do vizinho e desejar bom-dia  
 De beijar o Português da padaria [...]

- 16.** (IFSP) Estabelecendo uma comparação entre as informações apresentadas na 1ª coluna e as apresentadas na 2ª e na 3ª colunas do texto, é possível compreender que a palavra **Mas**, destacada no início da 2ª coluna, sinaliza
- A) a mudança de estado de espírito do eu lírico: da tristeza (1ª coluna) à euforia (3ª coluna).
  - B) a superação de um trauma do eu lírico: da expectativa (1ª coluna) à reação (3ª coluna).
  - C) o reconhecimento de valores primordiais humanos: da solidão (2ª coluna) ao egoísmo (3ª coluna).
  - D) o surgimento de um estado de repressão da personagem: da angústia (1ª coluna) ao sofrimento (2ª coluna).
  - E) a resignação de um amor platônico do autor: da contemplação (1ª coluna) à decepção (2ª coluna).
- 17.** (IFSP) É possível verificar uma série de comparações ao longo da canção. Assinale a alternativa em que a comparação efetuada sugere uma crítica. Mantenha coerência com as informações apresentadas no texto.
- A) Mais sem graça | Que a top model magrela – crítica: a profissão de top model é a mais sem-graça.
  - B) Mais solitário | Que um paulistano – crítica: o ritmo de vida nos centros urbanos provoca a solidão das pessoas.

- C) Tava mais bobo | Que banda de rock – crítica: não há nada mais carismático do que bandas de rock.
- D) Tava mais bobo | [...] Que um palhaço do circo Vostok – crítica: os espetáculos circenses não despertam o interesse de crianças.
- E) Mais solitário | [...] Que um canastrão | Na hora que cai o pano – crítica: as pessoas precisam de companhia em todos os momentos da vida.

**18.** (IFSP)

**Benefício para a carreira**

Enfrentar as dificuldades do dia a dia e solucionar os grandes problemas da companhia não são funções descritas em nenhum cargo, mas são importantes para quem deseja prosperar na carreira. O profissional que resolve problemas e ajuda as empresas a atingir resultados destaca-se, ganha reconhecimento e larga em vantagem na disputa por uma promoção. [...] Não adianta ser um profissional com superpoderes que quer resolver tudo. Quem faz isso acaba sobrecarregado e entrega resultados inferiores ao desejado. Numa empresa, essa sobrecarga de tarefas poderia fazer com que clientes, uma hora, parassem de comprar os produtos. Na vida profissional, poderia resultar em uma demissão. Assim como as organizações buscam soluções inovadoras, o profissional também pode encontrar caminhos para resolver problemas com maior facilidade. Não é um processo fácil. Muitas vezes é dolorido. Exige empenho por meio das conversas, a fim de entender os diferentes pontos de vista e enfrentamentos que acontecem. No entanto, sem esse embate, sem a disposição para a comunicação, é impossível resolver um problema.

ROSSI, Lucas. *Você S/A*, edição 179, abr. 2013 (Adaptação).

Assinale a alternativa em que o trecho destacado apresenta uma oração subordinada adverbial de finalidade.

- A) Enfrentar as dificuldades do dia a dia e solucionar os grandes problemas da companhia não são funções descritas em nenhum cargo, **mas são importantes para quem deseja prosperar na carreira.**
- B) O profissional que resolve problemas **e ajuda as empresas a atingir resultados destaca-se**, ganha reconhecimento e larga em vantagem na disputa por uma promoção.
- C) Não adianta ser um profissional com superpoderes **que quer resolver tudo**. Quem faz isso acaba sobrecarregado e entrega resultados inferiores ao desejado.
- D) Numa empresa, essa sobrecarga de tarefas poderia fazer com que clientes, uma hora, parassem de comprar os produtos. **Na vida profissional, poderia resultar em uma demissão.**
- E) Assim como as organizações buscam soluções inovadoras, o profissional também pode encontrar caminhos **para resolver problemas com maior facilidade**. Não é um processo fácil.

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões de **19** a **21**.

**Modo de aferventar a couve-flor**

É indispensável, qualquer que seja o fim a que se destine a couve-flor, prepará-la, antes, da seguinte forma: depois de tirar suas folhas, lave-a, deixando por algum tempo num molho de água e vinagre, para largar qualquer bichinho que possa ter. Lave a couve-flor outra vez, antes de ir para a caçarola, a fim de sair bem o gosto do vinagre. Ela pode ser aferventada inteira ou em pedaços. Se for em pedaços, faz-se da seguinte maneira: corta-se a couve-flor em diversos ramos e põe-se numa caçarola com água salgada a ferver em quantidade tal que os pedaços fiquem completamente cobertos de água para não escurecerem.

É indispensável, qualquer que seja o fim a que se destine a couve-flor, prepará-la, antes, da seguinte forma [...]

**19.** (Fatec-SP) A oração principal – É indispensável – mantém correspondência com a oração subordinada “**prepará-la, antes, da seguinte forma [...]**”, que deve ser classificada como oração subordinada

- A) substantiva predicativa.
- B) adverbial concessiva.
- C) substantiva subjetiva.
- D) adjetiva explicativa.
- E) adjetiva restritiva.

**20.** (Fatec-SP) Se for em pedaços, faz-se da seguinte maneira: corta-se a couve-flor em diversos ramos e põe-se numa caçarola com água salgada a ferver em quantidade tal que os pedaços fiquem completamente cobertos de água para não escurecerem.

A primeira oração do trecho – **Se for em pedaços**, faz-se da seguinte maneira [...] – sinaliza a presença de

- A) uma imposição.                      D) um pedido.
- B) uma hipótese.                        E) um desejo.
- C) uma ordem.

**21.** (Fatec-SP) Se for em pedaços, faz-se da seguinte maneira: corta-se a couve-flor em diversos ramos e põe-se numa caçarola com água salgada a ferver em quantidade tal que os pedaços fiquem completamente cobertos de água para não escurecerem.

A oração – [...] para não escurecerem [...] – indica uma

- A) causa.
- B) finalidade.
- C) indefinição.
- D) comparação.
- E) intensificação.

**22.** (Fatec-SP)

**Nós, os mutantes**

De onde vieram os super-heróis que conhecemos na série X-Men, de Stan Lee? Da preguiça de seu autor, que não encontrou uma explicação mais criativa do que simplesmente dizer que nasceram daquela forma. [...] Os mutantes de Lee nascem com habilidades extraordinárias e com algumas características bizarras, também. Muitos deles passaram boa parte da vida tentando esconder ou anular essas qualidades que os diferenciam do resto dos seres humanos. Outros se tornaram vilões para vingar-se da sociedade que os despreza por puro preconceito. [...] Na vida real, as mutações genéticas são constantes, inevitáveis e fizeram de nós o que somos hoje. Toda a evolução da humanidade – e do resto dos animais também – é consequência das confusões que nosso organismo faz na hora da autoduplicação do DNA. Ciência pura. Os mutantes estão por aí. O que não quer dizer que a gente vá encontrar um Wolverine andando pela rua assim tão fácil. [...] Mutações acontecem a todo momento. Alguns cientistas estimam que cada um de nós carregue cerca de 300 delas, se compararmos nosso genoma aos de nossos pais. Mas a maior parte não terá efeito nenhum sobre nossas características, porque 98,5% do material genético é “DNA inútil” – são íntrons, trechos que não codificam proteínas, mas que, apesar do apelido, são absolutamente úteis e necessários para a regulação do genoma. [...] À medida que o estudo do genoma humano revela a localização das mutações que causam doenças, ou que nos protegem delas, é possível aprimorar a técnica usada nos laboratórios. De acordo com o geneticista Péricles Hassun, “através da terapia gênica, cientistas de várias áreas têm conseguido bons resultados no tratamento de doenças, como hipertensão, isquemia, câncer, diabetes e mesmo doenças coronarianas. [...] Vira e mexe uma história toma a mídia e gera burburinho e bate-boca no meio científico. São raros, mas há casos de humanos com características que parecem indicar alguns passos adiante na evolução. Físico mais resistente, habilidades psíquicas inexplicáveis, características adaptativas inéditas. Ninguém garante, mas esses podem ser indícios do nosso futuro.

SILVEIRA, Inês. *Revista Para saber e conhecer*, set. 2011 (Adaptação).

Com relação ao período – [...] *é possível aprimorar a técnica [...] nos laboratórios.* –, é correto afirmar que a oração

- A) subordinada expressa valor de advérbio de modo.
- B) subordinada assume função de sujeito da oração principal.
- C) subordinada contém verbo no modo subjuntivo, indicando contraste.
- D) principal revela a presença do modo imperativo, indicando uma ordem.
- E) principal sinaliza que a próxima oração deverá ser lida como sua consequência.

## GABARITO

01. C	07. B	13. C	19. C
02. A	08. A	14. E	20. E
03. C	09. C	15. E	21. B
04. D	10. B	16. A	22. B
05. A	11. A	17. B	
06. A	12. A	18. E	

## MÓDULO 06

## PONTUAÇÃO

## 01. (FMP-RJ)

[...] Na testa de Fabiano o suor secava, misturando-se à poeira que enchia as rugas fundas, embebendo-se na correia do chapéu. A tontura desaparecera, o estômago sossegara. Quando partissem, a cabaça não envergaria o espinhaço de sinha Vitória. Instintivamente procurou no descampado indício de fonte. Um friozinho agudo arrepiou-o. Mostrou os dentes sujos num riso infantil. Como podia ter frio com semelhante calor? Ficou um instante assim besta, olhando os filhos, a mulher e a bagagem pesada. O menino mais velho esbrugava um osso com apetite. [...]

RAMOS, G. *Vidas Secas*. RJ/SP: Record, 2013. p. 124.

A sentença "Ficou um instante assim besta, olhando os filhos, a mulher e a bagagem pesada." (l. 8-10) foi reescrita alterando-se a colocação dos termos e a pontuação. A sentença alterada que mantém o sentido da original é:

- Assim, ficou besta, olhando um instante os filhos, a mulher e a bagagem pesada.
- Ficou um instante assim, olhando os filhos, a mulher besta e a bagagem pesada.
- Um instante assim besta, ficou olhando os filhos, a mulher pesada e a bagagem.
- Besta, ficou um instante, olhando os filhos; assim, a mulher e a bagagem pesada.
- Ficou besta um instante assim, olhando os filhos, a mulher e a bagagem pesada.

## 02. (PUC RS)

As transformações que \_\_\_\_\_ ocorrido na sociedade contemporânea, em especial a partir dos anos 70, \_\_\_\_\_ propiciando mudanças nas relações científicas estabelecidas com o ambiente internacional.

- 5 Um evento norteador das transformações sociais e decisivo para essas mudanças foi a globalização, que \_\_\_\_\_ fortes evidências do entrosamento entre ciência e sociedade e \_\_\_\_\_ a dinâmica de produção do conhecimento, com efeitos no ensino superior sobretudo, realçando a importância da internacionalização nas funções de transmitir e produzir conhecimento.

UNIVERSIDADE, ciência, inovação e sociedade.  
36º Encontro Anual da ANPOCS (Adaptação).

**Instrução:** Para responder à questão **02**, considere as afirmativas sobre a pontuação do texto.

- As vírgulas das linhas 2 e 3 poderiam ser substituídas por travessões sem prejuízos ao sentido e à correção do texto.
- A utilização de uma vírgula depois de "em especial" (linha 2) e antes de "sobretudo" (linha 9) provocaria ambiguidade nos períodos.
- A inserção de vírgulas antes e depois de "e decisivo para essas mudanças" (linha 6) tornaria mais clara a relação de ênfase estabelecida com o segmento anterior.
- As vírgulas das linhas 6 e 9 poderiam ser retiradas sem prejuízo ao significado e à estrutura do período.

Estão corretas apenas as afirmativas

- I e II.
- I e III.
- II e IV.
- I, II e III.
- II, III e IV.

## 03. (UERJ)

**Competição e individualismo excessivos  
ameaçam saúde dos trabalhadores**

**Ideologia do individualismo**

O novo cenário mundial do trabalho apresenta facetas como a da competição globalizada e a da ideologia do individualismo. A afirmação foi feita pelo professor da Universidade de Brasília (UnB) Mário César Ferreira, ao participar do seminário Trabalho em Debate: Crise e Oportunidades. Segundo ele, pela primeira vez, há uma ligação direta entre trabalho e índices de suicídio, sobretudo na França, em função das mudanças focadas na ideia de excelência.

**Fim da especialização**

"A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil", disse o professor. Ele destacou ainda a crescente expansão do terceiro setor, do trabalho em domicílio e do trabalho feminino, bem como a exclusão de perfis como o de trabalhadores jovens e dos fortemente especializados. "As organizações preferem perfis polivalentes e multifuncionais." Desta forma, a escolarização clássica do trabalhador amplia-se para a qualificação contínua, enquanto a ultraespecialização evolui para a multiespecialização.

**Metamorfoses do trabalho**

25 Ele ressaltou que as “metamorfoses” no cenário do trabalho não são “indolores” para os que trabalham e provocam erros frequentes, retrabalho, danificação de máquinas e queda de produtividade. Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores, que leva à alta rotatividade nos postos de trabalho e aos casos de suicídio. “Trata-se de um cenário em que todos perdem, a sociedade, os governantes e, em particular, os trabalhadores”, avaliou.

**Articulação entre econômico e social**

35 Para a coordenadora da Diretoria de Cooperação e Desenvolvimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Christiane Girard, a problemática das relações de trabalho envolve também uma questão: qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter? Segundo Christiane, é preciso “articular” o econômico e o social, como acontece na economia solidária. “Ela é uma das alternativas que aparecem e precisa ser discutida. A resposta do trabalhador se manifesta por meio do estresse, de doenças diversas e do suicídio. A gente não se pergunta o suficiente sobre o peso da gestão do trabalho”, disse a representante do Ipea.

Disponível em: [www.diariodasaude.com.br](http://www.diariodasaude.com.br).

Ele ressaltou que as “metamorfoses” no cenário do trabalho não são “indolores” para os que trabalham e provocam erros frequentes, retrabalho, danificação de máquinas e queda de produtividade. (l. 23-26)

No fragmento anterior, a exemplo de outras passagens no texto, o emprego das aspas pelo autor tem a função de:

- A) dar destaque a termos pouco conhecidos.
- B) assinalar distanciamento de sentido irônico.
- C) retomar uma ideia enunciada anteriormente.
- D) identificar citação de palavras do entrevistado.

**04. (FGV)****O velho Lima**

O velho Lima, que era empregado – empregado antigo – numa das nossas repartições públicas, e morava no Engenho de Dentro, caiu de cama, seriamente enfermo, no dia 14 de novembro de 1889, isto é, na véspera da Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil.

O doente não considerou a moléstia coisa de cuidado, e tanto assim foi que não quis médico. Entretanto, o velho Lima esteve de molho oito dias.

O nosso homem tinha o hábito de não ler jornais e, como em casa nada lhe dissessem (porque nada sabiam), ele ignorava completamente que o Império se transformara em República.

No dia 23, restabelecido e pronto para outra, comprou um bilhete, segundo o seu costume, e tomou lugar no trem, ao lado do comendador Vidal, que o recebeu com estas palavras:

– Bom dia, cidadão.

O velho Lima estranhou o *cidadão*, mas de si para si pensou que o comendador dissera aquilo como poderia ter dito *ilustre*, e não deu maior importância ao cumprimento, limitando-se a responder:

– Bom dia, comendador.

– Qual comendador! Chama-me Vidal! Já não há mais comendadores!

– Ora essa! Então por quê?

– A República deu cabo de todas as comendas! Acabaram-se!

O velho Lima encarou o comendador e calou-se, receoso de não ter compreendido a pilhéria.

Ao entrar na sua seção, o velho Lima sentou-se e viu que tinham tirado da parede uma velha litografia representando D. Pedro de Alcântara. Como na ocasião passasse um contínuo, perguntou-lhe:

– Por que tiraram da parede o retrato de Sua Majestade?

O contínuo respondeu num tom lentamente desdenhoso:

– Ora, cidadão, que fazia ali a figura do Pedro Banana?

– Pedro Banana! – repetiu raivoso o velho Lima.

– Não dou três anos para que isso seja República!

AZEVEDO, Arthur. *Seleção de contos*. 2014.

Observe os trechos do texto:

- [...] no dia 14 de novembro de 1889, isto é, na véspera da Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil. (1º parágrafo);
- – Ora, cidadão, que fazia ali a figura do Pedro Banana? (15º parágrafo)

Usam-se as vírgulas nos dois trechos para separar, respectivamente:

- A) locução conjuntiva e aposto.
- B) expressão explicativa e vocativo.
- C) locução adverbial e sujeito.
- D) denotador de ratificação e aposto.
- E) datação e sujeito.

**05. (FGV)**

Nuvens contêm uma quantidade impressionante de água. Mesmo as pequenas podem reter um volume de 750 km<sup>3</sup> de água e, se calcularmos meio grama de água por metro cúbico, essas minúsculas gotas flutuantes podem formar verdadeiros lagos voadores.

Imagine a situação de um agricultor que observa, planando sobre os campos ressecados, nuvens contendo água mais que suficiente para salvar sua lavoura e deixar um bom saldo, mas que, em vez disso, produzem apenas algumas gotas antes de desaparecer no horizonte. É essa situação desesperadora que leva o mundo todo a gastar milhões de dólares todos os anos tentando controlar a chuva.



Nos Estados Unidos, a tendência de extrair mais umidade do ar vem aumentando em mais um ano de secas severas. Em boa parte das planícies centrais e do sudoeste do país, os níveis de chuva, desde 2010, têm diminuído entre um e dois terços, com impacto direto nos preços do milho, trigo e soja. A Califórnia, fonte de boa parte das frutas e legumes que abastecem o país, ainda deve recuperar-se de uma seca que deixou seus reservatórios com metade da capacidade e áreas sem gelo perigosamente reduzidas. Em fevereiro, o Serviço Nacional do Clima divulgou que o estado tem uma chance em mil de se recuperar logo. Produtores de amêndoas estão preocupados com suas plantações por falta de umidade, e até a água potável está ameaçada.

SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL. jul. 2014 (Adaptação).

Assinale a alternativa em que o período, reescrito com base nas informações do texto, está correto quanto ao emprego da vírgula.

- A) A Califórnia, ainda deve recuperar-se de uma seca que deixou seus reservatórios com metade da capacidade e áreas sem gelo perigosamente reduzidas.
- B) Imagine que, um agricultor observa, nuvens contendo água mais que suficiente para salvar a sua lavoura, deixando um bom saldo.
- C) Quando a situação fica desesperadora o mundo todo, para controlar a chuva gasta milhões de dólares todos os anos.
- D) As nuvens pequenas, que podem reter um volume de 750 km<sup>3</sup> de água, são capazes de formar verdadeiros lagos voadores.
- E) O Serviço Nacional do Clima divulgou em fevereiro, que a chance de uma recuperação rápida da Califórnia, é de uma em mil.

**06.** (UFBA)

Chamava-se Almira e engordara demais. Alice era a sua maior amiga. Pelo menos era o que dizia a todos com aflição, querendo compensar com a própria veemência a falta de amizade que a outra lhe dedicava.

5 Alice era pensativa e sorria sem ouvi-la, continuando a bater a máquina. À medida que a amizade de Alice não existia, a amizade de Almira mais crescia. Alice era de rosto oval e aveludado. O nariz de Almira brilhava sempre. Havia no rosto de Almira uma avidez que nunca  
10 lhe ocorreria disfarçar: a mesma que tinha por comida, seu contato mais direto com o mundo. Por que Alice tolerava Almira, ninguém entendia. Ambas eram datilógrafas e colegas, o que não explicava. Ambas lanchavam juntas, o que não explicava. Saíam do escritório à mesma hora  
15 e esperavam condução na mesma fila. Almira sempre pajeando Alice. Esta, distante e sonhadora, deixando-se adorar. Alice era pequena e delicada. Almira tinha o rosto muito largo, amarelado e brilhante: com ela o batom não durava nos lábios, ela era das que comem o batom sem  
20 querer.

Gostei tanto do programa da Rádio Ministério da Educação, dizia Almira procurando de algum modo agradecer.

Mas Alice recebia tudo como se lhe fosse devido, inclusive a ópera do Ministério da Educação. Só a natureza de Almira era delicada. Com todo aquele corpanzil, podia perder uma noite de sono por ter dito uma palavra menos bem dita. E um pedaço de chocolate podia de repente ficar-lhe amargo na boca ao pensamento de que fora injusta.

25 O que nunca lhe faltava era chocolate na bolsa, e sustos que pudesse ter feito. Não por bondade. Eram talvez nervos frouxos num corpo frouxo. Na manhã do dia em que aconteceu, Almira saiu para o trabalho correndo, ainda mastigando um pedaço de pão. Quando chegou ao  
30 escritório, olhou para a mesa de Alice e não a viu. Uma hora depois esta aparecia de olhos vermelhos. Não quis explicar nem respondeu às perguntas 25 – nervosas de Almira. Almira quase chorava sobre a máquina. Afinal, na hora do almoço, implorou a Alice que aceitasse  
35 almoçarem juntas, ela pagaria. Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato. Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

40 – Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva. Você não pode me deixar em paz?! Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira  
45 G. de Almeida. – Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! agora está contente, sua gorda? Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida  
50 ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se  
60 como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra. Alice foi ao Pronto-Socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda arregalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

65 Algumas pessoas observadoras disseram que naquela amizade bem que havia dente-de-coelho. Outras, amigas da família, contaram que a avó de Almira, dona Altamiranda, fora mulher muito esquisita. Ninguém se lembrou de que os elefantes, de acordo com os estudiosos do assunto, são criaturas extremamente sensíveis,  
70 mesmo nas grossas patas. Na prisão Almira comportou-se com docilidade e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada de roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiães, que vez por outra  
75 lhe arranjavam uma barra de chocolate. Exatamente como para um elefante no circo.

LISPECTOR, C. *A legião estrangeira*: contos. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1964. p. 80-82.

No fragmento “Outras, amigas da família, contaram que a avó de Almira, dona Altamiranda, fora mulher muito esquisita.” (l. 66-68), as vírgulas sinalizam o uso de termos, em posição deslocada, no contexto do período.

- ( ) Certo  
( ) Errado

**07. (FGV)**

Eram tempos menos duros aqueles vividos na casa de Tia Vicentina, em Madureira, subúrbio do Rio, onde Paulinho da Viola podia traçar, sem cerimônia, um prato de feijoada – comilança que deu até samba, “No Pagode do Vavá”. Mas como não é dado a saudades (lembre-se: é o passado que vive nele, não é contrário). Paulinho aceitou de bom grado a sugestão para que o jantar ocorresse em um dos mais requintados italianos do Rio. A escolha pela alta gastronomia tem seu preço. Assim que o dos mais requintados italianos do Rio. A escolha pela alta gastronomia tem seu preço. Assim que o sambista chega à mesa redonda do lado da porta da cozinha, forma-se um círculo de garçons, com o maitre à frente. [...]

Paulinho conta que cresceu comendo o trivial. Seu pai viveu 88 anos à base de arroz, feijão, bife e batata frita. De vez em quando, feijoada. Massa, também. “Mas nada muito sofisticado.”

Com exceção de algumas dores de coluna, aos 70 anos, goza de plena saúde. O músico credita sua boa forma ao estilo de vida, como se sabe, não dado a exageros e grandes ansiedades.

CARDOSO, T. *Valor*, 28 jun. 2013 (Adaptação).

Considere estas afirmações sobre elementos linguísticos presentes no texto:

- I. O verbo “traçar” pertence a um registro linguístico diverso do que predomina no texto.  
II. No trecho “um dos mais requintados italianos do Rio”, ocorre eclipse de um substantivo.  
III. Com as aspas em “Mas nada muito sofisticado”, o autor do texto imprime, a essa expressão, um tom irônico.

Tendo em vista o contexto, está correto apenas o que se afirma em

- A) I. D) I e II.  
B) II. E) II e III.  
C) III.

**08. (Insper-SP)**

Por que seu vizinho grita GOL antes de você? Em tempos de Copa do Mundo, poucas coisas são tão irritantes como ver o atacante armando uma jogada fulminante na sua televisão enquanto o chato do vizinho já está se esgoelando com o gol. O problema acontece em razão das diferentes formas de transmissão disponíveis hoje – antigamente todos torciam unidos pelo sinal analógico e o bombril na antena que supostamente o turbinava. As transmissões digitais, mais lentas, acabaram com a sincronia da gritaria.

Os atrasos acontecem porque o sinal digital passa por um processo de codificação, compressão e decodificação, fazendo com que leve mais tempo para chegar às casas. No analógico, as imagens e o áudio dos jogos são entregues quase diretamente ao telespectador. Entre os meios digitais, também há diferenças. Imagens em HD, por exemplo, são mais “pesadas”, por isso demoram mais para chegar. Em 2012, um estudo do Instituto Nacional de Pesquisas para Matemática e Ciências da Computação da Holanda afirmou que pode haver até cinco segundos de atraso entre os diferentes tipos de transmissão [...] Em testes realizados pela Folha durante o jogo do Brasil desta segunda-feira (23), a transmissão pela internet da Rede Globo estava cerca de 25 segundos atrasada em relação à TV a cabo.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/172660-por-queseu-vizinho-grita-gol-antes-de-voce.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2014.

Se as vírgulas fossem eliminadas no trecho “as transmissões digitais, mais lentas, acabaram com a sincronia da gritaria”, isso

- A) demonstraria que essa marca textual está relacionada a fatores de ordem estilística.  
B) alteraria somente o ritmo da leitura, de maneira a torná-la mais ágil.  
C) passaria a expressar a ideia de que a lentidão é característica inexorável das transmissões digitais.  
D) revelaria o uso facultativo desse sinal de pontuação em textos de caráter informativo.  
E) permitiria concluir que existem transmissões digitais mais lentas que outras.

**09. (UERJ)**

**Recordações do escrivão Isaías Caminha**

Eu não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. O que observei neles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de ideias, cheios de fórmulas, de receitas, só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às ideias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza. Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. É este o meu propósito, o meu único propósito. Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. [...] Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer.

Mas, não é a ambição literária que me move o procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas *Recordações*. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo; a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, se não merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença.

Entretanto, quantas dores, quantas angústias! Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. Cercam-me dois ou três bacharéis idiotas e um médico mezinheiro, repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. [...]. Entretanto, se eu amanhã lhes fosse falar neste livro – que espanto! que sarcasmo! que crítica desanimadora não fariam. Depois que se foi o doutor Graciliano, excepcionalmente simples e esquecido de sua carta apergaminhada, nada digo das minhas leituras, não falo das minhas lucubrações intelectuais a ninguém, e minha mulher, quando me demoro escrevendo pela noite fora, grita-me do quarto:

– Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório pra amanhã!

De forma que não tenho por onde aferir se as minhas *Recordações* preenchem o fim a que as destino; se a minha inabilidade literária está prejudicando completamente o seu pensamento. Que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública... Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela. Quero abandoná-la; mas não posso absolutamente. De manhã, ao almoço, na coletoria, na botica, jantando, banhando-me, só penso nela. À noite, quando todos em casa se vão recolhendo, insensivelmente aproximo-me da mesa e escrevo furiosamente. Estou no sexto capítulo e ainda não me preocupei em fazê-la pública, anunciar e arranjar um bom recebimento dos detentores da opinião nacional. Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil que a refeça e que diga o que não pude nem soube dizer.

[...] Imagino como um escritor hábil não saberia dizer o que eu senti lá dentro. Eu que sofri e pensei não o sei narrar. Já por duas vezes, tentei escrever; mas relendo a página, achei-a incolor, comum; e, sobretudo, pouco expressiva do que eu de fato tinha sentido.

BARRETO, Lima. *Recordações do escritor Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

O emprego de sinais de pontuação contribui para a construção do sentido dos textos. O emprego de exclamações, no segundo parágrafo, reforça o seguinte elemento relativo ao narrador:

- A) ironia
- B) mágoa
- C) timidez
- D) insegurança

10. (UERJ)

Filme

Berenice não gostava de ir ao cinema, de modo que o pai a levava à força. Cinema era coisa que ele adorava, sempre sonhara em se tornar cineasta; não o conseguira, claro, mas queria que a filha partilhasse sua paixão, com o que se sentiria, de certa forma, indenizado pelo destino. Uma responsabilidade que só fazia aumentar o verdadeiro terror que Berenice sentia quando se aproximava o sábado, dia que habitualmente o pai, homem muito ocupado, escolhia para a sessão cinematográfica semanal. À medida que se aproximava o dia fatídico, ela ia ficando cada vez mais agitada e nervosa; e quando o pai, chegado o sábado, finalmente lhe dizia, está na hora, vamos, ela frequentemente se punha a chorar e mais de uma vez caíra de joelhos diante dele, suplicando, não, papai, por favor, não faça isso comigo. Mas o pai, que era um homem enérgico e além disso julgava ter o direito de exigir da filha que o acompanhasse (viúvo desde há muito, criara Berenice sozinho e com muito sacrifício), mostrava-se intransigente: não tem nada disso, você vai me acompanhar. e ela o fazia, em meio a intenso sofrimento. Por fim, aprendeu a se proteger. Ia ao cinema, sim. Mas antes que o filme começasse, corria ao banheiro, colocava cera nos ouvidos. Voltava ao lugar, e mal as luzes se apagavam cerrava firmemente os olhos, mantendo-os assim durante toda a sessão. O pai, encantado com o filme, de nada se apercebia; tudo o que fazia era perguntar a opinião de Berenice, que respondia, numa voz neutra mas firme:

– Gostei. Gostei muito.

Era de outro filme que estava falando, naturalmente. Um filme que o pai nunca veria.

SCLIAR, Moacyr. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

*Berenice não gostava de ir ao cinema, de modo que o pai a levava à força*. (l. 1-2)

O período anterior pode ser reescrito, mantendo-se seu sentido original, da seguinte forma:

- A) Como Berenice não gostava de ir ao cinema, o pai a levava à força.
- B) Quando Berenice não gostava de ir ao cinema, o pai a levava à força.
- C) Enquanto o pai a levava à força, Berenice não gostava de ir ao cinema.
- D) À proporção que o pai a levava à força, Berenice não gostava de ir ao cinema.

GABARITO

01. E	05. D	09. B
02. D	06. ERRADO	10. A
03. D	07. D	
04. B	08. E	

## Caderno Extra

### MÓDULO 07

#### ROMANTISMO

01. (IFNMG) Considere o trecho da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

Virgília? Mas era a mesma senhora, que alguns anos depois...? [...] Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é um romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção – devoção, ou talvez medo; creio que medo.

(ASSIS, 1994, p. 55)

Com base na leitura do trecho, considerando a referida obra e o conhecimento sobre as escolas literárias, podemos afirmar que há uma crítica explícita à seguinte estética:

- A) Barroco. C) Romantismo.  
B) Modernismo. D) Simbolismo.
02. (INFMG–2018) Sobre as características das escolas literárias brasileiras, é incorreto afirmar que:
- A) O Realismo centraliza na caracterização das personagens, com o propósito de denunciar o caráter humano e a hipocrisia da sociedade burguesa do século XIX.
- B) A Escola Naturalista apresenta obras cujas personagens exemplificam a corrente filosófica denominada Determinismo, proposta Hippolyte Taine, para o qual a hereditariedade e o meio social explicam o comportamento humano.
- C) As personagens românticas são representativas das camadas sociais que viviam à margem: prostitutas, policiais, moradores dos cortiços, enfim, tipos humanos em embate com a sociedade burguesa.
- D) O Naturalismo brasileiro explorou personagens simples, patológicas, mórbidas e doentias.

03. (Puc-Campinas-SP)

Nos poemas indianistas, o heroísmo dos indígenas em nenhum momento é utilizado como crítica à colonização europeia, da qual a elite era a herdeira. Ao contrário, pela resistência ou pela colaboração, os indígenas do passado colonial, do ponto de vista dos nossos literatos, valorizavam a colonização e deviam servir de inspiração moral à elite brasileira. [...] Já o africano escravizado demorou para aparecer como protagonista na literatura romântica. Na segunda metade do século XIX, Castro Alves, na poesia, e Bernardo Guimarães, na prosa, destacaram em obras suas o tema da escravidão.

NAPOLITANO, Marcos; VILLAÇA, Mariana. *História para o ensino médio*. São Paulo: Atual Editora, 2013. p. 436-37 (Adaptação).

Passagens muito representativas da tendência literária da segunda metade do século XIX, referida no texto, encontram-se em obras de Castro Alves e de Bernardo Guimarães, respectivamente,

- A) nos versos ríspidos das *Cartas chilenas* e no prefácio a *Iracema*.
- B) nas sátiras contra a aristocracia baiana e nos *Contos fluminenses*.
- C) nos versos em tom épico de *Os escravos* e no romance *A escrava Isaura*.
- D) nas estrofes líricas de *Espumas flutuantes* e nos contos de *Noite na taverna*.
- E) nos poemas de feição neoclássica e no romance *Casa de pensão*.

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões 04 e 05.

#### Nova canção do exílio

Um sabiá	na palmeira, longe.
na palmeira, longe.	Onde é tudo belo
Estas aves cantam	e fantástico,
um outro canto.	só, na noite,
	seria feliz.
O céu cintila	(Um sabiá,
sobre flores úmidas.	na palmeira, longe.)
Vozes na mata,	Ainda um grito de vida e
e o maior amor.	voltar
	para onde é tudo belo
Só, na noite,	e fantástico:
seria feliz:	a palmeira, o sabiá,
um sabiá,	o longe.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*.

- 04.** (FGV) O sentido do poema depende, em boa medida, do reconhecimento de que, em sua composição, o autor se vale de uma relação intertextual com a “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. O que viabiliza a escolha do poema gonçalvino como referência intertextual é, em primeiro lugar, o fato de ele ser
- A) ainda pouco utilizado em paródias e textos assemelhados.
  - B) um dos textos mais amplamente conhecidos da literatura brasileira.
  - C) emblemático do patriotismo que o poema de Drummond tratava de satirizar.
  - D) objeto da aversão que as vanguardas modernistas nutriam pelos poetas românticos.
  - E) pouco respeitado pela crítica literária do tempo de Drummond.
- 05.** (FGV) Da “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, o poema de Drummond conserva, sobretudo,
- A) a ausência de adjetivação.
  - B) o antilusitanismo.
  - C) o ufanismo nacionalista.
  - D) a regularidade métrica.
  - E) a idealização nostálgica.

## GABARITO

- |       |       |       |
|-------|-------|-------|
| 01. C | 03. C | 05. E |
| 02. C | 04. B |       |

## MÓDULO 08

### REALISMO E NATURALISMO

- 01.** (IFNMG) Sobre a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, é correto afirmar que:
- A) Na obra, ao denunciar as vaidades das pessoas com as quais conviveu, a sociedade oitocentista e os valores sociais deturpados (máscaras que escondem as atitudes egoístas, interesseiras e hipócritas), Brás Cubas traz uma visão amarga e pessimista da existência. Há que se destacar que o narrador, não se poupa, também expõe a si, porque está livre da avaliação alheia e das convenções sociais.
  - B) Na obra, um dos projetos do personagem-narrador Brás Cubas era inventar um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, com o propósito de aliviar a melancolia da humanidade. Tal projeto era movido por uma atitude altruísta e cristã por parte da personagem, que não desejava nem lucro, nem glória.

- C) A obra põe em destaque o enredo, pouco importando as características das personagens. A trama é envolvente porque o defunto Brás Cubas narra – de forma irônica, irreverente e crítica – episódios de sua vida e de outras personagens que o circundavam, de modo a desnudar o modelo de sociedade oitocentista.
- D) A obra possui um ritmo acelerado, mas às vezes dispersivo porque o autor promove digressões, interrompendo o fluxo da narrativa e os capítulos são contados em ordem linear. Em vários momentos faz interpelações ao leitor e põe em questão a sua escrita, numa atitude metalinguística: “Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro [...] o maior defeito deste livro é tu leitor. Tu tens a pressa de envelhecer, e o livro anda devagar [...]”

- 02.** (IFNMG–2018) Considere o trecho: “Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e, conseqüentemente, que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.  
Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

O trecho é um exemplar:

- A) Do modo digressivo da escrita machadiana.
- B) Do pessimismo, da ironia machadiana e do recurso metalinguístico que inclui a conversa com o leitor.
- C) Da análise psicológica das personagens machadianas, as quais representam a classe proletária do século XIX.
- D) Da precisão de detalhes como o autor descreve as personagens e a ambientação burguesa do século XIX.

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões **03** e **04**.

O universo ficcional de Machado de Assis é povoado pelos tipos sociais que se mesclavam na sociedade fluminense do século XIX: proprietários, rentistas, comerciantes, homens pobres mas livres e escravos. Cruzam seus interesses e medem-se em seus poderes ou em sua falta de poder. É essa a configuração das personagens das obras-primas *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. A tragédia do negro escravizado está exposta em contos violentos, e o capricho dos senhores proprietários dá o tom a narradores como Brás Cubas e Bento Santiago, o Bentinho, que contam suas histórias de modo a apresentar com ar de naturalidade a prática das violências pessoais ou sociais mais profundas.

TÁVOLA, Bernardim da. Inédito.



**03.** (PUC-Campinas-SP) Atente para os seguintes segmentos do romance *Dom Casmurro*:

- I. "Vendeu as fazendas e os escravos, comprou alguns que pôs ao ganho ou alugou, uma dúzia de prédios, certo número de apólices, e deixou-se estar na rua de Matacavalos [...]"
- II. "Tinha o dom de se fazer aceito e necessário; dava-se por falta dele, como de pessoa da família. [...] Minha mãe dava-lhe de quando em quando alguns cobres."

Esses segmentos retratam tipos sociais, aqui representados, respectivamente,

- A) pela proprietária D. Glória e pelo agregado José Dias.  
B) pelo seminarista Bentinho e pelo funcionário Pádua.  
C) pelo conselheiro Aires e pelo advogado Tio Cosme.  
D) pelo capitalista Jacobina e pelo agregado Escobar.  
E) pela viúva D. Severina e pelo político Rubião.

**04.** (PUC-Campinas-SP) Também em prosadores românticos do século XIX encontram-se exemplos de tipos da sociedade fluminense, que protagonizam situações também típicas de uma exemplar sociedade burguesa. É o que se constata, por exemplo, no romance

- A) *O Guarani*, de José de Alencar, no qual se consagram os ideais de coragem e lealdade, com profundas raízes na aristocracia medieval.  
B) *Senhora*, de José de Alencar, no qual se confrontam os interesses materiais e os ideais sublimes dos personagens envolvidos numa caprichosa trama.  
C) *Inocência*, do Visconde de Taunay, cuja protagonista é a encarnação da mulher idealizada segundo os códigos sociais da época.  
D) *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, quando o autor, ainda jovem, aplica-se na análise dos costumes da Corte.  
E) *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, no qual o memorialismo de um velho diplomata recupera figuras da antiga sociedade do Rio de Janeiro.

**Instrução:** Para responder às questões **05** e **06**, leia a passagem a seguir, retirada de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

"- "Morto! morto!" dizia consigo. E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o voo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, - a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro.

Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra e lodo, e coisa nenhuma. Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo."

**05.** (PUC RS) Com base no texto, afirma-se:

- I. A grande variedade de pronomes presentes no texto aponta para a existência de pelo menos três elementos narrativos: Virgília, o narrador Brás Cubas e o leitor.  
II. Expressões como "mais tarde", "Agora", "ribas de uma África juvenil" assinalam a existência de diferentes planos temporais na narrativa, dos quais se destacam o momento da enunciação, o passado recente e o passado mais remoto.  
III. O último parágrafo do trecho, ao revelar a causa da morte do narrador a partir de uma doença banal, serve de contraponto ao tom poético do parágrafo anterior.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é(são)

- A) I, apenas. D) II e III, apenas.  
B) III, apenas. E) I, II e III.  
C) I e II, apenas.

**06.** (PUC RS) Com base na obra de Machado de Assis, preencha os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

- ( ) Tanto *Dom Casmurro* quanto *Memórias póstumas de Brás Cubas* têm em comum o fato de serem livros narrados em primeira pessoa. Além disso, ambos os personagens pertencem à elite carioca do século XIX.  
( ) O livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* encerra-se com um capítulo todo feito de negativas, no qual o narrador enumera uma série de faltas de que sofreu em vida, entre elas o fato de não ter tido filhos e, assim, não ter transmitido a ninguém a herança de nossa miséria.  
( ) Há um consenso entre os críticos quanto a *Dom Casmurro* ser um romance baseado nas memórias sinceras de um homem traído.  
( ) Machado atuou em diversas áreas das Letras brasileiras. O autor escreveu romances, contos, crítica literária; porém, deixou de lado o teatro e a poesia.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- A) V - V - F - F D) F - V - V - F  
B) V - V - V - F E) F - F - V - V  
C) V - F - F - V

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões **07** e **08**.

– A excelentíssima, declarou Seu Ribeiro, entende de escrituração.

Seu Ribeiro morava aqui, trabalhava comigo, mas não gostava de mim. Creio que não gostava de ninguém. Tudo nele se voltava para o lugarejo que se transformou em cidade e que tinha, há meio século, bolandeira, terços, candeias de azeite e adivinhações em noites de São João. Com mais de setenta anos, andava a pé, de preferência pelas veredas. E só falava ao telefone constrangido. Odiava a época em que vivia, mas tirava-se de dificuldades empregando uns modos cerimoniais e expressões que hoje não se usam. O reduzido calor que ainda guardava servia para aquecer aqueles livros grossos, de cantos e lombadas de couro.

Escrevia neles com amor lançamentos complicados, e gastava quinze minutos para abrir um título, em letras grandes e curvas, um pouco trêmulas, as iniciais cheias de enfeites.

– Entende muito, continuou. E embora eu não concorde integralmente com o método que preconiza, reconheço que poderá, querendo, encarregar-se da escrita.

– Obrigada.

– Não há de quê. A excelentíssima conhece a matéria e tem caligrafia. Eu sou uma ruína. Qualquer dia destes...

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*.

**07.** (FGV) Considere as seguintes comparações:

A personagem seu Ribeiro, tal como aparece no texto, e a célebre personagem José Dias, de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis,

- I. têm, ambas, a mania do superlativo, que empregam como modo de compensar imaginariamente a condição subalterna e a dificuldade para formar juízo autônomo;
- II. diferenciam-se, na medida em que seu Ribeiro é um empregado assalariado, ao passo que José Dias é um agregado e, como tal, inteiramente dependente do favor dos proprietários;
- III. valem-se igualmente da bajulação ou do elogio desprovido de fundamento real e de sinceridade, como meio de alcançar as boas graças dos proprietários.

Está correto o que se afirma em

- A) I, apenas.
- B) II, apenas.
- C) I e III, apenas.
- D) II e III, apenas.
- E) I, II e III.

**08.** (FGV) Dado que a narrativa presente no texto de *São Bernardo* é de tipo realista (no sentido de que tem como ponto de partida a figuração e a análise de realidades observáveis, da esfera do real), a modalidade narrativa que a ela se contrapõe mais frontalmente é a dominante em

- A) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- B) *Senhora*, de José de Alencar.
- C) *Macunaíma*, de Mário de Andrade.
- D) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
- E) *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões de **09** a **11**.

Em uma outra casinha do cortiço acabava de estalar uma nova sobremesa, engrossando o barulho geral: era o jantar de um grupo de italianos mascates, onde o Delporto, o Pompeo, o Francesco e o Andrea representavam as principais figuras.

Todos eles cantavam em coro, mais afinados que nas outras duas casas; quase, porém, que se lhes não podia ouvir as vozes, tantas e tão estrondosas eram as pragas que soltavam ao mesmo tempo. De quando em quando, de entre o grosso e macho vozear dos homens, esguichava um falsete feminino, tão estridente que provocava réplica aos papagaios e aos perus da vizinhança. E, daqui e dali, iam rebentando novas algazarras em grupos formados cá e lá pela estalagem. Havia nos operários e nos trabalhadores decidida disposição para pandegar, para aproveitar bem, até ao fim, aquele dia de folga. A casa de pasto fermentava revolucionada, como um estômago de bêbado depois de grande bródio, e arrotava sobre o pátio uma baforada quente e ruidosa que entontecia.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.

**09.** (FGV) Bastante notável no texto, a grande quantidade de anotações oriundas da percepção dos sentidos (no caso, sobretudo o da audição), constitui

- A) resquício romântico, de ocorrência frequente nas obras de Aluísio Azevedo.
- B) testemunho da influência da música na literatura do séc. XIX.
- C) antecipação da estética do Modernismo.
- D) marca de seu pertencimento ao Naturalismo literário.
- E) vestígio do período parnasiano do autor.

**10.** (FGV) A crítica literária costuma observar que, em *O cortiço*, considerado como um todo, ocorre uma espécie de ampla personificação, na medida em que, convertido em um único ente, o próprio cortiço figurado na obra seria sua personagem principal.

Esse mesmo processo de personificação ocorre, em escala menor, no seguinte trecho do texto:

- A) "Em uma outra casinha do cortiço acabava de estalar uma nova sobremesa, engrossando o barulho geral [...]"
- B) "Todos eles cantavam em coro, mais afinados que nas outras duas casas; quase, porém, que se lhes não podia ouvir as vozes, tantas e tão estrondosas eram as pragas que soltavam ao mesmo tempo."
- C) "De quando em quando, de entre o grosso e macho vozear dos homens, esguichava um falsete feminino, tão estridente que provocava réplica aos papagaios e aos perus da vizinhança."
- D) "E, daqui e dali, iam rebentando novas algazaras em grupos formados cá e lá pela estalagem."
- E) "A casa de pasto fermentava revolucionada, como um estômago de bêbado depois de grande bródio, e arrotava sobre o pátio uma baforada quente e ruidosa que entontecia."

- 11.** (FGV) Para dar ideia, de maneira mais precisa, da agitação da cena descrita, o narrador se vale do uso reiterado de verbos que expressam \_\_\_\_\_ da ação e de adjetivos de significação \_\_\_\_\_.

As lacunas dessa frase podem ser corretamente preenchidas pelas palavras

- A) simultaneidade; intensificada.
- B) anterioridade; objetiva.
- C) posterioridade; subjetiva.
- D) intermitência; conotativa.
- E) descontinuidade; denotativa.

## GABARITO

01. A	04. B	07. B	10. E
02. B	05. E	08. C	11. A
03. A	06. A	09. D	

## MÓDULO 09

### PARNASIANISMO E SIMBOLISMO

**Instrução:** Leia o texto e responda às questões **01** e **02**.

#### Texto I

#### Vaso Grego

Alberto de Oliveira

Esta de áureos relevos, trabalhada  
De divas mãos, brilhante copa, um dia,  
Já de aos deuses servir como cansada  
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia

Então, e, ora repleta ora esvasada,  
A taça amiga aos dedos seus tinia,  
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,  
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas  
Finas hás-de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira  
Fosse a encantada música das cordas,  
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

#### Texto II

#### Cárcere das Almas

Cruz e Souza

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
Soluçando nas trevas, entre as grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
Quando a alma entre grilhões as liberdades  
Sonha e, sonhando, as imortalidades  
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas  
Nas prisões colossais e abandonadas,  
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
Que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério?!

- 01.** (IFMT-2018) Ao examinarmos a história da arte e da literatura, veremos que ela se constrói em ciclos, ou seja, o novo, muitas vezes, não passa de algo mais velho, só que revestido de uma linguagem diferente. O Parnasianismo no Brasil, surgido na década de 80 do século XIX, ilustra bem esse processo. De acordo com o texto II, pode-se destacar algumas características de forma e conteúdo que justificam a inserção dele naquela estética literária, com exceção de:

- A) Estrutura formal que remonta aos clássicos com predileção pelo soneto.
- B) Preciosismo vocabular.
- C) Arte pela arte.
- D) Descritivismo e subjetividade.
- E) Valorização da cultura greco-romana.

**02.** (IFMT–2018) Ao lermos o texto II, percebemos diferenças e pontos de contato em relação ao texto I, tanto na forma quanto no conteúdo. Isso se explicita, pois:

- I. Em ambos se mantém uma estrutura poética formal em consonância com os modelos clássicos da literatura: versos decassílabos, rimas regulares, valorização de um estilo rebuscado sob os aspectos linguísticos.
- II. Os pontos que diferem estão inseridos na temática.
- III. No texto I, a temática é calcada na observação pura e simples de um objeto de arte, o que provoca o distanciamento do eu lírico para questões mais profundas da existência humana; no texto II, tal fato não ocorre, pois nele o eu lírico desnuda e se aprofunda em um dos grandes temas da humanidade: a vida e a morte.

A partir das assertivas anteriores, julgue-as e marque a alternativa correta.

- A) Somente I e II são verdadeiras.
- B) Somente II e III são verdadeiras.
- C) Somente III é verdadeira.
- D) Somente I e III são verdadeiras.
- E) Todas as afirmativas são verdadeiras.

**03.** (UFMS–2018) Leia o texto a seguir.

[...]

Coração, portal vermelho

Pedra, com plumagem de ave

Cobra, coral que arranha

E alisa

E é pele de sal

Delírio ao olhar pras Cagarras

Pupila, kajal tão verde

Esmeralda, manchada de som

Onda, dedilhar que afoga E desaba

O meu temporal

Arrepio ao cantar das cigarras Cabelo, silêncio da noite

Negrume, cintura de raio

Bicho, seu dançar me engole

E desabotoa

O meu ato final

Deslizo ao chorar das guitarras

(E ao cantar das cigarras)

Fumaça!

Manchada de som

Fumaça!

Na pista a luz de cigarros

Eu sou do tipo que também passa mal

Com ciúmes do sabor da fumaça

Que penetra sua boca

Esse amor marginal [...]

FUMAÇA. Intérprete: Noporn. *In*: BOCA.

São Paulo: Tratore Distribuidora dos Independentes, 2016. 1 CD. Faixa 3 (4'48").

A canção "Fumaça", do duo NoPorn, composto por Liana Padilha e Luca Lauri, emprega dois recursos caros a duas poéticas da virada do século XIX para o século XX: primeiro, a aproximação de elementos distantes, criando novas realidades, por vezes oníricas, como a imagem de uma "pedra, com plumagem de ave"; segundo, a sinestesia, que promove o cruzamento de sensações, perceptível em construções como "manchada de som" e "sabor da fumaça". O primeiro e o segundo recursos criativos expostos podem ser associados, respectivamente, ao:

- A) Romantismo e Realismo.
- B) Expressionismo e Impressionismo.
- C) Cubismo e Futurismo.
- D) Surrealismo e Simbolismo.
- E) Pós-Modernismo e Modernismo.

**04.** (PUC RS) Leia o poema "A meu pai morto", de Augusto dos Anjos, e analise as afirmativas.

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.

Em seus lábios que os meus lábios osculam

Microrganismos fúnebres pululam

Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a horrída hidra

A uma só lei biológica vinculam,

E a marcha das moléculas regulam,

Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos

Roída toda de bichos, como os queijos

Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem

Entre as bocas necrófagas que o mordem

E a terra infecta que lhe cobre os rins!

I. As estrofes que começam por "Podre meu Pai!" reiteram a ideia de que, por trás da Morte, há a presença de bichos e microrganismos cuja função é servir à lei biológica, que conduz todo ser vivo ao seu fim e à dissolução.

II. O poema, por ser um soneto, contrasta com a produção de Augusto dos Anjos, em geral marcada pela presença de versos livres e pela renovação formal.

III. O uso de vocabulário científico, transformado em linguagem poética pelo autor, é percebido na poesia de Augusto dos Anjos.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é / são

- A) I, apenas.
- B) II, apenas.
- C) I e III, apenas.
- D) II e III, apenas.
- E) I, II e III.

## GABARITO

01. D

02. C

03. D

04. C